

Samael Aun Weor



SIM! HÁ INFERNO,
DIABO E
KARMA



Este livro digital foi disponibilizado gratuitamente pelo
Projeto Abragnose Digital, mantido pela
ABRAGNOSE - Academia Brasileira de Gnose.

O Projeto Abragnose Digital, por meio de contribuições
de estudantes gnósticos e simpatizantes,
tem por objetivo disponibilizar versões digitais gratuitas
de obras publicadas pela EDISAW - Editora Samael Aun Weor.

Para adquirir cópias impressas de obras do catálogo da EDISAW,
a preço de custo, visite a nossa loja na página www.edisaw.com.br.
Ao adquirir as versões impressas das obras da EDISAW
você contribui para a expansão do seu catálogo e
para a manutenção de sua obra de divulgação
do conhecimento gnóstico contemporâneo.

Para ajudar a manter este e outros trabalhos de cunho cultural,
assistencial e missionário você pode também contribuir diretamente
para com a ABRAGNOSE realizando doações
por meio da seguinte conta bancária:

Banco do Brasil
Agencia: 3390-1
Conta: 27.361-9
CNPJ 14.578.176/0001-30
Academia Brasileira de Gnose

Agradecemos o seu apoio!

Paz Inverencial!



EDISAW

Aviso de copyright:

Todos os direitos reservados para a EDISAW - Editora Samael Aun Weor.
A distribuição deste material é permitida desde que seja mantida a totalidade do material,
e seja expressamente mencionada a fonte (EDISAW / Projeto Abragnose Digital)
e ambos os nossos endereços na internet (www.gnose.org.br e www.edisaw.com.br).

SIM! HÁ INFERNO, DIABO E KARMA

Mensagem de Natal de 1973

Samael Aun Weor

SIM! HÁ INFERNO,
DIABO E KARMA

Mensagem de Natal de 1973

1ª. Edição

Curitiba – PR

EDISAW

2011

SIM! HÁ INFERNO, DIABO E KARMA

Mensagem de Natal de 1973

V.M. SAMAEL AUN WEOR

TÍTULO ORIGINAL:

Sí Hay Infierno

Sí Hay Diablo

Sí Hay Karma

Mensaje de Navidad 1973 - 1974

Tradução: KARL BUNN – Presidente da Igreja Gnóstica do Brasil – 2011
– 50º. Ano da Era de Aquário

Revisão tipográfica: Equipe da II Câmara da IGB-Edisaw

Design da Capa: Ricardo Bianca de Mello e Helen Sarto de Mello

Imagem da Capa: Jacó lutando com o anjo, Gustavo Doré, 1855. Gênesis 32:24-29

Diagramação: Pedro Luis Vieira

Fotolitos e Impressão: Gráfica Editora Pallotti

© Direitos autorais desta edição: Igreja Gnóstica do Brasil
www.gnose.org.br

Textos entre [] são do tradutor; não constam no original. Usamos esse recurso para oferecer um melhor entendimento e orientação para o leitor, evitando assim as nem sempre práticas notas de rodapé. Textos entre () constam do original.

Em sinal de respeito ao autor e aos irmãos que nos antecederam na história do Movimento Gnóstico, nossas edições mantêm a totalidade e a integridade das obras originais. Nossos comentários e explicações estão sinalizados de forma expressa e direta, de modo que nossos leitores possam diferenciar claramente o que é um e o que é outro.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Aun Weor, Samael, 1917-1977.

Sim! há inferno, diabo e karma : mensagem de Natal de 1973 / Samael Aun Weor ; [tradução Karl Bunn]. -- 1. ed. -- Curitiba, PR : Edisaw, 2011.

Título original: Sí hay inferno, sí hay diablo, sí hay karma
ISBN 978-85-62455-12-4

1. Demonologia 2. Diabo 3. Mitologia
4. Ocultismo 5. Reencarnação 6. Religião
I. Título

11-02253

CDD-133.42

Índices para catálogo sistemático:
1. Demonologia : Ocultismo 133.42

DEDICATÓRIA



Dedicamos a edição deste livro ao Senhor Hades – o menos conhecido e o mais incompreendido dos 3 Deuses Regentes do Mundo, segundo a antiga religião grega, cuja Santíssima Trindade é formada por Zeus, Poseidon e Hades – filhos de Kronos e de Rhea. A divisão do governo do mundo se deu após os 3 irmãos guerrearem e vencerem os Titãs – seus pais. Coube a Zeus o governo do Mundo de Cima, o Céu, o Olimpo; a Poseidon, o governo do Mundo do Meio, a Terra e o mar; e a Hades, o governo do Mundo Inferior, o Inferno, o Mundo Subterrâneo, a Terra dos Mortos.

Neste livro, o Mestre Samael explica muito dos mitos relacionados ao Mundo Inferior, governado pelo Senhor Hades. Para os não Iniciados, é difícil compreender a idéia mitológica do Mundo Inferior regido por um Deus poderoso, ao qual estão subordinadas todas as forças e criaturas ali existentes, incluindo os temidos demônios de todas as religiões. Hades é o mesmo Plutão romano, o mesmo Senhor Shiva da Santíssima Trindade hindu – o Poder Divino que destrói o universo e a Criação para renová-los e reconstruí-los permanentemente; é o mesmo Osíris – o Deus Negro da antiga religião egípcia – governante máximo do Amenti, a região dos mortos e do Mundo Subterrâneo.

O Tradutor

APRESENTAÇÃO

MITOLOGIA E RELIGIÃO

Por: Karl Bunn
Presidente da IGB-Edisaw



Que diferenças há entre a Bíblia e qualquer outro livro mitológico? Para nós, nenhuma – e vamos explicar!

Atualmente, os dicionários e os diversos autores empregam a palavra “mito” ou “mitologia” com a intenção de dizer que algo é fantasioso, falso ou duvidoso; grande parte das pessoas não considera os relatos mitológicos como algo real e verdadeiro; preferem ver nos mitos apenas narrações fabulosas e credíes de povos ignorantes, bárbaros e pagãos que existiram antes da época de Cristo.

Porém, a mitologia sempre foi o método usado em todos os tempos para ensinar verdades religiosas e perpetuar realidades que não podem ser descritas em humanas palavras. Os mitos geralmente envolvem relatos e histórias baseadas em tradições e lendas muito antigas que buscam explicar o universo, a criação do mundo, os princípios cósmicos e os fenômenos naturais. Seus principais personagens são Deuses, Heróis, Entes sobrenaturais ou simplesmente Forças Cósmicas que criaram e mantêm a vida em seu curso eterno. São tão reais quanto os relatos bíblicos ou de qualquer outro livro sagrado.

As narrativas dos 4 evangelhos cristãos, bem como de toda a Bíblia de modo geral, é essencialmente mitológica; jamais podem ser levadas ao pé da letra porque carregam em si elementos arquetipais e transcendentais que bem poucos têm capacidade de compreender, como é o caso do nascimento do Cristo Jesus numa mangedoura em Belém, cidade esta que sequer existia naqueles tempos. Ou a visita dos simbólicos Reis Magos ou ainda a própria

Paixão ou Drama do Cristo vivido em carne e osso publicamente nas ruas de Jerusalém. Esse Drama era uma representação cósmica ensaiado e vivido em forma de Teatro Sagrado nas Escolas de Mistérios da antiguidade. Mas, quantos de fato entenderam o que fizeram Jesus e os 12 apóstolos naquele tempo?

Bem conhecidas são as diferentes mitologias que sobreviveram ao tempo, dentre as quais temos as mitologias romana, grega, egípcia, nórdica, hindu, etc. É importante considerar que, enquanto uns vêem os diferentes panteões mitológicos como meras fábulas, outros os têm como religião autêntica.

Este livro é uma obra profundamente religiosa e essencialmente mitológica. Não é possível entendê-lo sem se desvestir dos preconceitos inculcados pelos pregadores de nossa religião de nascimento. Em resumo: com poucas exceções, todos nós carregamos a idéia de um inferno ardente repleto de apavorantes figuras demoníacas que torturam as pobres almas para todo o sempre.

Bem poucos têm analisado e refletido criteriosamente sobre o que vem a ser o Inferno, o Demônio e as causas que podem nos levar ao “castigo eterno”. Em pleno século XXI uma larga maioria ainda se deixa dominar pelo terror das figuras diabólicas e pela ameaça de castigos infinitos e eternos – sinal evidente que o progresso e os avanços científicos e tecnológicos ainda não chegaram a estes departamentos intelectuais da humanidade contemporânea.

Neste livro, o autor desmistifica a figura do Diabo, do Inferno e também do Karma. Todas as religiões, em todos os tempos, sempre falaram desses mesmos temas, variando apenas os nomes e a forma. A antiga religião nórdica, por exemplo, não desenha um inferno ardente, mas sim, gelado, conhecido como *Niflheim* e regido por *Helgardh* (equivalente da grega Perséfone). O Mundo do Meio nórdico é o *Midgard*, regido por *Jord* (a Mãe Terra); *Asgard* é o Céu nórdico, onde se destacam as proeminentes figuras de Odin e Thor, que se assemelham ao Pai e ao Filho da Trindade Cristã ou aos hindus Brahman e Narayana.

Portanto, como pode o inferno ser gelado para uns e quente para outros? Só o estudo comparado das diferentes religiões e mitologias nos dará as respostas exatas sobre os três mundos: Céu, Terra e Inferno. Cada um desses mundos é regido por um Deus-Deusa ou uma Força Cósmica distinta. Os antigos gregos denominavam o regente do Céu ou do Olimpo, de *Zeus*. Ao Senhor do Mundo do Meio – a Terra (e o mar) – de *Posseidon*, cuja palavra, em tradução livre, quer dizer literalmente “Senhor do Mundo”. Ao Regente do Mundo Inferior, de Hades – o invisível e Senhor das Riquezas; disso proveio o romano Plutão, que quer dizer “rico”.

Cumpra destacar ainda que nas principais mitologias o governo dos 3 Mundos sempre foi compartilhado com o feminino cósmico: Kronos-Rhea, Zeus-Hera, Poseidon-Demeter e Hades-Perséfone entre os gregos. Brahman-Saraswati, Vishnu-Lakshmi e Shiva-Parvati entre os hindus. Odin-Frigga, Thor-Sif e Loki e Sigyn entre os nórdicos. Osíris e Ísis entre os antigos egípcios.

Em prosseguimento, este livro trata especificamente do Mundo do Senhor Hades. O Governante do Mundo Inferior jamais foi compreendido pelos mortais; por isso, sempre foi temido, a começar pelos próprios gregos antigos, que evitavam até mesmo pronunciar seu nome, com receio de atrair desgraças. Porém, quando estudamos o seu equivalente em outras mitologias antigas, vemos que essa mesma Força Cósmica ou Poder Divino, recebe outros atributos e papéis. É o caso da religião hindu, onde o seu equivalente é chamado ou conhecido como Shiva – o destruidor ou renovador do mundo.

Efetivamente, Hades é o Grande Renovador. Em seu mundo as almas são purificadas dos pecados ou limpas dos agregados psíquicos (egos) para, depois, renascerem como inocentes Elementais da natureza, como é explicado detalhadamente pelo autor deste livro.

Entre os antigos egípcios, esse Poder Divino ou essa Força Cósmica era conhecida como Osíris ou Ausar, Regente do Mundo dos Mortos ou Mundo Subterrâneo. Ao contrário do grego Hades, o egípcio Osíris era muito amado e popular. Enfim, este não é o lugar nem a ocasião para aprofundar as realidades mitológicas e religiosas de antigos tempos. Nosso propósito é tão só chamar a atenção do leitor para os aspectos profundos contidos neste livro, onde o autor detalha as características fundamentais do Mundo Subterrâneo, descritas por Virgílio e Dante Alighieri.

Os tempos se cumpriram, a humanidade foi julgada, as almas foram condenadas e agora vivem nos infernos, mesmo que tudo pareça normal aqui na superfície. Agora, a questão é estudar e compreender a ciência religiosa ou mitológica que pode nos livrar dos Abismos de Perdição. Temos que encarar nossos delitos e as conseqüências de nossos erros – o Karma – e trabalhar intensamente sobre nós mesmos, a fim de nos livrarmos das leis do Mundo Subterrâneo.

Ao contrário das crenças religiosas enraizadas em nossa mente, a vida no Inferno ou no Mundo Subterrâneo segue praticamente o mesmo ritmo e repete a mesma organização social que temos aqui em nosso mundo. À medida que as almas descem a círculos ou zonas mais profundas do Mundo Inferior, a vida se torna mais densa, mais pesada e mais sofrida.

Assim como aqui em nosso mundo não nos damos conta que somos escravos felizes da mecanicidade da vida e da organização social feita para beneficiar minorias e concentrar riquezas, confortos e bem estar para poucos, no Mundo Subterrâneo também existem tais líderes e governantes, por nós denominados de demônios ou diabos, encarregados de explorar aqueles que ali vivem. Neste livro aprendemos também que todos os planetas, sóis e galáxias do universo possuem Mundos Inferiores. A diferença entre o Inferno da Terra e os outros infernos, é que aqui nosso Inferno está abarrotado de almas perdidas, enquanto que noutros infernos há bem poucos ou até mesmo se encontram vazios.

Que o leitor não confunda Hades com os demônios e os condenados que vivem no Abismo. Se o Céu e a Terra, respectivamente, têm seus Regentes – Zeus e Poseidon – certamente o Mundo Inferior também possui o seu: Hades. Não é porque nosso planeta se tornou violento, injusto e cruel que podemos afirmar que isso é obra do Senhor da Terra. Nosso mundo foi tomado pelas dores, amarguras, sofrimentos e injustiças devidos aos nossos atos, escolhas e condutas; e estas nada têm a ver com o Regente do Mundo, que simplesmente nos deixa livres para fazermos o que acharmos melhor, cientes que um dia teremos que prestar contas de todos os nossos atos.

Definitivamente, é preciso compreender que os 3 Mundos coexistem aqui e agora, em diferentes dimensões. Mas tudo isso está bem explicado e detalhado aqui neste livro. Oxalá o leitor possa compreender que nada do que aqui é dito é fantasia ou algo fictício. Este livro trata da crua realidade da vida que se desenvolve paralelamente nos três mundos e isso vem sendo dito desde tempos imemoriais.

PAZ INVERENCIAL!

Curitiba, 22 de fevereiro de 2011

Ano 50 da Era de Aquário.

PREFÁCIO DA EDIÇÃO ORIGINAL

V.M. Gargha Kuichines



No dia 17 de maio* deste ano [1973] viajamos com minha esposa, Dília Esther, de São Salvador ao México; gratas lembranças e belas impressões colhe-mos nessa cidade.

Ao chegarmos ao aeroporto do México esperava-nos o Mestre Samael em companhia dos irmãos Chávez e de Aladino Leontes; muito nos alegrou en-contrar todos esses amigos.

Do aeroporto nos dirigimos diretamente à residência do Mestre, onde nos esperava toda sua família. Ali chegamos em plena Semana Santa, motivo pelo qual fomos convidados a passar os feriados de Páscoa* numa belíssima cidade ao norte da capital mexicana, Zacatecas, com temperatura média de 20 graus.

* NT – A Páscoa de 1973 ocorreu no dia 22 de abril; portanto, a Quinta-feira Santa se deu dia 19 de abril; a data mencionada acima deve ter sido 17 de abril, e não 17 de maio, como está no original.

O convite foi feito pelos Chávez, do México, e pelos pais de Rudy Méndez (missionário internacional), guatemaltecos.

Passamos agradáveis dias juntos com as três famílias, incluindo a do Mes-tre Samael.

A visita a Zacatecas me trouxe boas lembranças da minha infância, pela **Marcha Zacatecas**, que desde bem criança me despertava uma grata impressão.

Nossa primeira saída pela cidade se deu numa região comercial; ao vê-la, fui tomado pela emoção e por um sentimento de *déjà vu*. Então o Mestre comentou: “Em tua vida anterior trabalhaste aqui; eras um comerciante bem sucedido; já na época eu te falava da Senda da Iniciação, mas jamais me deste

atenção, pois estavas totalmente voltado aos negócios; tua vinda hoje aqui não foi sem motivo; podes reviver tudo isso pela meditação interna”.

No domingo da Páscoa iniciamos nosso retorno à capital mexicana; mas antes fizemos uma parada de três dias em Guadalajara; ali nos hospedamos num belo hotel e aproveitamos o tempo para reunirmo-nos e convivemos com os grupos gnósticos da região.

Depois de percorrer mais de 1.500 km, visitando interessantes cidades da região norte do país, retornamos ao Distrito Federal. No dia seguinte ao nosso retorno, começamos a trabalhar na parte esotérica, reunindo-nos com grupos e famílias de Segunda e Terceira Câmaras. Ao final, falamos em Primeira Câmara, num total de quatro grupos.

Isso permitiu que esses grupos se reunissem com o Mestre Samael Aun Weor; organizamos um passeio até as Pirâmides do Sol e da Lua. Ao todo, éramos 120 pessoas; após o passeio fomos a um restaurante típico, localizado no interior das cavernas da região, algo parecido com as cavernas das *Salinas de Zipaquirá*, na Colômbia.

Permanecemos quase dois meses no México, oportunidade em que tratamos de diversos assuntos e situações existentes no Movimento Gnóstico, coisas que não fazem parte do ensinamento escrito.

Após esse preâmbulo, passemos a um aspecto interessante, que sempre acontece conosco nas cidades que visitamos, envolvendo os estudantes universitários, os quais, após nossas conferências, sempre nos perguntam se é possível provar cientificamente tudo o que afirmamos.

Para esses estudantes, que no futuro serão bacharéis, é ensinado que tudo aquilo que é submetido à prova em todos os lugares e nas mesmas condições e que sempre gera o mesmo resultado, é aceito como científico. Porém, ocorre que tudo o que o homem estuda está sujeito ao fator tempo, o qual, segundo a mesma ciência, não é científico, devido ao fato de que o tempo não tem base real, nem autêntica origem, nem possui realidade objetiva.

O materialismo afirma que as horas existem porque um instrumento – o relógio – as marca; isso é um fato concreto para o homem. Mas se enveredarmos pelo caminho da lógica intelectual ou concreta, nos perguntamos: é possível agarrar ou segurar as horas com as mãos? É possível guardar as horas num cofre? Ou submetê-las a análises científicas em algum laboratório? É possível saber a cor e o sabor do tempo? De que substância é feito o tempo?

Portanto, se aos fatores que usamos para catalogar fenômenos não é possível atribuir nomes [ou realidades] científicos, muito menos é possível fazê-lo com os resultados. Conclusão: como fica então essa história de “prova científica”?

Fatos concretos: O homem dominou o ar; com isso criou aviões que voam como os pássaros. Na Era de Aquário, o homem dominará o éter; isso permitirá construir instrumentos e aparelhos que funcionarão como os planetas, que giram em torno de seu próprio eixo. Essas naves terão movimentos de rotação e translação. Quando esse tempo chegar, os cientistas da época dirão: “Como eram ignorantes nossos antepassados”.

Quando afirmamos que com nossa energia criadora [o poder sexual] podemos gerar corpos existenciais solares ou superiores é porque sabemos como usar esse poder e como modificar a sua natureza. Em todos os livros gnósticos falamos disso; e nos é explicado como criar esses corpos e como manejá-los.

Eliminação de defeitos ou egos: Ao final do Capítulo 5 deste livro, o Mestre nos dá uma fórmula, ou melhor, duas fórmulas para eliminar o ego:

- 1) Trabalhando-se conscientemente sobre nós mesmos e dentro de nós mesmos, aqui e agora.
- 2) Deixando-nos arrastar pela corrente da vida aos Mundos Inferiores, ingressando na involução submersa e vivendo sofrimentos indescritíveis por eternidades inteiras.

Sabemos que aos estudantes e leitores interessa apenas a primeira fórmula. O Mestre é bem sintético em sua expressão; por isso, vamos ajudar o estudante a compreender melhor esse aspecto.

Em capítulos precedentes, o Mestre fala dos elementos bestiais e indesejáveis que vivem em nossa mente; tais elementos são os mesmos sete pecados capitais e suas ramificações de que nos fala o catolicismo cristão; é dito que esses elementos vivem nos 49 níveis de nossa mente. Ou seja: temos sete corpos que se entrelaçam uns com os outros.

Os sete corpos são:

1. Corpo físico
2. Corpo etérico
3. Corpo astral
4. Corpo mental
5. Corpo causal ou da vontade consciente

6. Corpo da alma [*Buddhi*]
7. Corpo do espírito [*Atman*]

Sete corpos, multiplicados por sete oitavas ou níveis [existentes em cada corpo], totalizam 49 regiões mentais.

Cada estudante possui um Ser, que conhece bem todas essas regiões. Esse Ser é *Ram-Io*, nossa bendita Mãe Divina particular. A Ela cabe nos conduzir pelo Caminho Iniciático e eliminar de nossa mente os elementos indesejáveis, lançando-os ao Abismo valendo-se do Arcano AZF, o qual já foi devidamente explicado em livros anteriores.

Devemos adorar a nossa Divina Mãe, nossa Virgem Maria ou a *Ram-Io* dos gnósticos. Ela nos ajuda agora e na hora da morte de nossos defeitos. Somente quando chegamos ao estágio humano é que formamos ou criamos egos ou defeitos, os quais nos amarram à matéria. Nos estados mineral, vegetal e animal, não criamos egos; esses se formam apenas no estado humano, devido às conseqüências do órgão *Kundartiguador*, que existia em antigos tempos na raça humana.

Sofrimentos luxuriosos: No Capítulo 6 o Mestre nos fala sobre os sofrimentos dos luxuriosos. Se qualquer estudante gnóstico fosse condenado à prisão, perceberia o quanto sofrem ali os luxuriosos por falta de mulher. Por outro lado, o gnóstico, como sabe transmutar suas energias criadoras em luz e fogo, isso não o martiriza.

Desde há vários anos, os psicólogos, acreditando que a masturbação e o homossexualismo nas prisões têm origem por causa da falta de mulher [ou vice-versa], acabaram aprovando leis que permitem visitas íntimas. Porém, isso acabou gerando um negócio: a prostituição.

No Capítulo 7 nos é ensinado que, ao findar o ciclo de 108 vidas, ingresamos nos Mundos Inferiores. Isso é necessário para que a Essência ou Chispa divina, após tempos sem fim, se limpe e se purifique de seus egos, e após, volte a ganhar corpo físico humano, tendo antes que passar pelos reinos mineral, vegetal e animal. Existem exceções nesse processo todo, como podemos ver nesse Capítulo.

É preciso aprender a escutar a voz de nosso Pai [e a fazer sempre sua vontade]. Isso corresponde a cumprir fielmente o conteúdo dos Dez Mandamentos da Lei Mosaica [de Moisés], as quais, atualmente, são infringidas por toda a humanidade.

Os três Logoi: Para cristalizar o Terceiro Logos (Espírito Santo) em nós é preciso morrer em si mesmo e transmutar as energias criadoras. Para cristalizar o Segundo Logos (o Cristo Íntimo) é preciso aprender a receber com agrado as manifestações desagradáveis de nossos semelhantes. Para cristalizar o Primeiro Logos (o Pai) é preciso aprender a fazer a sua vontade tanto na Terra quando no Céu. Quando mentimos, nos afastamos Dele, que é a Verdade. Isso impossibilita receber seus atributos, como Sabedoria, Verdade e outros.

Neste livro, o Mestre também nos fala da lei do Movimento Perpétuo, algo que o intelecto humano não foi capaz de descrever até hoje. Com isso, somos brindados com o ensinamento do Arcanjo Hariton, que explica a classe de matérias que devemos usar para evitar o seu desgaste pelo uso contínuo. Quando disso se ocuparem os cientistas, quando aproveitarem o poder da própria semente para regenerar e fortalecer o cérebro, o poder dessa lei nos será confiado.

As boas obras falam pelo ser que as executa; das boas intenções nada permanece. O Inferno é a matriz do Céu; da podridão nasce o perfume; Lúcifer nos dá a luz quando o vencemos.

A meditação sem o sono danifica o cérebro; a meditação inteligentemente combinada com o sono nos proporciona o êxtase.

O divino *Daimon* é o reflexo do Logos em nós; ele é nosso Iniciador. Esse elemento ígneo possui poderes extraordinários.

O Divino Dragão [Lúcifer] é nosso treinador psicológico. Ele nos abre as portas da tentação para nos treinar, para nos educar; só assim nascem as virtudes da Alma. Portanto, onde está a maldade de Lúcifer, o gerador da luz?

Por algum motivo nos disse Giovanni Papini: “Deus disse que é preciso amar o inimigo; então é preciso sentir amor pelo diabo”.

NT – Papini, escritor italiano, 09.01.1881 – 08.07.1956. Escreveu diversos livros; o mais polêmico de todos foi **O diabo**.

Sem a tentação não há virtude; só quem possui virtudes abandona as tentações.

Diz a Bíblia que quando Moisés desceu do Monte Sinai, após haver recebido os Mandamentos da Lei de Deus, os israelitas viram dois raios de luz saindo de sua cabeça, como se fossem dois chifres. Esse é o motivo pelo qual Michelangelo esculpiu sua figura no duro mármore com dois pequenos chifres.

É interessante observar que o bode é o símbolo da força sexual masculina. A propósito, aqueles que sofrem de impotência sexual, indicamos a seguinte fórmula: leve a ferver em leite dois testículos de bode; após, adoce com mel e tome três doses diárias desse preparado, até a debilidade desaparecer por completo. Esta fórmula fará voltar a potência sexual perdida.

NT – Esta e outras fórmulas de cura estão no livro **Medicina Oculta**, já editado pela IGB-Edisaw.

Nas cartas do *Tarot*, o divino *Daimon* aparece após a carta 13 – que representa a completa morte do ego – e após a carta 14, que simboliza a Temperança e a Castidade. Na seqüência vem a carta 15, que alegoriza Tifão Bafometo, o Diabo. Isto simboliza a ressurreição mediante a transmutação e a sublimação da energia sexual.

Nas cartas do *Tarot* vemos figuras masculinas e femininas, exceto na carta 15, na qual vemos o Diabo sozinho, como que a indicar o Divino Andrógino libertado do sexo.

Nossos erros podem ser encontrados no Inferno; ali também se encontra a Pedra Filosofal, o sexo consciente – e não o sexo mecânico da besta.

Jamais devemos confundir o *Daimon* ou o Diabo com os egos. Em nossos rituais gnósticos está escrito: “Eu creio no Mistério de Bafometo”, ou seja, no Mistério do Sexo.

CAPÍTULO 1

O INFERNO



P. – O inferno de fogo e chamas falado pela igreja católica, “nos tempos atuais não passa de uma superstição religiosa”, segundo a ciência. Isso procede, Mestre?

V.M. – Distinto cavalheiro, permita-me dizer-lhe que todo e qualquer inferno religioso é unicamente simbólico.

Não é demais lembrar que o inferno dos nórdicos é gelado; o inferno chinês apresenta suplícios amarelos; temos ainda o inferno budhista, o inferno muçulmano ou a “ilha infernal” dos antigos povoadores do país de Maralpleicie*, cuja civilização hoje está oculta sob as areias do deserto de Gobi.

Sem dúvida, esses diversos infernos religiosos alegorizam claramente o reino mineral submerso. Lembre-se, caro amigo, que Dante encontrou seu *Infernus* nas entranhas vivas da Terra; estude o livro **A Divina Comédia**.

* NT – *Maralpleicie* é citado por Gurdjieff no seu livro **Relatos de Belzebu a seu neto**, traduzido e editado no Brasil pela Horus Editora, ISBN 85.86204-07-2.

P. – Mestre, o senhor nos fala de um mundo mineral submerso; entretanto, todas as perfurações feitas pelas empresas mineradoras, petroleiras e congêneres jamais trouxeram qualquer evidência de um mundo vivo que pudesse estar sequer na primeira camada interna da Terra. Então, onde se encontra esse mundo mineral submerso?

V.M. – Caro amigo, permita-me informar-lhe que o mundo tridimensional de Euclides não é tudo. Ostensivelmente, acima deste mundo de

três dimensões (comprimento, largura e altura), existem várias dimensões superiores. Portanto, de acordo com a Lei dos Contrastes, sob essa zona tridimensional existem também várias infradimensões submersas, de tipo mineral; é indubitável que os infernos dantescos correspondem a essas infradimensões.

P. – Perdão, Mestre, se insisto na questão; mas em todos os livros que estudei, não lembro de haver encontrado qualquer referência ou documentação tratando dessas infradimensões, quanto mais haver indicações de como encontrá-las. Portanto, volto à pergunta: Qual é o objetivo de falar de infradimensões se, até onde pude comprovar, nenhum ser humano viu ou tocou?

V.M. – Distinto cavalheiro! Sua pergunta é bem interessante. Porém, devemos esclarecer que o Movimento Gnóstico Internacional tem sistemas e métodos de experimentação direta, mediante os quais podemos verificar a crua realidade das infradimensões da natureza e do cosmo.

Podemos e devemos situar os nove círculos dantescos precisamente debaixo da crosta terrestre, no interior do corpo planetário em que vivemos. Obviamente, os nove círculos citados por Dante correspondem inteligentemente com as nove infradimensões naturais.

Torna-se claro e evidente que os nove céus da **Divina Comédia** de Dante Alighieri são nove dimensões de tipo superior intimamente correlacionadas com as nove dimensões de tipo inferior.

Quem, alguma vez, tenha estudado a **Divina Comédia**, do ponto de vista esotérico, não ignora a realidade dos mundos inferiores.

P. – Mestre, que diferença básica existe entre os infernos do catolicismo e os do Movimento Gnóstico?

V.M. – Caro amigo, a diferença entre os infernos simbólicos de uma e de outra religião é a mesma que pode haver entre as bandeiras de cada uma das nações deste mundo. Cada país alegoriza a sua existência com um pavilhão nacional; assim também cada religião simboliza os mundos inferiores com alguma alegoria de tipo infernal. Porém, os infernos cristãos, chineses, budistas, etc., no fundo, não passam de diferentes emblemas que correspondem à crua realidade dos infernos atômicos da natureza e do cosmo.

P. – Por que as pessoas têm pesadelos, como dizemos vulgarmente? O que acontece nesse caso? Será que viajam a esses mundos infradimensionais?

V.M. – Com o maior prazer respondo a essa interessante pergunta do auditório. Senhoras e senhores, quero que compreendam o que são os pesadelos.

A anatomia oculta ensina que no baixo ventre existem sete portas infernais, sete chakras ou vórtices negativos, de forças tenebrosas. Então, pode ocorrer que um caso de indigestão, devido a alguma refeição pesada, ponha em atividade esses chakras inferiores, abrindo as portas abismais, como diz claramente a religião de Maomé; neste caso, a pessoa, nessa noite ou nesse dia, penetra nos mundos inferiores.

Isso ocorre por causa do desdobramento da personalidade; não é difícil o ego penetrar na morada de Plutão [o Inferno].

Os monstros dos pesadelos de fato existem; originalmente se formaram em tempos arcaicos e hoje vivem normalmente nas infradimensões do mundo mineral submerso.

P. – Então isso quer dizer, Venerável Mestre, que não somente os que morrem sem haver salvado sua Alma entram no Inferno?

V.M. – Torna-se simples e claro que os vivos também penetram nos mundos inferiores, como atestam os pesadelos. O infraconsciente humano é de natureza infernal; podemos dizer com total clareza que nos infernos atômicos do homem estão todos os horrores do Abismo. Em outras palavras, enfatizamos o seguinte: os abismos infernais de forma alguma estão divorciados de nosso próprio subconsciente e infraconsciente; agora o auditório pode compreender o motivo pelo qual é tão fácil entrarmos, a qualquer hora, nos nove círculos dantescos.

P. – Caro Mestre, realmente não compreendo por que primeiro o senhor nos diz que os mundos infernais se acham nas infradimensões da Terra e, depois, menciona que esses abismos atômicos se encontram dentro de nós mesmos. Poderia me esclarecer a respeito disso?

V.M. – Muito boa a sua pergunta... Quem quiser descobrir as leis da natureza deve encontrá-las dentro de si mesmo. Aquele que não encontrar dentro

de si o que busca fora, não o achará em parte alguma, jamais. Os antigos diziam: “Homem, conhece-te a ti mesmo e conhecerás o universo e os Deuses”. Tudo o que existe na natureza e no cosmo devemos encontrar em nosso interior. Portanto, os nove círculos dantescos infernais estão dentro de nós mesmos, aqui e agora.

P. – Mestre, eu tive pesadelos nos quais vi um mundo de obscuridade e muitos monstros. Será que entrei nessas regiões infradimensionais ou infernais?

V.M. – Sua pergunta é muito importante... É necessário que o auditório compreenda que essas infradimensões estão no fundo submerso de nossa natureza.

Obviamente, repito, que os pesadelos abrem as sete portas dos infernos atômicos do baixo ventre, e então descemos aos mundos submersos; raras são as pessoas que durante a vida não fizeram nenhuma visita ao reino de Plutão.

Entretanto, senhores e senhoras, ao estudar esta questão, é bom que pensemos na crua realidade natural desses mundos localizados nas infradimensões do planeta em que vivemos. Pensemos, por um instante, em mundos que penetram e se compenetraram entre si sem se mesclarem, em regiões densamente povoadas, etc.

De modo algum devemos tomar as alegorias religiosas pela letra morta; busquemos o espírito que vivifica e que dá vida. Os diversos infernos religiosos alegorizam realidades cruamente naturais; não devemos confundir os símbolos com os fenômenos cósmicos em si mesmos.

P. – Mestre, gostaria que me explicasse um pouco mais sobre esses mundos infernais, já que nos pesadelos que tive, nunca vi luz nem belas fisionomias. Por que isso ocorre?

V.M. – É um prazer responder à sua pergunta... As trevas infernais são outro tipo de luz; correspondem à gama do infravermelho. Os habitantes dessas regiões subterrâneas percebem as diferentes cores correspondentes a essa faixa do espectro solar.

Quero que os senhores, meus amigos, compreendam que todas as cores que existem no ultravioleta também se encontram no infravermelho. Que exis-

ta, por exemplo, um amarelo no ultravioleta é algo bem interessante; porém, no infravermelho, o amarelo existe de forma diferente, e assim também sucede com as demais cores. Portanto, repito e enfatizo o seguinte: as trevas são outra forma de luz.

É indiscutível que os habitantes do reino mineral submerso encontram-se bem afastados do Sagrado Sol Absoluto, razão pela qual se tornaram terrivelmente malignos e espantosamente feios.

P. – Mestre, eu consigo conceber que nos mundos submersos da Terra exista todo tipo de monstros; porém, como é possível que dentro de mim, que sou tão pequeno em comparação ao planeta, posso encontrar precisamente esses mundos?

V.M. – Caro amigo, permita-me dizer-lhe que qualquer molécula de amido, de ferro, cobre, etc., é todo um sistema solar em miniatura. Um discípulo de Marconi [Narciso Genovese] imaginava precisamente o nosso sistema solar como uma grande molécula cósmica. Quem não descobrir numa simples molécula o movimento dos planetas ao redor do Sol está, certamente, muito longe de compreender a Astronomia.

Nada está isolado ou desligado neste universo. Em verdade, não existe efeito sem causa nem causa sem efeito. Assim também, dentro de cada um de nós, há forças e átomos que se correlacionam ora com as esferas celestes, ora com as esferas infernais.

É bom saber que em nosso corpo existem também centros psíquicos que ora nos põem em relação com as nove dimensões superiores do cosmo, ora com as nove dimensões inferiores.

Já disse claramente que este mundo tridimensional em que vivemos não é tudo; acima, temos as dimensões superiores, abaixo, as inferiores.

É inquestionável que todas estas dimensões celestiais ou infernais estão relacionadas com as distintas zonas de nossa própria mente. Portanto, se não as descobrirmos dentro de nós mesmos, não as descobriremos em nenhuma outra parte.

P. – Mestre, freqüentemente o senhor menciona a palavra “abismos atômicos”. Por que “atômicos”?

V.M. – Esta pergunta me parece extraordinária, e com o maior gosto vou respondê-la. Antes de tudo, quero que o senhor saiba que todo átomo é um trio de matéria, energia e consciência.

Pensemos, por um momento, nas inteligências atômicas; obviamente, existem as solares e as lunares. Também existem inteligências atômicas malignas, terrivelmente perversas. Os átomos do inimigo secreto, dentro de nosso organismo, estão controlados por certo átomo maligno, situado exatamente no osso coccígeo.

Esse tipo de átomo causa enfermidades e dá origem a distintas manifestações de perversidades. Ampliemos um pouco mais essa questão e pensemos em todos os átomos malignos do planeta Terra. Obviamente, os mais pesados, os mais demoníacos, habitam a morada de Plutão, ou seja, as infradimensões do mundo em que vivemos.

Com isso, o senhor compreenderá o motivo pela qual falamos de abismos atômicos, de infernos atômicos, etc.

P. – Creio que a maioria de nós, quando pensamos em átomos, imaginamos algo infinitamente pequeno. Então, quando o senhor nos fala que todos os sóis e planetas do cosmo constituem um átomo, transtorna um pouco nosso processo de raciocínio. Isso procede, Mestre?

V.M. – Distinto cavalheiro, jamais me ocorreu pensar em reduzir todo o universo ou universos a um simples átomo. Permita-me dizer-lhe que os mundos, sóis, satélites, etc., são constituídos por aglomerados de átomos, e isso é diferente, certo?

Se em alguma parte de minha exposição comparei o sistema solar a uma grande molécula, fi-lo baseado na Lei das Analogias Filosóficas; jamais quis reduzir tal sistema a um simples átomo.

CAPÍTULO 2

OS TRÊS ASPECTOS DO INTERIOR DA TERRA



P. – Mestre, pelo que nos expôs anteriormente, devemos entender que debaixo das camadas inferiores da Terra só existem infradimensões, já que as supradimensões correspondentes aos Céus somente se encontram acima da camada terrestre?

V.M. – Distinto senhor, sua pergunta é bem interessante e me apresso a respondê-la. É necessário que todos entendam que este corpo planetário onde vivemos possui em seu interior três aspectos claramente definidos:

Primeiro: a região mineral meramente física.

Segundo: a zona supradimensional.

Terceiro: a zona infradimensional.

NT – Esses três mundos estão perfeitamente definidos na Mitologia. Após a Guerra dos Titãs, o Mundo de Cima passou a ser governado por Zeus; o Mundo do Meio, por Netuno; e o Mundo de Baixo, por Hades.

P. – Aceitando que no interior da Terra existam esses três aspectos de que o senhor nos fala – e esclareço que aceito isso hipoteticamente – teríamos que chegar à conclusão de que as nove esferas celestes convivem com os infernos, os quais se correspondem às infradimensões. Acaso é congruente que os céus se situem na mesma região onde estão os infernos?

V.M. – Caro senhor, é urgente compreender, de forma integral, que tudo na natureza e no cosmo se resume a somas e restos dimensionais, os quais penetram e se compenetraram mutuamente sem se confundir.

Existe um postulado hermético que diz: “Tal como é acima é abaixo”. Aplique o senhor esse postulado ao tema em questão... É claro que os nove céus

têm, no interior de nosso organismo planetário, suas correlações de acordo com a Lei das Correspondências e Analogias.

Estes nove céus do interior do organismo planetário em que vivemos, correlacionam-se inteligentemente com as nove zonas profundas do planeta Terra.

Porém, ainda não expliquei a fundo esta questão; o que realmente sucede é que esses nove céus têm um eixo gravitacional atômico, situado exatamente no centro do planeta.

Em outras palavras, quero dizer que os nove céus gravitam em torno do átomo central do planeta Terra, estendendo-se muito além de todo o sistema solar.

Este mesmo processo se repete em cada um dos planetas do Sistema Solar de *Ors*.

P. – Esta exposição, Venerável Mestre, me parece muito boa e se encaixa perfeitamente nas lacunas de meu entendimento; porém devo manifestar que, de acordo com os preceitos da lógica, não se pode demonstrar com clareza a explicação que o senhor nos deu; portanto, como podemos verificar sua afirmação neste sentido?

V.M. – Estimado senhor, sua pergunta é inquietante. É inquestionável que a lógica formal nos conduz ao erro. Não é por meio dessa lógica que podemos chegar à experiência do real; necessitamos de uma lógica superior, que felizmente existe.

Ouspensky escreveu o **Tertium Organum**, o terceiro cânone do pensamento. É evidente que existe o sentido da unidade na experiência mística de muitos indivíduos transcendidos.

Esses homens, mediante o desenvolvimento de certas faculdades cognitivas internas, puderam verificar por si mesmos e de forma direta, a realidade dos mundos inferiores no interior deste planeta em que vivemos.

O interessante de tudo isso é que os dados enunciados por uns e outros Adeptos são similares, apesar de viverem em diferentes lugares da Terra.

P. – Mestre, então o senhor quer dizer que somente a um determinado e reduzido número de Adeptos – que tiveram a sorte de receber esses poderes cognitivos – lhes é dado comprovar as infra e as supradimensões dos planetas, do cosmo e também do próprio homem?

V.M. – No terreno da experimentação direta, no campo da metafísica prática, existe uma multiplicidade de pessoas dotadas de faculdades psíquicas mais ou menos desenvolvidas.

É óbvio que há discípulos e Mestres. Os primeiros podem nos dar informações mais ou menos incipientes; já os Adeptos ou Mestres, dispõem de faculdades imensamente superiores, que os capacitam para investigações profundas, que lhes permitem falar de forma mais clara, mais precisa e mais detalhada.

P. – Mestre, se o senhor nos ensinou a que corroboremos com experiência própria o que afirmam os Adeptos e os Iluminados, então cabe a nós, profanos, a possibilidade de verificar por vivência própria a realidade dos mundos infernais. Há outro modo de fazer isso que não seja apenas por meio de um simples pesadelo causado por uma indigestão estomacal?

V.M. – Estimado senhor, é óbvio que a experimentação direta no terreno da metafísica só é exequível aos indivíduos que desenvolveram as faculdades latentes do homem. Mas, com total claridade, quero dizer-lhe que toda pessoa pode experimentar a crua realidade dos infernos atômicos ao cair nos horrosos pesadelos.

Sem dúvida, não quero dizer com isso que os pesadelos permitem a verificação completa da crua realidade das infradimensões da natureza.

Quem, de fato, quiser vivenciar isso que está abaixo do mundo tridimensional de Euclides, deve desenvolver certas faculdades e poderes psíquicos especiais.

P. – É possível que todos nós possamos desenvolver essas faculdades?

V.M. – Distinto cavalheiro, repito que o Movimento Gnóstico Internacional possui métodos e sistemas mediante os quais todo ser humano pode desenvolver, de forma consciente e positiva, seus poderes psíquicos.

P. – Mestre, poderia nos dizer como devemos entender o fato do diabo viver num inferno com labaredas de fogo, forte cheiro de enxofre e onde são castigados aqueles que nesta vida se comportaram mal?

V.M. – Vou dar resposta à pergunta feita pelo cavalheiro...

Sem dúvida, nas regiões submersas do reino mineral, sob a crosta terrestre, existem diversas zonas.

Por exemplo, lembremo-nos da zona ígnea: é claro que isso está perfeitamente demonstrado com a erupção dos vulcões.

Citemos também a zona aquosa: ninguém pode negar que no interior do planeta existe água.

Pensemos ainda no elemento aéreo: ainda que pareça incrível, dentro da Terra também existem correntes de ar e outras zonas especiais. Até tem sido dito claramente que existe dentro da Terra uma vasta região completamente oca, aérea diríamos nós.

Em todo caso, não podemos negar a realidade das pedras, areia, rochas, metais, etc.

Ao pensar no conceito de demônio ou demônios, é bom lembrarmos também as almas perdidas. Isso é algo verdadeiramente interessante. Muitos habitantes, dos mundos inferiores, moram na região do fogo; mas outros, vivem nas regiões aéreas; por último, há outros que vivem nas regiões aquáticas e nas zonas minerais

É óbvio que os habitantes do interior terrestre se encontram relacionados com o enxofre, posto que este é parte integrante dos vulcões. Contudo, em forma bem específica, é evidente que só os moradores do fogo poderiam estar associados ao enxofre. Portanto, quero que vocês, senhoras e senhores, compreendam o Inferno ou *Infernus* de forma cruamente natural, sem artifício de nenhuma espécie.

P. – Mestre, poderia nos explicar por que sendo a região do baixo ventre a mesma dos mundos infernais, ali também se encontra a região do “cordão de prata”? Isso significa que o “cordão de prata” se comunica constantemente com nossos mundos infernais?

V.M. – Prezado senhor, quero responder sua pergunta com total e perfeita clareza...

Muito foi falado sobre o cordão de prata*; é indubitável que toda alma está conectada ao corpo físico por meio desse fio magnético. Foi-nos dito que uma parte desse cordão ou fio da vida se acha relacionado ao coração, e que outra, ao cérebro.

Diversos autores enfatizam a idéia de que sete desses ramos, derivados do cordão de prata, encontram-se conectados com os sete centros [chakras] específicos do organismo humano.

Em todo caso, esse fio da vida, esse cordão do qual o senhor nos fala, de modo algum está conectado aos sete chakras do baixo ventre.

É interessante saber que durante as horas de sono, a Essência, a Alma, escapa do corpo físico para viajar a diferentes lugares da Terra ou do cosmo. Então, o fio magnético de nossa existência se solta, se alonga infinitamente, trazendo-nos depois de volta ao corpo físico, para despertar no leito.

* NT – A expressão “cordão de prata” tornou-se bastante conhecida mundo afora nos anos 70, devido aos livros de Lobsang Rampa, no Brasil editados pela Record.

P. – Mestre, poderia ampliar isso que o senhor acaba de dizer com respeito aos sete chakras que se encontram no baixo ventre? Em outras conferências, e em seus próprios livros inclusive, dizia-nos que os sete chakras se encontram distribuídos em diferentes partes de nosso organismo...

V.M. – Prezado senhor, escutei sua pergunta e me apresso a respondê-la com o maior agrado...

Vejo que o senhor confundiu os sete chakras do baixo ventre com as Sete Igrejas do Apocalipse de São João, situadas na espinha dorsal.

Em nenhum momento da conferência desta noite, aqui na cidade do México, D.F., fiz alusão aos centros magnéticos ou vórtices de força situados no Bastão de Brahma ou na medula espinhal.

Só mencionamos as sete portas infernais de que fala a religião de Maomé, os sete centros específicos ou chakras situados no baixo ventre e relacionados com os mundos infernais. Isso é tudo, entendido?

P. – Por todo o exposto anteriormente, podemos coligir, Venerável Mestre, que o aspecto físico do centro da Terra pertence ao mundo tridimensional e que os aspectos supra e infradimensionais estão situados nessas regiões subterrâneas do planeta, onde não chega a percepção intelectual e sensorial tridimensional do animal racional?

V.M. – Distinto cavalheiro, quero informar ao senhor e a todo este auditério que me escuta, que nossos cinco sentidos só percebem os aspectos tridimensionais da existência. Entretanto, são incapazes de perceber os aspectos supradimensionais ou infradimensionais da Terra e do cosmo.

É óbvio que as regiões subterrâneas de nosso mundo se revestem de três aspectos fundamentais. Entretanto, os sentidos ordinários apenas percebem de forma superficial o físico ou o tridimensional.

Se quisermos conhecer as dimensões superiores e inferiores do interior da Terra, devemos desenvolver outras faculdades de percepção que se encontram latentes na raça humana.

P. – Querido Mestre, devemos entender que tanto nas supra como nas infradimensões habitam seres vivos?

V.M. – Caros amigos, sem dúvida as três zonas do interior do nosso mundo estão habitadas. Se nas infradimensões vivem as almas perdidas, nas supradimensões do interior planetário moram muitos Devas, Elementais de ordem superior, Deuses, Mestres, etc., que trabalham intensivamente com as forças inteligentes desta grande natureza.

Poderíamos falar extensamente sobre as populações das zonas centrais, supradimensionais ou infradimensionais do interior do nosso mundo; porém, deixaremos isso para as próximas conferências. Por hora me despeço dos senhores, desejando-lhes uma boa noite.

CAPÍTULO 3

OS SETE COSMOS



Caros amigos, novamente estamos aqui reunidos com o propósito de estudar o Raio da Criação. É urgente, indispensável e inadiável conhecer, de forma clara e precisa, o lugar que ocupamos no vivíssimo Raio da Criação.

Antes de tudo, distintas damas e estimados cavalheiros, suplico-lhes encarescidamente seguir meu discurso com infinita paciência. Quero que os senhores saibam que existem sete cosmos, a saber:

1. Protocosmo
2. Ayocosmo
3. Macrocosmo
4. Deuterocosmo
5. Mesocosmo
6. Microcosmo
7. Tritocosmo

É inquestionável que o Primeiro Cosmo é formado pelos múltiplos sóis espirituais, transcendentais e divinos. Muito foi dito sobre o Sagrado Sol Absoluto; é claro que qualquer sistema solar é governado por um desses sóis espirituais. Isso quer dizer que nosso conjunto de mundos possui seu Sagrado Sol Absoluto próprio; o mesmo ocorre com todos os demais sistemas solares do inalterável infinito.

A segunda ordem de mundos é formada, realmente, por todos os milhões de sóis e planetas que viajam através do espaço.

O terceiro conjunto de mundos é formado por nossa galáxia, esta grande Via Láctea, que tem como capital cósmica central o sol Sírio.

A quarta ordem é representada por nosso Sistema Solar de *Ors*.

A quinta ordem corresponde ao planeta Terra.

A sexta ordem é o Microcosmo homem.

A sétima ordem está nos mundos infernais.

Ampliemos um pouco mais esta explicação. Senhoras e senhores, quero que vocês entendam claramente o que é, de fato, a primeira ordem de mundos: são sóis espirituais, extraordinários, cintilantes, que brilham no espaço com infinitos esplendores; são radiantes esferas que jamais serão percebidas ou captadas pelos telescópios dos astrônomos.

Agora, pensem no que são os bilhões e trilhões de mundos e estrelas que povoam o espaço sem fim. Relembrem agora as galáxias. Qualquer uma delas, tomada isoladamente, é um Macrocosmo; a nossa Via Láctea não é exceção.

Que podemos dizer do Deuterocosmo? É inquestionável que cada sistema solar, não importa a galáxia à qual pertença, seja ela de matéria ou de antimatéria, é um Deuterocosmo.

Terras no espaço infinito são tão numerosas quanto as areias do mar. Sem dúvida, qualquer uma delas, qualquer planeta, não importa seu centro de gravitação cósmica, é, por si mesmo, um Mesocosmo.

Muito foi falado sobre o Microcosmo humano. Nós enfatizamos a idéia transcendental de que cada um de nós é um autêntico e legítimo Microcosmo. Não obstante, não somos os únicos habitantes do infinito; é claro que existem muitos mundos habitados; qualquer habitante do cosmo ou dos cosmos é um autêntico Microcosmo.

NT – Quando o autor fala de “mundos habitados” não se refere à vida humana existente em terceira dimensão, mas sim, ele se refere às civilizações existentes nas supradimensões. Todos os planetas do nosso sistema solar são habitados; obviamente, não na terceira dimensão. Alguns têm vida na quarta dimensão; outros, na quinta; e outros ainda, na sexta dimensão ou mesmo apenas na sétima. Em nosso sistema solar, apenas a Terra tem vida orgânica na terceira dimensão.

Por último, convém saber que dentro de cada planeta existe o reino mineral submerso, com seus próprios infernos atômicos. Esses infernos sempre estão situados no interior de cada massa planetária, nas infradimensões da natureza, debaixo da zona tridimensional de Euclides.

Portanto, senhoras e senhores, é preciso compreender que a primeira ordem de mundos é completamente diferente da segunda; cada um desses cosmos é absolutamente desigual e radicalmente distinto dos demais.

A primeira ordem de mundos é infinitamente divina e inefável; nela não existe nenhum princípio mecânico; é governada pela Única Lei.

A segunda ordem é controlada pelas Três Forças Primárias que regulam e dirigem toda a criação cósmica.

A terceira ordem de mundos, nossa galáxia ou qualquer galáxia do espaço sagrado, é controlada ou regida por 6 leis.

A quarta ordem de mundos, o nosso sistema solar ou qualquer outro sistema solar do espaço infinito, sempre é controlada por 12 leis.

A quinta ordem, nossa Terra ou qualquer outro planeta semelhante ao nosso, girando em torno de qualquer sol, está absolutamente controlada por 24 leis.

Na sexta ordem cósmica de mundos, qualquer organismo humano encontra-se definitivamente controlado por 48 leis, e isso o vemos demonstrado na célula germinal humana, constituída, como é sabido, por 48 cromossomos*.

Por último, a sétima ordem de mundos está sob o controle total de 96 leis.

* NT – Neste e nos demais livros, o autor afirma e reafirma a existência de 48 cromossomos. O Mestre G, citado neste livro, em suas obras afirma que a ciência não conhece todas as propriedades químicas da Tabela Periódica e, por esse motivo, há divergências acentuadas entre o que afirma a ciência e o que diz a Química Oculta. Então, resta-nos a pergunta: conhece a ciência, por mais avançada que esteja atualmente, todos os cromossomos da célula humana? Ou temos aqui mais um dos incontáveis mistérios que a ciência não tem como compreender? Por exemplo, cientificamente não há como confirmar e demonstrar a existência da inteligência. Ela não tem endereço, nem RG, nem CPF. Não pode ser pesada, medida ou fotografada. No entanto, aceitamos a sua existência devido a uma série de outros fatores que nos levam a concluir que ela existe de alguma forma, mesmo não sendo possível medi-la, pesá-la ou fotografá-la. O mesmo se dá com outras realidades metafísicas e transcendentais. Por enquanto, nossa ciência não tem meios nem instrumentos para medir, pesar e fotografar a inteligência e muitas outras realidades transdimensionais.

Quero que saibam, de forma precisa, que o número de leis, nas regiões abismais, multiplica-se assustadoramente. O primeiro círculo dantesco é controlado por 96 leis. Já no segundo círculo, essas leis se duplicam, resultando em 192. No terceiro, triplicam-se; no quarto, quadruplicam-se; e assim por diante, multiplicando-se sempre as 96 leis iniciais dos mundos inferiores, por 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8 e 9. Portanto, no nono círculo temos 864 leis a regê-lo ou controlá-lo.

Quando analisamos profundamente o primeiro cosmo, vemos que lá existe a mais plena liberdade e a mais absoluta felicidade, porque ali tudo é governado pela Única Lei.

No segundo cosmo, ainda existe felicidade plena, porque é completamente controlado pelas 3 Leis Primárias da Criação.

Entretanto, no terceiro cosmo já se introduz um elemento mecânico, porque essas 3 leis primitivas e divinas, dividindo-se em si mesmas, convertem-se em 6. Obviamente, nesta ordem de mundos de 6 leis, já existe certo automatismo cósmico, porque já não são as 3 Forças Primárias a trabalharem, pois estas, ao se dividirem em si mesmas, dão origem ao jogo mecânico de qualquer galáxia.

Vejam o que é um sistema solar... É claro que nele as 6 leis se dividiram novamente, para se converterem em 12, aumentando a mecanicidade, o automatismo, a complicação, etc.

Vamos focar agora um planeta qualquer do infinito, em especial o nosso mundo terrestre. Obviamente, é mais heterogêneo e complicado, porque as 12 leis do sistema solar aqui se convertem em 24.

Olhemos agora diretamente o Microcosmo homem; examinemos a célula germinal; ali vemos 48 cromossomos, viva representação das 48 leis que controlam nosso corpo.

Obviamente, quando estas 48 leis se dividem ou se desdobram em si mesmas, temos as 96 leis do primeiro círculo dantesco.

Portanto, caros amigos, quero que compreendam o lugar que ocupamos no Raio da Criação.

Alguém disse que ‘inferno’ vem da palavra *infernus*, que em latim significa ‘região inferior’. Assim, [esse autor] enfatizou a idéia de que o lugar que nós ocupamos na região tridimensional de Euclides, é o Inferno, por ser, segundo ele, o lugar inferior do cosmo.

Infelizmente, esse que fez tal insólita afirmação, realmente desconhecia o Raio da Criação. Se ele tivesse tido maior informação, se tivesse estudado os Sete Cosmos, teria se dado conta, cabalmente, de que o ‘lugar inferior’ não é este mundo físico em que vivemos, mas sim, o Sétimo Cosmo situado no interior da Terra, nas infradimensões naturais, sob a zona tridimensional de Euclides.

P. – Venerável Mestre, depois de escutar com toda a atenção e paciência a sua científica exposição sobre o Raio da Criação, observei que ao se referir à primeira ordem de mundos, ou seja, ao Protocosmo, o senhor menciona que o movimento ou a vida corresponde à Primeira Lei, onde impera a

liberdade absoluta. Foi-nos dito, segundo as palavras do Grande Kabir Jesus, “Descobri a verdade e a verdade vos fará livres”. Então devemos entender que, seguindo a Lei das Analogias e das Correspondências, por sermos os seres que nos movemos e temos nosso Ser na sexta ordem de mundos ou no Microcosmo, para vivenciarmos a verdade e, portanto, sermos completamente livres, devemos lutar para chegarmos a ser habitantes desses mundos regidos pela Única Lei?

V.M. – Com a maior alegria vou responder sua pergunta...

Senhoras e senhores, é indispensável compreender que a um maior número de leis, maior é o grau de mecanicidade e de sofrimentos; e quanto menor é o número de leis, menor também é o grau de mecanicidade e dor.

É inquestionável que no Sagrado Absoluto Solar ou no Sol Espiritual Central deste Sistema Solar em que vivemos, nos movemos e temos nosso Ser, não existe mecanicidade de nenhuma espécie. Portanto, é óbvio que ali reina a mais completa bem-aventurança.

É claro que devemos lutar de forma incansável para nos liberarmos das 48, 24, 12, 6 e 3 leis, para, de fato, regressarmos ao Sagrado Sol Absoluto do nosso sistema.

P. – Mestre, pelo que foi explicado anteriormente, deduz-se que os mundos com mais leis são mais mecânicos e, portanto, logicamente, mais densos e materiais. Isso quer dizer que os mundos infradimensionais ou infernais ocasionarão maior sofrimento, e que por esse motivo são denominados de ‘região das penalidades e dos castigos’?

V.M. – Esta pergunta do auditório me parece bastante interessante; com o maior agrado vou tratar de respondê-la.

Quero que o senhor e todos aqui presentes saibam que a um maior número de leis, maior é o grau de mecanicidade e de dores. As 96 leis da primeira zona infernal são terrivelmente dolorosas.

Entretanto, conforme essas leis se multiplicam em cada uma das zonas infradimensionais, também a dor, a mecanicidade, a materialidade e o pranto se multiplicam.

P. – Venerável Mestre, observamos que anteriormente o senhor nos falou dos nove círculos concêntricos das infradimensões, as quais corres-

pondem aos nove círculos das supradimensões do cosmo. Entretanto, ao se referir ao Raio da Criação, somente enumera e explica sete cosmos. Não há nisso tudo alguma incongruência?

V.M. – Prezado senhor, é indispensável fazer uma clara diferenciação entre os sete cosmos, os nove céus e os nove círculos dantescos das infradimensões naturais.

Obviamente, os nove céus estão relacionados com as nove zonas submersas na epiderme da Terra. Isto foi visto por Enoque em estado de êxtase no Monte Mória, lugar onde mais tarde viria a edificar um templo subterrâneo, com nove pisos interiores, para alegorizar o realismo transcendental de sua visão.

É inquestionável que os nove céus se acham plenamente presentes nas esferas da Lua, Mercúrio, Vênus, Sol, Marte, Júpiter, Saturno, Urano e Netuno. É claro também que todos esses nove céus correspondem ao Deuterocosmo. Portanto, fica esclarecido em sua mente o fato de os sete cosmos não serem os nove céus.

P. – Mestre, ao nos dizer que conforme vai se descendo a um maior número de leis, desde o primeiro cosmo até as regiões infernais, a mecanicidade, o automatismo e a materialidade também se tornam cada vez maiores. Isso nos leva a pensar que à medida que nos afastamos das Três Leis Primárias, também, ao mesmo tempo, nos apartamos da vontade direta do Pai, ficando à nossa própria e miserável sorte. É esse o caso?

V.M. – Distinto cavalheiro, respeitadas senhoras e senhores que me escutam aqui neste auditório! Quero que todos saibam, de forma clara e precisa, que mais além de todo esse conjunto de mundos, que forma nosso sistema solar, resplandece gloriosamente o Sagrado Absoluto Solar.

É indubitável que no Sol Espiritual Central, governado pela Única Lei, existe a felicidade inalterável do eterno Deus vivo. Infelizmente, conforme nos afastamos do Sagrado Sol Absoluto, penetramos em mundos cada vez mais mecanizados e complicados, onde aparecem o automatismo, a mecanicidade e a dor.

Obviamente, no cosmo de 3 leis, a felicidade é incomparável, porque ali a materialidade é bem menor. Nessa região, qualquer átomo possui, em sua natureza interior, unicamente 3 átomos do Absoluto.

Bem diferente é o terceiro cosmo! Lá, a materialidade aumenta, porque qualquer um de seus átomos possui em seu interior 6 átomos do Absoluto.

Vejamos agora o quarto cosmo... Ali, a matéria é bem mais densa, devido ao fato concreto de qualquer um de seus átomos possuir em si mesmo 12 átomos do Absoluto.

Sejamos ainda mais específicos... Quando examinamos cuidadosamente o planeta Terra, vemos que qualquer um de seus átomos possui em sua natureza íntima 24 átomos do Absoluto.

Especificando cuidadosamente, estudemos em detalhe qualquer átomo do corpo humano; mediante a divina clarividência, veremos que nele existem 48 átomos do Absoluto.

Baixemos um pouco mais e entremos no reino da mais crua materialidade: os mundos infernais, sob a crosta do planeta em que vivemos. Na primeira zona infradimensional perceberemos que a densidade material aumentou espantosamente, porque nessa região, qualquer átomo inumano possui, em sua natureza íntima, 96 átomos do Absoluto.

Já na segunda zona inferior, cada átomo possui 192 átomos do Absoluto; na terceira, 288 – e assim, sucessivamente, a materialidade nessas regiões vai aumentando de forma espantosa e aterradora...

Quando submergimos dentro de leis cada vez mais complexas, obviamente em forma progressiva, nos distanciamos da vontade do Absoluto e caímos na complicação mecânica de toda essa grande natureza. Se quisermos reconquistar a liberdade, devemos nos libertar de tanta mecanicidade e de tantas leis, e voltar ao Pai.

P. Querido Mestre, se não se faz a vontade divina no Microcosmo homem, por que então se diz que “nenhuma folha cai da árvore sem a vontade de Deus”?

V.M. – Distinto cavalheiro, no Sagrado Absoluto Solar – como já dissemos – só reina a Única Lei. No cosmo das 3 leis ainda se faz a vontade do Pai, porque ali tudo é governado pelas Três Leis fundamentais. Entretanto, no mundo das 6 leis já existe uma certa mecanicidade, que em determinado sentido, a torna independente da vontade do Absoluto.

Agora, considere os mundos de 24, 48 e 96 leis... É óbvio que nessas ordens de mundos, a mecanicidade se multiplica de modo independente da vontade do Sagrado Absoluto Solar. Isto, é claro, dá espaço como que para dizer que o Pai fica excluído de toda essa criação.

Entretanto, é bom que todos saibam que toda a mecanicidade é previamente calculada pelo Sagrado Sol Absoluto, já que não poderiam existir as distintas ordens de leis e os diversos processos mecânicos se assim não tivessem sido dispostos pelo Pai.

Este universo é um todo dentro da inteligência do Sagrado Absoluto Solar; estes fenômenos vão se cristalizando de forma sucessiva, pouco a pouco, entendido?

P. – Venerável Mestre! Poderia o senhor nos dizer a razão pela qual o Sete se relaciona nas Leis da Criação, no corpo humano e nos mundos? É uma tradição ou é realmente uma lei?

V.M. – A pergunta que faz o cavaleiro merece resposta imediata. Quero que todos vocês, senhoras e senhores, compreendam claramente o que são as Leis do Três e do Sete.

É urgente que saibam que os cosmocratores ou criadores deste universo, no qual vivemos, nos movemos e temos nosso Ser, cada um, sob a direção de sua Divina Mãe Kundalini Cósmica particular, na aurora da criação trabalhou para desenvolver no espaço as Leis do Três e do Sete, a fim de que tudo tivesse vida em abundância. Só assim pôde existir nosso mundo.

Portanto, não é estranho que todo o processo cósmico natural se desenvolva de acordo com as Leis do Três e do Sete; de forma alguma deve nos parecer algo insólito que essas leis se achem correlacionadas no infinitamente pequeno e no infinitamente grande, no Microcosmo e no Macrocosmo, em tudo que é, em tudo que foi e em tudo que será.

Analisemos, por um momento, os sete chakras da espinha dorsal, os sete planetas principais do sistema solar, as sete rondas de que nos fala a Teosofia antiga e moderna, as sete raças humanas, etc.

Todos esses gigantescos processos septenários, toda essa séptupla manifestação de vida tem por base as Três Forças Primárias: positiva, negativa e neutra. Entendido?

P. – Mestre, quando o senhor fala da criação dos mundos, seres ou galáxias, se expressa em termos como ‘é claro’, ‘é indubitável’, ‘é óbvio’, ‘é natural’, etc.; em que se baseia para dizê-lo com tal segurança?

V.M. – Vejo aqui no auditório que alguém fez uma pergunta bastante interessante e sinto agrado em respondê-la.

Senhoras e senhores, quero que todos saibam, de forma concreta, clara e definitiva, que existem duas classes de razão:

A primeira, vamos denominá-la de ‘subjéitiva’;
a segunda, vamos qualificá-la como ‘objéitiva’.

Sem dúvida, a primeira tem por fundamento as percepções sensoriais externas. A segunda, é diferente, e só se processa de acordo com as vivências íntimas da Consciência.

É óbvio que, atrás dos termos citados pelo cavalheiro, encontram-se realmente os diversos funcionalismos de minha própria Consciência; utilizo tais palavras da linguagem como veículos específicos para meus conceitos de conteúdo.

Em outras palavras, ponho certa ênfase para dizer ao cavalheiro e ao honrável auditório que me escuta, o seguinte: jamais utilizaria as palavras citadas pelo senhor se, antes, não tivesse verificado com meus poderes conscientivos, com minhas faculdades cognoscitivas transcendentais, a verdade de tudo que estou afirmando. Gosto de usar termos precisos com o propósito de dar a conhecer idéias exatas. Isso é tudo!

P. – Venerável Mestre, o senhor mencionou, em sua anterior exposição, a aurora da criação. Poderia nos explicar em que época ocorreu e de quem foi a obra?

V.M. – Distinto cavalheiro, na eternidade não existe o tempo. Quero que todos compreendam perfeitamente que o tempo não tem um fundo real, uma origem autêntica ou legítima.

Certamente, em nome da verdade, devo lhe dizer que o tempo é algo meramente subjéitivo, que não possui uma realidade objéitiva, concreta e exata; o que existe é uma sucessão de fenômenos: nasce o sol, e exclamamos: “São seis da manhã”; oculta-se o sol, e dizemos: “São seis da tarde; transcorreram 12 horas”.

Mas em que parte do cosmo estão essas horas ou esse tempo? Acaso podemos agarrá-lo com a mão, pô-lo sobre uma mesa de laboratório? De que cor é esse tempo, de que metal ou substância é feito?

Vamos refletir, senhores! Reflitamos um pouco! É a mente que inventa o tempo; na verdade, o que existe de forma objetiva, é tão só a sucessão de fenômenos naturais.

Infelizmente, cometemos o erro de pôr o “tempo” a cada movimento cósmico. Entre o nascer e o pôr do Sol colocamos nossas queridas horas, inventadas ou associadas ao movimento dos astros; mas essas horas são apenas uma fantasia da mente.

Os fenômenos cósmicos sucedem-se dentro do instante eterno da grande vida em seu movimento. No Sagrado Sol Absoluto, nosso universo existe como um todo integral, unitotal, completo. Nele se processam todas as mudanças cósmicas dentro de um momento eterno, dentro de um instante que não tem limites.

Torna-se claro e óbvio que, ao se cristalizarem os distintos fenômenos sucessivos deste universo, vem à nossa mente o conceito de ‘tempo’; mas esse conceito subjetivo, sempre é posto entre um fenômeno e outro.

Realmente, o Logos Solar, o Demiurgo Arquiteto do Universo é o verdadeiro autor de toda esta criação. No entanto, não podemos pôr uma data em sua obra, em sua cosmogênese, porque o ‘tempo’ é uma ilusão da mente, e isso está bem além do mero processo intelectualivo.

O Inferno ou os mundos inferiores existem desde toda a eternidade. Lembremo-nos daquela frase de Dante em sua **Divina Comédia**:

“Por mim se vai à cidade do pranto, por mim se vai à eterna dor, por mim se vai à raça condenada. Justiça animou meu sublime Criador, que me fez com o divino poder, a Suprema Sabedoria e o primeiro Amor. Antes de mim, coisa alguma foi criada, exceto as coisas eternas, e eternamente eu perduro. Ó vós que entraís, abandonai toda a esperança.” [Canto 3 – Divina Comédia]

P. – Venerável Mestre, segundo pude perceber, o Mestre G coloca o mundo de 96 leis na Lua. O senhor, pelo contrário, afirma que essa região se encontra debaixo da epiderme do planeta em que vivemos. Poderia me explicar a razão desta divergência de conceitos?

V.M. – Respeitado senhor, apresso-me a dar resposta à sua pergunta... Certamente o Mestre G pensa que o Raio da Criação termina na Lua, enquanto que eu afirmo, de forma enfática, que este termina nos mundos submersos, no Inferno.

A Lua é algo diferente, distintos senhores; pertence ao passado Dia Cósmico; é um mundo morto, um cadáver. As viagens dos astronautas ao nosso satélite vieram demonstrar, de forma contundente e definitiva, o fato irrefutável de que a Lua é um mundo morto.

Não sei como o Mestre G se equivocou em seus cálculos. Qualquer lua do infinito espaço é sempre um cadáver; infelizmente o Mestre G acreditou firmemente que, em nosso sistema solar, a Lua é um mundo novo que surge do caos, que estava nascendo.

Porém, num passado Dia Cósmico, a Lua teve vida em abundância; foi um maravilhoso planeta do espaço, porém já morreu; no futuro, haverá de se desintegrar totalmente. Isso é tudo!

P. – Querido Mestre, ainda de acordo com o Mestre G, a Lua se formou de um desprendimento de matéria terrestre, devido às tremendas forças magnéticas de atração, dentro das leis de gravidade, formando um mundo novo, onde, seguramente, ingressam as Almas perdidas para sofrer nessas regiões infradimensionais do Averno. Isso quer dizer que o Mestre G chegou a esta conclusão porque suas faculdades cognitivas eram limitadas?

V.M. – Ouvei sua pergunta e fico feliz em poder respondê-la. De modo algum quero subestimar as faculdades psíquicas do Mestre G. Obviamente ele cumpriu uma missão maravilhosa e seu trabalho é esplêndido. No entanto, todo homem tem direito de se equivocar. É possível que ele tenha tomado esta informação, relacionada à Selene, de alguma lenda, de alguma fonte, de alguma alegoria, etc. Em todo caso, nós afirmamos de forma enfática aquilo que nos consta, que pudemos verificar por nós mesmos diretamente, sem menosprezar o trabalho de nenhum outro Mestre.

Que de alguma colisão entre a Terra e outro planeta tenha partido a Lua ou que ela tenha emergido do Pacífico, como sustenta outro respeitável Mestre, são conceitos que respeitamos, porém não pudemos evidenciar de forma concreta e prática.

Afirmo, de forma contundente e com certa ênfase, e me limito exclusivamente a expor com minha razão objetiva o que por mim mesmo pude ver, tocar e apalpar. Jamais, em todo o cosmo, chegamos a saber que alguma lua tenha se convertido em mundo habitável. Qualquer Iniciado bem desperto sabe, por

experiência direta, que os mundos, as plantas e tudo o que existe, nasce, cresce, envelhece e morre.

É evidente que qualquer planeta, quando morre, de fato e por direito próprio, se converte em cadáver, em lua. Nosso planeta Terra não será uma exceção; podem estar seguros, senhoras e senhores, que depois da sétima raça humana, a Terra se converterá também em uma nova lua.

Portanto, sejamos exatos... Eu sou matemático na investigação e exigente na expressão. Temos métodos, sistemas e procedimentos, mediante os quais podemos e devemos nos pôr em contato com esses mundos infernais; então reconheceremos a crua realidade da **Divina Comédia** de Dante, que situa o Inferno debaixo da epiderme do planeta Terra.

CAPÍTULO 4

MÔNADAS E ESSÊNCIAS



Queridos amigos, novamente nos reunimos aqui neste local para conversar detidamente sobre as distintas causas que conduzem os humanóides intelectuais pelo caminho descendente, para as regiões infernais.

É inquestionável que nestes instantes milhões de criaturas involutivas, descendentes, estão atravessando o Aqueronte, para ingressar no Averno.

Ondas de humanóides, depois de completarem o ciclo de existências no mundo físico tridimensional de Euclides, deixam de tomar corpo humano para submergir no reino mineral.

Certamente, o mal do mundo, por monstruoso que seja, tem um dique, um limite definido. Que seria do universo se não existisse um limite final para o mal? É óbvio então que o mal se desenvolveria infinitamente, até reinar de forma soberana em todas as Esferas.

Cabe aqui destacar com total clareza a tremenda realidade das 108 existências que são atribuídas a cada Essência vivente, a cada princípio anímico divino.

Isso nos faz lembrar das 108 contas do colar de Buddha e das 108 voltas que o [sacerdote] brâhmane da Índia realiza ao redor da Vaca Sagrada. É indubitável que com a última dessas voltas finaliza seu rito diário; então, introduz a ponta da cauda do citado animal alegórico dentro do vaso de água que vai beber.

Entendido tudo isso, podemos prosseguir... É óbvio que a Divina Mãe Kundalini, a Serpente Ígnea de nossos mágicos poderes [a Vaca Sagrada], trabalha para conseguir nossa auto-realização íntima durante o decurso das 108 existências atribuídas a cada um de nós. De forma ostensível, dentro do ciclo das sucessivas vidas, temos inumeráveis oportunidades para a auto-realização;

aproveitá-las é o mais indicado. Infelizmente, reincidimos incessantemente no erro; o resultado, ao fim, costuma ser o fracasso.

Portanto, torna-se claro e evidente que nem todos os seres humanos querem trilhar a Senda [Iniciática] que nos conduz à liberação final.

Os distintos Mensageiros que vieram do Alto – os Profetas, Avatares, os grandes Apóstolos – sempre sinalizaram com exatidão a rochosa Senda que conduz à autêntica e legítima felicidade.

Desgraçadamente, as pessoas nada querem com a sabedoria divina; encarceraram os Mestres, assassinaram os Avatares, banharam-se com o sangue dos justos e [até hoje] odeiam mortalmente tudo que tenha sabor divino.

No entanto, todos – como Pilatos – lavam as mãos; crêem-se santos e supõem que marcham pelo caminho da perfeição.

Não podemos negar o fato contundente e definitivo de que existem milhões de equivocados sinceros, que muito honradamente se consideram virtuosos e pensam de si mesmos o melhor.

No Tártaro vivem anacoretas de todo tipo; místicos equivocados; sublimes faquires; sacerdotes dos diversos cultos; penitentes de todo tipo que aceitam tudo, menos a tremenda verdade de que estão perdidos e que marcham pelo caminho da maldade.

Com justa razão disse o Grande Kabir Jesus:

“De mil que me buscam, um me encontra; de mil que me encontram, um me segue; de mil que me seguem, um é meu.”

O Bhagavad-Gita diz textualmente:

“Entre milhares de mortais, poucos se esforçam para atingir a perfeição, e entre os que conseguem atingi-la, poucos são os que Me conhecem em essência.” [Bhagavad-Gita, Canto VII, Verso 3]

Jesus, o Grande Kabir, põe ênfase na dificuldade para entrar no Reino:

“Mas, ai de vós, escribas e fariseus hipócritas! Porque cerrais o Reino dos Céus diante dos homens, pois não entraís vós, nem deixais entrar os que estão entrando. Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas! Porque devorais as casas das viúvas e, como pretexto, fazeis longas orações. Por isto recebereis maior condenação.” [Mateus 23:13-14]

O grande Kabir, referindo-se a tantos falsos apóstolos que andam por aí fundando diversas seitas, que jamais conduzirão à liberação final, diz:

“Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas! Porque percorreis mar e terra para fazer um prosélito e, uma vez feito, o fazeis duas vezes mais filho do Inferno que vós.” [Mateus 23:15]

O grave, distintos amigos, nobres irmãos, respeitáveis damas, é que aqueles que estão perdidos, os equivocados sinceros, sempre pensam que estão indo muito bem. Como fazer para as pessoas compreenderem que vão de mal a pior? Como fazer-lhes entender que o caminho que conduz ao Abismo está calçado de boas intenções? De que forma podemos demonstrar às pessoas de consciência adormecida que a seita à qual pertencem ou a escola tenebrosa à qual se filiaram há de conduzi-los ao Abismo e à segunda morte?

É inquestionável que ninguém pensa o pior de sua seita. Todos estão convencidos das palavras dos cegos guias de cegos.

Certamente, em nome da verdade, temos que dizer com total franqueza, que só despertando a Consciência poderemos ver o caminho apertado, estreito e difícil que conduz à luz. Como poderiam ver a Senda aqueles que dormem? Acaso a mente pode descobrir a verdade?

Está escrito com palavras de ouro no grande livro da vida universal que a mente não pode reconhecer o que jamais conheceu. Credes vós, acaso, que a mente alguma vez conheceu *Isso* que é o Real, a Verdade?

É ostensível que o entendimento vai do conhecido ao desconhecido; move-se dentro de um círculo vicioso; porém ocorre que a verdade é o desconhecido de cada instante.

Rogo-vos, queridos irmãos, nobres amigos, distintas damas, que reflitam um pouco. A mente pode aceitar ou rechaçar o que quiser; pode crer ou duvidar; etc., porém jamais poderá conhecer o Real.

Observai cuidadosamente o que acontece nos distintos rincões do mundo. É ostensível que por todo lugar circulam os livros sagrados que servem de fundamento a muitos cultos religiosos.

No entanto, quem entende os conceitos dos conteúdos desses livros? Quem tem plena consciência do que está escrito em cada versículo? As multidões apenas se limitam a crer ou a negar; isso é tudo.

Como prova do que estou afirmando, observem quantas seitas se formaram com os maravilhosos versículos dos quatro evangelhos cristãos.

Se os devotos tivessem plena consciência do crístico evangelho predicado pelo Grande Kabir Jesus, é óbvio que não existiriam tantas seitas. Na verdade, haveria uma só religião crística de tipo cósmico-universal.

No entanto, os crentes não conseguem pôr-se de acordo, porque têm a Consciência adormecida; nada sabem, nada lhes consta, nunca observaram pessoalmente um anjo, jamais entraram consciente e positivamente nas regiões celestes. Andam porque outros andam; comem porque outros comem; dizem o que os outros dizem; e assim marcham, do berço ao sepulcro, com uma venda nos olhos.

Desgraçadamente, o tempo passa com uma rapidez aterradora. Findo o ciclo de existências humanas e convencidos de que vão pelo caminho reto, os devotos ingressam na terrível morada de Plutão, onde somente se escuta o pranto e o ranger de dentes.

A descida das ondas humanas ao interior do organismo planetário realiza-se passando pelas escalas animal e vegetal, até ingressar definitivamente no estado mineral, no próprio centro do planeta Terra.

Quero que saibam, quero que todos compreendam que é no próprio centro deste planeta que milhões de humanóides passam pela segunda morte da qual nos fala o Apocalipse de São João.

É evidente que a destruição do 'si mesmo', a aniquilação do 'ego', a dissolução do 'si mesmo', nas regiões submersas do Averno, é absolutamente indispensável para a destruição do mal dentro de cada um de nós.

Obviamente, só mediante a morte do ego faz-se possível a liberação da Essência. Então, esta ressurge, sai novamente à superfície planetária, à luz do Sol, para reiniciar um novo processo evolutivo dentro da dolorosa Roda do Samsara.

Essa nova subida ocorre percorrendo-se os estados mineral, vegetal e animal, até reconquistar o estado humanóide que outrora possuía.

É claro que com o reingresso a este estado humano, novamente nos é atribuído um novo ciclo de 108 existências, que se não for aproveitado como é devido, outra vez ingressaremos no caminho descendente, regressando ao Averno.

Em todo caso, queridos irmãos, nobres damas que me escutam, é bom que saibam que a cada Essência, que a cada Alma, são atribuídos 3.000 desses ciclos de manifestação cósmica.

Aqueles que fracassam em definitivo, aqueles que não sabem aproveitar as inumeráveis oportunidades que esses 3.000 períodos nos oferecem, para sempre ficarão excluídos da Maestria.

Em ocorrendo isso, a Chispa imortal que todos levamos dentro, a Mônada sublime, recolhe sua Essência, ou seja, seus princípios anímicos, absorvendo-os em si mesma; em seguida, submerge no Espírito Universal da Vida para sempre.

Assim, pois, as Mônadas sem Maestria, aquelas que não se auto-realizaram ou não quiseram a Maestria, ficam excluídas da escala hierárquica.

Esclareço: nem todas as Chispas imortais, nem todas as Mônadas sublimes querem a Maestria. Quando uma Mônada, quando uma Chispa divina realmente quer alcançar o sublime estado de Mônada-Mestre, é indubitável que então trabalha a sua Essência, a sua Alma, despertando nela infinitos anelos de espiritualidade transcendente.

P. – Querido Mestre, por tudo o que o senhor acaba de expor, se não me equivoco, parece que é a mesma coisa que quis dizer o Senhor Krishna, quando falou da transmigração das Almas, e também o Mestre Pitágoras, quando se referiu à metempsicose. É isso mesmo?

V.M. – Escuto a palavra do cavaleiro que fez a pergunta; é claro que me apresso a respondê-la...

Amigos, senhoras e senhores! Certamente, isto que estou afirmando esta noite, está bem documentado na Índia e na Grécia. A primeira, com a maravilhosa doutrina trazida pelo antigo avatar hindu, chamado Krishna; a segunda, com a doutrina de Pitágoras.

Obviamente, a metempsicose do grande filósofo grego e a doutrina da transmigração das Almas, ensinada pelo avatar hindu, são idênticas na forma e no fundo.

Infelizmente, as pessoas tergiversam o ensinamento e, por último, o rechaçam de forma arbitrária.

P. – Preclaro Mestre, o que não compreendo é a razão pela qual distintas figuras reconhecidas como Mestres, como a senhora H.P.B. e Charles Leadbeater, bem como Annie Besant, fundadores da Sociedade Teosófica, e pessoas com faculdades de clarividência, clariaudiência e outros poderes,

nunca repararam nos fatos que tanto o Grande Kabir Jesus como Krishna, Pitágoras e o senhor ensinaram; pelo contrário, preconizaram em seus vastos tratados de grande reconhecimento mundial pelas escolas pseudo-esotéricas, que o homem inexoravelmente caminha pela via ascendente da evolução, até que um dia, no decorrer dos tempos, chega à perfeição e a ser uno com o Pai. Pode nos explicar tal incongruência?

V.M. – Escuto a um senhor que faz uma pergunta muito importante e é inquestionável que me apresso a respondê-la da melhor forma.

Certamente, as Leis da Evolução e da Involução trabalham de forma harmoniosa e coordenada em toda a natureza. É indubitável que a cada subida sucede uma descida, a cada ascenso, um descenso.

Portanto, seria um absurdo supor que a Lei da Evolução fosse algo diferente. Se subimos por uma montanha, indubitavelmente chegaremos ao topo, mas depois temos que descer. Assim é a Lei da Evolução e da Involução, meus queridos irmãos.

Estas duas grandes leis constituem o eixo mecânico de toda a natureza. Se qualquer destas duas leis deixasse de funcionar, ainda que por um momento, paralisariam, de fato, todos os mecanismos naturais.

Há evolução no grão que germina, cresce e se desenvolve; existe involução no vegetal que murcha e morre. Há evolução na criatura que se desenvolve dentro do ventre materno, na criança que nasce, no adolescente, no jovem; existe involução naquele que envelhece e morre.

Os processos evolutivos e involutivos se acham completamente ordenados dentro da grande criação.

Infelizmente, aqueles que se engarrafaram no dogma da evolução, não são capazes de compreender os infinitos processos destrutivos e decadentes de tudo que é, foi e será.

Nem a evolução nem a involução poderão nos levar à auto-realização íntima do Ser. Se realmente queremos nos liberar, se de forma séria anelamos a autêntica felicidade, necessitamos de forma urgente e inadiável marchar pela Senda da Revolução da Consciência.

Não é demais enfatizar a idéia transcendental e transcendente de que não é possível chegar à Grande Realidade enquanto giremos incessantemente na Roda do Samsara.

De que serve, senhoras e senhores, retornar incessantemente a este vale de lágrimas, evoluir e involuir constantemente, e uma e outra vez baixar aos mundos infernais?

É nosso dever despertar a Consciência para ver o caminho que nos conduz, com precisão absoluta, à liberação final.

É inquestionável que muitas ilustres inteligências do saber oculto transmitiram à humanidade, em finais do século passado [final do século XIX] e princípios do presente [século XX], um ensinamento elementar, simples.

É claro que tais pessoas só se propuseram a ensinar publicamente as primeiras letras da Doutrina Secreta. Portanto, não se detiveram muito na análise das leis evolutivas e involutivas.

Já em 1912, Rudolf Steiner asseverava que eles, os Iniciados daquela época, só haviam entregue um ensinamento incipiente, elementar, mas que, mais tarde, seria dada à humanidade uma doutrina esotérica superior, de ordem transcendental.

Agora estamos entregando esse tipo de doutrina esotérica superior. Portanto, é indispensável não condenar ou criticar aqueles que no passado trabalharam, de alguma forma, em favor da humanidade; eles fizeram o que puderam; agora devemos elucidar e aclarar.

P. – Mestre, o senhor dizia que algumas Mônadas têm interesse em se auto-realizar e outras não, apesar de todas emanarem do Absoluto. Eu conceituava que todas tinham o dever de buscar sua auto-realização... Poderia me explicar um pouco mais sobre isto?

V.M. – Escuto a palavra de um jovem e com o maior gosto vou responder. Antes de tudo, amigos, quero que compreendam que o Divino, Deus, o Espírito Universal de Vida, não é ditatorial.

Se *Isso* que é o Real, se *Isso* que é a Verdade, se *Isso* que não é do tempo fosse ditatorial, que sorte poderíamos aguardar?

Amigos, Deus respeita a si mesmo, sua própria liberdade. Com isso, quero dizer que no seio divino não existem ditaduras. Cada Chispa virginal, cada Mônada tem plena liberdade para aceitar ou rechaçar a Maestria. Entendido?

P. – Com isto que acaba de nos explicar, Mestre, poderíamos dizer que a Mônada é responsável de a Essência ir ao Inferno?

V.M. – Vejo no auditório uma dama que, com toda sinceridade, me faz uma pergunta, e é evidente que me alegra respondê-la.

Senhoras e senhores, quando uma Mônada divina quer a Maestria, é ostensível que o consegue trabalhando incessantemente a Essência no interno, no mais profundo.

Torna-se claro e evidente que, se a Mônada não está interessada na Maestria, jamais despertará na Essência encarnada, nenhuma aspiração íntima. Obviamente, nesse caso, a Essência, desprovida de qualquer anelo, enfrascada no ego, embutida no ‘mim mesmo’, ingressará nos mundos infernais.

Portanto, dessa forma respondo enfaticamente dizendo: sim, a Mônada é responsável pelo fracasso da Essência. Se a Mônada realmente trabalhasse sua Essência de forma profunda, sem dúvida esta última jamais desceria, fracassada, ao Tártaro.

P. – Mestre, fico pasmo só em pensar que minha Essência tenha que passar por sofrimentos durante 108 vidas multiplicadas por 3.000 ciclos, ou seja, 324.000 existências humanas para, ao final das contas, chegar a viver no Absoluto em forma de Mônada fracassada, ou seja, sem auto-realização. Nestas circunstâncias, bem vale a pena fazer todos os esforços e sacrifícios possíveis para me auto-realizar agora, por mais sofrimentos que isso acarrete, já que não são absolutamente nada em comparação com o que a natureza me imporá se escolher o caminho do fracasso, não é assim?

V.M. – Distinto senhor, grande amigo! Permita-me dizer-lhe de forma enfática, que cada Chispa divina, que cada Mônada pode eleger o caminho.

É indubitável que no espaço infinito existem trilhões de Mônadas absolutamente inocentes, que vivem muito além do bem e do mal.

Muitas dessas tentaram alcançar a Maestria, mas infelizmente fracassaram; milhões de outras jamais quiseram a Maestria. Agora, submergidas no seio do Espírito Universal de Vida, gozam da autêntica felicidade divina, porque são centelhas da divindade, mas não possuem Maestria.

O cavalheiro que faz a pergunta é claro que tem enormes inquietudes; isso se deve a que sua Mônada interior o anima e o trabalha incessantemente. Por-

tanto, seu dever é marchar com firmeza pela Senda do Fio da Navalha, até conseguir a auto-realização íntima do Ser.

P. – Mestre, a isso se deve o fato de muitas pessoas, que recebem os ensinamentos gnósticos, mesmo captando perfeitamente o que é dito, não se decidem a seguir o caminho da Revolução da Consciência? Quer dizer que sua Mônada não as trabalha para que sigam o caminho da auto-realização?

V.M. – Ao jovem que faz a pergunta, vou responder-lhe dizendo que necessitamos de reflexão profunda para enfocar essa questão sob diversos ângulos.

Acontece que a muitas Mônadas agrada marchar lentamente, com o risco de que suas Essências fracassem em cada ciclo de humanas existências; outras, preferem trabalhar suas Essências de forma intermitente, de vez em quando; por último, temos Mônadas que definitivamente jamais trabalham sua Essência.

Portanto, este é o motivo pelo qual nem todas as pessoas que escutam o ensinamento, o aceitam de fato. Entretanto, por exemplo, é conveniente saber que se alguém na presente existência não aceitar o evangelho da Era de Aquário, poderá aceitá-lo em vidas futuras, desde que não tenha chegado ao fim do ciclo humano de 108 existências.

P. – Mestre, essas Mônadas que jamais se interessaram por trabalhar suas Essências, pertencem somente ao planeta Terra ou também existem em outros planetas?

V.M. – Jovem amigo, lembre-se da Lei das Analogias Filosóficas, da Lei das Correspondências e da Numerologia: tal como é acima, é abaixo.

A Terra não é o único planeta habitado do espaço estrelado. A pluralidade dos mundos habitados é uma tremenda realidade. Isso nos convida a compreender que as Mônadas de outros planetas também gozam de plena liberdade para aceitar ou rechaçar a Maestria.

Personalidade é diferente. Com isso quero dizer de forma enfática o seguinte: nem todas as humanas personalidades existentes nos outros mundos habitados do espaço infinito caíram tão baixo como nós, os habitantes da Terra.

Amigos! Nas diversas esferas [planetas] do infinito existem humanidades planetárias maravilhosas, que marcham de acordo com as grandes leis cósmicas. Porém, repito: nem todas as Mônadas querem a Maestria.

Infernos existem em todos os mundos, em todas as galáxias; mas nem todos os infernos planetários estão habitados.

O Sol, por exemplo, é um astro maravilhoso que, com sua luz, ilumina todos os planetas do sistema solar de *Ors*. Mas é interessante saber que os mundos infernais do astro-rei estão completamente limpos. Obviamente, neste brilhante sol não é possível encontrar fracassos cósmicos; nenhum de seus habitantes marcha pela involução submersa. As criaturas que vivem no astro-rei são completamente divinas, são espíritos solares.

É conveniente não esquecer também que qualquer unidade cósmica que surge à vida possui um reino mineral submerso nas infradimensões naturais.

Existem mundos cujo reino mineral submerso está densamente povoado; entre eles, nosso planeta Terra. Isso indica e sinaliza o fracasso de muitas Mônadas.

No entanto, precisamos aprofundar um pouco mais essa questão, e entender, com total clareza, que a descida de qualquer Essência à horripilante morada de Plutão, nem sempre significa fracasso definitivo.

É ostensível que o fracasso final somente se dá para as Essências e Mônadas que não alcançaram a auto-realização íntima ao longo dos 3.000 ciclos ou períodos existenciais. Melhor diríamos: nas 3.000 voltas da Roda de Samsara, pois, ao chegar à última destas voltas – como já disse tantas vezes – as portas se fecham definitivamente.

CAPÍTULO 5

PRIMEIRO CÍRCULO DANTESCO OU DA LUA



Caros amigos, na reunião de hoje vamos estudar o primeiro círculo dan-tesco dos mundos infernais...

É indubitável que esta primeira região submersa corresponde ao *Limbus*, ao *Orco* dos clássicos, citado por Virgílio, o poeta de Mântua.

Foi-nos dito, com total claridade, que essa zona mineral está vivamente representada por todas as cavernas do mundo, as quais, unidas astralmente, formam a primeira região submersa de nosso planeta.

Diz o velho florentino Dante que nessa região “encontrou todos aqueles inocentes que morreram sem haver recebido as águas do batismo”. Entenda-se tudo isso de forma estritamente simbólica.

Se nós estudarmos cuidadosamente o **Ramaiana**, o livro sagrado dos hindus [que trata da ‘Jornada de Rama’], com assombro místico podemos evidenciar o fato contundente e definitivo de que o Sacramento do Batismo é muito anterior à era cristã. No **Ramaiana** podemos verificar o insólito caso de Rama, que recebeu o batismo de seu guru.

NT – Rama foi o sétimo avatar de Vishnu; nasceu e viveu num tempo anterior a Krishna, este considerado o oitavo avatar ou encarnação de Vishnu.

É inquestionável que nos antigos tempos ninguém recebia a água batismal sem antes haver sido plenamente instruído sobre os mistérios do sexo. Portanto, o Sacramento do Batismo é um pacto de magia sexual. É algo extraordinário saber que antigamente, ao se ingressar em qualquer Escola de Mistérios, o primeiro que se recebia era o Sacramento do Batismo.

É indispensável e urgente transmutar as águas puras da vida [águas genesíacas] no vinho de luz do alquimista. Só assim é possível obter a auto-realização íntima do Ser.

No Orco dos clássicos, no Limbo, encontramos muitos homens ilustres que morreram sem haver recebido as águas do batismo; equivocados sinceros, cheios de magníficas intenções, porém equivocados; pessoas que acreditavam ser possível a liberação sem necessidade da magia sexual.

Portanto, é na primeira região sublunar, debaixo da epiderme deste planeta em que vivemos, onde os falecidos moram frios e sepulcrais.

Sentimos verdadeira tristeza e suprema dor ao contemplar milhões de desencarnados vagando com a Consciência adormecida na região dos mortos. Ali estão todos como sombras frias, como espectros da noite, com a Consciência profundamente adormecida.

As sombras dos mortos vão e vêm por todas as partes no primeiro círculo dantesco; ocupam-se com as mesmas atividades diárias que realizavam durante a vida que passou, sonhando com as recordações do ontem e vivendo no passado.

P. – Mestre, o senhor nos explicou que na primeira região subterrânea lunar, denominada Limbo, habitam as Almas dos que não foram batizados, entendendo-se por ‘batismo’ um pacto de magia sexual. Isso me leva a fazer a seguinte pergunta: Acaso todos os seres que não tenham praticado magia sexual penetram na citada região automaticamente ao desencarnar?

V.M. – Distinto amigo, sua pergunta é muito interessante e me apresso a respondê-la.

Quero que todos compreendam que a primeira região submersa é como a ante-sala do Inferno. Obviamente, ali vivem as sombras de nossos seres queridos, milhões de seres humanos que jamais transmutaram as águas seminais no vinho de luz da Alquimia.

Bem poucas são as Essências, as Almas, que depois da morte, conseguem umas ‘férias’ nos mundos superiores. É indubitável que a maior parte dos seres desencarnados retorna de imediato a um novo corpo humano, após haver passado uma temporada no Limbo, antes de ganhar um novo corpo.

No entanto, devido ao estado crítico em que atualmente vivemos, inumeráveis falecidos submergem definitivamente nos mundos inferiores, passando

pelas esferas tenebrosas da Lua, Mercúrio, Vênus, Sol, Marte, Júpiter, Saturno, Urano e Netuno.

A última dessas regiões é definitiva. Ali os perdidos passam pela desintegração final, pela tão indispensável segunda morte. Graças a esta espantosa aniquilação, a Essência, a Alma consegue se libertar das regiões do Tártaro, para ascender à superfície planetária e reiniciar uma nova evolução que sempre, inevitavelmente, principia no reino mineral.

P. – Mestre, como devemos entender a afirmação da Igreja Católica Romana quando diz que para o Limbo vão as ‘crianças inocentes’?

V.M. – Distinto amigo, ‘crianças inocentes’ deve ser entendido de forma simbólica, alegórica.

Interprete-se a palavra ‘inocentes’ não em sua forma original pura, senão como ‘ignorância radical’. Certamente, aquele que desconhece os Mistérios do Sexo é ignorante, ainda que se presuma de sábio e possua vasta erudição.

Lembre-se que há muitos ignorantes ilustrados que não somente ignoram, mas que, pior ainda, ignoram que são ignorantes, entendido?

P. – Mestre, o senhor quer dizer então que uma pessoa que não tenha fabricado seus corpos solares não foi batizada?

V.M. – Distinto jovem, sua pergunta muito me alegra porque nos dá a oportunidade de uma bela explicação.

As Sagradas Escrituras falam claramente do traje de bodas da Alma, do *To Soma Heliakon*, do corpo de ouro do homem solar, viva representação dos corpos supra-sensíveis que toda criatura humana deve formar.

Em nossos passados livros já falamos claramente sobre o trabalho relacionado à criação dos corpos existenciais do Ser e, por isso, creio que nossos estudantes gnósticos poderão nos entender agora.

NT – Ver *O Matrimônio Perfeito, Os Mistérios Maiores e As Três Montanhas*, já editados pela IGB-Edisaw.

É indubitável que o animal intelectual, equivocadamente chamado homem, não possui ainda esses corpos superiores; portanto, deve criá-los trabalhando na Forja Ardente de Vulcano (o sexo).

Vem-me à memória, nestes instantes, o caso de um amigo que desencarnou há alguns anos; era um gnóstico convencido, mas que ainda não havia elaborado seus corpos existenciais do Ser; pude evidenciar isso na região dos mortos, no Limbo.

Encontrei-o fora do corpo físico; tinha aspecto gigantesco; seu rosto era espectral, característico do panteão ou cemitério.

Andei com ele por distintos lugares e diversas ruas de uma cidade que, evidentemente, estava localizada sob a região tridimensional de Euclides, no Limbo.

– Você já morreu, disse-lhe.

– Como? Impossível! Estou vivo! foi sua resposta.

Ao passar perto de uma régia mansão, fi-lo entrar com o propósito de que se olhasse num espelho. Ele obedeceu minha indicação e, então, o vi muito surpreso.

– Trate de flutuar, continuei dizendo. – Dê um pulinho para que se convença de que já está morto.

Aquele fantasma, obedecendo, quis voar; mas o vi precipitar-se de cabeça para baixo, ao invés de subir como as aves. Nesses instantes, assumiu diversas figuras animalescas.

– Tens agora forma de cavalo, de cachorro, de gato, de tigre – fui lhe dizendo conforme suas distintas facetas animalescas se ressaltavam.

Certamente, aquele fantasma era formado por um conjunto de eus briquentos e gritões que se penetravam e compenetravam mutuamente, sem se confundir.

Inúteis foram meus esforços. Aquele desencarnado não pôde me entender; era um habitante da região dos mortos, um amontoado de ‘eus’ personificando seus defeitos psicológicos.

Apesar daquele amigo ter conhecido a Gnose, não havia ainda conseguido elaborar seu corpo astral. Agora, diante da minha vista, eu só tinha um conjunto de fantasmas, dando a impressão de uma personalidade de fachada.

É óbvio que tal sujeito não havia recebido o Sacramento do Batismo; noutras palavras, podemos dizer que não havia transformado as águas puras da vida no vinho da luz dos alquimistas.

P. – Mestre, quer dizer então que os que vivem na região dos mortos ou no Limbo sempre terão a oportunidade de retornar a uma nova matriz?

V.M. – Distinto amigo, não se esqueça que o Deus Mercúrio, com seu Cadeuceu, sempre resgata as Almas submersas no Orco, com o propósito de reincorporá-las em um novo organismo. Só assim é possível que um dia possamos ser batizados de verdade, compreende?

P. – Querido Mestre, entendo que no Limbo ingressam a Essência e os eus dos falecidos; porém o Limbo não é uma região de sofrimentos. Está correto esse meu entendimento?

V.M. – Distinto cavalheiro, já que você fala sobre Essência e sobre ‘eus’, é bom que coloquemos as cartas na mesa de uma vez por todas, para esclarecer conceitos e definir posições doutrinárias.

Muitos crêem que o ego, o eu, o mim mesmo, o si mesmo, é algo individual. Assim supõem equivocadamente os múltiplos tratadistas da moderna psicologia. Mas nós, os gnósticos, vamos mais longe; gostamos de aprofundar, penetrar em todos os mistérios, inquirir, indagar, etc.

O eu não possui nenhuma individualidade; é uma soma de diversos agregados psíquicos que personificam nossos defeitos psicológicos; é um punhado de erros, paixões, ódios, temores, vinganças, ciúmes, ira, luxúria, ressentimentos, apegos, cobiças, etc.

Estes diversos agregados têm variadas formas animalescas nas regiões hipersensíveis da natureza. Ao morrermos, todo esse conjunto de eus brigões e gritões, toda essa variada gama de agregados psíquicos, continua viva além do sepulcro.

Dentro de tais valores negativos [os egos] acha-se enfrascada nossa Essência anímica, o material psíquico. Portanto, é ostensível que tal matéria anímica, embutida dentro do ego, submerge no Orco, no Limbo, para retornar um pouco mais tarde a este mundo físico.

P. – Mestre, para uma pessoa adormecida comum e corrente, o Limbo seria uma continuação de sua vida?

V.M. – Amigo, jovem que faz a pergunta, considero que ela está um pouco equivocada; é necessário perguntar melhor para esclarecer...

Não existe nenhum amanhã para a personalidade do morto. Toda personalidade é filha de seu tempo; nasce em seu tempo e morre em seu tempo.

Aquilo que continua além do sepulcro é o ego, a soma de diversos agregados psíquicos animais e brutais. Quando eu contemplava o amigo do relato anterior, pude entender que a personalidade dele havia sido aniquilada. Tudo o que tinha diante dos meus olhos, era uma soma de grotescas figuras animais, penetrando-se e compenetrando-se mutuamente, para dar uma falsa aparência de personalidade sepulcral, fria e espectral. Que ocorreu com meu amigo? Onde estava?

Como não havia fabricado o corpo astral, é óbvio que tinha deixado de existir. Se meu amigo tivesse fabricado um corpo astral, mediante a transmutação sexual, se realmente tivesse praticado magia sexual, é claro que teria fabricado o veículo sideral, e então teria continuado com sua personalidade astral nas regiões hipersensíveis da natureza. Mas, infelizmente, este não foi o caso...

Portanto, ser batizado implica haver praticado magia sexual. Quem assim não procedeu, não recebeu as águas sacramentais; é um habitante do Limbo.

P. – Mestre, essa falsa personalidade, formada pelos grotescos eus desse que foi seu amigo, poderia chegar a se tornar seu inimigo nessa região sem futuro?

V.M. – Jovem amigo, é urgente que você compreenda que o ego é constituído por muitos eus; alguns desses podem ser nossos amigos ou nossos inimigos.

Sem dúvida, alguns eus daquele fantasma ao qual me referi, continuam sendo meus amigos, mas outros, é óbvio, podem ser inimigos ou simplesmente grotescos fantasmas indiferentes.

Em todo caso, o ego é que retorna desde a região do Limbo, para repetir neste mundo físico todos os dolorosos dramas das existências passadas.

A personalidade, como já disse, é perecedoura; não retorna jamais; isto é algo que você deve compreender claramente. Portanto, saiba diferenciar ego de personalidade, compreende?

P. – Mestre, devo entender que o verdadeiro Sacramento do Batismo só pode ser recebido por aquele que se lança no Caminho do Fio da Navalha?

V.M. – Distinto senhor, o autêntico Sacramento do Batismo – como já disse nesta conferência – é um pacto de magia sexual.

Infelizmente, as pessoas passam pela cerimônia batismal, pelo rito, porém jamais cumprem o pacto; por conta disso, ingressam no Limbo.

Se as pessoas cumprissem com esse pacto religioso, entrariam plenamente na Senda do Fio da Navalha, naquele caminho citado pelo Cristo, quando disse:

“Estreita é a porta e difícil o caminho que conduz à luz e bem poucos são os que o acham.” [Mateus 7:14]

É indispensável saber que o caminho secreto que conduz as Almas até a liberação final é absolutamente sexual.

P. – Mestre, então os desencarnados que têm direito a umas ‘férias’ nos mundos superiores são apenas aqueles que começaram a praticar magia sexual?

V.M. – Distinta senhora, convido-a a compreender que o ego jamais pode entrar nas regiões celestiais. Para os agregados psíquicos só existe o Abismo e a segunda morte, certo?

No entanto, vamos mais fundo, para elucidar e esclarecer esta conferência. Quando o ego ainda não é muito robusto, quando os agregados psíquicos ainda são débeis, a Essência pura, a Alma, consegue se liberar [de seus egos] por algum tempo para entrar nas regiões celestes e gozar de algumas férias, antes de retornar a este vale de lágrimas.

Desgraçadamente, hoje em dia, o ego animal tornou-se muito forte em muitas pessoas; por esse motivo, as Almas humanas já não têm o mérito para tais férias.

Certamente, bem raras são hoje em dia as Almas que conseguem penetrar no *Devachan* [*Devakan*], como dizem os teósofos, ou no Mundo Causal.

Quero que todos compreendam o fato concreto de que bem poucas Almas podem desfrutar durante certo tempo de tão felizes férias, entre sua morte e o novo nascimento.

Essas Almas são o que poderíamos chamar de “gente muito boa”. Por isso a Grande Lei os recompensa depois da morte, entendido?

P. – Mestre, essas Almas que conseguem escapar do ego para desfrutar de umas férias, ao reingressarem em nova matriz, precisam voltar a se engarrar no ego?

V.M. – Amigos, o ego somente pode ser destruído ou aniquilado de duas formas:

Primeiro: mediante o trabalho consciente em nós mesmos e dentro de nós mesmos, aqui e agora.

Segundo: nos mundos infernais, mediante a involução submersa, passando por espantosos sofrimentos.

É inquestionável que as férias celestes não dissolvem o ego. Uma vez que a Essência, a Alma, esgote os frutos de sua recompensa, retorna a este vale de lágrimas, e aqui ficará, previamente, engarrada no seu ego, no eu, no mim mesmo.

P. – Mestre, depois dessas férias, quando a Essência retorna a uma nova matriz engarrada no ego, não traz o anelo de libertar-se para conseguir a auto-realização?

V.M. – Distinta dama, sua pergunta é magnífica! Quero dizer à senhora, de forma enfática, o seguinte: Subir aos mundos superiores nos reconforta e ajuda.

Quando a Essência regressa de umas férias nos mundos superiores de consciência cósmica, vem fortalecida e com maior entusiasmo. Então, luta incansavelmente para conseguir sua liberação total. Contudo, todo o esforço será inútil se não cumprir o pacto de magia sexual contido no Sacramento do Batismo.

P. – Mestre, poderia nos dizer como são as regiões do primeiro círculo dantesco ou da Lua, como se vive e o que é que se faz?

V.M. – Ao cavalheiro que faz a pergunta passo a responder de imediato. O primeiro círculo dantesco, sublunar, representado por todas as cavernas da Terra, visto internamente, é bem interessante.

Aí encontramos a primeira contraparte submersa de nossas cidades, ruas, aldeias, comarcas, regiões, etc. Portanto, não é de se estranhar que nesta região se viva uma vida semelhante à atual. De modo algum devemos ficar assombra-

dos com o fato de os falecidos visitarem as casas onde viveram ou perambularem pelos lugares que antes conheceram, ocupando-se dos mesmos ofícios e trabalhos que costumavam fazer.

Recordo o caso de um pobre carregador de sacos. Depois de desencarnar, seu ego continuava a carregar pesados sacos em suas costas. Quando quis fazê-lo compreender sua situação, quando dei a entender que já estava bem morto e que não tinha mais por que carregar aqueles pesados volumes, sacos ou fardos, olhou-me com olhos de sonâmbulo. Tinha a Consciência adormecida; foi incapaz de me compreender.

Os mortos seguem vendendo ou comprando mercadorias em seus armazéns, dirigindo automóveis, [trabalhando em seus escritórios], etc. – cada qual fazendo os mesmos trabalhos que faziam quando ainda viviam.

É assombroso ver as cantinas e os bares cheios de embriagados desencarnados; ou ver as casas de prostitutas fornicando incessantemente mesmo depois de mortas; etc.

P. – Mestre, que processos seguem os que vivem no Limbo para retornar a este mundo tridimensional?

V.M. – Aqueles que vivem no Limbo devem recapitular a vida que acabam de passar, revivê-la lentamente. Concluído esse processo retrospectivo, todos os atos da vida anterior ficam simplesmente reduzidos a números. Então, os Juizes do Karma nos fazem retornar a este vale de lágrimas com o propósito de corrigir nossos erros e buscar o caminho da liberação final. Isso é tudo!

CAPÍTULO 6

SEGUNDO CÍRCULO DANTESCO OU DE MERCÚRIO



Caros amigos, hoje vamos estudar cuidadosamente o segundo círculo dan-tesco. Quero me referir, de forma enfática, ao aspecto negativo (melhor diría-mos ‘submerso’) do planeta Mercúrio.

Não vamos abordar o céu de Mercúrio. Repito: é indispensável que investi-guemos um pouco o estritamente relacionado com a antítese desse brilhante céu.

Quando penetramos no interior da Terra com o corpo astral, podemos verificar perfeitamente, por nós mesmos e de forma direta, o que é o Inferno de Mercúrio.

Ao penetrar nessa região submersa, sentimos no fundo de nossa Alma o agito perpétuo dessas forças passionais negativas, que fluem e refluem inces-santemente nessa zona subterrânea.

Não é demais dizer que ali sentimos o enfurecido vento de Mercúrio ou certo elemento aéreo fatal. Esta zona subterrânea é o lugar onde vivem os for-nicários, aqueles que gozam extraindo o esperma sagrado de seu corpo.

Essas infelizes criaturas do mundo soterrado, afundadas no vício [da for-nicação], desesperadamente vão e vêm por todas as partes. Ficamos assombra-dos ao ver esses perdidos coabitarem incessantemente nos infernos atômicos da natureza. Tais egos blasfemam continuamente e odeiam de morte tudo o que tenha sabor de castidade.

Ali encontramos a imperatriz Semíramis, terrível criatura fornicária que estabeleceu em seu país [Babilônia] leis que favoreciam as paixões animais.

Nessa morada de Plutão também encontramos a rainha Dido [de Carta-go], que se matou de paixão [por Enéas], depois de haver jurado fidelidade às

cinzas de Siqueu [seu falecido marido]. Ali vemos Páris, o seqüestrador da bela Helena de Tróia, e Aquiles, o impetuoso guerreiro destruidor de fortificações militares.

Esse é o Tártaro das desditas, o Abismo de iniquidades, espantos e horrores!

Com profunda dor encontramos no segundo círculo dantesco os *boddhi-sattvas* caídos, aqueles que assassinaram o Deus Mercúrio; infelizes Almas que “trocaram seus direitos de primogenitura por um prato de lentilhas”. [Ver Gênese, Cap. 25]

Que dor sentimos no fundo de nossa Consciência, ao vermos nos abismos mercurianos os anjos caídos, citados pelas antigas teogonias religiosas. Ali, vão e vêm pelos ares negros aqueles que trocaram o cetro de poder pelo fuso de Ônfale [rainha da Lídia que teve Hércules como seu escravo por três anos].

Essa é uma região onde o entendimento humano não trabalha; é um mundo de instintos brutos, onde a lascívia se mescla com o ímpeto da violência.

Eis aí os Mistérios de Minos ou de Minna! Profundidades espantosas, onde vivem os tântricos negros que desenvolveram o abominável órgão *Kundartiguador*, causa de tantos males. Ah! Se o glorioso Arcanjo Sakaki e sua comitiva sagrada tivessem previsto com exatidão matemática os resultados fatais daquela ‘cauda satânica’, daquele ‘órgão de abominações’ que outrora foi permitido à humanidade desenvolver com propósitos planetários definidos, quão diferente teria sido o futuro da pobre humanidade doente!

É ostensível que cada ser humano é uma criatura que capta as distintas forças cósmicas para transformá-las e transmiti-las às camadas interiores da Terra. Mas, como no continente lemuriano, há uns 18 milhões de anos, a Terra tremia incessantemente com seus vulcões arrojando fogo e lava, certos indivíduos sagrados, encabeçados pelo Arcanjo Sakaki, permitiram o desenvolvimento do abominável órgão *Kundartiguador*: fogo luciférico terrivelmente negativo, projetando-se do cóccix até os infernos atômicos do homem.

Não é demais recordar que esse *fohat* negativo foi revestido com a cauda física, tal como a vemos nos símios. Então, os moradores da Terra passaram a nascer com esse apêndice fatal ou com a projeção de sua espinha dorsal.

NT – Para aqueles que assistiram o filme **Avatar**, não é difícil imaginar uma criatura humana de estatura elevada e dotada de rabo.

Com isso, as forças cósmicas, que naquela época passavam através dos corpos humanos, sofreram categóricas modificações que permitiram dar estabilidade à crosta terrestre.

Bem mais tarde, após muitos séculos [milênios], outros indivíduos sagrados, considerando já não mais ser necessário o ser humano portar esse abominável órgão (a cauda de Satã), o mesmo foi eliminado dos humanos corpos.

Mas, tristemente, as péssimas conseqüências dessa cauda satânica ficaram nos cinco centros da máquina orgânica, conhecidos como intelecto, sentimento, movimento, instinto e sexo.

Aprofundando esse tema, podemos evidenciar diretamente que seus resultados tenebrosos estão perfeitamente definidos atualmente em forma de agregados psicológicos ou 'eus brigões e gritões', os quais personificam nossos defeitos e formam o 'ego', o 'mim mesmo', o 'si mesmo'.

Na esfera submersa de Mercúrio vivem milhões de seres humanos com o abominável órgão *Kundartiguador* totalmente desenvolvido.

Com isso não quero dizer que a cauda física dos símios atualmente se encontre desenvolvida na anatomia dos bípedes tricerebrados ou tricentrados; hoje em dia existe apenas um resíduo ósseo dessa abominável cauda, algo muito incipiente na anatomia humana. [Esse resíduo é o cóccix]

No entanto, o aspecto psíquico desse órgão ainda existe na anatomia metafísica de milhões de humanóides racionais.

Isso podemos evidenciar de forma clara quando penetramos com o corpo astral nos domínios submersos de Mercúrio, sob a epiderme do planeta Terra.

P. – Caro Mestre, desejo saber se as pessoas e os fatos que figuram em sua exposição sobre o segundo círculo dantesco são simplesmente mitológicos ou reais, pois ainda que sejam citados por Dante, entendemos que sua obra é simplesmente uma peça literária de grande mérito...

V.M. – Nobre cavalheiro, distintas senhoras, seja-me permitido afirmar solenemente que a **Divina Comédia** de Dante é um texto iniciático, esotérico, que bem poucos seres humanos compreendem.

Os personagens mitológicos citados neste texto, ou os moradores da esfera submersa de Mercúrio, representam, simbolicamente, as vivas paixões animaléscas dessa região.

O impetuoso Aquiles, com seus terríveis desenfreios sexuais, a Helena adúltera e o libidinoso Páris, personificam claramente os habitantes da zona tenebrosa de Mercúrio.

De modo especial quero ressaltar que um desses personagens, Helena, rapta por Páris, e causa de tantos males nos antigos tempos, tem ainda outros simbolismos positivos, mais belos, mas sobre os quais não quero falar agora; olhemos unicamente seu aspecto abismal, a antítese do resplandecente, a face tenebrosa mercuriana.

Senhoras e senhores, lembrem-se que cada símbolo pode ser traduzido de sete formas diferentes. Esta noite estamos estudando especificamente esse Abismo muito particular, de tipo mercuriano, debaixo da epiderme do planeta em que vivemos.

P. – Mestre, poderia me dizer se este círculo mercuriano é de uma escala mais densa e de maior sofrimento que o primeiro?

V.M. – Caro amigo, lembre-se do que dissemos nas conferências anteriores, quando estudamos o Raio da Criação. É evidente que a um maior número de leis, maior é a mecanicidade e a dor.

A esfera submersa da Lua é governada exclusivamente por 96 leis. No entanto, o aspecto tenebroso de Mercúrio, dentro da massa planetária em que vivemos, é constituído por 192 leis; logo, a mecanicidade é ainda maior e também os sofrimentos são bem mais intensos.

Além do mais, os átomos dessa tenebrosa esfera mercuriana são muito mais pesados; cada um deles contém em seu interior 192 átomos do Absoluto. Isso quer dizer que a região tenebrosa mercuriana é muito mais densa que a lunar.

P. – Mestre, há possibilidades de retorno dessa zona submersa de Mercúrio para as Almas que ali ingressam?

V.M. – Distinta dama, respeitados senhores! Não se esqueçam que ao lado da Justiça sempre está a Misericórdia.

Nessas tenebrosas regiões abismais moram alguns Mestres da Grande Loja Branca, grandes Iniciados, seres divinos que renunciaram à felicidade para auxiliar os perdidos. Quando uma Alma se arrepende na morada de Plutão, indubitavelmente é assistida por esses Santos.

É inquestionável que esses seres instruem, admoestam e mostram o caminho da luz aos que de verdade se arrependem de suas perversidades.

De vez em quando, ainda que raras vezes, os Divinos Seres conseguem tirar dos Abismos da Perdição alguma Alma arrependida. Quando isso acontece, esses que estavam condenados à perdição, retornam, reingressam ou se reincorporam em novo organismo.

P. – Mestre, por que o senhor é insistente ao dizer que a primeira região submersa lunar é dos mortos, mas não diz o mesmo quanto à segunda zona submersa de Mercúrio?

V.M. – Bem, senhor, escuta-me! Revisa com cuidado a **Divina Comédia** de Dante. Investiga por ti mesmo, aprende a mover-se consciente e positivamente em corpo astral; experimenta, examina.

Obviamente, o Orco dos clássicos, o *Limbus* cristão é tão só a ante-sala do Inferno, ainda que corresponda ao primeiro círculo dantesco. Todo Iniciado sabe que nessa região vivem, depois de mortos, milhões de seres humanos.

O encontro com Minos, o demônio que marca com as voltas de sua cauda o círculo para onde devem ir os desencarnados, se dá unicamente na esfera submersa de Mercúrio. Portanto, isso não é um capricho meu. Repito: quem quiser, investigue por si mesmo de forma direta, e corroborará minhas afirmações.

P. – Mestre, não compreendo o que o senhor acaba de dizer... Por que no mundo soterrado de Mercúrio vivem os eus fornicários que constituem o ‘mim mesmo’ ou o ‘eu sou’, e o mesmo sucede no primeiro círculo dantesco?

V.M. – Bem, senhor, sem dúvida, quase todos os bípedes tricerebrados ou tricentrados, equivocadamente chamados homens, no fundo são mais ou menos fornicários. Entretanto, a Grande Lei, como já disse em passadas conferências, designa a cada Alma 108 existências por ciclo de manifestação cósmica.

É evidente, claro e manifesto que ninguém pode ser arrojado ao Abismo da Perdição sem antes haver cumprido seu ciclo de 108 existências.

Normalmente, os desencarnados vivem no Limbo, representado por todas as cavernas [astrais] da Terra. Somente os fornicários, que já esgotaram seu ciclo de existências humanas, ingressam definitivamente na submergida região negativa de Mercúrio.

Entretanto, por favor, rogo-vos que me compreendam bem... Algumas vezes existem sobre a Terra verdadeiros monstros humanóides que já não oferecem nenhuma possibilidade de redenção; são casos definitivamente perdidos; estes, ainda que não tenham esgotado o ciclo completo de 108 existências, inquestionavelmente entram nos mundos infernais.

P. – Mestre, sabemos que o círculo de Mercúrio é o dos fornicários. Isso quer dizer que os ‘eus’ se dividem pelos diferentes círculos dantescos, de acordo com os distintos agregados psíquicos?

V.M. – Caro jovem que faz a pergunta, é claro que o ego é uma soma de diversos agregados psíquicos que personificam erros [defeitos psicológicos]. Alguns desses ‘eus’ correspondem especificamente a um determinado círculo dantesco; outros se acham intimamente vinculados com outros círculos mais profundos. Contudo, a totalidade, a soma dos valores negativos, em seu conjunto, precipita-se envolvendo dentro do reino mineral, até o centro de gravidade planetária.

A Consciência dos condenados deve experimentar, em cada círculo inferior, em cada infradimensão da natureza, sob a região tridimensional de Euclides, seus correspondentes defeitos psicológicos.

Esta noite estamos falando exclusivamente sobre o segundo círculo; na seqüência, depois de abordarmos os nove círculos dantescos, estudaremos detidamente a Lei do Movimento Contínuo [ver capítulo 14]; assim, todos os senhores poderão se aprofundar um pouco mais no tema correspondente à pergunta feita pelo jovem, hoje aqui presente.

P. – Mestre, quer dizer que nesse círculo que corresponde à luxúria, a fornicação se tornou terrivelmente mecânica e, por isso, dolorosa e asquerosa?

V.M. – Caro amigo, escuta-me! Em meio a essa atmosfera negra e fatal, a luxúria costuma se misturar com a violência, e então tudo se torna instintivo e brutal, entendido?

P. – Venerável Mestre, o que desconcerta tremendamente é que, apesar das torturas que nesse círculo se sofre, os que aí moram crêem que estão indo muito bem. Poderia nos explicar mais sobre essa questão?

V.M. – Nobre senhor, as pessoas do Abismo sempre pensam o melhor de si mesmas; crêem firmemente que marcham pela senda da retidão e do amor; consideram que nós – que andamos pela Senda da Revolução da Consciência – marchamos rumo à nossa própria destruição.

Quero que os senhores saibam que os tenebrosos – movidos por boas intenções – nos tentam incessantemente, com o propósito – assim dizem – “de nos salvar”. Nessas regiões abismais vemos muitos anacoretas, penitentes, faquires, místicos, monges, etc., admoestando diversos grupos humanos, totalmente convencidos que estão indo muito bem.

P. – Mestre, estas Almas convencidas de estarem indo bem, não sabem que estão no Inferno?

V.M. – Distinta senhora, a palavra ‘inferno’ vem do latim *infernus*; significa ‘região inferior’.

No interior da Terra está o mundo dos elementos naturais; não há dúvida que os perdidos jamais considerariam esses elementos ou essas submersas regiões como um lugar de perdição.

As pessoas normais, comuns e correntes têm a Consciência adormecida; mas aquelas que entram nas regiões abismais despertam no mal e para o mal. Tais pessoas têm uma idiosincrasia psicológica muito especial, uma lógica fatal, de tipo diferente.

Portanto, não é estranho e não se surpreendam que, para os perdidos no Abismo, o branco é preto e o preto é branco.

Para esses condenados, citar o nome de Jesus – o Grande Kabir – ou o nome da Divina Mãe Kundalini, é uma blasfêmia, algo imperdoável; conseqüentemente, equivaleria a provocar sua ira; então os veríamos atacar-nos de forma furibunda.

Mas eles não ignoram o fato concreto de que terão que passar pela segunda morte, porém não a temem. Pelo contrário: imploram-na, pedem-na, sabem que essa é a porta de escape para retornar à superfície da Terra e reiniciar um novo ciclo evolutivo, que terá de marchar da pedra ao homem.

P. – Mestre, uma pessoa como eu, que sigo uma abstenção sexual absoluta, acaso estaria livre de ingressar no segundo círculo dantesco?

V.M. – Amigos, irmãos! É indispensável, urgente e inadiável saber que a luxúria se processa nas 49 regiões do subconsciente.

Muitos santos que chegaram à suprema castidade no nível meramente intelectual, fracassaram quando submetidos a provas nas regiões mais profundas do subconsciente. Por exemplo, alguém poderia ter conseguido a castidade em 48 regiões do subconsciente, mas falhar na 49.

Muitos homens e mulheres virtuosos, que se autoqualificaram de ‘castos’ e de ‘inocentes’, agora são habitantes do segundo círculo dantesco.

Milhares de religiosos e sacerdotes de todas as crenças, que acreditavam haver conseguido a mais absoluta castidade, agora vivem no inferno de Mercúrio.

Portanto, que ninguém se autoqualifique de ‘casto’. “Quem se sinta seguro, que olhe para trás e não caia.”

P. – Mestre, o senhor menciona 49 regiões do subconsciente; francamente, é a primeira vez que ouço tal número. Em nenhum dos tratados de psicologia, parapsicologia e psicanálise, onde são mencionados e estudados os processos da consciência, subconsciência e infraconsciência, são mencionadas essas 49 divisões ou regiões que o senhor cita. Por que o senhor fala disso?

V.M. – Distintos senhores e senhoras que me escutam! Convém lembrar a constituição septenária do homem autêntico. Como o bípede tricerebrado ou tricentrado, equivocadamente chamado homem, ainda não despertou a Consciência, não criou os corpos existenciais do Ser, então, em verdade, só possui estados subconscientes, subjetivos. Multipliquem o séptuplo aspecto por si mesmo e terão as 49 regiões subconscientes de todo humanóide.

Obviamente, despertando a Consciência, esses 49 estados tornam-se conscientes; só então teremos objetividade conscientiva integral.

Necessitamos transformar o subconsciente em consciente; isso só é possível desintegrando-se os agregados psíquicos que constituem o ego, o mim mesmo, o si mesmo.

Lembrem-se que a Consciência está engarrafada nesses agregados; desintegrando-se os defeitos, a Consciência desperta.

A luxúria, a fornicção do círculo submerso de Mercúrio, sob a crosta terrestre, certamente é o fundamento, a base do ego existencial.

P. – Mestre, alguns de seus livros explicam que, para despertar a Consciência, deve-se dissecar o ego ou o defeito psicológico que se deseja eliminar com o intelecto, e isso deve ser feito nos 49 departamentos do subconsciente. Porém, se ainda não temos Consciência desperta, como poderemos penetrar com o intelecto nessas 49 regiões? Poderia nos explicar essa questão?

V.M. – Amigos, não é possível desintegrar radicalmente o ego de forma instantânea e simultânea em todas as 49 regiões subconscientes. Convido-os a refletirem, a investigarem esse assunto de forma clara e perfeita.

Quando queremos aniquilar qualquer defeito psicológico – a luxúria, por exemplo, ou qualquer outro – antes de tudo devemos compreendê-lo.

Entretanto, a compreensão unitotal do defeito em questão, não poderia ser um fato imediato nas 49 regiões subconscientes. Isso quer dizer que o avanço se dá de modo progressivo pelo caminho do entendimento.

É de forma gradual que vamos compreendendo e eliminando os eus do defeito em questão em cada uma das regiões subconscientes.

Isso indica desenvolvimento metódico, profundo e ordenado da Consciência. Conforme esta for despertando, a compreensão se faz cada vez mais clara, até chegar ao nível final, quando então o defeito é aniquilado radicalmente.

CAPÍTULO 7

TERCEIRO CÍRCULO DANTESCO OU DE VÊNUS



Caros amigos aqui presentes nesta noite! Hoje vamos falar sobre o inferno venusiano, localizado nas infradimensões da natureza, sob a epiderme da Terra, como já é do conhecimento de todos.

É inquestionável que trata-se de uma região muito mais densa, muito mais grosseira que as duas anteriores; ali, cada átomo de matéria contém em seu interior 288 átomos do Absoluto.

Obviamente, são átomos mais pesados; portanto, ali a materialidade é bem maior. Além disso, o próprio fato dessa região estar sob 288 leis faz com que tudo seja bem complicado e espantosamente difícil e doloroso.

Observemos cuidadosamente os bares, cabarés, prostíbulos, etc., existentes em nosso mundo tridimensional de Euclides. É inquestionável que a sombra fatal de tudo isso, o aspecto sinistro das grandes orgias e bacanais, encontramos na esfera submersa de Vênus.

Aqueles que sempre viveram de orgia em orgia, de bar em bar, mergulhados no lodo das grandes celebrações, banquetes e bebedeiras, sabem muito bem o que se sente depois de uma noite de farra. Muitos, querendo afogar na bebida o estado desastroso em que ficam depois de uma festa, continuam pelo caminho do vício até chegar à ruína total de seu organismo.

Ampliando esta questão, aprofundando um pouco mais este tema, posso afirmar aos senhores, de forma enfática, que depois do prazer vem a dor. Agora poderão entender por si mesmos qual há de ser a vida, ou como há de ser a existência das Almas perdidas na região submersa de Vênus.

Com justa razão, Dante encontrou ali, nos abismos submersos do terceiro círculo infernal, chuva incessante, frio espantoso, lodo, águas negras, podri-

dão, etc. No entanto, é com horror que os falecidos escutam nessas regiões os espantosos latidos de Cérbero, o cão infernal, o simbólico animal de três cabeças que representa as paixões sexuais animais, violentas, luciferinas, fora de todo controle.

Ali estão os prazeres da velha Roma cesárea convertidos em resultados fatais; ali está Petrônio, que morreu em meio ao bulício e à festa, amado por todas as mulheres e coroado com rosas e lauréis; ali estão Lesbos e suas lesbianas; ali está a poetisa Safo, que cantou ou enalteceu os degenerados de sua época; ali vemos a lira de Nero feita em pedaços, e os orgulhosos senhores das grandes festas.

Grotesca morada dos heliogábalos, glutões famosos, verdadeiros pavões reais, resplandecendo gloriosos nos antigos bulícios.

Que foi feito de seus copos de fino cristal Baccarat? Em que ficaram as espadas dos cavaleiros, seus juramentos de amor, os beijos de sua dama, suas doces palavras, o aplauso dos convidados, as lisonjas, os louvores, as régias vestiduras, o perfume das damas, os bailes luxuosos, os tapetes macios, os espelhos brilhantes, os régios poemas, a púrpura maldita e as belíssimas sedas?

Agora, só a pestilência do mundo soterrado, onde Ciacco profetizara a Dante a queda do partido vitorioso na bela Florença e o triunfo dos humilhados, os quais, depois seriam novamente vencidos e dominados de forma ainda mais tirânica pelos primeiros. Abominável zona de amarguras, onde esse poeta, discípulo de Virgílio, de forma insólita pergunta por Farinata e Tegghiaio, que foram tão dignos, e por Jacó Rusticucci, Arrigo, Mosca e outros que se dedicaram a fazer o bem e que agora moram em regiões ainda mais profundas dos mundos infernais.

Muitos equivocados sinceros, pessoas que alegraram com sua lira as salas faustosas dos grandes senhores, formosas donzelas virtuosas que cantaram poemas, infelizes bebedores de vinho dos subúrbios das cidades, etc., todos agora vivem nesses infernos do terceiro círculo dantesco, involuindo espantosamente.

P. – Querido Mestre, menciona o senhor que nesse terceiro círculo dantesco de Vênus habitam muitos equivocados sinceros, Almas que indubitavelmente fizeram boas obras, mas que ainda assim padecem. Eu pergunto se acaso a sinceridade dessas Almas não constitui uma atenuante que as salve de tão tenebroso castigo?

V.M. – Amigo, senhor que faz a pergunta! Podemos realizar muitas boas obras na vida e pode estar seguro de que as boas obras sempre são pagas com acréscimo. A divindade jamais fica com nada e sempre paga a cada um segundo suas obras.

Com paciência, rogo aos senhores prestarem atenção para seguir o curso desta dissertação. Por favor, ouçam-me, escutem-me! Todo aquele que esgotou o ciclo das 108 existências ingressa na involução submersa dos mundos infernais, caso não tenha conseguido a auto-realização íntima do Ser.

Entretanto, é ostensível que antes de entrar na morada de Plutão, primeiro nos pagam as boas obras. Isso explica, senhoras e senhores, o motivo pelo qual muitos perversos, em sua vida atual, vivem na opulência, enquanto alguns santos ou pessoas que estão se auto-realizando apenas têm casa, comida e amparo.

É inquestionável que depois das boas obras serem regamente pagas, aqueles que estão sem auto-realização ingressam nos abismos subterrâneos.

Também há pessoas piedosas, mas com delitos secretos inconfessáveis. O que há de bom sempre tem sido muito bem pago pela Lei do Karma; porém, o mal as leva ao Abismo de Perdição. Portanto, meu amigo, entenda o que é a Lei de Retribuição; por favor, compreendam todos isso que estou dizendo...

P. – Venerável Mestre, gostaria que o senhor me explicasse por que os fornicários habitam a região de Mercúrio, que é uma zona menos densa que a de Vênus, e os glutões e bêbados habitam a região de Vênus, que é ainda mais densa que a anterior?

V.M. – Senhoras, senhores, distinto cavalheiro que faz a pergunta! Compreendam-me, por favor! Tem sido dito de forma enfática que o pecado original é a fornicação. Este é o embasamento das ondas involutivas dos mundos infernais. Mas não estou dizendo que no terceiro círculo infernal vivam exclusivamente bêbados e glutões; é óbvio que os perdidos são cem por cento fornicários irredentos. Isso explica, por si mesmo, o motivo pelo qual Dante encontrou Cérbero, símbolo vivo dos poderes sexuais, ladrando lugubrememente nas tenebrosas regiões inferiores. Isso significa claramente que os habitantes das submergidas regiões jamais estão livres da luxúria e sofrem espantosamente. Todavia, devemos ser bem específicos, e assim o é o discípulo de Virgílio: em cada um dos nove círculos ou regiões infradimensionais da natureza, determinados defeitos que levamos dentro se destacam; isso é tudo.

P. – Mestre, ao estudar as cartas do *Tarot* egípcio aprendemos que o cão simboliza o Espírito Santo, que nos guia para sair do Inferno quando decidimos nos auto-realizar. Porém, o Cérbero do qual fala Dante, pelo que o senhor nos diz, simboliza a luxúria. O senhor poderia nos esclarecer esses aspectos?

V.M. – Cavaleiro, seja-me permitido informar-lhe que o cão de Mercúrio é estritamente simbólico, pois alegoriza claramente o poder sexual. Hércules o tirou do Abismo para que lhe servisse de guia; a mesma coisa fazemos nós quando conseguimos a castidade. Então, ao trabalhar na Forja dos Ciclopes, ao praticar magia sexual, ao transmutar nossas energias criadoras, avançamos pela Senda do Fio da Navalha até a liberação final.

Ai do cavaleiro que abandona seu cão! Irá se desviar do caminho e cairá no Abismo de perdição. Por infortúnio, o animal intelectual, equivocadamente chamado homem, não realizou a castidade; quer dizer, não tirou Cérbero dos domínios infernais.

Agora, os senhores mesmos entenderão o motivo pelo qual os desencarnados sofrem nos abismos plutonianos, quando escutam os ladridos de Cérbero, o cão das três famintas goelas. É óbvio que os perdidos sofrem com a insaciável sede luxuriosa no espantoso Tártaro.

P. – Mestre, poderia nos dizer como são as bacanais e as orgias no terceiro círculo dantesco ou região submersa de Vênus?

V.M. – Senhoras e senhores, ao escutar esta pergunta, vêm à memória aqueles tempos da minha juventude. Então, eu também comparecia às grandes festas, onde brilhavam no meio do bulício e da agitação, noites de bebedeiras e orgias que só me deixavam amarguras, remorsos de consciência, etc.

Uma noite, depois de uma dessas festas, fui levado ao terceiro círculo dantesco. Absolutamente consciente e vestido com meu corpo astral sentei-me à cabeceira da mesa fatal, na festa dos demônios, crua realidade de uma materialidade espantosa; só a recordação disso me comove as fibras mais íntimas de minha Alma.

A mesa estava cheia de garrafas e comidas imundas, muito apreciadas pelos glutões. No centro da mesa havia uma grande bandeja, sobre a qual ressaltava-se uma cabeça de porco. Horrorizado com esse festim macabro e horripilante, olhava eu com dor o lugar da orgia.

De repente, tudo muda. Meu Real Ser Divino, o Íntimo, aquele Anjo do Apocalipse de São João que tem em suas mãos a chave do Abismo, agarrando-me fortemente por um braço, arrancou-me daquela sala como por encanto; arrojando-me sobre um branco lençol mortuário que ali havia sobre o asqueroso piso cheio de lodo, com uma grande corrente me açoitou, enquanto me dizia:

– Tu és meu *boddhisattva*, minha Alma humana; te necessito para entregar a mensagem da nova Era de Aquário à humanidade. Vais me servir ou não?

Então eu, com o coração pesaroso, lhe respondi:

– Sim, Senhor! Vou te servir! Estou arrependido; perdoa-me, pois!

Assim foi, meus amigos, como passei a detestar as bebidas, as festas, as comilanças, as bebedeiras, as farras, etc. De toda essa imundície, o único que sobra são as lágrimas, simbolizadas pela chuva dessa horrível região, pelas águas pestilentas da amargura e pelo horrível lodo da miséria.

CAPÍTULO 8

QUARTO CÍRCULO DANTESCO OU DO SOL



Distintos amigos, esta noite vamos estudar conscientemente o quarto círculo dantesco, situado nas infradimensões naturais, debaixo da região tridimensional de Euclides.

Todos os que passaram pelos diversos processos esotéricos transcendentais nas dimensões superiores puderam verificar, por si mesmos, de forma direta, a crua realidade do reino mineral submerso solar.

É inquestionável que, nos infernos solares do resplandecente astro que dá vida a todo este sistema solar de *Ors*, não vemos os grotescos espetáculos dantescos dos infernos terrestres. É óbvio que no reino mineral submerso do Sol existe a pureza mineral mais perfeita.

Sem dúvida, neste radiante astro, que é o próprio coração deste grande sistema no qual vivemos, nos movemos e temos o nosso Ser, só moram, ditosos, os espíritos solares.

Como ali só existem indivíduos sagrados e eternos, não é possível pensar em fracassos contundentes e definitivos, como os do nosso mundo terráqueo. Portanto, torna-se evidente o fato concreto de ali não existirem moradores tenebrosos nas infradimensões naturais do mundo solar.

Bem diferente é o caso das infradimensões de nosso planeta Terra. Aqui, o investigador esotérico percebe, de modo claro e evidente, os estados involutivos do quarto círculo, sob a crosta geológica de nossa Terra.

Como o Sol é a fonte de toda a vida e o agente maravilhoso que sustenta toda a existência – de acordo com a Lei do Eterno Trogo-auto-egocrático-cósmico-comum – obviamente a antítese fatal e negativa de tudo isso encontramos no aspecto solar oposto da quarta zona submersa terrestre.

Nessa tenebrosa região, nesses infernos atômicos da natureza, encontramos dois tipos específicos de pessoas involutivas; quero me referir de forma enfática aos pródigos [esbanjadores] e aos avaros.

Essas duas classes de pessoas não podem jamais se reconciliar entre si, e, às vezes, se atacam mutuamente de forma incessante.

Analisando a fundo esta questão, devemos asseverar solenemente que é um verdadeiro absurdo tanto o esbanjamento quanto a avareza.

Dentro do processo meramente trogo-auto-egocrático-cósmico-comum, devemos permanecer sempre fiéis à balança. É claro que a violação da Lei do Equilíbrio traz conseqüências kármicas dolorosas.

No terreno da vida prática podemos verificar, conscientemente, as desastrosas conseqüências que decorrem da violação da Lei da Balança.

O pródigo, o esbanjador, aquele que dissipa seu dinheiro, ainda que no fundo se sinta muito generoso, sem dúvida está violando a lei.

O avaro, aquele que não faz circular o dinheiro, aquele que egoisticamente o retém de forma indevida, além do normal, ostensivamente está prejudicando a coletividade, tirando o pão de muitas pessoas, empobrecendo seus semelhantes. Por tal motivo, está violando a Lei do Equilíbrio, a Lei da Balança.

O esbanjador, ainda que aparentemente pareça agir bem, fazendo circular a moeda de forma intensiva, é lógico que produz desequilíbrio não somente em si mesmo, mas também na movimentação geral dos valores. Isto, cedo ou tarde, ocasionará tremendos prejuízos econômicos aos povos.

Pródigos e avaros se transformam em mendigos – e isso está comprovado. É indispensável, é urgente cooperar com a Lei do Eterno Trogo-auto-egocrático-cósmico-comum; não se deve entorpecer o equilíbrio econômico, nem causar danos a si mesmo, nem prejudicar os outros.

Como muitos ignoram o que é a Lei do Eterno trogo-auto-egocrático-cósmico-comum, convém esclarecer o seguinte: esta grande lei se manifesta como recíproca alimentação de todos os organismos [devorar e ser devorado].

Se observamos cuidadosamente as entranhas da Terra, encontramos o cobre como centro de gravidade de todos os processos evolutivos e involutivos da natureza.

Quando aplicamos a força meramente positiva nesse metal, vemos com a clarividência objetiva, desenvolvimentos evolutivos extraordinários. Quando

aplicamos a força negativa, podemos evidenciar de forma direta os impulsos involutivos em todos os átomos desse metal. E quando aplicamos a força neutra, nele veremos processos de estabilização atômica.

Muito interessante é, para os investigadores esotéricos, contemplar as radiações metálicas do cobre nas entranhas vivas do organismo planetário. Ficamos pasmos ao ver como as emanções do cobre, por sua vez, animam os outros metais, ao mesmo tempo em que, como recompensa, também se alimenta com as emanções dos mesmos.

Há, pois, intercâmbio de radiações entre os distintos metais que existem no interior da Terra; há recíproca alimentação entre os metais. Mas o que mais assombra é o intercâmbio de radiações entre os metais que existem no interior da Terra e aqueles que subjazem dentro do reino mineral submerso de outros planetas do sistema solar.

Eis aí a Lei do Eterno Trogo-auto-egocrático-cósmico-comum em plena manifestação. Esta grande lei é a que permite a convivência entre os mundos. Essa alimentação recíproca dos planetas, esse intercâmbio de substâncias planetárias, é a fonte do equilíbrio dos mundos ao redor de seus centros gravitacionais.

Em outras palavras, diremos o seguinte: existe recíproca alimentação entre as plantas, entre os minerais e entre os organismos de todas as espécies. Os processos econômicos humanos, as flutuações da moeda, o débito e o crédito financeiros, o intercâmbio de mercadorias e moedas, a economia particular de cada um, o que cada um recebe e gasta, etc., também é parte da grande Lei do Eterno Trogo-auto-egocrático-cósmico-comum.

É claro, é evidente – repetimos – que em nosso sistema solar o radiante astro que nos ilumina é, de fato, o administrador dessa suprema lei cósmica. Não seria possível o funcionamento dessa lei violando-se o seu equilíbrio.

Com isso, podemos explicar claramente o motivo fundamental pelo qual pródigos e avaros alteram a balança de pagamentos e ocasionam funestas conseqüências no equilíbrio cósmico humano.

Aqueles que violam a lei, de alguma forma devem receber o que merecem. Portanto, não é estranho encontrar morando na antítese solar, no quarto círculo dantesco, os pródigos e os avaros.

P. – Mestre, quanto à sua exposição sobre o quarto círculo dantesco, informando-nos que ali moram tanto os pródigos quanto os avaros, haveria algum inconveniente em nos explicar de que tipo de sofrimentos padecem os seres que vivem ali?

V.M. – Caro amigo, sua pergunta me parece bem interessante e me apresso em respondê-la... Como nos mundos submersos só vemos os resultados, convidando-o à reflexão. Pergunte-se sobre o que é a avareza? De que forma o avaro se parece ao mendigo? Qual é a vida dos avaros? Quais são suas enfermidades, seus padecimentos? De que forma morrem?

Agora, vamos ao outro extremo: pensemos, por um instante, numa pessoa que esbanjou toda sua fortuna, em que situação fica? Qual é a sorte de seus filhos, de sua família em geral?

No Cassino de Monte Carlo ocorreram muitos casos de suicídio; jogadores que ficaram na miséria, que perderam seus milhões, suicidaram-se da noite para o dia. Que diremos agora desses dois tipos de pessoas?

Amigos! Nos mundos infernais só existem resultados e estes são catastróficos, terríveis, espantosos. No Averno, desesperados, os pródigos e os avaros blasfemam contra a divindade, amaldiçoam-se, combatem-se mutuamente e submergem em espantoso desespero.

P. – O que não entendo, Mestre, é que se o quarto círculo dantesco é muito mais denso e material que o segundo, considerando que os culpados de luxúria são os maiores pecadores contra o Espírito Santo, no entanto o fato de pródigos e avaros causarem tantos danos, não crê o senhor que o castigo maior deveria ser para os primeiros?

V.M. – Cavalheiro, senhoras, senhores! Quero repetir agora o que disse de forma enfática numa conferência anterior: o pecado original é a luxúria, que serve de embasamento para todos os processos involutivos e descendentes dos nove círculos dantescos submersos nas entranhas de nosso mundo.

No entanto, é evidente que dentro da soma total de todos os processos involutivos, ressaltam, em cada uma das nove zonas naturais, certos defeitos específicos, bem definidos e intrinsecamente relacionados, cada um, com seu correspondente círculo. Portanto, é bom saber, meus amigos, damas e jovens que me escutam, que no quarto círculo acham-se perfeitamente definidos os pródigos e os avaros. Isso é tudo!

P. – Mestre, no meu modo de ver as coisas, tanto a prodigalidade quanto a avareza se relacionam diretamente com a fome dos povos e dos indivíduos, e a grande Lei do Eterno Trogo-auto-egocrático-cósmico-comum está relacionada ao equilíbrio. Parece-me então que isso pode nos levar diretamente ao problema da alimentação, o qual também tem a ver com os sofrimentos que no quarto círculo dantesco padeceremos se não guardarmos um equilíbrio na balança de nossa nutrição. Poderia o senhor nos dizer algo a respeito?

V.M. – Distinto senhor, já em nossa conferência passada, sobre o terceiro círculo, enfatizamos o caso dos glutões. Sem dúvida, eles, em si mesmos e por si mesmos, violam a Lei do Eterno Trogo-auto-egocrático-cósmico-comum, levando ao interior de seus organismos excesso de alimento e bebida. É claro que toda violação da Lei da Balança ocasiona desequilíbrio; o resultado é a dor.

P. – Mestre, esses seres que ingressam no quarto círculo são somente os que já esgotaram o ciclo das 108 existências humanas?

V.M. – Respeitável senhora que me faz a pergunta, permita-me informar de forma enfática, categórica e definitiva, que todo aquele que ingressa na involução submersa dos mundos infernais, incluindo os habitantes do quarto círculo dantesco, efetivamente já esgotaram todo o ciclo das 108 existências. No entanto, também disse numa conferência anterior que havia casos excepcionais. Quis me referir, de forma enfática, aos definitivamente perversos; àqueles que, por sua demasiada malignidade, tiveram que ingressar na submersa involução infernal mesmo sem ainda haver esgotado seu ciclo de existências.

P. – Pelo exposto, chego à síntese de que no quarto círculo dantesco solar habitam todos aqueles que desequilibram a balança da economia mundial, ou seja, do ponto de vista puramente econômico. Isso é correto, Mestre?

V.M. – Cavalheiro, amigo! Sua pergunta é correta. Certamente não se pode violar impunemente a Lei da Balança econômica mundial sem receber o merecido. Lei é lei, e a violação de toda lei traz dor.

P. – Mestre, quando o senhor falou dos glutões, ao tratar do desequilíbrio da balança, por analogia pode-se dizer o mesmo dos que voluntariamente, por ignorância, carecem da nutrição adequada, especialmente

por desconhecimento da Lei do Eterno Trogo-auto-egocrático-cósmico-comum. Poderíamos considerar que os ortodoxos da religião da cozinha, ou seja, os vegetarianos habitariam o círculo de que o senhor está tratando nesta conferência?

V.M. – Distinto cavalheiro que faz a pergunta, permita-me dizer-lhe com total claridade que cada qual é livre para alimentar-se como quiser; sem dúvida, existem vegetarianos insuportáveis que fizeram da comida uma religião de cozinha, mas também existem sobre a face da Terra carnívoros sanguinários, quase canibais, que destruíram seu organismo por esses excessos.

De tudo há nesta vida; todos pecam pelo desequilíbrio; todos violam a Lei da Balança. O resultado de toda violação não é muito agradável. Contudo, não é demais repetir que cada um é livre para se alimentar como achar melhor. Entretanto, não devemos esquecer a lei; se destruímos nosso corpo, cabe-nos suportar as conseqüências.

Convém frisar que nos Abismos existem também muitos vegetarianos; no entanto, nenhum deles vive ali pelo fato de serem comedores de vegetais, mas sim, por muitas outras causas e motivos. Em questões de alimentação, cada qual é livre para comer o que quiser; o importante, repito, é não infringir a lei. Isso é tudo!

P. – Mestre, há algum procedimento ou sistema que possa nos ensinar para termos um perfeito equilíbrio na balança?

V.M. – Distinta dama! É bom que a senhora entenda que sua Mônada interior, sua Chispa imortal, seu Pai que está em secreto – como diz o evangelho crístico – é o eterno regulador do processo trogo-auto-egocrático-cósmico-comum. Ele tem o poder de nos dar e o poder de nos tirar. Se atuamos de acordo com a lei, se vivemos em harmonia com o infinito, se aprendemos a obedecer ao Pai que está em secreto, tanto no Céu como na Terra, jamais nos faltará o pão de cada dia. Minha senhora, lembre-se da magnífica oração do Pai Nosso; medite profundamente nela.

P. – Mestre, como podemos fazer a vontade do Pai se estamos adormecidos, se não podemos vê-lo nem escutá-lo?

V.M. – Senhora, senhores, amigos! A lei está escrita. Lembrai-vos dos Dez Mandamentos de Moisés. Não violeis os mandamentos escritos! Vivei-os!

Respeitai-os! Se cada um dos aqui presentes, se toda pessoa de boa vontade se propuser a viver de acordo com as leis e os profetas, fará a vontade do Pai, tanto no Céu como na Terra; então chegará o dia em que o devoto do real caminho despertará sua Consciência, e poderá ver o Pai e receber suas ordens diretas e obedecê-las conscientemente. Mas, primeiro temos que respeitar a lei escrita; depois, conheceremos os mandamentos do Bendito.

P. – Mestre, que pode nos dizer sobre a materialidade e as leis que governam o quarto círculo dantesco solar?

V.M. – Respeitável cavalheiro, caros amigos, escutem-me bem! O quarto círculo dantesco está constituído por átomos bem mais densos que aqueles que dão forma e estrutura aos três círculos anteriores. É evidente que cada átomo do quarto círculo tenebroso carrega consigo 384 átomos do Absoluto. Esse tipo específico de átomo dá à quarta região submersa um aspecto terrivelmente grosseiro e material, imensamente mais pesado e doloroso que aquele que se vive e se respira nos três círculos anteriores.

No entanto, ninguém deve estranhar ao ver ali, nessas regiões, lojas, armazéns de todo tipo, mercadorias, carros e coisas de toda espécie, as quais, ao fim e ao cabo, não são mais que simples e grosseiras formas mentais cristalizadas pelas mentes dos desencarnados.

Lembro agora de um caso muito curioso. Uma noite dessas tantas, revestido com meu corpo astral, andava por essa tenebrosa região do Tártaro. Em frente ao mostruário de um luxuoso armazém (mera forma mental de um comerciante submerso) tive que chamar Bael. Aquele terrível mago das trevas, vestido com túnica cor de sangue e turbante oriental de cor vermelha, veio até mim, sentado num carro. Atrás, seus sequazes empurravam sua carruagem. O sinistro personagem, anjo caído, outrora um luzeiro do firmamento, olhando-me com ódio lançou-se contra mim, mordendo-me a mão direita. É claro que o conjurei, e por fim aquele fantasma se perdeu nas trevas da horrível morada de Plutão.

Amigos, assombro-nos nessas regiões ao ver tantos e tantos exploradores de corpos e de Almas. Ali estão jogadores de cartas e de loterias; ali encontramos muitos sacerdotes, hierarcas e insaciáveis místicos que cobiçavam os bens alheios.

Efetivamente, é assombroso vermos tantos prelados e anacoretas, penitentes e devotos que amaram a humanidade, apesar de sua avareza. Todos

esses extraviados vivem na quarta região submersa, acreditando que estão indo muito bem; o mais grave é que jamais aceitariam o fato concreto de que vão mal.

P. – Mestre, poderia nos dizer se no quarto círculo dantesco há Mestres da Loja Branca instruindo os que ali habitam, com o propósito de que compreendam que vão mal?

V.M. – Hierofantes da Luz, *Nirmanakayas* de compaixão, *Kabires* esplendurosos, Filhos da Chama, existem em todas as partes; muitos deles renunciaram à toda felicidade para viver nas profundidades do Abismo, com o propósito de ajudar os decididamente perdidos. Por infortúnio, os habitantes do Tártaro odeiam os Filhos da Luz, qualificando-os de perversos e chamando-os de ‘demônios brancos’; maldizem-nos e jamais aceitam a idéia de que vão de mal a pior. Os decididamente perdidos sempre crêem que marcham pelo caminho do bem, da verdade e da justiça.

P. – Mestre, poderia nos dizer se no quarto círculo dantesco há ar, fogo, água, terra ou o que mais?

V.M. – Distinta senhora, os muito avarentos são pessoas que se materializam demasiadamente. Convido-a a compreender que o quarto círculo é essencialmente metálico ou mineral e extremamente denso. Obviamente, as criaturas que vivem na água, os peixes, não vêem o elemento em que vivem; igualmente, nós que moramos no elemento aéreo, não vemos esse elemento. Assim também aqueles que vivem no elemento mineral, podem ver as formas mentais, as imagens de armazéns, cantinas, tabernas, bancos, etc., mas não podem ver o elemento em que vivem. Para eles, esse elemento denso é tão transparente quanto o ar.

Que diremos agora do elemento água? Obviamente, é mediante esse elemento que se cristaliza o eterno trogo-auto-egocrático-cósmico-comum, fazendo possível a recíproca alimentação de todas as criaturas.

Se a Terra ficasse sem água, se os mares secassem, se os rios desaparecessem, todas as criaturas que habitam sobre a face da Terra morreriam.

Com isso fica completamente demonstrado o fato concreto e definitivo de que a água é o agente mediante o qual se cristaliza a Lei do Eterno Trogo-auto-egocrático-cósmico-comum.

No quarto círculo dantesco, as águas são negras, mas o elemento fundamental, repito, é o mineral. Acaso pródigos e avaros não violam a lei? Acaso não alteram o equilíbrio da balança econômica dos povos? Acaso não alteram o *modus operandi* do eterno trogo-auto-egocrático-cósmico-comum?

Reflitam sobre tudo isso, queridos amigos, damas e cavalheiros!

CAPÍTULO 9

QUINTO CÍRCULO DANTESCO OU DE MARTE



Amigos, senhoras e senhores! Hoje vamos conversar um pouco sobre a quinta infradimensão natural ou de Marte, sob a crosta geológica de nosso mundo terráqueo.

Antes de tudo convém esclarecer de forma enfática que não estamos aqui citando o reino mineral do planeta Marte em si; estamos nos referindo exclusivamente a essa seção infradimensional situada debaixo da epiderme da Terra, relacionada com a vibração do tipo marciano.

Tampouco estou me referindo ao céu de Marte nem ao planeta em si. O que estou dizendo refere-se exclusivamente ao quinto círculo infradimensional de nosso planeta Terra; isso é tudo. Gosto de esclarecer as coisas com o propósito de evitar interpretações equivocadas, pois a mente, como sabemos, pode cair em muitos enganos sutis.

No quinto círculo dantesco, localizado no interior da Terra, sem dúvida destacam-se as pessoas irônicas, furiosas, soberbas, altaneiras e orgulhosas. Já nos infernos do planeta Marte em si, como estudamos no livro **As Três Montanhas**, o investigador esotérico descobre terríveis conciliábulos bruxescos, espantosos zangões, tenebrosas harpias, bruxas, feiticeiras ou como queiram denominá-las.

Contudo, no quinto círculo dantesco, sob a epiderme da Terra, na seção de tipo marciano, não se destacam os sequazes de Selene e seus asquerosos zangões que tanto assustaram os troianos nas Ilhas Estrófades do Mar Jônico.

Nesse círculo, o velho florentino Dante Alighieri, discípulo de Virgílio – poeta de Mântua – em meio às águas turvas e ao lodo imundo, apenas vê os incontáveis soberbos que brilharam solenemente nos ricos palácios e nas faustosas mansões sobre a face da Terra.

O mais doloroso dessa região abominável é o fato de os extraviados terem que se defrontar com suas próprias criações diabólicas milenares.

É inquestionável que a Consciência, engarrafada em todos esses agregados psíquicos que constituem o ego, o mim mesmo, o si mesmo, necessita enfrentar a si mesma, com todos os seus componentes.

Nessas regiões submersas vi muito lodo, águas paradas e suprema dor. Lembro ainda, com horror, de certa desesperada criatura submersa naquela lama de amargura; tratava de se esconder do olhar sinistro de certos monstros horripilantes, os quais, no fundo mesmo de sua própria mente, eram seus próprios egos, partes de si mesma, personificando violências. Fugir de si mesmo? O eu fugindo do eu? Que espanto! Que horror!

A Consciência, frente a si mesma, vivia o suplício maquiavélico impossível de se descrever com palavras. Aqueles eus, partes da criatura vivente que deles queria fugir, não tinham os olhos na frente como os demais mortais; seus olhos nefastos se localizavam à direita e à esquerda, como nos pássaros. Eram agregados psíquicos da violência carregando simbólicos rifles; queriam atacar a criatura que se ocultava; não obstante, essa criatura e seus atacantes eram todos agregados psíquicos, partes de um mesmo ego ou do eu pluralizado em sua totalidade.

Revolter-se em tanto lodo, fugir de si mesmo, sentir pavor de si mesmo, eu enfrentando eu, partes do mim mesmo enfrentando outras partes do mim mesmo, certamente é o horror dos horrores, o indescritível, o espanto que não tem palavras para ser expresso.

É assim como a Consciência dos desencarnados vem a conhecer suas próprias maldades, seus próprios horrores, suas insólitas violências, sua ira nefasta, etc., na quinta região infradimensional do planeta Terra.

P. – Mestre, observei que ao se referir ao quinto círculo dantesco do planeta Marte, o senhor nos diz que ali há conciliábulo de bruxos e convulsões de ira. Não obstante, quando se refere ao quarto círculo dantesco solar, nos comenta que, no que corresponde ao Sol, este está limpo de eus, apesar de Marte corresponder a um passo adiante no processo de Iniciação. Se entenda minha pergunta, poderia o senhor esclarecê-la?

V.M. – Distinto amigo, disse que no reino mineral submerso marciano, ou seja, nos infernos do planeta Marte – não em seu céu nem em sua superfície

planetária – o investigador esotérico pode encontrar as tenebrosas harpias e seus pavorosos conciliábulos. Disse também que no reino mineral submerso do Sol que nos ilumina e dá vida, dentro de suas infradimensões meramente naturais, tudo está limpo, e ali não vemos as seguidoras de Selene nem os horripilantes zangões nem os seguidores de Simão Mago. Seria absurdo supor, mesmo por um instante, que pudessem viver nas entranhas radiantes do Sol os adeptos da mão esquerda e os adivinhos de Pítion; é claro que as vibrações solares destruiriam e aniquilariam de imediato qualquer criatura impura. Portanto, torno a repetir: no Sol somente podem morar os espíritos solares, os seres inefáveis que estão mais além do bem e do mal.

P. – O senhor nos diz que na quinta região infradimensional [quinto círculo] do organismo planetário alguns eus enfrentam outros e que também a Consciência enfrenta esses mesmos eus, terrivelmente malignos por sua natureza iracunda. Isso significa que a Consciência é um terceiro em discórdia, que forma parte do mim mesmo?

V.M. – Distinto senhor, sua pergunta é importante, e com o maior gosto apressamos em esclarecê-la. Antes de tudo é urgente saber que o ego, o eu, o mim mesmo, o si mesmo, não é algo individual. Certamente, o ego é um conjunto de agregados psíquicos, os quais também podemos denominá-los de ‘eus’. Portanto, o ego que levamos em nossa mente, é uma soma [ou amontado] de eus brigões e gritões. Se denominarmos esses ‘eus’ de ‘demônios’, não estaremos cometendo um erro específico e definitivo.

Analisando cuidadosamente essa questão, podemos chegar à conclusão lógica de que esses ‘eus-demônios’ personificam claramente nossos ‘eus psicológicos’.

Senhoras e senhores, eu os convido a compreender concretamente que cada um desses ‘eus-diabos’ possui no seu interior certa porcentagem bem definida de nossa própria Consciência.

Ocorre que na quinta região infradimensional natural de nosso planeta Terra, a Consciência enfrenta a si mesma, se autoconhece, vendo-se de diversos ângulos, com muitos olhos, de acordo com cada um de seus eus.

É indubitável então que a Consciência trata de fugir de si mesma, de seus próprios defeitos representativos, de suas próprias criações diabólicas. Certamente não é nada agradável para os desencarnados tratarem de fugir de si

mesmos, sentirem horror de si mesmos, tratem de ocultar uma parte dos terríveis e espantosos olhares de outra parte ou de outras partes de si mesmo.

Quero ajudar de alguma forma todos aqueles que me escutam, valendo-me agora de um exemplo bem interessante. Aqui no México, na entrada do Castelo de Chapultepec, temos o salão dos espelhos, onde os visitantes se vêem em cada um desses cristais, de forma completamente diferente. Alguns espelhos decompõem nossa figura fazendo-nos parecer como gigantes de outros tempos; outros nos dão o aspecto de insignificantes anões; há aqueles que nos tornam rechonchudas figuras espantosamente obesas; há ainda outros que nos mostram alongadas figuras deformadas, esguias e horríveis; por fim, outros espelhos deformam nossa imagem, fazendo-a surgir com pernas e braços monstruosos.

Imaginem agora por um momento que cada uma dessas figuras fosse algum de nossos eus ou vivas personificações de nossos erros. Que seria de todas essas criaturas mostradas pelos múltiplos espelhos (partes do si mesmo, do mim mesmo, do ego que levamos dentro) se, horrorizadas e independentemente, cada uma delas decidisse fugir das outras?

Nós, convertidos em todos esses múltiplos eus, veríamos cada uma de nossas partes assustada com as demais; cada horror espantado com cada outro horror. Esse é um suplício pior que o de Tântalo. Portanto, eis aí a tortura do quinto círculo dantesco.

Certamente, senhores e senhoras, o ego que levamos dentro é constituído de milhares de demônios; eus que representam nossos defeitos psicológicos. É evidente que tal enxame de diabos controla a máquina orgânica, aqui no mundo físico, e não guardam concordância alguma entre si. Todos eles lutam pela supremacia; todos querem controlar os centros capitais da máquina orgânica.

Quando algum deles governa a máquina humana por um momento, se sente o amo, o chefe, o único. Entretanto, depois é destronado, e outro eu passa a ser o chefe.

Agora compreendereis, senhores e senhoras, o motivo pelo qual todos nós, seres humanos, estamos cheios de íntimas contradições. Se pudéssemos nos ver num espelho de corpo inteiro como somos de fato, ficaríamos horrorizados.

Isso é um fato concreto na quinta zona infradimensional natural do planeta Terra. Não obstante, nessa região tenebrosa, o espanto é ainda mais cru,

mais realista, a ponto de cada uma das partes fugir desconsolada, espavorida, tratando de se ocultar de cada uma das outras partes.

É a Consciência dividida em múltiplos pedaços; o horror do Averno; mistério; as terríveis realidades das trevas de Minos!

P. – Ainda que seja evidente a quinta infradimensão natural da Terra ser muito mais densa e material que as anteriores, o senhor poderia nos explicar que elementos são característicos de sua densidade?

V.M. – Cavalheiro, amigos! Certamente o quinto círculo dantesco resulta mais denso que os quatro anteriores devido à sua composição atômica. Cada átomo da quinta região submersa traz em seu ventre 480 átomos do Sagrado Sol Absoluto. Portanto, a quinta região submersa se torna muito mais grosseira que as anteriores, e disso vem o maior sofrimento.

Milhões de condenados habitam essa zona da Terra; pessoas que se ferem mutuamente; blasfemos que maldizem o eterno Deus vivo; pessoas cheias de ódio e de vingança; soberbos, iracundos, impetuosos, assassinos e malvados.

Todos ali crêem estarem indo muito bem; ninguém supõe, mesmo por um instante, que marcha pelos caminhos das trevas e do horror, e que vai mal. Todos ali se sentem santos e virtuosos; alguns deles se autoconsideram muito fazendo-se de vítimas da injustiça; em geral, todos se presumem de justos.

P. – Com relação aos nove trabalhos que são realizados na Segunda Montanha, da Ressurreição, o senhor poderia nos dizer qual é a diferença entre o trabalho na quinta infradimensão do planeta Marte e o do quinto círculo dantesco do planeta Terra?

V.M. – Amigos, meus queridos amigos, convido todos a compreenderem o que é o trabalho da dissolução do ego. Sem dúvida, quando pela meditação submergimos em nossos próprios infernos atômicos, com o propósito de compreender tais ou quais defeitos psicológicos, é inquestionável que entramos em contato com tal ou qual infradimensão natural.

Sendo a quinta região submersa a seção fundamental da ira, obviamente, ao tratar de compreender de forma íntegra os diversos processos da irritação, da coragem, da violência, da soberba, etc., pomonos em contato com o citado quinto círculo dantesco.

É indispensável fazer uma clara diferenciação entre aqueles elementos inumanos que se relacionam com os nove círculos dantescos do planeta Terra, sob a epiderme deste aflito mundo, e os elementos infraconscientes que dentro de nossa mente estão em íntima relação com os infernos da Lua, Mercúrio, Vênus, Sol, Marte, Júpiter, Saturno, Urano e Netuno.

Porém, atenção, senhores e senhoras, para não confundir os céus com os infernos: o céu de cada um desses citados planetas é totalmente diferente do inferno de cada um dos mesmos. Aprendam a sempre situar qualquer inferno planetário dentro do reino mineral submerso do mesmo.

Céu é diferente: é região de luz, harmonia, felicidade. Não poderíamos ingressar em nenhum desses céus planetários sem antes haver trabalhado em seus correspondentes infernos.

Olhai as coisas desse ângulo. É claro que jamais poderíamos ingressar no Céu de Marte sem antes haver trabalhado no inferno marciano, nas entranhas vivas de seu próprio reino mineral submerso. No inferno de Marte, em suas infradimensões naturais, devemos eliminar certos estados psíquicos bruxescos, infraconscientes e inumanos.

Essa classe de trabalhos só é possível para aqueles indivíduos sagrados conhecidos como ‘Potestades’, e que se preparam para alcançar, no céu de Marte, o estado de ‘Virtudes’.

NT – Esse tipo de trabalho esotérico é para os Caminhantes da Via Reta; só ocorre na Segunda Montanha. Ver o livro **As Três Montanhas**, do mesmo autor, já publicado pela **IGB-Edisaw**.

Não obstante, qualquer trabalho nas entranhas dos outros mundos do sistema solar guarda alguma relação psíquica com suas correspondentes seções infernais do planeta Terra.

Não se esqueçam, senhoras e senhores, das leis das correspondências, das analogias e das numerologias. De todas as maneiras, é urgente saber que, se nos infernos do planeta Marte devemos eliminar psíquicos estados bruxescos infraconscientes, na quinta seção correspondente e infernal do planeta Terra, só nos limitamos a eliminar os processos da ira, soberba, etc.

CAPÍTULO 10

SEXTO CÍRCULO DANTESCO OU DE JÚPITER



Distintos amigos, hoje vamos estudar o sexto círculo dantesco ou de Júpiter, submerso sob a epiderme do planeta Terra.

É inquestionável que esta região infradimensional é muito mais densa que as cinco anteriores, devido à sua constituição atômica. É bom saber que cada átomo do sexto círculo dantesco leva em seu ventre 576 átomos do Sagrado Sol Absoluto.

Sem dúvida, tal tipo de átomo, extremamente pesado, é a *causa causorum* de uma tremenda materialidade. As pessoas que vivem submersas nessa região infernal obviamente estão sob o controle de 576 leis, as quais fazem de suas existências algo muito complicado e difícil.

O tempo se torna espantosamente lento nessas regiões; cada minuto parece séculos; por conseguinte, a vida se torna tediosa e insuportável.

Se analisarmos cuidadosamente a vibração jupiteriana em seu aspecto transcendental planetário, descobriremos essa força misteriosa que dá o cetro aos reis e a mitra aos hierarcas [autoridades] das diversas religiões confessionais.

Portanto, o planeta Júpiter, no espaço infinito, é extraordinariamente místico, régio e sublime. Sua antítese, na infradimensão submersa, sob a crosta geológica de nosso mundo, resulta efetivamente convertida na morada dos ateus materialistas, inimigos do Eterno.

Vivem também nessa região os blasfemos, aqueles que odeiam tudo o que possa ter sabor de divindade; vivem ali também os hereges, esses que cultivam o dogma da separatividade.

Como Dante, ali nos sentimos cheios de dor ao contemplar tantos mitra-dos céticos e ateus, enterrados no sepulcro de suas próprias paixões, ódios e limitações.

Quando pensamos nos grandes legisladores, nos soberanos e nos senhores que regem os conglomerados sociais, obviamente descobrimos tiranos e tiranetes que criam complicações e dores por todas as partes.

O resultado de tão nefastos procedimentos corresponde exatamente ao sexto círculo dantesco. Portanto, não é de se estranhar, que nessa região tenebrosa da morada de Plutão, o investigador esotérico encontre as autoridades que abusaram do poder; é claro que tais pessoas sofrem o indizível.

Júpiter, como paternal amigo sempre generoso, tem sua antítese nefasta nos péssimos pais de família, os quais, possuindo bens aos montões, negam casa, comida e amparo para seus filhos. Sem dúvida, é na sexta nefasta região do Abismo onde essas sombras pecadoras, depois da morte, encontram sua morada.

A consciência do investigador esotérico se comove ao contemplar, nessa tenebrosa região jupiteriana submersa, esses cruéis pais de família. Contudo, o mais curioso, é que eles, aqui em nosso mundo, sob a luz do Sol, sempre acreditavam ser virtuosos, justos e bondosos; alguns deles até foram profundamente religiosos.

Há também, nessa morada sinistra, chefes de família que aspiraram à auto-realização íntima do Ser, apesar de suas crueldades. Seus contemporâneos acreditavam se tratar de pessoas muito boas; sua conduta, aparentemente, das portas da sua casa para fora, era reta, embora dentro de sua morada houvesse prantos e aflições; pietistas extraordinários de fingidas mansidões e poses de comediantes; vegetarianos insuportáveis, desses que fazem da comida uma religião de cozinha.

Eu os chamaria de “hipócritas, fariseus e sepulcros caiados”, para falar com o tom do Grande Kabir Jesus. No entanto, o mesmo já não diriam seus simpaticizantes ou aqueles que os viram em belos salões do tipo pseudo-esotérico ou pseudo-ocultista.

Tampouco é estranho achar na sexta região infradimensional submersa, chefes de família muito honrados e sinceros, porém, terrivelmente equivocados. O que deveriam ter feito, não o fizeram; o que não deveriam ter feito, fizeram.

Alguns desses senhores foram extraordinariamente fanáticos no mundo onde viviam; com vara e açoites ensinaram religião a seus filhos, como se isso pudesse ser ensinado com chicotões. Nefastos sujeitos que cobriram seus lares com sombras, amargando a vida de seus familiares.

Júpiter, generoso como sempre, dadivoso e altruísta, há de ter seu contraste sob a epiderme da Terra, na infradimensão sexta submersa.

Qual é a antítese da generosidade? O egoísmo, a usura, o peculato – isso é óbvio. Logo, não é estranho achar, nessa região infra-humana, aqueles que buscam concentrar para si todos os bens da Terra, como Sanagabril e seus seguidores.

Portanto, toda antítese religiosa, todo contraste jupiteriano, é encontrado inevitavelmente no sexto círculo infernal, sob a epiderme da Terra.

P. – Mestre, observei que o senhor menciona que o tempo é tremendamente longo, que os minutos parecem séculos devido à grande densidade dessa região submersa de Júpiter. É o tempo longo pelos sofrimentos ou são os sofrimentos longos pelo tempo?

V.M. – Distinto cavalheiro, permita-me informar-lhe que o tempo só existe do ponto de vista meramente subjetivo, porque certamente não tem realidade objetiva. Partindo desse princípio básico, chegamos à conclusão lógica de que o tempo é uma criação subconsciente. É inquestionável que o ‘tempo’, em cada zona infraconsciente, ou melhor diríamos, naquilo que existe de inumano em cada um de nós, há de se tornar cada vez mais lento nos locais mais profundos da materialidade.

Em outras palavras, direi o seguinte: no nível meramente intelectual, o tempo não é tão lento como nos níveis subconscientes mais profundos; quanto mais subconsciente é a região do universo onde habitamos, mais lento será o tempo, maior aparência de realidade tomará.

Aqui no mundo físico onde vivemos, sobre a superfície da Terra e sob a luz do Sol, há minutos que parecem séculos e séculos que parecem minutos. Tudo depende do estado de ânimo em que nos encontramos. É claro que em plena felicidade, 12 horas parecem um minuto. É óbvio que um instante de suprema dor parece séculos. Pensemos agora no Abismo, nas regiões submersas abismais, na cidade de Dite, a cidade maldita, no fundo do tenebroso Tártaro. Ali os perdidos sentem que cada minuto se converte em séculos de abominável amargura.

Creio que agora o cavaleiro que fez a pergunta entenderá a fundo minha resposta.

P. – Efetivamente assim o é, Mestre; porém, como o senhor menciona estados de consciência – como subconsciência, inconsciência e infraconsciência – isso significa que quando falamos de infradimensões, estas também se referem a estados de consciência?

V.M. – As infradimensões da natureza e do cosmo existem não somente no planeta Terra, como também em qualquer unidade cósmica do espaço infinito: sóis, luas, planetas, galáxias, estrelas, anti-estrelas, antigaláxias de antimatéria, etc. Portanto, não são essas infradimensões naturais exclusivos produtos da subconsciência, inconsciência e infraconsciência de humanóides intelectivos, mas o resultado de leis matemáticas que têm sua origem em todo o Raio de Criação existencial.

P. – Mestre, isso significa que ao nos referirmos à Consciência em si mesma, devemos pensar que ela está livre do tempo?

V.M. – Cavaleiro, senhoras e senhores! Quero lhes dizer de forma enfática que no Sagrado Sol Absoluto o tempo é 49 vezes mais rápido que aqui na Terra.

Analisando criteriosamente esse enunciado, diremos: sendo o tempo uma criação meramente subjetiva do humanóide intelectual, é óbvio que resulte 49 vezes mais lento do que no Sagrado Sol Absoluto.

Com outras palavras aclaro que a mente do humanóide possui 49 departamentos subconscientes; por isso se diz que o tempo, aqui, entre os bípedes tricerebrados ou tricentrados, equivocadamente chamados homens, é 49 vezes mais lento que no Sagrado Sol Absoluto.

Valendo-nos agora do processo indutivo, ensinado por Aristóteles em sua **Divina Entelequia**, concluiremos: se o tempo no Sagrado Sol Absoluto é 49 vezes mais rápido que no nível intelectual humanóide, obviamente isso significa que no Sagrado Sol o tempo não existe. Ali, tudo é um instante eterno, um eterno agora.

Analisando *isso* que chamamos de Consciência, estudando-a criteriosamente, descobriremos o Ser original paradisíaco, virginal, livre de qualquer processo subconsciente, mais além do tempo. Ou seja: a Consciência, em si mesma, não é um produto do tempo.

P. – Perdoa-me, Mestre, se pareço um tanto insistente. Porém abriguei o conceito de que, conforme vamos despertando a Consciência, os estados infraconscientes e subconscientes vão deixando de existir, porque esses se convertem em estados conscientes. Isso é um equívoco?

V.M. – Cavalheiro, sua pergunta é bem interessante. Ostensivelmente, os estados submersos de Plutão – chamemo-los de infraconsciência, inconsciência, subconsciência – são eliminados radicalmente quando a Consciência desperta.

Na sexta esfera submersa o tempo se torna muito longo, devido ao fato claro e evidente de existirem os estados subconscientes, inconscientes e infraconscientes. Contudo, no Nirvana não existe o tempo, devido ao fato contundente e definitivo de que nessa região divina não existe nem o ego, nem o subconsciente, nem os estados abismais.

P. – Com esta dissertação que francamente me surpreende, porque nunca antes havia relacionado o tempo com os estados de subconsciência, chego à conclusão de que o inconsciente, o infraconsciente e o subconsciente, do qual tanto nos falam os psicólogos, na realidade são estados negativos e satânicos, e formam obstáculos para a auto-realização do homem. Está correto, Mestre?

V.M. – Foi-nos dito de forma solene que necessitamos transformar o subconsciente em consciente. Nós incluímos dentro desses conceitos transformativos também os estados infraconscientes e inconscientes. Despertar a Consciência é radical! Só assim poderemos ver o caminho que nos conduz até a liberação final. Obviamente, o conceito ‘tempo’, que tão amarga faz a vida na sexta esfera submersa e nos diversos círculos dantescos do Tártaro, é eliminado definitivamente quando a Consciência desperta.

P. – Mestre, o senhor nos diz que a sexta região submersa de Júpiter é a antítese deste que gira ao redor do Sol. Observei que o senhor não falou anteriormente como eram as antíteses dos outros planetas ao abordar os demais círculos dantescos; poderia nos esclarecer sobre esse assunto?

V.M. – Cavalheiro, senhoras e senhores! Obviamente os nove círculos infernais são sempre o aspecto negativo, o antípólo das esferas da Lua, Mercúrio, Vênus, Sol, Marte, Júpiter, Saturno, Urano e Netuno. Creio que algo já dis-

se em passadas conferências sobre esse tema e que temos abordado a relação existente entre aqueles mundos e as nove zonas submersas sob a epiderme de nosso planeta Terra. Traçando um paralelo, podemos ver que cada um de nós projeta sua sombra para frente, para trás ou para os lados ao se expor à luz do Sol. Algo parecido ocorre com cada um desses nove mundos do sistema solar quando projetam suas correspondentes sombras ou zonas escuras e tenebrosas nas entranhas do planeta em que vivemos.

P. – Mestre, poderia nos dizer se a zona submersa do planeta Júpiter é habitada?

V.M. – Distinta senhora, permita-me informar-lhe – e informar a todas as pessoas que me escutam – que nas infradimensões naturais do reino mineral submerso do planeta Júpiter existem demônios terrivelmente perversos, criaturas involutivas, gente que caminha para a segunda morte. Esclareço: não estou falando do céu de Júpiter; limito-me exclusivamente a citar o reino mineral submerso desse planeta.

P. – Podemos considerar que, apesar de existirem nos mundos infernais de Júpiter seres involutivos terrivelmente malignos, esses infernos são as antíteses dos infernos do sexto círculo dantesco do planeta Terra?

V.M. – Amigos, o tenebroso se corresponde com o tenebroso; não existe antítese alguma entre os infernos jupiterianos e o sexto círculo dantesco submerso sob a crosta geológica de nosso mundo Terra. Devemos buscar antíteses exclusivamente entre os aspectos luminoso e obscuro de Júpiter. Sem dúvida, os esplendores jupiterianos têm o seu oposto, suas sombras, não somente nas entranhas daquele planeta radiante, mas também sob a crosta de nosso afligido mundo.

P. – Mestre, poderia o senhor nos dizer quais são os materiais ou elementos que compõem essa zona tenebrosa da sexta região submersa de nosso organismo planetário?

V.M. – Amigos, já dissemos em conferências anteriores que os habitantes de tal ou qual elemento natural jamais percebem o elemento em que vivem. Os peixes não vêem a água; nós, habitantes deste mundo tridimensional de Euclides, não percebemos o ar que respiramos, não o vemos; as salamandras não

vêm o fogo; assim também, aqueles que moram no elemento pétreo, rochoso, nunca vêem esse elemento; unicamente percebem objetos, pessoas, eventos, etc.

Obviamente, a densidade pétreo da sexta morada de Plutão resulta insuportável, terrivelmente densa. Agora entendemos o motivo pelo qual Dante viu tantos condenados nos sepulcros dessa região. Não se trata de sepulcros no sentido literal da palavra, mas sim, representam estados sepulcrais, condições muito estreitas e limitadas da subconsciência, infraconsciência, etc.; são as condições dolorosas da vida na sexta região abismal.

CAPÍTULO 11

SÉTIMO CÍRCULO DANTESCO OU DE SATURNO



Amigos, outra vez aqui reunidos, iremos conversar hoje profundamente sobre a esfera submersa de Saturno.

Certamente não estamos nos referindo à condenação eterna ou aos castigos sem fim. A condenação eterna em si mesma não existe; o castigo, por grave que seja, sempre tem um fim, além do qual reina a felicidade. Portanto, nesse sentido, divergimos radicalmente da ortodoxia clerical.

Sem dúvida, os processos involutivos da vida, realizados nas entranhas da Terra, nas infradimensões submersas sob a crosta geológica de nosso planeta, terminam com a segunda morte; depois, liberada a Essência, restaurada a pureza original do material psíquico, reiniciam inevitavelmente novos processos de tipo evolutivo.

Portanto, torna-se clara e evidente a nossa oposição ao dogma de uma absurda condenação eterna; à simples vista ressalta-se nossa forma de compreender a expiação de culpas. Jamais poderíamos conceber a idéia de um castigo, por mais grave que seja, sem chegar a um final.

É claro que a Justiça Divina jamais falha. Toda culpa, por grave que seja, tem seu equivalente expiatório, matemático e exato. Não é possível pagar mais do que se deve; caso a divindade cobrasse mais que o devido, obviamente estaria sendo injusta.

Caros amigos, com essas colocações em forma de preâmbulo, dou início à nossa conferência de hoje. Entremos agora na esfera submersa de Saturno, com o ineludível propósito de que todos compreendam nosso ponto de vista esotérico-ocultista, radicalmente oposto a todo o dogmatismo sectário. Vamos, pois, agora, aprofundar um pouco mais essa questão das esferas submersas.

Em nossa conferência anterior estudamos detidamente o sexto círculo dantesco; hoje convém que penetremos ousadamente no sétimo círculo ou de Saturno.

Quando lemos cuidadosamente **A Divina Comédia** de Dante, encontraremos essa região, de Saturno, convertida em oceano de sangue e fogo. Que nos seja dada a liberdade de dizer que esse ponto de vista é completamente alegórico ou simbólico. Esse oceano de fogo simboliza o fato concreto e definitivo de que nessa região saturnina prevalece certa cor avermelhada sanguinolenta que, de modo acentuado, traduz ou alegoriza a paixão animal violenta.

Ao falarmos de cores, devemos saber que acima do espectro solar, nas dimensões superiores da natureza e do cosmo, resplandece a gama do ultravioleta; já para baixo do espectro solar, brilha fatalmente a gama do infravermelho.

O infravermelho é característico das infradimensões da natureza, sob a crosta geológica de nosso mundo. Portanto, aquela cor vermelha, passionária e sanguinolenta da submersa região saturnina, jamais poderia ser vista em nosso mundo tridimensional de Euclides. O oposto dessa cor está na gama do ultravioleta, acima da região tridimensional.

É interessante saber que toda pessoa que ingressa no sétimo círculo dantesco leva, em sua aura radiante, a detestável cor de sangue; certamente isso a torna afinizada com essa zona submersa de nosso planeta Terra. Portanto, o sétimo círculo dantesco é a morada dos violentos contra a natureza, dos violentos contra a arte, dos violentos contra Deus, dos violentos contra si mesmos, seus próprios bens ou os bens alheios, e também é o círculo dos fraudulentos*.

* NT – Embora essa citação às fraudes e fraudulentos conste do original, em realidade e marcadamente, Dante Alighieri aponta o círculo dos fraudulentos como sendo o oitavo. Ver próximo capítulo.

Movimentando-me em corpo astral de forma consciente e positiva nessa região submersa, pude evidenciar a violência reinante em tão espantosa zona de amarguras. Ainda recordo dois notáveis demônios, dos quais me acerquei diplomaticamente, com o propósito de não ferir susceptibilidades ou provocar reações psicológicas desnecessárias. Eles se pronunciaram contra o Cristo Cósmico e o negaram enfaticamente, sentindo-se perversamente satisfeitos com sua miserável condição satânica.

Em toda parte reinava a violência; no ambiente sangrento submerso eram vistos destroços, espantosos golpes contra as coisas, as pessoas e contra tudo;

sentia como se a influência saturnina, com suas forças centrífugas, se propusesse a desintegrar tudo nessa região, a reduzir a poeira cósmica pessoas, móveis, portas, etc.

Fiquei muito surpreso ao encontrar ali uma criatura muito respeitável, cujos olhos ainda ferem a suave luz do dia. Trata-se de um médico muito famoso, um verdadeiro samaritano, que em vida só se propôs a curar os enfermos com verdadeiro amor e sem exploração alguma.

O que estou dizendo pode gerar espanto... Muitos poderiam me perguntar como é possível que alguém, sendo uma excelente pessoa, venha a terminar seus dias nessa região de malvados. Outros poderiam perguntar sobre questões da vida e da morte, buscando saber como é possível que uma pessoa que ainda vive em nosso mundo, na superfície do planeta, possa estar, ao mesmo tempo, morando no sétimo círculo infernal

Torna-se necessário dar resposta a esses enigmas, esclarecer essas questões, indagar com precisão, inquirir, investigar... Quando pensamos na multiplicidade do ego, não é estranho afirmar que qualquer um desses agregados psíquicos, relacionados com o delito da violência contra a natureza, esteja vivendo em sua correspondente região submersa, mesmo que a personalidade ainda siga vivendo sobre a face da Terra. Obviamente, se essa pessoa não dissolver o eu pluralizado, terá que descer com toda a onda involutiva às entranhas do mundo, especificamente no caso citado acima, ao sétimo círculo dantesco.

Caros amigos, há muita virtude nos malvados e há muita maldade nos virtuosos. Concluído o ciclo de 108 existências, que são atribuídas a cada Alma sobre a face da Terra, é inquestionável que se desce ao inferno com a onda involutiva, mesmo que se tenha grandes virtudes aqui em cima.

Não é demais lembrar Brunetto Latini, aquele nobre senhor que com tanto amor ensinou ao florentino Dante o caminho que conduz à imortalidade do homem; nobre criatura, mas agora submergida nesse abismo pelo delito de violação da natureza.

P. – Mestre, poderia nos explicar mais sobre quando cometemos delito de violência contra a natureza?

V.M. – Com muito prazer me apresso a responder à dama que faz a pergunta... Existe violência contra a natureza quando violentamos os órgãos sexuais. Existe também esse delito quando o homem obriga sua mulher a efetuar a

cópula, não estando ela com disposição para fazê-lo. Existe tal delito quando a mulher obriga o homem a efetuar a cópula, não se achando este com disposição de fazê-lo. Existe tal delito quando o homem se obriga, violentando a si mesmo, a efetuar o coito, não se encontrando o organismo em condições aptas para isso. Existe tal delito quando a mulher se obriga a efetuar a cópula não se achando seu organismo em condições realmente favoráveis. Existe tal delito naqueles que cometem o crime de violação sexual [estupro] ou posse de outra pessoa contra a vontade da mesma.

Como entre as cadências do verso também se esconde o delito, não é de se estranhar que se cometem violências contra a natureza quando se obriga o falo [pênis] a entrar em ereção, não se achando este em condições realmente favoráveis para o coito. Existe violência contra a natureza quando, sob o pretexto de praticar magia sexual, ou ainda com as melhores intenções de se auto-realizar, o homem se obriga a realizar a cópula química ou obrigue sua mulher a esse propósito, não se achando os órgãos criadores, no momento amoroso, aptos, precisos e em condições harmoniosas, favoráveis e indispensáveis para a cópula. Existe violência contra a natureza quando as mulheres, querendo a auto-realização íntima, violentam sua própria natureza, obrigando-se impiedosamente a realizar a cópula, mesmo não se achando nas condições requeridas para a mesma. Existe violência contra a natureza nos masturbadores ou naqueles que realizam a cópula química estando a mulher na menstruação. Existe violência contra a natureza quando os cônjuges realizam a união sexual achando-se a mulher em estado de gravidez. Existe violência contra a natureza quando se pratica o *Vahroli Mudra* [transmutação para solteiros] de tipo forte várias vezes ao dia ou à noite, não estando os órgãos sexuais em condições realmente favoráveis e harmoniosas para isso. Existe violência contra a natureza quando se pratica magia sexual duas vezes seguidas, violando as leis da pausa magnética criadora.

P. – Mestre, no caso do cônjuge não ser totalmente potente e ainda assim esteja praticando magia sexual, isso também é violentar a natureza?

V.M. – Com a maior alegria respondo ao cavalheiro que faz a pergunta... Sucede que órgão que não é usado se atrofia. Se alguém, se qualquer homem permanecer em abstinência sexual, de forma radical e absoluta, é claro que isso prejudica a si mesmo, e ele se torna impotente. Obviamente, se quiser curar esse mal nefasto, poderá fazê-lo praticando a magia sexual: conexão sexual sem ejacular o sêmen.

É claro que no princípio a conexão é quase impossível, precisamente devido à falta de ereção. Entretanto, ao tratar de se conectar sexualmente, acercando o falo do útero – e com o mútuo intercâmbio de carícias – não existe aí nenhuma violação contra a natureza, mas sim, terapêutica médico-erótica, indispensável para realizar a cura da impotência.

No princípio, essa classe de pacientes pode usar algum tratamento clínico, baseado nos conselhos dados pelo médico, precisamente com o propósito de conseguir as primeiras conexões sexuais. É evidente que se o casal se retirar antes do orgasmo, para evitar a ejaculação do sêmen, este último é reabsorvido pelo corpo, fortalecendo extraordinariamente o sistema sexual, cujo resultado final será a cura da impotência. Em todo esse processo, repito, não há violência contra a natureza.

P. – Mestre, quando o senhor fala de violência contra a natureza, refere-se exclusivamente à violência contra o organismo humano?

V.M. – Distinto amigo, quero que o senhor saiba, de forma clara e definitiva, que quando falamos de violência contra a natureza, estamos nos referindo de forma enfática a todo tipo de violência sexual, especificando claramente os órgãos sexuais dos seres humanos.

Não quero com isso dizer que não existem outros tipos de violências contra a natureza. Se alguém obrigar, por exemplo, as criaturas inferiores [animais] a efetuar cópulas artificiais, violentando o livre arbítrio, existe violência contra a natureza. Se alguém inseminar artificialmente os animais, como é costume hoje em dia, existe violência contra a natureza.

Também existe violência contra a natureza quando adulteramos os vegetais e as frutas, realizando os famosos enxertos que inventaram os sabichões desta idade negra do *Kali-Yuga*. Existe violência contra a natureza quando nos castramos ou quando mandamos castrar os animais. Portanto, inumeráveis são os delitos que entram nessa ordem de violências contra a natureza.

Caros amigos, cavalheiros e damas que me escutam! Pessoas que venham a receber esta **Mensagem de Natal de 1973!** Lembrem-se que no meio do incenso dos templos também se esconde o delito; nos belos quadros plasmados em tela pelo pintor igualmente se esconde o delito; em meio às mais deliciosas harmonias com que o músico nos deleita aqui neste planeta Terra também se oculta o delito; no perfume da prece sussurrada fervorosamente nos templos também se esconde o delito.

O delito se veste de santo, mártir e apóstolo; ainda que pareça incrível, se disfarça com as vestes sacerdotais e oficia nos altares.

Meus amigos, senhores e senhoras, lembrem-se de Guido Guerra, citado por Dante, neto da pudica Gualdrata, um nobre senhor que muito realizou durante sua vida com seu talento e com sua espada. Lembrem-se também de Tegghiaio Aldobrandi, a cuja voz o mundo deveria ser grato. Todos eram nobres varões, mas agora vivem no sétimo círculo infernal, pelo delito de violência contra a natureza.

P. – Mestre, se desintegramos o eu da violência contra a natureza ou quase todos os eus que mantêm engarrafada a nossa Essência, porém se ainda restar algum, cairemos também em qualquer um desses círculos dantescos?

V.M. – Distinta senhora, alegre-me sua pergunta, muito oportuna... Alguém poderia eliminar de sua mente os agregados psíquicos relacionados ao delito da violência contra a natureza, mas ainda assim cair em qualquer um dos outros círculos dantescos. Enquanto o ego animal existir, é óbvio que sempre seremos candidatos garantidos para o Abismo e para a segunda morte.

P. – Mestre, se já chegamos à última das 108 existências, que são atribuídas a cada ser humano, mas se estivermos trabalhando na Senda do Fio da Navalha, nos dariam outra oportunidade para terminar nosso trabalho?

V.M. – Nobre senhora, muito me apraz escutar sua pergunta! Saiba a senhora, com inteira claridade, que as leis da natureza não são governadas por tiranos, mas por seres justos e perfeitos. Se alguém, apesar de haver cumprido seu ciclo de 108 existências, entrar na Senda do Fio da Navalha e desencarnar, estando no real caminho, obviamente será ajudado e receberá novas existências com o propósito de conseguir sua auto-realização íntima. Mas, se ele se desviar do caminho secreto, se renegar a chance, se não dissolver o ego e reincidir em seus delitos, inevitavelmente cairá no abismo de perdição.

P. – Pelo anteriormente exposto no curso desta conferência, chego à conclusão que, uma vez que involuímos nos abismos atômicos da natureza, realmente nos tornamos habitantes de todos os círculos dantescos de nosso organismo planetário. Estou certo, Mestre?

V.M. – Quero dizer ao senhor que certamente está no justo. Quando alguém ingressa na involução submersa da natureza, desce lentamente pelo tempo, de círculo em círculo, ressaltando [nessa descida] muito especialmente aquela zona onde especificamente está seu pior delito.

P. – Mestre, que nos diz o senhor dos homossexuais e lésbicas? Eles cometem violência contra a natureza?

V.M. – Distinto senhor! Sua pergunta me parece bastante interessante. É urgente compreender que homossexuais e lésbicas submergem inevitavelmente no sétimo círculo dantesco ou de Saturno, exatamente pelo delito de violência contra a natureza. Quero que os senhores compreendam que esta classe de degenerados, inimigos do Terceiro Logos, são realmente casos perdidos, sementes que não germinam.

P. – Mestre, as lésbicas e os homossexuais nascem assim por Lei Kármica ou tem alguma relação hereditária? Qual dos dois fatores impera?

V.M. – Escuto a pergunta que faz o missionário gnóstico internacional EVQ, aqui da Sede Patriarcal do Movimento Gnóstico, na cidade do México. Senhoras e senhores! Convém saber que aqueles humanóides, que em vidas anteriores se precipitaram violentamente pelo caminho da degeneração sexual, obviamente envolvendo de existência em existência, por fim nascem como homossexuais e lésbicas, antes de entrar nos mundos infernais. Portanto, o lesbianismo e o homossexualismo são o resultado da degeneração sexual de vidas precedentes, uma conseqüência kármica fatal. Isso é tudo!

P. – Mestre, se uma lésbica ou um homossexual pudesse, mesmo que por um momento, fazer consciência do castigo que o espera no além – pelo karma de sua degeneração – e fosse pedir à Lei Divina uma ajuda especial, esta poderia lhe conceder a graça de voltar ao seu estado normal? Ou não têm a suficiente força para pedir esse benefício?

V.M. – Senhoras e senhores! Existe um provérbio que diz: “A Deus rogando e com o malho dando”. A misericórdia divina está ao lado da justiça; porém “obras são amores e não boas razões”.

Se qualquer um desses degenerados do infra-sexo se arrepender de verdade, que demonstre com fatos concretos, claros e definitivos. Que se case imediatamente com uma pessoa do sexo oposto e que de verdade ingresse pelo caminho da autêntica e legítima regeneração sexual.

Que este tipo de delinqüentes clame, ore e suplique é correto; porém que faça, que demonstre com fatos seu arrependimento. Só assim é possível a salvação para esta classe de criaturas.

Entretanto, é muito difícil que homossexuais e lésbicas ainda tenham ânimo ou verdadeiro anelo de auto-superação. Sem dúvida, são pessoas completamente degeneradas, nas quais, certas áreas do cérebro, já não trabalham mais; são sementes apodrecidas, onde é quase impossível encontrar qualquer anelo de regeneração.

Alguns sujeitos dessa classe fizeram de seu delito uma mística disfarçada com a roupagem da santidade. Estes últimos expoentes da podridão humana são ainda piores e mais perigosos. Não devemos, pois, forjar ilusões sobre essas pessoas; são casos perdidos, abortos da natureza, fracassos rotundos.

P. – Mestre, aqueles que rechaçam o sexo oposto já perderam toda a esperança de realização ou sempre fica aberta alguma porta?

V.M. – Distinto amigo, escute! O infra-sexualismo está simbolizado na kabala antiga, pelas duas mulheres de Adão: Lilith e Nahemah. Lilith, em si mesma, alegoriza o mais monstruoso da degeneração sexual. Na esfera de Lilith estão muitos ermitões, anacoretas, monges e monjas enclausurados que odeiam o sexo de forma mortal. Também achamos nessa esfera as mulheres que tomam abortivos e que assassinam os recém-nascidos; são verdadeiras hienas de perversidade.

Outro aspecto da Esfera de Lilith corresponde aos pederastas, homossexuais e lésbicas. Não há dúvida que tanto os que rechaçam violentamente o sexo quanto os que abusam dele, caindo no homossexualismo e no lesbianismo, são casos perdidos, criaturas terrivelmente malignas. Para esta classe de pessoas, todas as portas estão cerradas, menos uma, a do arrependimento.

Já a esfera de Nahemah está representada por outro tipo de violentos contra a natureza: são os fornicários irredentos, os fornicários da abominação, etc. – pessoas que se acham bem definidas como os tipos *Don Juan Tenorio*, *Casanova* e também como o tipo ‘diabo’, que é o pior de todos.

Senhores e senhoras, falemos agora um pouco sobre a violência contra Deus. Ao chegar a esta parte de nossa conferência, quero recordar Capâneo [ou Capaneu], o ancião de Creta, um dos sete reis que sitiaram Tebas, e que agora vive na zona submersa de Saturno, sob a crosta geológica de nossa Terra.

O florentino Dante, discípulo de Virgílio – o grande poeta de Mântua – em sua **Divina Comédia** cita esse terrível caso, relacionado especificamente à violência contra Deus. Aquela sombra [Capaneu] gritou:

“Morto sou qual fui vivo!”
Que Jove [Zeus] canse o armeiro seu dileto,
De quem tomou fremente o agudo raio
Para em mim saciar rancor abjeto;
Que os seus cíclopes sintam já desmaio
De Mongibello na oficina negra,
Aos gritos — “Bom Vulcano, acode ou caio!
Como fez na peleja lá de Flegra;
Que me fulmine de ódio e sanha cheio:
No gozo da vingança em vão se alegra”.

[Extraído da primeira tradução integral da **Divina Comédia** no Brasil – Canto 14 – Tradução de José Pedro Xavier Pinheiro – 1822 – 1882]

A soberba e o orgulho dos violentos contra a divindade é, no sétimo círculo submerso, a pior tortura. Existe violência contra a divindade quando não obedecemos às ordens superiores, quando atentamos contra nossa própria vida e quando, iracundos, blasfemamos.

Também existem muitos modos sutis de violência contra a divindade. Sem dúvida, é um violento contra Deus aquele que não quer nada com assuntos místicos ou espirituais, aquele que supõe poder existir sem a misericórdia divina e que, no fundo de sua Alma, se subleva contra tudo aquilo que tenha odor divino.

Existe violência contra Deus naquele sujeito auto-suficiente que sorri estupidamente e de forma cética quando escuta assuntos que de alguma forma tenham a ver com os aspectos espirituais da vida. Existe violência contra Deus nos velhacos da mente, nesses ‘sabichões’ que negam toda possibilidade espiritual no homem; nesses que crêem haver monopolizado o saber universal; nos

modelos de sabedoria; nos ignorantes ilustrados, que não somente ignoram mas que também ignoram que são ignorantes; nos iconoclastas que fazem tábua rasa quando analisam princípios religiosos, porém que deixam seus seguidores sem uma nova base espiritual.

Existe violência contra Deus nos marxistas-leninistas, pseudo-sábios que tiraram da humanidade os valores espirituais.

Vem-me à memória nestes momentos um encontro que tive nos mundos submersos com Karl Marx. Encontrei-o nessas regiões tenebrosas; esse sujeito despertou no mal e para o mal. Sem dúvida, é um *boddhisattva* caído. Seguiu-o Lenin, como uma sombra nefasta, inconsciente, profundamente adormecido. Interroguei Marx com as seguintes palavras: “Já faz muito tempo que o senhor desencarnou; seu corpo se tornou pó na sepultura; no entanto, te encontro vivo aqui nestas regiões. Então, em que ficou a sua dialética materialista?”

Aquele sujeito, olhando o relógio de pulso que levava no braço, não se atreveu a dar nenhuma resposta; virou as costas e se retirou. Porém, poucos metros de distância depois, lançou uma gargalhada sarcástica, horripilante.

Mediante a intuição pude capturar a essência viva de tal gargalhada. Nela estava a resposta que poderíamos resumir com a seguinte frase: “Essa dialética não foi mais que uma farsa, uma ‘isca’ para enganar os incautos”.

É curioso saber que, ao desencarnar, Karl Marx recebeu honras fúnebres religiosas de grão-rabino. Na Primeira Internacional Comunista, Karl Marx se pôs de pé, e disse: “Senhores, eu não sou marxista!”

Então, houve grande assombro nos assistentes; gritos; alaridos. A partir daí nasceram muitas seitas políticas: bolcheviques, mencheviques, anarquistas, anarco-sindicalistas, etc. Assim, pois, acaba sendo muito interessante saber que o primeiro inimigo do marxismo foi o próprio Karl Marx.

Numa revista de Paris podemos ler o seguinte: “Mediante o triunfo do proletariado mundial, criaremos a República Socialista Soviética Universal, com capital em Jerusalém, e nos apossaremos de todas as riquezas das nações, para que se cumpram as profecias de nossos santos profetas do Talmud.”

Certamente, estas não podem ser frases de um materialista, nem de algum ateu. Marx era um fanático religioso judeu.

Não quero, nesta conferência, criticar assuntos políticos; estou me referindo de forma enfática às questões essencialmente ocultistas. Karl Marx, certamente movido por fanatismo religioso, inventou uma arma destrutiva para

reduzir a poeira cósmica todas as religiões do mundo. Tal arma, sem dúvida, não passa de uma geringonça, que jamais resistiria a uma análise profunda; refiro-me à dialética materialista.

Os velhacos da mente sabem perfeitamente bem que para a elaboração desse engodo, dessa farsa, Marx valeu-se da dialética metafísica de Hegel. Mas, evidentemente, despojou esta obra de todos os princípios metafísicos dados por seu autor, e com ela elaborou seu embuste.

Não é demais repetir nesta conferência que Marx, como autor de tal mentira, de tal farsa, de tal dialética comunístóide, jamais acreditou nela; por isso, não teve nenhum inconveniente em confessar isso em plena assembléia, exclamando: “Senhores, eu não sou marxista!”

Sem dúvida, este senhor só cumpriu com um dos **Protocolos dos Sábios de Sião**, que diz: “Não importa que nós tenhamos que encher o mundo de materialismo e de repugnante ateísmo. O dia em que triunfamos, ensinaremos a religião de Moisés universalmente de forma dialética, e não permitiremos no mundo nenhuma outra religião.”

Não quero com isso condenar nenhuma raça em particular. Estou me referindo diretamente a alguns personagens semitas com planos maquiavélicos. Esses são os Marx, os Lenin, os Stalin, etc. Do ponto de vista rigorosamente ocultista, pude evidenciar que o citado *boddhisattva* caído lutou pela divindade a seu modo, usando uma arma astuta para destruir as demais religiões. Marx foi um sacerdote, um rabino da religião judaica, fiel devoto da doutrina de seus antepassados.

O que, sim, nos assombra é a credulidade dos néscios, os quais, crendo-se eruditos, caíram na armadilha do ceticismo proposta por Karl Marx. Esses ingênuos da dialética materialista marxista-leninista obviamente se tornam violentos contra a divindade; por tal motivo, ingressam no sétimo círculo dan-tesco.

P. – Venerável Mestre, na ordem maçônica a que pertenço, se diz que a religião ajuda o homem a bem morrer e que a maçonaria ajuda o homem a bem viver. Portanto, creio eu que a maioria dos maçons que conheço, desconhecem o que é a religião e a confundem com algo totalmente negativo. Já que estamos tratando sobre a violência contra Deus, o senhor poderia nos dar o conceito correto do que significa religião?

V.M. – ‘Religião’ vem da palavra latina *religare*; significa ‘tornar a ligar’ a Alma a Deus. A maçonaria não é propriamente religião; é mais uma confraria de tipo universal. Entretanto, seria muito recomendável que essa benemérita instituição estudasse a ciência da religião. De modo algum sugerimos que alguém se filie nessa ou naquela seita; cada qual é livre para pensar como quiser. Nós só nos limitamos a aconselhar o estudo da ciência da religião. A ‘ciência da religião’ é, precisamente, o gnosticismo em sua forma mais pura, sabedoria de tipo divino, esoterismo analítico profundo, ocultismo transcendental.

P. – Mestre, permita-me insistir, já que escutei em alguma conferência, dentro do ensinamento gnóstico, que o universo foi criado por sete lojas maçônicas; sem dúvida ligou a maçonaria primigênia com o Pai, razão pela qual tenho o conceito de que, em síntese, a maçonaria é o denominador comum de todas as religiões, portanto, procede da Gnose. Poderia o senhor me esclarecer isso?

V.M. – Estimável senhor! Aqueles que estudaram profundamente a maçonaria de um Ragón ou de um Leadbeater sabem muito bem que a Maçonaria Esotérica Oculta existiu não somente sob os pórticos do templo de Jerusalém, mas também no antigo Egito e na submersa Atlântida.

Infelizmente, essa honorável instituição entrou no círculo involutivo com a chegada do *Kali-Yuga* ou Idade do Ferro em que atualmente nos encontramos. Entretanto, é claro que na futura Sexta Grande Raça terá uma brilhante missão a cumprir, precisamente quando ressuscitarem as poderosas civilizações esotéricas do passado.

Não negamos a origem divina dessa instituição. Já sabemos que os Sete Cosmocratores oficiaram com a Santa Liturgia no amanhecer do Grande Dia, quando fecundaram a Matéria Caótica para que surgisse a vida.

De século em século, através das distintas Rondas Cósmicas, as escolas foram se tornando cada vez mais e mais densas, até chegar, por fim, ao estado em que atualmente se encontram; recomendamos aos irmãos maçons que estudem a fundo o esoterismo de Salomão e a sabedoria divina da terra dos faraós.

É necessário e urgente que os irmãos maçons não caiam no ceticismo marxista-leninista, na dialética dos tontos; que não se pronunciem contra a

divindade, porque isso, além de ser contrário a uma ordem esotérica de origem divina, os levaria inevitavelmente ao sétimo círculo dantesco, à tenebrosa região dos violentos contra Deus.

P. – Venerável Mestre, como se cataloga o caso concreto de alguns gnósticos, os quais, crendo estar identificados com a doutrina do Cristo, também estão identificados com a parte oposta, que é o ateísmo marxista?

V.M. – Distinto cavalheiro! Ocorre que não deixam de existir nas correntes de tipo ocultista ou esotérica alguns elementos sinceros que anelam, de verdade, trabalhar por um mundo melhor.

É inquestionável que estes, envenenados pela propaganda vermelha e desejando criar aqui, no mundo ocidental, o “paraíso soviético”, trabalham com entusiasmo para plasmar a realização total desse grande anelo.

São equivocados sinceros, pessoas de magníficas intenções, porém, equivocadas. Lembre-se que o caminho que conduz ao Abismo está cheio de boas intenções. Se estes indivíduos vivessem por um tempo como operários na União Soviética, estou seguro que, ao regressarem a esta região do mundo ocidental, iriam se manifestar raivosamente contra o comunismo.

É bem interessante saber que no hemisfério ocidental há mais comunistas que na União Soviética. O que acontece é que lá, atrás da cortina de ferro, as pessoas já conhecem a realidade comunista; viveram-na; portanto, não podem ser enganadas pela propaganda vermelha. Em troca, como aqui ainda não temos governo do tipo marxista-leninista, os agitadores vermelhos podem jogar com os incautos da mesma forma que o gato joga com o rato, antes de devorá-lo.

Do ponto de vista rigorosamente esotérico, podemos afirmar de forma enfática o seguinte: nos mundos submersos, nas regiões tenebrosas do sétimo círculo dantesco, os comunistas vestem túnicas negras; são verdadeiramente personagens da mão esquerda, sacerdotes da magia negra.

Concluirei dizendo: a Venerável Grande Loja Branca qualificou o marxismo-leninismo como autêntica e legítima magia negra. Aqueles que vieram o caminho secreto que conduz à liberação final não podem militar nas fileiras da mão esquerda, sem cair, por esta razão, no delito de violência contra Deus.

P. – Mestre, ainda que todos saibamos o que é a fraude e que sempre a relacionamos com as coisas da economia, esse delito que se purga no sétimo círculo dantesco* abarca ainda outros tipos de enganoso?

V.M. – Amigos, existem muitas formas de fraude, e é bom esclarecer tudo isso. Dante simboliza a fraude com uma figura tenebrosa e horripilante, e a descreve da seguinte forma:

“A sua cara era cara de homem justo,
Tão benignos mostravam-se os seus traços,
E de serpente era o corpo robusto.
Pilosos, até o tronco, tinha os braços,
Enquanto eram o dorso e o peito ornados
Com pinturas de argolas e de laços.
Não com mais colorido elaborados
De tártaros e turcos são os panos,
Nem por Aracne os que foram criados.”

[**Divina Comédia**, Canto 18, transcrito da edição bilíngüe da Editora 34 – 1998 – São Paulo]

Dante afirma que na cauda desta figura existia um terrível ferrão. Este símbolo expressa muito bem o delito da fraude. Pensemos agora por um instante nos variados laços de cores com que o fraudulento envolve suas vítimas; no rosto venerável com que se mostram os fraudulentos; em seu corpo de víbora venenosa; em suas horríveis garras e no agulhão com que ferem suas vítimas...

São tão variados os tipos de fraude que nos assombramos realmente. Existe fraude naquele que forma um grupo esotérico e logo o abandona. Existe fraude naquele que abre um lumisial e logo confunde seus membros com seus delitos, seja namorando a mulher alheia, seja seduzindo com o propósito de praticar magia sexual, adulterando às escondidas, desejando a Ísis do templo, explorando os irmãos do santuário, prometendo o que não pode cumprir, pregando o que não pratica, fazendo o contrário do que ensina, escandalizando, bebendo, etc., ante o assombro dos devotos.

Existe fraude no homem que promete casamento a uma mulher e depois não cumpre sua palavra; na mulher que dá a palavra ao homem e logo o engana, enamorando-se de outro homem; no pai de família que promete ao filho ou

à filha um determinado presente, uma ajuda qualquer, mas depois não cumpre a promessa.

Existe fraude no indivíduo que pede dinheiro emprestado e não devolve. Existe fraude nos vendedores de loterias e jogos de azar, pois as vítimas, convencidas que podem ganhar, perdem seu dinheiro e se sentem enganadas.

Todas estas formas de fraude são violência contra o Pai. Por isso, Dante alegoriza a fraude ou as fraudes como um espantoso monstro de rosto venerável.

* NT – Por razões que desconhecemos, nesta obra a ‘fraude’ acabou sendo associada ao sétimo círculo. Porém, na **Divina Comédia**, Dante a coloca no oitavo círculo. A descrição da figura da fraude é a de Gerião, personagem que transportou Dante e Virgílio do sétimo para o oitavo círculo. Para saber mais, ver Cantos 11, 17 e 18 de **A Divina Comédia**.

P. – Venerável Mestre, entendemos que o sétimo círculo dantesco é mais denso que todos os anteriores, pelo que nos agradaria que nos explicasse a constituição material dessa infradimensão.

V.M. – Amigos! A sétima região submersa ou de Saturno é de uma densidade material que nos assombra; cada átomo, nessa região submersa, possui em seu ventre 672 átomos do Absoluta. Obviamente, este tipo específico de átomos é muito pesado; por tal motivo, a sétima região submersa acaba sendo bem grosseira e dolorosa. Considerando-se que 672 leis governam essa tenebrosa zona submersa sob a crosta geológica de nosso mundo, a vida ali se torna insuportável, difícilíssima, terrivelmente complicada e espantosamente violenta.

P. – Mestre, desejaria saber se o elemento ou elementos em que se movem os habitantes desse círculo tampouco é visto por eles e se crêem que também estão indo muito bem?

V.M. – Honoráveis amigos! Quero que saibam que essa região cavernosa de nosso planeta é uma mescla de mineral e fogo. Entretanto, ali as chamas só são conhecidas pelos seus efeitos, pela violência, pelos rudes golpes instintivos e brutais. Repito o que disse no princípio desta conferência: O que Dante simbolizou com sangue é exclusivamente a cor sanguinolenta da violência sexual na aura dos perdidos e na atmosfera infra-humana dessa zona.

Sem dúvida, jamais um habitante dessa saturnina região pensaria de si mesmo algo ruim. Eles supõem sempre que marcham pelo caminho da retidão e da justiça. Alguns desses sabem que são demônios, mas se autoconsolam com a idéia de que todos os seres humanos também o são. Contudo, aqueles que ignoram o fato de serem demônios, jamais admitiriam a idéia de que são maus; crêem firmemente serem pessoas de bem, justas e retas.

Se alguém os repreendesse por seus delitos, se alguém os admoestasse, se os chamasse ao arrependimento, se sentiriam ofendidos, caluniados e reagiriam com atos de violência.

CAPÍTULO 12

OITAVO CÍRCULO DANTESCO OU DE URANO



Caros amigos, novamente reunidos, nesta noite de 18 de novembro do ano de 1972, ano décimo primeiro de Aquário!

Hoje iremos estudar o oitavo círculo dantesco submerso sob a crosta terrestre, nas infradimensões da natureza.

Ao entrar nas explicações, primeiro vamos repassar o que já dissemos em outras ocasiões sobre o tantrismo negro. Obviamente, existem três tipos de tantrismo:

1. tantrismo branco
2. tantrismo negro
3. tantrismo cinzento

Os hindus nos falam abertamente sobre a Serpente Ígnea de nossos mágicos poderes, o poder eletrônico solar que sobe pela medula espinhal dos ascetas. É claro que o *fohat* transcendente se desenvolve unicamente com o tantrismo branco. A chave foi dada em nossos livros anteriores. Não obstante, vou repeti-la: “Conexão do *Lingham-Yoni* (falo-útero), sem ejaculação do esperma sagrado”.

Tantrismo negro é diferente. Nele existe conexão do *Lingham-Yoni*, ritos mágicos e ejaculação seminal. O resultado disso é o despertar da Serpente Ígnea em sua forma estritamente negativa. É evidente que no tantrismo negro o Fogo Sagrado precipita-se do cóccix para os infernos atômicos do homem. Então surge ou se forma a cauda de Satã, o abominável órgão *Kundartiguador*.

Tantrismo cinzento já tem outros propósitos: Gozo animal sem anelos transcendentes. Mas agora vamos focar unicamente e de forma explícita o abominável órgão *Kundartiguador*.

Existem duas Serpentes: A primeira, é a Serpente do tantrismo branco; esta é a Serpente de Bronze que sanava os israelitas no deserto, subindo vitoriosa pelo canal medular espinhal. A segunda, é a Serpente Tentadora do Éden, a horrível Píton, que se arrasta no lodo da Terra e que Apolo feriu com seus dardos.

A primeira, a Serpente de Bronze, o Fogo Ascendente, tem o poder de despertar os chakras da espinha dorsal. Abre, diríamos, as Sete Igrejas do Apocalipse de São João e nos converte em Deuses poderosamente divinos. A segunda [a Serpente Negra], abre os sete chakras que estão no baixo ventre, as sete portas do Inferno – como dizem os maometanos.

Muito foi dito sobre Kundalini, o poder serpentino anular que se desenvolve maravilhosamente no corpo de todo tântrico branco. Entretanto, asseveramos solenemente que ninguém pode gozar dos poderes da Serpente Luminosa sem antes ter sido por Ela devorado.

Aqui está a explicação, amigos e irmãos do Movimento Gnóstico, sobre qual é o motivo de os Adeptos da Índia terem sido qualificados ou chamados de *najas* (serpentes).

Os grandes hierofantes da Babilônia, Egito, Grécia, Caldéia, etc., chamavam a si mesmos de ‘serpentes’.

No México serpentino, Quetzalcoatl, o Cristo mexicano, foi devorado pela Serpente; por isso, recebeu o título de Serpente Voadora.

Wotan [Oddin] era uma Serpente, porque havia sido tragado pela Serpente.

Torna-se claro e evidente que o matrimônio profundo, a fusão integral da Mãe Divina com o Espírito Santo, ou seja, da Serpente Ígnea de nossos mágicos poderes com Shiva, o Terceiro Logos, o Arqui-hierofante e Arquimago, só é possível quando tivermos sido devorados pela Serpente. Então advém a gloriosa ressurreição do Mestre Secreto dentro de nós mesmos, aqui e agora.

Convido agora todo este auditório que me escuta, bem como todo o Movimento Gnóstico em geral, para uma reflexão profunda sobre a antítese da Serpente Luminosa: é inquestionável que a horrível serpente Píton é o oposto negativo e fatal, a sombra – diríamos – ou a radical antítese da Serpente de Luz.

Sem dúvida, no Abismo a verdade se disfarça de trevas. Se nas dimensões superiores da natureza e do cosmo somos devorados pela Serpente de Bronze, que sanava os israelitas no deserto, obviamente no oitavo círculo dantesco, os

condenados são devorados pela horrível Serpente Tentadora do Éden; então se convertem em víboras venenosas, espantosamente malignas.

Quero que todos compreendam que a Serpente, de um jeito ou de outro, sempre irá nos devorar, seja em seu aspecto luminoso seja no tenebroso, no oitavo círculo infernal.

É bem clara a cena fatal da horrível Serpente Tentadora do Éden devorando os perdidos com o propósito de destruí-los, desintegrá-los e reduzi-los a poeira cósmica, com a finalidade de liberar a Essência e restaurar sua pureza original. Só assim a Alma se emancipa do doloroso Tártaro.

É muito interessante saber que a Serpente sempre destrói o ego, seja pela via luminosa – à base de trabalhos conscientes e padecimentos voluntários – seja pela via tenebrosa, no oitavo círculo das fatalidades.

É maravilhoso saber que o ego sempre será dissolvido, custe o que custar; com nossa vontade ou contra nossa vontade; vitoriosos ou fracassados a Serpente inevitavelmente nos devora.

A Serpente Tentadora do Éden, a horrível Píton, é o aspecto negativo da Mãe Divina; cumpridos seus desígnios no Averno, volta à sua polarização positiva na luminosa região.

Vede, pois, amigos e amigas, de que forma a Mãe Divina ama seu filho. Aqueles que estão perdidos, os tântricos negros, ao desenvolver a Serpente das Fatalidades, inevitavelmente condenam-se à segunda morte. *Bonzos e dugpas* de turbante vermelho não poderão jamais fugir da Divina Mãe Kundalini. Ela os devorará inevitavelmente, custe o que custar.

No oitavo círculo infernal moram os falsos alquimistas (os tântricos negros), os falsificadores de metais, aqueles que cristalizaram negativamente o hidrogênio sexual Si-12 nos corpos existenciais superiores do Ser; fizeram-no se cristalizar negativamente para se converterem em adeptos da face tenebrosa, os quais, inevitavelmente, virão a ser devorados pela horrível Serpente das Fatalidades.

Quero que todos se dêem conta que há dois tipos de Alquimia, dois tipos de morte do ego e dois tipos de banquete que são oferecidos à Serpente. Podereis escolher o caminho; elegê-lo. O conhecimento está sendo dado aqui. Portanto, todos agora estão diante do dilema filosófico de “ser ou não ser”.

Ai de vós, candidatos à segunda morte! Vossas torturas serão espantosas! Só assim podereis morrer no tenebroso Averno. De que outra forma a Essência

pode se emancipar? De que maneira a Essência poderia ficar livre para reiniciar um novo ciclo evolutivo, que começa desde a dura pedra?

No oitavo círculo infernal encontramos também os falsificadores de moeda, os falsários, os aproveitadores de pessoas, os incestuosos, os semeadores de discórdia, os maus conselheiros, os que prometem e não cumprem, os que fazem escândalos e também os que formam cismas, gente falsa e mentirosa, etc. Esta oitava região submersa é a antítese, o oposto, o aspecto negativo de Urano.

É bem interessante esse planeta do nosso sistema solar. Foi-nos dito que os pólos norte e sul de Urano apontam alternadamente para o Sol. Quando o pólo negativo desse mundo se orienta para o resplandecente Sol, então a força feminina manda em nosso aflito mundo.

Cada ciclo ou período magnético de Urano é de 42 anos. Assim, pois, homens e mulheres alternam seu mando aqui na Terra, em ciclos ou períodos de 42 anos cada um. O período completo de Urano é de 84 anos: 42 de tipo masculino e 42 de tipo feminino.

Observemos bem os costumes das pessoas, a história, e veremos épocas de intensa atividade masculina – como o período da pirataria, por exemplo – quando todos os mares da Terra se encheram de corsários; há épocas, como a presente, ou como aquela em que as amazonas estabeleceram seus cultos lunares e governaram grande parte da Europa, fazendo estremecer o mundo.

A cada ciclo masculino segue um ciclo feminino e vice-versa. Tudo depende da polarização de Urano e do tipo de energia que vem desse planeta à Terra. É bom saber, para o bem da Grande Causa, que as glândulas sexuais são governadas por Urano. Necessitamos compreender integralmente que os ovários femininos também são controlados por Urano.

NT – Em 1962 iniciou-se o último ciclo feminino; somando-se 42 anos, temos que em 2004 teve início outro ciclo, o masculino, que se estenderá até 2046.

O planeta Urano, como regente da Era de Aquário, traz uma revolução completa ao nosso aflito mundo. Portanto, não estranhem que na submersa região de Urano, sob a crosta da Terra, definem-se os aspectos sexuais dos perdidos; ali, a Serpente Tentadora do Éden devora os caídos, iniciando o processo destrutivo em grande escala, até concluir com a segunda morte.

Em nosso livro anterior, denominado **As Três Montanhas**, dissemos que no reino mineral submerso do planeta Urano o Iniciado tem que desintegrar o

mau ladrão, Caco ou Gestas, como aparece no evangelho cristão. Agato ou Dimas – o bom ladrão – é aquele poder íntimo que, do fundo de nosso Ser, rouba o hidrogênio sexual Si-12 para nossa própria auto-realização íntima. Caco – o mau ladrão, o horrível Gestas – é o poder sinistro, tenebroso, que rouba a energia criadora para o mal.

Não é demais informar que o abominável órgão *Kundartiguador* é o resultado do mau uso da energia criadora roubada por Caco; esse órgão não somente se desenvolve nos alquimistas negros ou tântricos tenebrosos, como também nos decididamente perdidos, ainda que estes não tivessem nenhum conhecimento mágico.

Passando agora à esfera antitética de Urano nos fundos abismais do planeta Terra, pela Lei dos Contrastes, de Analogia dos contrários e de simples correspondências, também deve ser destruído o horripilante Caco.

Vejam vocês, senhores e senhoras, esses aspectos luminosos e tenebrosos antitéticos, e de que forma se correspondem e de que modo se desenvolvem...

P. – A Serpente Tentadora do Éden é a mesma Serpente Sagrada, Mestre?

V.M. – Meu estimável *frater!* Muito interessante me parece sua pergunta e me apresso a respondê-la. É claro que no Averno a verdade se disfarça de trevas; acaba sendo algo insólito saber que a Serpente pode se polarizar de forma positiva ou negativa.

Isso quer dizer que a Serpente Tentadora do Éden, ainda que sendo o contraste tenebroso da Serpente de Luz, sem dúvida é a polaridade negativa da Serpente de Bronze que sanava os israelitas no deserto.

Assombra ainda saber que a Radiante Serpente se polariza nessa forma fatal; isso nos convida a compreender que Ela o faz pelo bem de seu próprio filho; para destruir no Averno os elementos infra-humanos que levamos dentro e nos liberar das garras espantosas da dor. Assim é o amor da Mãe Divina.

P. – Querido Mestre, como é evidente que a maior parte dos habitantes deste planeta não pratica nem o tantrismo branco nem o negro, senão o tantrismo cinza, que é a prática sexual com derrame do *ens seminis* e sem nenhum anelo transcendente, pergunto se toda essa maioria automaticamente ingressa no oitavo círculo dantesco tal qual os que praticam o tantrismo negro?

V.M. – Distinto cavalheiro, sua pergunta é muito inteligente e quero que entenda minha resposta. É bom que o senhor saiba que o tantrismo cinza se transforma em negro, inevitavelmente. Quando alguém desce ao Averno, desperta negativamente. Esse despertar fatal se deve ao desenvolvimento do abominável órgão *Kundartiguador*. Portanto, de forma franca e direta é bom saber que todo fornicário, ainda que desconheça o tantrismo negro, é tântrico de fato, e inevitavelmente se tornará uma personalidade tenebrosa com a Serpente Tentadora do Éden completamente desenvolvida dentro de si mesmo.

P. – Mestre, quando se falou do segundo círculo infradimensional, o senhor nos explicou que ali moram os fornicários; somente para esclarecer o conceito, desejaria saber que diferença há entre os fornicários que habitam no círculo de Mercúrio e os que ingressam no oitavo círculo dantesco?

V.M. – Amigos, amigas! A luxúria é a raiz do ego, do eu, do mim mesmo, do si mesmo. Isso nos convida a compreender que, sem sombra de dúvida, a lubricidade e a fornicação existem em cada uma das nove infradimensões naturais, debaixo da crosta geológica de nosso mundo. No entanto, há uma diferença em tudo isso. Na esfera submersa de Mercúrio, a espantosa Coatlicue, Prosérpina ou a Serpente Tentadora do Éden, ainda não devora seus filhos; só na oitava região submersa vem a dar-se seu espantoso banquete.

Agora fica explicado porque o florentino Dante vê, no oitavo círculo, milhões de seres humanos despedaçados, decapitados, sangrando e ferindo-se com as unhas e com os dentes, etc. É claro então que nessa região submersa tem início o processo de ossificação, cristalização, mineralização e destruição do ego.

P. – Venerável Mestre, é verdadeiramente impressionante a narração que o senhor nos faz sobre o amor da Divina Mãe, seja no aspecto de luz ou no de trevas, para liberar seu filho – a Essência -, inclusive pela via da mais tremenda dor, dentro das entranhas da Terra. Como nos explica o fato de muitos magos negros de Consciência desperta, mesmo sabendo da dor que terão que passar, persistirem no caminho do tantrismo negro e da segunda morte?

V.M. – Distinto cavalheiro! É bom que todos aqui presentes saibam, como já disse em passados livros, que uns despertam para a luz e outros para as trevas. Entretanto, existe uma diferença radical entre os que despertam positiva-

mente e os que o fazem de forma negativa. Sem dúvida, os perdidos, aqueles que despertaram no mal e para o mal, mesmo sabendo que devem involuir nas entranhas do mundo até a segunda morte antes de alcançarem a restauração da pureza original do material psíquico, não se arrependem do caminho escolhido, porque fizeram de sua involução e da rota fatal do Samsara uma religião, uma mística...

Não é demais informar a este auditório que os adeptos da mão esquerda possuem templos nas regiões submersas, onde rendem culto ao aspecto negativo da Serpente. Certamente, esses seres infra-humanos jamais desconhecem a sorte que está reservada a eles. Ao contrário, desejam apressá-la, para se emanciparem e saírem livres à luz do Sol, com o propósito de voltar a começar uma nova evolução, que reinicia – como já disse – na dura pedra, seguindo depois pelo vegetal e animal, até reconquistar o estado de humanoíde intelectual.

Quando alguém conversa com Javé, pode evidenciar claramente que os perdidos odeiam o Logos Solar; eles estão plenamente enamorados pela Roda do Samsara (círculo vicioso e fatal).

P. – Não compreendo, Venerável Mestre, como é possível que um habitante dessa infradimensão submersa do oitavo círculo dantesco, cuja Essência engarrafada no tremendo eu da luxúria, nem superficialmente possa despertar Consciência, já que para isso ocorrer, a Essência deve estar liberada do Ego...

V.M. – Distinto cavalheiro! Repito o que já disse antes: uns despertam para a luz e outros para as trevas. Ao chegar a esta parte da conferência desta noite, vamos citar um versículo de Daniel, o Profeta.

Vejamos a Bíblia:

“E muitos dos que dormem no pó da terra ressuscitarão, uns para vida eterna, e outros para vergonha e desprezo eterno. Os que forem sábios, pois, resplandecerão como o fulgor do firmamento; e os que a muitos ensinam a justiça, como as estrelas sempre e eternamente. E tu, Daniel, encerra estas palavras e sela este livro, até ao fim do tempo; muitos correrão de uma parte para outra, e o conhecimento se multiplicará.” [Daniel 12:2-4]

Como já estamos nos tempos finais e como a ciência se expandiu avassaladoramente, convém tirar o selo do livro e esclarecer a profecia. Repito: o abominável órgão *Kundartiguador* tem o poder de despertar a Consciência [negativamente] naqueles que ingressam no Abismo, onde somente se escuta pranto e ranger de dentes.

Portanto, podemos despertar a Consciência de forma luminosa e positiva, mediante a dissolução voluntária do ego, ou despertá-la no mal e para o mal, mediante o desenvolvimento do abominável órgão *Kundartiguador*.

Cada qual pode escolher seu caminho... A profecia de Daniel agora está clara...

P. – Venerável Mestre, conheço muitos mentores espirituais que com toda sinceridade vivem afastados das práticas sexuais, ou seja, são celibatários; portanto, segundo posso entender, não estão classificados em nenhum dos três tantras de que o senhor nos falou. Acaso essas pessoas não ingressarão nesta região do Averno?

V.M. – “Ai de vós, hipócritas fariseus! Sepulcros caiados! Perversa geração de víboras, que o prato e o copo limpais, ainda que por dentro estejais cheios de podridão.” [Mateus 23]

O ‘eu fariseu’ acha-se ativo no fundo de muitos devotos. Eles se presumem de santos e de sábios, de castos e de perfeitos; porém, no fundo, são espantosamente fornicários.

O ‘eu fariseu’ abençoa os alimentos ao sentar-se à mesa; tem atitudes piedosas; auto-engana-se crendo-se virtuoso; mas na profundidade de si mesmo oculta desígnios inconfessáveis e propósitos maquiavélicos, que justifica com boas intenções.

No oitavo círculo dantesco esses beatos são devorados irremediavelmente pela Serpente Tentadora do Éden.

P. – Mestre, o que o senhor pode nos dizer da densidade e dos elementos que integram esta infradimensão?

V.M. – Distintos amigos, o oitavo círculo dantesco é uma região pétrea e ígnea ao mesmo tempo. Ali, o fogo realmente tortura os perdidos. Essa zona submersa de Urano, sob a crosta geológica do planeta Terra, tem cristalizações

de insuportável materialidade. Não é demais lembrar, com total e surpreendente clareza, que, nessa zona, cada átomo leva em seu ventre 768 átomos do Sagrado Sol Absoluto.

Portanto, cada átomo desses é terrivelmente denso; por isso, não é de se estranhar que nessa região a materialidade é ainda mais densa que nos sete círculos anteriores. Igual número de leis (768) controla todas as atividades do oitavo círculo infernal; por isso, a vida nesta zona submersa do Averno torna-se complicada e difícil; por conseguinte, os sofrimentos se intensificam terrivelmente na zona tenebrosa do aspecto negativo de Urano, sob a epiderme da Terra.

CAPÍTULO 13

NONO CÍRCULO DANTESCO OU DE NETUNO



Meus caros amigos, aqui reunidos esta noite, hoje nos propomos estudar o nono círculo dantesco, com o objetivo de aprofundar esta questão. Através destas conferências, chegamos ao próprio centro da Terra, o qual é de uma inércia espantosa, porque é o próprio núcleo de nosso planeta.

Dante Alighieri, ao chegar a esta parte em sua **Divina Comédia** cita inusitadamente a lança de Aquiles [ver Canto 31]. Foi-nos dito que tal lança, se a princípio feria e ocasionava danos ou amarguras, depois tornava-se uma verdadeira bênção.

Isto vem nos recordar claramente a Lança de Longinus, com a qual o soldado romano feriu o lado do Senhor.

NT – A Lança de Longinus (Longuinho ou São Longuinho) é a mesma Lança do Destino. Referências do centurião e do soldado que feriu Jesus na cruz podem ser vistas em Mateus 27:54; Marcos 15:39; Lucas 23:47 e João 19:34.

Esta mesma lança, empunhada por Parsifal, o herói da dramaturgia wagneriana, veio sanar a ferida de Anfortas.

Já em nossos passados textos falamos, de forma concreta, sobre a Lança de Eros. Então dissemos que essa lança é de tipo fálico; quando sabiamente manejada, pode ser utilizada para a desintegração do eu pluralizado.

É bem conhecido o fato de Dante mencionar precisamente a Lança de Aquiles na nona esfera; isto é algo que deve nos fazer meditar. [ver Canto 31 de **A Divina Comédia**]

Convém recordar que a Lança Santa é o próprio emblema do falo, onde está o princípio de toda a vida, a eletricidade sexual transcendente, com a qual podemos desintegrar e reduzir a poeira cósmica o eu pluralizado.

Nesta conferência também quero mencionar o Santo Graal, aquela divina taça ou o milagroso cálice em que o Grande Kabir Jesus bebeu em sua última ceia. É claro que tal jóia é o símbolo vivo do útero ou do divino *yoni* do eterno feminino.

Como entramos no tema da nona esfera, não poderíamos deixar de citar o Cálice e a Lança dos Grandes Mistérios Arcaicos.

Na nona esfera são desintegradas definitivamente as criaturas involutivas. Que aconteceu com Nemrod e sua Torre de Babel? Que será dos atuais fanáticos da Torre de Babel?

Em vão tentarão conquistar o céu com seus foguetes; as viagens cósmicas não são permitidas para os animais intelectuais; tentá-las é um sacrilégio. Essas viagens são exclusivas para o homem autêntico, legítimo e verdadeiro.

Depois da grande catástrofe que se avizinha [esperada para 2012], os velhacos intelectuais da torre de Babel ingressarão nos mundos infernais, para serem reduzidos a poeira cósmica na nona esfera.

Que aconteceu com Efiltes? Acaso consegui comover os Deuses encarnados na antiga Atlântida? Não! Acabou sendo reduzido a pó no nono círculo dantesco.

NT – A História e a Mitologia registram três Efiltes. O personagem aqui citado é o mitológico filho de Netuno/Posseidon com Ifmedia, também chamado de Efalto.

Que aconteceu com Briareu, o gigante dos cem braços, viva representação alegórica dos senhores da face tenebrosa, que outrora povoaram a submersa Atlântida? No nono círculo infernal – ou de Netuno – foi dissolvido, convertendo-se em pó da terra.

Nesta zona netuniana submersa são reduzidos a cinzas os traidores. Ai do Bruto, de Cássio e do Judas interior de cada ser humano vivo!

E que foi de ti, Alberigo de Manfredi, senhor de Faenza? De que te serviram tuas boas intenções e haver ingressado na Ordem dos Irmãos Gozosos? Bem sabem os divinos e os humanos do horrroso crime que cometeste.

Não foste tu, acaso, aquele que assassinou seus parentes em pleno banquete? Diz a lenda dos séculos que, fingindo reconciliar-se com eles, mandaste assassiná-los no célebre banquete, precisamente ao final, no exato instante em que as sobremesas eram servidas.

Não obstante, continuaste vivendo! Ao menos assim parecia às pessoas, mas na verdade ingressaste no nono círculo infernal, no exato momento em que se consumou o delito. Quem ficou habitando teu corpo? Não foi acaso um demônio?

Ai dos traidores! Ai daqueles que cometem semelhantes crimes! Estes são julgados de imediato pelos Tribunais de Justiça Objetiva e sentenciados à morte.

Os verdugos cósmicos executam a sentença e tais infelizes desencarnam de imediato, passando ao nono círculo dantesco, ainda que seus corpos físicos não morram, pois é sabido que qualquer demônio, substituindo o traidor, é posto em seu corpo, com o propósito de que os processos kármicos daquelas pessoas ou familiares, que de uma ou outra forma estão relacionados com tais perversas personalidades, não sejam alterados.

Ainda que pareça incrível, atualmente perambulam pelas ruas das cidades muitos mortos-vivos, cujos verdadeiros proprietários agora vivem nos mundos infernais.

P. – Venerável Mestre, se a Essência engarrafada no eu pluralizado é a que transmigra aos mundos infernais, esta substituição de que o senhor fala significa que outra Essência toma o corpo do morto-vivo?

V.M. – Amigos, repito: Qualquer demônio pode substituir o ex-proprietário do corpo. Pode também dar-se o caso de o demônio que fica dono da situação, amo e senhor de tal veículo abandonado, seja um dos demônios menos prejudiciais que formaram parte do ego precipitado no Averno. É dessa forma como os Juízes da Justiça Celestial condenam os delitos de alta traição: com a pena de morte.

P. – Mestre, que se entende por delito de alta traição?

V.M. – Amigos, existem muitos gêneros de traição, mas há alguns tão graves que efetivamente são pagos com a pena de morte. Isso de convidar esta ou aquela pessoa ou pessoas a um banquete e logo assassiná-las durante o mesmo, alegando este ou aquele motivo, é um crime tão grave que não pode ser pago de outra forma. Nesse caso, o traidor desencarna de imediato e seu corpo fica nas mãos de algum demônio.

É evidente que as pessoas jamais se dão conta do que sucedeu no fundo da sua personalidade; porém, aos Juízes da Justiça Celestial o que lhes interessa é que se cumpra a sentença; isto é tudo!

P. – Mestre, não entendi bem o relacionado à Essência, pois não compreendo que o demônio que substitua o ex-proprietário do corpo do traidor tenha vida física carente de Essência.

V.M. – Amigos, vem-me à memória um versinho que diz:

“Mortos não são somente aqueles que dormem na tumba fria; mortos são também aqueles que têm a Alma morta e vivem todavia.”

O demônio que substituiu o dono de um corpo pode não ter Essência de nenhuma espécie; com isso fica esclarecida completamente minha explicação.

Estes são os casos dos desalmados, citados por H.P.B. em sua **Doutrina Secreta**. Não sou o primeiro a falar desse assunto, nem tampouco o último; mas sou o primeiro a esclarecê-lo totalmente.

P. – Que nos diz o Mestre G sobre esse assunto?

V.M. – O Mestre G diz que há muitas pessoas andando nas ruas apenas com sua personalidade, porém carentes de Essência; quer dizer que andam vivos, mas, no entanto, estão mortos.

P. – Venerável Mestre, gostaria de ter uma explicação acerca do que falou anteriormente, relacionado ao veredgo cósmico...

V.M. – Vejo aqui, no auditório, um missionário gnóstico internacional que, muito sinceramente, formula a pergunta... Os Tribunais da Justiça Objetiva (para diferenciá-los da justiça subjetiva deste mundo vão em que vivemos) têm a seu serviço veredgos cósmicos.

Nestes momentos me vêm à memória dois deles, muito famosos, que trabalharam no antigo Egito faraônico. Esta classe de veredgos atua de acordo com a Grande Lei; estão além do bem e do mal; possuem poderes sobre a vida e sobre a morte.

Recordo com total claridade algo insólito que me aconteceu na presente existência. Depois de haver concluído todos os processos esotéricos iniciáticos, fui submetido a muitíssimas provas; mas havia uma na qual falhava, lamentavelmente. Quero me referir de forma enfática à questão sexual. Naquela época, há muitíssimos anos, sucedia-me sempre o inevitável; falhava nos momentos decisivos e lamentavelmente tragava as maçãs do Jardim das Hespérides.

No mundo físico guardava a mais absoluta castidade. O desastre sempre ocorria fora do corpo, nos mundos superiores; na presença de muitas damas inefáveis, fracassava. Uma e outra vez sucumbia nos processos impudicos de Gundrigia, Kundry, Salomé ou da sedutora Eva da mitologia hebraica.

O mais grave do caso é que, apesar de haver saído triunfante em todas as provas esotéricas iniciáticas anteriores, esses fracassos vinham a ocorrer precisamente ao final da Montanha da Iniciação.

Meu caso era verdadeiramente lamentável; em todas essas cenas de tipo erótico, sob a Árvore da Ciência do Bem e do Mal, eu não era dono de mim mesmo; um demônio penetrava na mente, apoderava-se de meus sentidos, controlava minha vontade, e assim desgraçadamente falhava. Sofria o indizível; a ferida de Anfortas sangrava em meu costado e o remorso era espantoso.

Um dia, mortalmente ferido no fundo de minha Alma, clamei à minha Divina Mãe Kundalini, solicitando auxílio; este não se fez esperar... Uma noite qualquer, minha Mãe adorável me tirou do corpo físico e me levou aos Tribunais da Justiça Objetiva.

Grande foi meu terror quando me vi na presença dos juizes no Tribunal do Karma. Muitas pessoas lotavam a sala; havia pavor em todos os rostos e angústia em todos os corações. Avancei alguns passos na Sala da Verdade e da Justiça; então o juiz abriu o livro e leu: Crimes contra a Deusa Lua, aventuras de *Don Juan Tenorio* na época dos trovadores medievais, dos cavaleiros andantes e das cidades feudais.

Logo, com voz poderosa pronunciou a sentença de morte; em seguida, ordenou ao verdugo cósmico, de forma imperativa, a execução imediata do veredicto. Ainda recorro o indizível terror desses instantes; minhas pernas tremiam no exato momento em que o verdugo, desembainhando sua flamejante espada, dirigiu-a ameaçadoramente contra minha indefesa pessoa.

Nesses segundos, que me pareceram séculos de tortura, passaram por minha mente todos os sacrifícios pela humanidade, minhas lutas pelo Movimento Gnóstico, os livros que havia escrito, etc., e disse a mim mesmo: “Esta é a sorte que agora me aguarda?! Tanto que sofri pela humanidade?! Este é o pagamento que os Deuses me dão? Ai! Ai! Ai!”.

De repente, sinto que algo se mexe em meu interior, agitando-se violentamente, enquanto o verdugo dirigia a ponta de sua espada para mim...

Em seguida, com místico assombro, vejo um demônio luxurioso terrivelmente perverso saindo de meu corpo pela espinha dorsal e toma a forma de um cavalo que relincha... Então, o verdugo dirige sua espada para a besta maligna e esta mergulha de cabeça para o fundo do negro precipício; suas patas e cauda ficam para cima; por último, o corpo inteiro daquela abominação espantosa penetra totalmente sob a epiderme do globo planetário, para se perder nas entranhas tenebrosas do Averno...

Foi assim, caros amigos, como me livreí daquele eu luxurioso que havia criado na Idade Média, quando andava como *bodhisattva* caído em régia cavalgada pelos pedregosos caminhos, de castelo em castelo, nas terras dos senhores feudais.

Uma vez livre dessa abominação da natureza, sentia-me feliz; não voltei mais a falhar nas provas sexuais; passei a ser dono de mim mesmo e pude prosseguir pela Senda do Fio da Navalha. Eis aí, senhoras e senhores, o grande bem que me fez o verdugo cósmico...

É inquestionável que esta classe de seres está além do bem e do mal; são terrivelmente divinos. De modo algum quero fazer demagogia; com isso não pretendo, nem remotamente, louvar os infames verdugos da justiça subjetiva, da justiça terrena, dessa vã justiça que se compra e se vende. Estou me referindo exclusivamente aos indivíduos sagrados da justiça objetiva, da justiça celestial, e isso é radicalmente diferente...

P. – Mestre, no princípio de sua impressionante narração sobre os seres que ingressam no nono círculo dantesco, o senhor se refere aos atuais construtores da Torre de Babel; e menciona os homens de ciência que enviam foguetes ao espaço. Poderia me esclarecer de que são culpados estes sábios da ciência moderna?

V.M. – Distinto cavalheiro, com o maior prazer me apresso a responder sua pergunta...

Velhos textos da sabedoria antiga dizem que os Titãs da submersa Atlântida quiseram assaltar o Céu e foram precipitados ao Abismo. Quero que vocês, senhoras e senhores, se dêem conta cabal que os sábios do século XX não são os primeiros a lançarem foguetes ao espaço nem tampouco os únicos terrícolas que puderam enviar astronautas à Lua. Nemrod e seus comparsas, os fanáticos da Torre de Babel, habitantes da submersa Atlântida, criaram melhores

foguetes que os nossos; eram impulsionados por energia nuclear, e enviaram homens à Lua.

Isto me consta diretamente; eu o vi e disso dou testemunho, porque vivi na Atlântida. Ainda recordo de um aeroporto do submerso continente... Muitas vezes, de um restaurante vizinho (caravançará* ou pousada), vi essas naves partirem em meio ao alarido entusiástico das excitadas multidões... Em que ficou tudo isto? Que ocorreu aos Titãs? Agora só podemos achar seu pó no nono círculo infernal.

* NT – *Caravansin* no original, ‘caravançará’ em português, oriundo do persa; significa local de repouso para as caravanas.

Meus amigos! Senhoras! Não esqueçam que o espaço é infinitamente sagrado; por conseguinte, a navegação interplanetária é controlada por leis cósmicas muito severas. O erro dos modernos adeptos da torre de Babel consiste exatamente em sua auto-suficiência...

Esses ignorantes ilustrados, esses sabichões partem do princípio equivocado de que já são homens. Não querem se dar conta de que ainda não chegaram à estatura humana verdadeira; não passam de homúnculos racionais, humanóides intelectuais.

Para ser homem, é preciso haver criado, para seu uso pessoal, um corpo astral, um corpo mental e um corpo causal. Só aqueles que criaram esses veículos supra-sensíveis poderão encarnar realmente seu Real Ser, que os coloca efetivamente no reino dos homens verdadeiros.

Portanto, é um absurdo que os animais racionais abandonem o “zoológico” (o planeta Terra), para viajar através do espaço infinito. Entendam que esses sabichões da Torre de Babel serão fulminados com o terrível raio da Justiça Cósmica e perecerão no nono círculo dantesco.

Vestido com o *eidolon* (corpo astral) passei muitas horas nas entranhas da Terra, no próprio centro de gravidade permanente, no núcleo de nosso mundo. Essa região é terrivelmente densa; ali, cada átomo leva em seu ventre 864 átomos do Sagrado Sol Absoluto; igual número de leis (864) controlam as infelizes criaturas que se encontram nessa zona em processo de franca desintegração.

Caminhando por ali, avistei uma pedra, sobre a qual havia uma cabeça semelhante à humana. Esta se movia muito lentamente, repetindo mecanica-

mente tudo aquilo que a mim ocorria dizer. Tratava-se de alguém que já havia se mineralizado totalmente, mas que estava se decompondo e se desintegrando para, finalmente, ser reduzido a poeira cósmica.

Continuando minha jornada nas entranhas do mundo, de repente senti algo sobre meus ombros, como se um ente diabólico tivesse pousado em mim. Sacudi-me com força e então aquela criatura caiu ao solo um pouco mais adiante. Depois, prosseguindo pelo caminho solitário do tenebroso Tártaro, naquelas espantosas profundezas onde o tempo é terrivelmente longo e tedioso, entrei num quarto imundo, onde havia uma prostituta que se revolia no leito de Procusto, desintegrando-se lentamente. Aquela rameira perdia lentamente seus dedos, braços e pernas; copulava incessantemente com toda larva que dela se aproximasse...

Saí dali, dessa horrível alcova, terrivelmente comovido... Por último, algo insólito acontece: vejo um par de bruxas vestidas de preto, as quais, flutuando lentamente sobre o piso, se dirigem a uma cozinha... Ali, essas harpias preparavam suas beberagens, seus filtros e seus feitiços, para causar dano a outros infelizes do tenebroso Tártaro...

O tempo vai passando e eu começo a me sentir enfastiado em tão grosseira materialidade. Anelo, então, sair dali e subir à superfície da Terra, voltar a ver a suave luz do dia...

Minha aspiração não é inútil; prontamente sou auxiliado; meu Real Ser me tira outra vez daqueles abismos para contemplar as belas montanhas, os profundos mares, a luz do Sol e as rutilantes estrelas.

Amigos, recordai que a cidade de Dite, o nono círculo infernal, é onde aqueles que involuíram no tempo exalam seu derradeiro alento. Lúcifer-Prometeu, o Adversário ou Opositor, esse vil gusano que atravessa o coração do mundo, um dia teve o rosto mais belo; agora se acha acorrentado à rocha fatal da impotência.

Não pensemos num Lúcifer dogmático, mas sim no Lúcifer interior de cada qual, no reflexo do Logos que se encontra no fundo íntimo de cada um de nós.

É dito que ele chora com seis olhos; este número convida à reflexão: 666 é o número da Grande Rameira; somando cada número entre si, teremos o resultado 18. Continuando com novas adições chegamos à seguinte síntese: $1 + 8 = 9$ – a nona esfera, o nono círculo dantesco.

Portanto, Lúcifer é essa força revolucionária que se acha no fundo de nosso sistema sexual; quando sabiamente manejada, pode nos transformar em Deuses. Aqueles que não sabem manejar a força luciférica, com quem os compararei?

Possivelmente, aos aprendizes de electricista, ou aos incautos, que não tendo tal profissão e ignorando o perigo, ousam brincar com cabos elétricos de alta tensão. Sem dúvida serão fulminados e precipitados no Abismo.

O aspecto negativo de Lúcifer-Prometeu inevitavelmente nos conduz ao fracasso; por isso se diz que ele é o Adversário [o Opositor] que mora no coração do mundo. A antítese de Lúcifer – o seu aspecto superior – é o Logos Solar, o Cristo Cósmico.

Lúcifer é escada para descer ao Averno e escada para subir. Compreensão é indispensável; lembrem-se que nosso lema-divisa é *Thelema* (vontade).

É necessário aprender a distinguir ‘queda’ de ‘descida.’ Nós necessitamos descer à nona esfera (o sexo) para forjar os corpos existenciais superiores do Ser e dissolver o ego.

No nono círculo está o poço do universo, o centro da gravidade planetária. Não é demais lembrar que na nona esfera submersa os órgãos criadores da humana espécie têm sua plena representação.

Ninguém pode subir sem antes haver se dado ao trabalho de descer. A toda exaltação antecede uma terrível e espantosa humilhação.

Descer à nona esfera é indispensável. Uns o fazem em vida, por sua própria vontade, espontaneamente, para sua auto-realização íntima; outros, a maioria, as multidões, fazem-no de forma inconsciente, quando descem ao abismo de perdição.

P. – Venerável Mestre, gostaria que nos explicasse por que o sexo também é chamado de ‘nona esfera’; acaso guarda relação com o centro da Terra?

V.M. – Amigos, é urgente compreender que nas dimensões superiores da natureza existe, por lei de antíteses, um nono círculo de glória, onde os Iniciados da Fraternidade Branca Universal podem ver, de forma concreta, o símbolo do infinito, o santo oito, colocado horizontalmente.

Quem estudou Kabala Esotérica conhece muito bem o significado íntimo desta mágica figura. O extremo superior desse signo simboliza o cérebro; o

extremo inferior alegoriza o sexo; o centro desta magnífica figura é o atômico ponto onde gravitam as nove regiões submersas.

Portanto, eis aí o cérebro, o coração e o sexo do Gênio Planetário. A luta é terrível: cérebro contra sexo, sexo contra cérebro; quando o sexo vence o cérebro, quando fica sem controle algum, somos precipitados de cabeça ao Abismo. Quando o cérebro e o sexo se equilibram mutuamente, auto-realizamos-nos intimamente.

Todas as criaturas que existem sobre a face da Terra foram criadas de acordo com este santo símbolo do infinito. Agora poderão compreender porque o sexo corresponde à nona esfera. Nove meses permanece a criatura no ventre materno; nove idades a humanidade permaneceu no ventre da Grande Mãe Natureza, Rhea, Cibele, etc. Com isto, creio seriamente haver dado resposta à pergunta do cavaleiro...

P. – Venerável Mestre! Queria saber como a Essência sai à luz do Sol após o ego ter sido reduzido a poeira cósmica no nono círculo planetário.

V.M. – Voltemos agora às questões das dimensões infernais ou infradimensões da natureza, depois de haver falado do signo do infinito e das dimensões da natureza...

Após exalar o último alento nesta região onde se encontra o trono de Dite, a Essência, o material psíquico, aquilo que temos de Alma, se libera do ego; como já dissemos, o ego é reduzido a poeira cósmica. Então, a Essência assume uma belíssima figura infantil, cheia de radiante beleza. Este é o instante solene em que os Devas da natureza examinam a Essência liberada.

Depois de haverem comprovado totalmente que já não restou nenhum elemento infra-humano, concedem à Essência o passe da liberdade. Quero dizer com isto que outorgam à Alma a alegria da liberação. Estes são momentos felizes para a Alma do desencarnado; após, a Essência atravessa certas portas atômicas luminosas que permitem-na sair de imediato para a luz do Sol.

Uma vez livre sobre a epiderme de nosso mundo, essa criatura elemental reinicia uma nova evolução; então, se converte em gnomo ou pigmeu do reino mineral; mais tarde, em sua evolução, seguirá subindo pelas escalas do vegetal e do animal, até reconquistar novamente, num longínquo dia, o estado de humanóide intelectual que outrora havia perdido.

CAPÍTULO 14

O MOVIMENTO CONTÍNUO



Estimados ouvintes, distintos cavalheiros, honoráveis senhoras! Hoje vamos conversar um pouco sobre o movimento contínuo...

De vez em quando, os velhacos do intelecto se preocupam com o movimento contínuo; é claro que nessas horas a opinião pública se agita intensamente. Sempre houve alguém tratando de inventar um mecanismo que funcionasse perpetuamente; porém isto não é possível devido ao inevitável desgaste dos materiais. É claro que se as peças de uma máquina qualquer se desgastam, o movimento contínuo desaparece. Algumas pessoas, tratando de descobrir a Lei do Movimento Contínuo, foram parar no manicômio.

Não podemos mais que rir ao contemplar tantos artefatos que não deram resultado algum. Que mecanismos engenhosos não inventaram os velhacos do intelecto? Mesmo assim, o problema continua sem solução.

Nós, francamente, já descobrimos a Lei do Movimento Contínuo no maravilhoso cilindro do Arcanjo Hariton*. Diz-se que sua parte principal é feita de âmbar e eixos de platina; os painéis interiores das paredes são feitos de antracito**, cobre, marfim e de uma espécie de cimento muito forte, à prova de frio, calor e água, inclusive das radiações das concentrações cósmicas.

* NT – Essa idéia do movimento contínuo do Arcanjo Hariton e a descrição detalhada desse engenho foi trazida ao Ocidente por Gurdjieff ou Mestre G em seu livro **Relatos de Belzebu a seu neto** (Livro I – Capítulos 5 e 6). Os inimigos e detratores da gnose moderna podem criticar e atacar o autor deste livro da forma como bem entenderem, porém é um fato concreto que até 1972 jamais alguém havia desvendado o segredo do “cilindro” de Hariton no meio esotérico e ocultista mundial, como é feito aqui, de modo simples e direto, neste capítulo.

** Antracito, antracite ou antracita é uma variedade muito dura de carvão mineral que não contém betume. Os espécimes mais puros são formados quase que integralmente de carbono.

Para o nosso modo de ver e de entender as coisas, é óbvio que tanto as alavancas exteriores, como as rodas dentadas, devem ser renovadas de tempos em tempos, pois ainda que sejam feitas de metal bem mais forte, seu uso prolongado as desgasta.

Estamos falando, obviamente, da Roda do Samsara, a qual gira eternamente. Todos nós, sem exceção alguma, giramos muitas vezes nessa grande Roda; se o movimento contínuo não se interrompeu, deve-se exclusivamente à infinita quantidade de elementos residuais (os egos).

Pensemos, por um momento, no eixo desta grande Roda, esse que é dito ser de platina. Também poderia ser dito de forma enfática que é de prata. Todo mundo sabe que a prata e a platina são materiais de tipo completamente lunar; claro está que o eixo da roda fatal não poderia ser feito de outro material.

Quanto ao âmbar, também é evidente que este último se encontra diluído em toda a Criação. Não devemos esquecer que esta substância unifica completamente as três forças universais [Pai, Filho e Espírito Santo].

Resulta extraordinário que as três forças primárias da Criação, apesar de cada uma trabalhar independentemente e por sua conta, mantêm-se unificadas graças a essa magnífica substância denominada âmbar.

Cada um de nós não somente passou pelo moinho muitas vezes, mas também pelos dentes das suas engrenagens. Com isso quero enfatizar o fato de que giramos incessantemente ao longo de sucessivas eternidades na Roda do Arcanjo Hariton, ou seja, na extraordinária Roda do Samsara.

O material residual são os egos, que ao descer pela esquerda da trágica Roda, desintegram-se no Averno. Pela direita sobe o evolutivo Anúbis; pela esquerda desce o involutivo Tifão.

Temos repetido exaustivamente, em todas estas conferências, que em cada ciclo são creditadas 108 existências. É claro que findas as sucessivas vidas de cada ciclo, se não conquistarmos a auto-realização íntima do Ser, giraremos com a Roda do Arcanjo Hariton, descendo para o interior do reino mineral submerso.

Com isto queremos falar bem claro e dizer: evoluímos apenas até certo ponto perfeitamente definido pela natureza; depois, involuímos. Evoluindo, subimos pelo lado direito da Roda; involuindo, descemos pelo seu lado esquerdo. O ascenso evolutivo começa exatamente no reino mineral.

Qualquer investigador esotérico de Consciência desperta pode verificar a crua realidade das criaturas evolutivas no reino mineral superior (para diferenciá-lo do inferior submerso).

Muitas vezes, movendo-me fora do corpo físico com o *eidolon* [corpo astral], abri determinadas brechas ou fragmentos de pedra para estudar essas múltiplas criaturas que habitam nesse reino mineral superior. Posso dizer aos senhores, sem temor de exagerar, que tais criaturas inocentes estão além do bem e do mal.

Em certa ocasião, quando abri um fragmento de rocha, pude ver muitas damas e cavalheiros elegantemente vestidos; mas não mediam mais que 5 a 10 centímetros de estatura. Não há dúvida que esses pequenos elementais minerais gostam de se disfarçar com nossas vestimentas humanóides.

Viajando de automóvel por distintos caminhos do México, com assombro místico vi certos elementais superiores das rochas, os quais sempre me avisavam sobre perigos ou me aconselhavam precaução nas rodovias. Este tipo de elementais minerais é bem mais avançado que o primeiro; assume figuras muito semelhantes às do humanóide intelectual, ainda que usem vestimenta da cor das rochas em que vivem.

Um terceiro tipo de elementais minerais mais avançados é aquele que se conhece com o nome de gnomos ou pigmeus. Esta classe de criaturas se parecem verdadeiros anões de longa barba branca e cabelo branco.

Não há dúvida que esta última classe conhece a fundo a Alquimia dos metais e coopera na obra da natureza. Obviamente se trata de criaturas mais avançadas e sobre estas falam claramente muitos textos de ocultismo. Basta-nos recordar, por um momento [o livro] **Os Elementais**, de Franz Hartman, o qual menciona estas criaturas.

Não há dúvida que os elementais minerais avançados ingressam no reino vegetal. Cada planta é o corpo físico de um elemental vegetal. Cada árvore, cada erva, por insignificante que seja, possui seu elemental particular.

Não quero com isto dizer que os elementais das plantas, árvores, flores, etc., estão metidos permanentemente dentro de seu corpo imóvel; isto seria absurdo e por demais injusto.

Os elementais vegetais têm plena liberdade para entrar e sair de seus corpos à vontade. Assombramo-nos quando os encontramos na quarta coordenada, na quarta vertical.

Normalmente, as criaturas elementais do reino vegetal se encontram classificadas em forma de famílias. Uma é a família das laranjeiras, outra a da hortelã-pimenta, outra a dos pinheiros, etc. Cada família tem seu templo próprio no Éden, na quarta dimensão.

Muitas vezes, vestido com o *eidolon*, entrei nestes templos paradisíacos. Para citar algo sobre eles, vou descrever alguma coisa sobre o santuário das laranjeiras. Encontrei, dentro do *sancta* de dita família vegetal, muitas crianças inocentes; estavam ocupadas e atentas com os ensinamentos que seu Guru-Deva lhes passava. Aquele instrutor, vestido com um traje como de noiva, parecia uma beldade feminina delicadamente espiritual.

Similares visitas fiz a outros templos vegetais, situados na Terra Prometida, nessa Terra onde os rios de água pura de vida manam leite e mel...

Os elementais avançados do reino vegetal mais tarde ingressam nos diversos departamentos do reino animal. Estas criaturas, distribuídas em múltiplas espécies, também têm seus guias e seus templos, situados no paraíso terreno, quero dizer, na quarta coordenada, chamada pelos ocultistas de ‘Mundo Etérico’.

Em certa ocasião, achando-me em meditação, pude verificar claramente o sentido inteligente da linguagem das aves. Recordo claramente certa ave que, pousada sobre a copa de uma árvore, discutia com a outra. A primeira estava muito tranqüila, quando de repente foi interrompida pela chegada da segunda; esta pousou ameaçadora sobre a copa da árvore, fazendo muitas recriminações à primeira.

Eu estava alerta, escutando em meditação o que acontecia. Recordo claramente os impropérios da ave ameaçadora: “Tu me feriste a pata há alguns dias; tenho que te castigar por essa falta”. A criatura ameaçada se desculpava, dizendo: “Eu não tenho culpa do acontecido! Deixa-me em paz...”

Infelizmente, a ave agressora não queria entender as razões da outra; picando com força a sua vítima, recordava-lhe incessantemente sua pata ferida.

Em outra ocasião, encontrando-me também em profunda meditação pude escutar o latido de dois cães da vizinhança. O primeiro contava ao segundo tudo o que acontecia em sua casa. Dizia: “Meu amo me trata muito mal. Aqui nesta casa me batem constantemente com paus e açoites e a alimentação é péssima; todos me insultam e levo uma vida muito triste”. O segundo contestava com seus ladridos, dizendo: “Estou bem melhor; dão-me boa alimentação e me tratam muito bem”.

As pessoas que iam e vinham pela rua escutavam apenas o ladrido dos dois cães; não entendiam a linguagem dos animais. Entretanto, para mim, esse idioma sempre foi bem claro.

Em certa ocasião, um cão vizinho me advertiu que me aguardaria um grande fracasso se realizasse certa viagem para o norte do México. O aludido animal gritava: “Um fracasso, um fracasso, um fracasso!”

Não fiz caso do alerta, então, por aqueles dias, ao chegar a certo povoado muito próximo do deserto de Sonora, disse ao condutor do veículo em que viajávamos que era hora de achar um hotel, porque de forma alguma queria continuar a viagem naquela noite.

Entretanto, aquele bom senhor de consciência adormecida, não quis me obedecer. Então o adverti da seguinte forma: “O senhor será responsável pelo que vai acontecer! Advertido está! Ouça bem: advertido está...”

Horas mais tarde, o carro tombava no deserto: houve feridos, mas não mortos... Então recordei àquele cavalheiro o erro que havia cometido ao não me obedecer... Não há dúvida que aquele homem reconheceu seu delito e pediu perdão; mas já era tarde; o fato havia ocorrido...

Infelizmente, assim são as pessoas de consciência adormecida; assim andam pelo mundo, do nascimento à morte.

Poderá parecer aos senhores um pouco estranho tudo isso que estou dizendo; de modo algum as pessoas notam alguma diferença ao ouvirem o canto de uma ave; nunca entenderão a sua linguagem; muito menos, a de um cão. Os senhores somente escutam sons da natureza, ladridos, silvos, cantos, etc.; nada mais.

A mesma coisa pode acontecer a essas criaturas animais. Quando eles escutam a linguagem humana só percebem subidas e descidas de voz; sons mais ou menos agudos, mais ou menos graves; chiados, rugidos, relinchos, roncros, bufares e crocitaros. Entretanto, nós nos entendemos; temos nossos idiomas, etc.

As criaturas elementais mais avançadas ingressam no reino dos humanóides intelectuais. Não há dúvida que estes bípedes tricerebrados ou tricentros são muito mais perigosos...

A cada um dos que ingressam no reino dos homúnculos racionais sempre são atribuídas 108 existências, como temos dito exaustivamente; mas aquele que fracassa, aquele que não conquista a auto-realização íntima dentro do ciclo

de existências que lhe foi assinalado, deixa de retornar ou de reincorporar em organismos humanóides e se precipita involutivamente nas entranhas da Terra, nas infradimensões da natureza.

Através de nossas investigações esotéricas pudemos comprovar com total claridade o que são os processos involutivos. É claro que nos cabe desandar o andado e baixar pelos degraus por onde havíamos subido anteriormente. Depois de recapitular no Averno as experiências passadas de humanóide, devemos repetir estados animais e vegetalóides, antes da fossilização total e da segunda morte.

Recordo um caso muito interessante... Em certa ocasião adverti a uma dama do Abismo sobre o seguinte: “Pelo caminho involutivo que a senhora está indo, vai ser desintegrada na nona esfera e se tornará poeira cósmica; assim é a segunda morte.”

Aquela dama me respondeu: “Sei disso; sabemos disso tudo; mas por isso é o que queremos.”

O demônio que a acompanhava se enfureceu e me atacou com seus poderes psíquicos infernais, e tive que me defender com a espada flamejante.

Javé fez da Roda do Samsara uma mística, uma religião, e seus seguidores são fiéis a ele. Quando se conversa com Javé, pode-se verificar que este anjo caído possui uma brilhante intelectualidade, com a qual pode seduzir qualquer um totalmente. Todas as conferências de Javé são iniciadas falando contra o Cristo Cósmico. Esse demônio é terrivelmente perverso e odeia mortalmente o Logos Solar.

Aqueles que querem se auto-realizar intimamente, com o propósito de evitar o ingresso nos mundos infernais, devem entrar na Senda da Revolução da Consciência. Isto significa separar-se da Roda do Samsara e apartar-se completamente das Leis da Evolução e da Involução. Agora fica bem claro porque o Cristo Cósmico, em sua passagem pela Terra, nos falou da porta estreita e do caminho apertado e difícil que conduz à luz.

O ego não é imortal; tem um princípio e um fim; ou o aniquilamos voluntariamente ou a natureza se encarrega de desintegrá-lo no Averno. Devemos escolher; estamos diante do dilema filosófico do ser ou não-ser; os que não querem nos escutar agora terão que sofrer mais tarde as conseqüências.

Bem interessantes são os processos voluntários da dissolução do ego aqui e agora. A princípio, devemos eliminar as debilidades humanóides; depois, con-

tinuar dissolvendo ou desintegrando todos esses agregados animais ou bestiais que levamos dentro; mais tarde, é indispensável trabalhar com o ‘machado de duplo fio’ dos antigos mistérios, para quebrar e reduzir a pó as recordações vegetalóides de todas as luxúrias e morbosidades do passado. Por último, devemos trabalhar com as ferramentas do lavrador, para quebrar os estados fósseis ou mineralóides dos distintos ontens, que dormem no fundo profundo do subconsciente.

Com isto estou dizendo o que a natureza irá fazer conosco no Abismo; mas nós podemos fazer a mesma coisa aqui e agora, se verdadeiramente queremos evitar as amarguras infernais.

P. – Querido Mestre, quando nos auto-realizamos intimamente e nos separamos da Roda do Samsara, isso significa que deixamos de estar dentro do movimento contínuo?

V.M. – Escuto uma pergunta do auditório e me apresso a respondê-la com o maior agrado. Distinto cavalheiro! É urgente que o senhor compreenda o que é o movimento contínuo da Roda do Samsara em todos e em cada um de seus aspectos. Sem dúvida, o movimento contínuo não somente existe no cilindro do Arcanjo Hariton, senão também em qualquer cilindro cósmico. Lembre-se que existem os dias e as noites cósmicas. Tudo flui e reflui, vai e vem, sobe e desce, cresce e decresce... Em tudo há um ritmo; o Espaço Abstrato Absoluto é vibração elétrica; portanto, movimento contínuo. Francamente, não consigo admitir a imobilidade absoluta. O que sucede é que existem múltiplas e infinitas formas de movimento contínuo.

P. – Venerável Mestre, o senhor nos fala de três tipos de elementais; quero lhe perguntar se estes existem na Roda do Samsara tanto na involução quanto na evolução ou são exclusivos da evolução?

V.M. – Distinto *frater!* Observe o senhor detalhadamente todos os fenômenos da natureza e terá a resposta. Muitos pensam que os macacos, símios, monos, orangotangos, gorilas, etc., são de tipo evolutivo. Alguns até supõem que o homem veio do macaco... Mas esse conceito cai estrepitosamente por terra quando observamos os costumes dessas espécies animais. Levem um símio para dentro de um laboratório e observem o que acontece. É inquestionável que as diversas famílias de símios são involuções que descendem do

humanóide intelectual. O humanóide não vem do macaco; a verdade disto é o inverso: os símios são humanóides involutivos, degenerados.

Passemos agora a observar a família dos porcos. No tempo de Moisés, os israelitas que chegassem a comer a carne desse animal eram decapitados. É claro que este tipo de elementais se encontra em franco processo involutivo. Estados análogos de involução podemos descobri-los nas plantas e nos minerais. O cobre, por exemplo, no interior do organismo planetário em que vivemos, é o centro de gravidade específico de todas as forças involutivas e evolutivas.

Se aplicarmos a força positiva do universo ao cobre, podemos contemplar, então, com o sentido espacial, múltiplos processos evolutivos maravilhosos. Se aplicarmos a força negativa universal nesse metal, poderemos perceber, com a clarividência integral, infinitos processos involutivos, bem parecidos aos das multidões que habitam as entranhas da Terra. Se aplicarmos a força neutra ao cobre, tanto os processos evolutivos quanto os involutivos ficam em estado estático.

As leis de evolução e involução constituem o eixo mecânico de toda a natureza ou o citado eixo de prata da Roda do Samsara...

As Leis da Evolução e Involução trabalham de forma coordenada e harmoniosa em todo o criado. Obviamente, os elementais dos reinos mineral, vegetal e animal evoluem e involuem em suas próprias escalas naturais; jamais poderíamos conceber a idéia descabida de que os elementais da natureza, pelo fato de fracassarem em tal ou qual espécie viva, possam fazer girar a Roda ao contrário para retornar ao Abismo pela porta por onde saíram.

Quero que todos vocês, cavalheiros e senhoras, compreendam que no Tártaro se entra por uma porta e se sai por outra. Isto significa, entre outras coisas, que pela direita sobe o Anúbis evolutivo e pela esquerda desce perpetuamente o Tifão involutivo. O chakra do Samsara jamais gira ao contrário, entendido?

P. – Venerável Mestre, entre os que entendemos destas leis existe uma crença sobre certas espécies de animais; nos agradaria uma explicação para o caso concreto dos corvos, ratos e demais espécies mais ou menos repugnantes.

V.M. – Com o maior prazer vou dar resposta à nova pergunta do auditório. Fora de toda dúvida, há criaturas repugnantes na natureza que mostram acentuada involução. Os antigos egípcios, por exemplo, detestavam os ratos; é óbvio

que estes animais se encontram em marcado estado de involução. Bem diferente é o estado dos corvos... Estes, ainda que se alimentem da morte [carne], pelo fato de se desenvolverem no Raio de Saturno, possuem certos poderes maravilhosos que indicam evolução; pude evidenciar o que são as faculdades do corvo... Em certa ocasião, achando-me num pequeno povoado da Venezuela em determinada casa, onde uma pequena criança se encontrava gravemente enferma, com assombro vi um bando de corvos que tranqüilamente havia pousado sobre o teto daquela casa.

Aquelas pessoas simples me esclareceram então o seguinte: “Este menino vai morrer”. Quando perguntei o motivo de tal sentença, como resposta, me assinalaram aquelas aves negras; então compreendi tudo...

O caso não teve remédio e realmente a criança morreu. O que mais me assombrou foram as faculdades daqueles elementais. Sabiam que a criatura iria morrer; pousados sobre o telhado daquela morada, aguardavam o momento derradeiro para o festim...

Mas a cena macabra não pôde ocorrer porque a criança recebeu sepultura cristã. Não obstante, as aves chegaram e a lei se cumpriu...

P. – Mui amado Mestre, pelos aspectos que o senhor nos explicou amplamente, isso significa que todas aquelas criaturas animais, como gatos, cachorros, porcos, etc., passaram alguma vez pela forma humana e se encontram a caminho da desintegração. É possível que essas mesmas criaturas se encontrem a caminho da forma humana?

V.M. – Distinto irmão! Seja-me permitido lhe informar que muitos elementais da natureza passaram pelos mundos infernais. Com outras palavras, esclareço: depois da segunda morte, cada Alma se converte em elemental da natureza e inicia seus processos evolutivos, como já disse tantas vezes, desde a dura pedra, para continuar pelo vegetal e animal, até chegar ao estado de humanóide intelectual.

Nesse íterim, os elementais dos distintos reinos evoluem e involuem, mas não poderiam regressar ao Averno, posto que não possuem egos. Só podem ingressar no Averno os humanóides, porque estes têm o ego em seu interior. Com isto fica esclarecida a pergunta e dada a resposta.

P. – Mestre, que relação há entre a Essência e os elementais?

V.M. – É bom que o honorável auditório que me escuta entenda plenamente que certamente não existe nenhuma diferença entre a Essência e os elementais. É claro que a Essência é o próprio Elemental e o Elemental é a própria Essência. Quando o ego se desintegra nos mundos infernais, convertemo-nos em elementais da natureza. Contudo, quando o ego se desintegra aqui e agora, mediante trabalhos conscientes e padecimentos voluntários, em vez de convertermo-nos em elementais, convertemo-nos em Mestres. Eis aí a importante diferença!

P. – Mestre, tenho curiosidade de saber, à raiz do que nos explicou a respeito de que os elementais estão mais além do bem e do mal e que, portanto, são inocentes. Pode-se chegar a perder esta inocência?

V.M. – Distinto cavalheiro! Honorável auditório que me escuta! Rogo compreenderem minhas palavras. Há dois tipos de inocência: a dos vitoriosos e a dos fracassados.

A Alma que escapa do Averno depois da segunda morte, para se converter em Elemental da natureza, obviamente está fracassada, ainda que tenha reconquistado sua inocência. A Alma que desintegra o ego de forma voluntária e consciente, aqui e agora, reconquista sua inocência de forma vitoriosa e se converte em Buddha.

Há elementais que pela primeira vez entram na Roda do Arcanjo Hariton; nunca antes haviam sido humanos e anelam alcançar o estado humano. Existem elementais que, antes de sê-lo, viveram como humanóides e involuíram nos mundos infernais. Eis aí os dois extremos, os dois aspectos dos elementais: primeiro, elementais que começam; segundo, elementais que repetem os processos elementais.

P. – Amadíssimo Mestre, queria saber, já que se apresenta a oportunidade de sua sabedoria, que o senhor nos explicasse se um Elemental, quando ingressa pela primeira vez numa matriz humana, pelo fato de vir sem ego, lhe é mais fácil obter sua auto-realização?

V.M. – Honorável auditório que me escuta esta noite. É urgente saber que a Essência, a Alma vinda dos três reinos inferiores à humana matriz, não tem ainda a experiência necessária e indispensável para chegar à auto-realização íntima do Ser. Normalmente, toda Essência que ingressa pela primeira vez num

organismo humano cai em muitos erros, forma ego, adquire karma e sofre o indizível. Só mais tarde essa Alma pode conseguir, se assim o quiser, a auto-realização.

Entretanto, repito agora o que já disse em passadas conferências: Nem todas as Almas alcançam a Maestria. Para que isso aconteça, faz-se indispensável certa inquietude íntima e isto só é possível quando a Mônada – ou seja –, a Chispa imortal do espírito, se propõe de verdade a trabalhar a sua Alma humana [*Manas*]. É claro que nem todas as Mônadas, espíritos ou chispas virginais têm interesse na Maestria, como dito inúmeras vezes anteriormente.

P. – Venerável Mestre, em todo caso considero que, ao ir eliminando voluntariamente o ego, realmente estamos num processo de evolução, porque sempre entendemos que a evolução significa subida, pelo que sustento que não estão equivocados aqueles que afirmam existir a evolução permanente até chegar à perfeição unitotal. O senhor tem alguma objeção a este conceito?

V.M. – Agrada-me a pergunta que vem do auditório... Obviamente, esta, em si mesma, tem um fundo completamente reacionário. Não obstante, apresso-me em respondê-la. Pensam acaso vocês, senhores, que o ego pode evoluir? Supõem que dissolvê-lo é evolução? Qualquer clarividente educado poderá verificar os processos involutivos do eu, do mim mesmo, do si mesmo. É assombroso verificar como se precipita o ego pelo caminho involutivo, descendo pelas escalas animal, vegetal e mineral, quando percorremos a Senda da Revolução da Consciência. Ou é que pensais, amigos, que com a dissolução do ego, a Essência reinicia um novo aspecto evolutivo, aderida à Roda do Samsara? Ou é que vós credes que o Ser, o Espírito, há de viver perpetuamente engarrafado nos processos evolutivos da natureza e do cosmo?

Jamais negamos as leis de evolução e involução; unicamente as esclarecemos. Os processos evolutivos e involutivos correspondem exatamente à grande Roda do Samsara. Tais processos não poderiam se repetir infinitamente no mundo do espírito, porque isto significaria de fato escravidão perpétua. Recordai, amigos, que Jesus, o Grande Kabir, jamais quis engarrafar-se no dogma da evolução. Aquele grande hierofante só nos falou da senda da Revolução da Consciência, do caminho apertado, estreito e difícil que nos conduz à luz e que bem poucos são os que o acham. Quando ireis entender isto? Em que época? Quando ireis resolver entrar pela porta estreita e pelo caminho apertado? Ou é que acaso quereis corrigir a doutrina de Jesus, o Cristo?

Aqueles que dissolvem o ego alcançam a transformação radical; isto é revolução total.

P. – Mestre, parece-me um conceito de total injustiça e contrário ao amor com o qual se identifica o Grande Arquiteto do Universo, o que admite que, depois de haver alcançado o estado humano e desenvolvido o intelecto, nas alturas que atualmente nos encontramos, em que maravilham os progressos e as proezas dos homens de ciência modernos, tenhamos que regressar ao estado de cavalos, cachorros e porcos. Como pode, mesmo que superficialmente, aparecer tal conceito na mente do homem racional e inteligente? Francamente, creio que isto insulta a eminente dignidade do homem feito à imagem e semelhança de Deus...

V.M. – Vejo aqui no auditório um cavaleiro que intenta corrigir o autor da doutrina da transmigração das Almas, o Grande Avatar Krishna, o qual viveu cerca de mil anos antes de Cristo. Jamais disse o Grande Avatar hindu que o chakra do Samsara girasse ao revés, que a Roda do Arcanjo Hariton se processasse ao inverso, detendo sua marcha para girar em sentido contrário.

Senhoras e senhores! A Roda do Arcano 10 do *Tarot* sempre segue seu curso, jamais retorna. Qualquer automóvel pode retroceder, mas a Roda do Samsara nunca retrocede. Repetição de ciclos, de acordo com a Lei de Recorrência, é diferente; isto o vemos comprovado nos dias e noites de *Brahman*, com sua incessante repetição, nas estações que cada ano se repetem, nos diversos *yugas* cosmológicos que nunca deixam de se repetir, etc.

Nada disso é retrocesso, meus amigos! Tudo isto se move de acordo com a Roda; tudo isto forma parte do movimento contínuo. Entretanto, é necessário entender que a Lei de Recorrência se repete em espiral, mais elevada ou mais baixa. A espiral é a curva da vida; quando esgotamos os diversos processos humanóides, obviamente devemos subir ou baixar. Alguns sobem, outros caem na involução submersa. Sobem aqueles que dissolveram o ego; descem aqueles que não dissolveram o eu.

Os vitoriosos convertem-se em Buddhas, em Mestres. Os fracassados, depois da segunda morte, anunciada por Nosso Senhor, o Cristo e por João, no Apocalipse, transformam-se em elementais da natureza. Não existem retrocessos, mas sim a continuidade de ciclos ou períodos de manifestação cósmica.

Já dissemos em passadas conferências que todos esses ciclos ou períodos estão contados, e nisso não há retrocesso. A Roda avança, jamais retorna. Começa-se pelo ciclo número um e termina-se com o três mil. A contagem dos ciclos ou períodos de manifestação nunca marcham ao revés; portanto, a matemática demonstra claramente que a doutrina da transmigração das Almas é exata.

Grave seria, senhoras e senhores, se o ego não tivesse um limite e continuasse crescendo e se desenvolvendo eternamente. Pensem os senhores no que isso significaria; jamais o mal do mundo teria um limite, estender-se-ia vitorioso pelos espaços infinitos e dominaria todos os Sete Cosmos. Neste caso, sim, haveria injustiça...

Distintos senhores e senhoras, felizmente o Grande Arquiteto do Universo, citado pelo cavalheiro que fez a pergunta, pôs um dique para o mal...

A DISSOLUÇÃO DO EGO



Distintos amigos! Estimadas damas! Hoje, 9 de dezembro de 1972, ano 11 da Era de Aquário, reunimo-nos novamente aqui, neste lugar, com o anelo de estudar profundamente o tema da dissolução do eu psicológico. Antes de tudo, é indispensável analisar cuidadosamente a questão do ego...

Diversas escolas de tipo pseudo-esotérica e pseudo-ocultista enfatizam a descabida idéia de um eu duplo; o primeiro denominam de ‘eu superior’, o segundo, de ‘eu inferior’. Porém, nós dizemos que ‘superior’ e ‘inferior’ são duas seções de uma mesma coisa.

Muito se falou sobre o ‘alter ego’, e até se exalta e se o deifica, considerando-o divino. Em nome *Disso*, que é a Verdade, faz-se indispensável dizer que ‘eu superior’ e ‘eu inferior’ são dois aspectos do mesmo ego; portanto, exaltar o primeiro e subestimar o segundo, sem dúvida é algo incongruente.

Enfocando diretamente essa questão, olhando o ego tal como é em si mesmo, sem essa classe de divisões arbitrárias – superior e inferior –, é claro que fazemos uma diferenciação correta entre o que é o **ego** e o que é o **Ser**.

Poder-se-ia objetar que tal diferenciação não é mais que outro conceito emitido pelo intelecto. Aqueles que nos escutam até buscarão escapatórias, asseverando que um conceito a mais ou um conceito a menos, em questões de alta filosofia, é algo que não tem a menor importância. Há aqueles que inclusive podem se dar ao luxo de escutar estas afirmações e logo esquecê-las, e pôr atenção em algo que consideram importante.

As pessoas de Consciência adormecida costumam passar por auto-afirmações desse tipo, porque já estão cansadas de tanta teoria. Essas pessoas dizem a si mesmas: Que importa uma teoria a mais? Que importa uma teoria a menos?

Mas devemos falar com plena franqueza, baseados em fatos, em experiências diretas, e não em simples opiniões de tipo subjetivo. Vou lhes dizer, amigos meus, o que me consta, o que tenho visto e ouvido; se vocês quiserem aceitar minhas asseverações, bem o fazem; mas se quiserem rechaçá-las, é coisa dos senhores. Todo ser humano é livre para aceitar, rechaçar ou interpretar os ensinamentos como bem quiser.

No princípio de minha atual encarnação, eu também, como muitos dos senhores, havia lido vários livros pseudo-esotéricos e pseudo-ocultistas. Buscando, como os senhores têm feito, passei por diversas escolas e conheci multidões de teorias. É ostensível que à força de tanto ler e reler, cheguei também a crer na existência de dois eus: o superior e o inferior. Os distintos instrutores me diziam que devia dominar o ‘eu inferior’ por meio do ‘eu superior’, para poder chegar algum dia ao Adeptado.

Confesso francamente e sem rodeios que eu estava completamente convencido da existência dos tais dois eus. Felizmente, um acontecimento místico transcendental veio me sacudir intensamente no fundo de minha Alma. Sucedeu que numa noite qualquer – não importa dia, hora, mês ou ano – achando-me fora do corpo físico completamente positiva e consciente, veio a mim meu Real Ser Interno, o Íntimo. Sorrindo, o Bendito me disse: “Tu tens que morrer”.

Esta frase do Íntimo me deixou perplexo, confundido, aniquilado. Com um pouco de temor, interroguei meu Ser Interior (*Atman*), perguntando: “Por que tenho que morrer? Deixa-me viver um pouco mais; estou trabalhando pela humanidade...”

Ainda recordo aquele instante em que o Bendito, sorrindo, repetiu-me pela segunda vez: “Tu tens que morrer...”

Depois, o Adorável mostrou-me na luz astral aquilo que devia morrer em mim mesmo. Então, vi o ‘eu pluralizado’ em forma de multidões de entidades tenebrosas, verdadeiro enxame de sujeitos perversos, agregados psíquicos de diferentes classes, demônios vivos personificando erros.

Assim foi, meus amigos, como vim a saber que o ego não é algo individual, mas sim um soma de agregados psíquicos, um amontoado de múltiplos eus briguentos e gritões.

Alguns destes representam a ira; outros, a cobiça; aqueles, a luxúria; estes, a inveja; aqueles outros, o orgulho; depois, seguem a preguiça, a gula e todos

os seus infinitos derivados. De fato, não vi no ego nada digno de ser adorado, nenhum tipo de divindade...

Ao chegar a esta parte de minha exposição, não seria estranho que alguns assistentes objetassem minhas palavras, dizendo-me: “Senhor, possivelmente você viu seu eu inferior, a soma de agregados psíquicos, como afirma o budhismo oriental; bem diferente seria seu conceito se tivesse percebido o eu superior em toda sua grandeza”.

Amigos, conheço muito bem as diversas formas de intelectualização que vocês têm, suas escapatórias, suas evasivas, suas distintas justificativas, suas reações, suas resistências, o desejo de fazer ressaltar sempre tudo o que tenha sabor de ego. É claro que o ego não tem vontade de morrer e quer continuar vivendo de alguma forma refinadamente sutil, quando não nas formas mais densas e grosseiras.

Ninguém gosta ou sente agrado ao ver seu querido eu reduzido a poeira cósmica, assim sem mais nem menos, só porque um fulano qualquer falou dessas coisas numa sala de conferências. É apenas normal que o ego não tenha ânimo de morrer e que busque as filosofias consoladoras que lhe prometem um lugarzinho no céu, um posto nos altares das igrejas ou um além cheio de infinita felicidade.

Verdadeiramente lamentamos ter que desiludir as pessoas; porém não nos resta mais remédio que ser, diríamos, lapidares, francos e sinceros nestas questões tão graves. Como a nós gnósticos nos agrada falar com fatos concretos, claros e definitivos, não tenho agora nenhum inconveniente em narrar outro acontecimento insólito, com o propósito de demonstrar que o eu superior não existe...

Um outro dia, estando em profunda meditação, de acordo com todas as regras do *Gnana Yoga*, entrei em algo que se conhece como *Nirvi-Kalpa Shamadi*. Então abandonei todos os corpos supra-sensíveis e penetrei no mundo do Logos Solar, convertido em um Dragão de Sabedoria.

Em tais momentos *lógicos*, mais além do corpo, dos afetos e da mente, quis saber algo sobre a vida do Grande Kabir Jesus. Foi precisamente neste instante quando me vi convertido em Jesus de Nazaré, fazendo milagres e maravilhas na Terra Santa. Ainda recordo aquele instante em que fora batizado por João no Jordão; me via dentro de um templo às margens desse rio. O Precursor estava vestido com uma bela túnica; ao me acercar dele, olhando-me fixamente, exclamou: “Jesus, tira tua veste, porque vou te batizar”.

Passei ao interior do santuário... Ele, vertendo sobre minha cabeça o azeite da unção e depois um pouco de água, orou e eu me senti transformado...

O que depois aconteceu foi maravilhoso. Sentado em um salão, vi três sóis divinos: o primeiro era o azul do Pai; o segundo, o amarelo do Filho; e o terceiro, o vermelho do Espírito Santo.

Eis aí os três *Logoi*: Brahama, Vishnu e Shiva. Ao sair daquele estado de arrebato, ao regressar ao meu corpo físico, minha confusão foi tremenda. Eu, Jesus de Nazaré? Eu, o Cristo? Valha-me Deus e Santa Maria! Um mísero pecador, um gusano do lodo da terra, que nem sequer é digno de desatar as sandálias do Mestre, convertido sem mais nem menos em Jesus de Nazaré?

Bastante preocupado com tudo isso resolvi voltar a entrar em meditação e repetir a experiência mística, mudando unicamente o motivo dela. Agora, em vez de querer saber algo sobre a vida de Jesus, interessei-me por João e o batismo do Nazareno. Veio, depois, o estado místico anterior; abandonei todos os corpos supra-sensíveis e fiquei novamente no estado logóico. Uma vez nesse estado, fixei minha atenção com maior intensidade em João, o Batista, e eis que me vi então transformado em João, fazendo as coisas do Precursor, batizando Jesus, etc.

Ao perder o êxtase, ao regressar ao corpo físico, compreendi então que no mundo do Logos, no mundo do Cristo, não existe nenhum tipo de 'eu superior' nem de 'eu inferior'. É urgente que todos aqui compreendam que no Cristo todos somos um, e que a heresia da separatividade é a pior das heresias.

Caros amigos, tudo neste mundo em que vivemos passa: as idéias passam, as pessoas passam, as coisas passam. A única realidade estável e permanente é o Ser, e a razão de ser do Ser é o próprio Ser. Portanto, saibam diferenciar o que é o 'ego' e o que é o 'Ser'.

P. – Mestre, de que substância são feitos os agregados psíquicos que constituem o mim mesmo?

V.M. – Senhoras e senhores! É indispensável que compreendam o que é a mente e suas funções. O animal intelectual, equivocadamente chamado homem, ainda não possui uma mente individual, não a criou, não a fabricou. O corpo mental propriamente dito somente pode ser criado mediante as transmutações sexuais.

Quero que todos aqui entendam que no esperma sagrado existe o hidrogênio sexual Si-12. Sem dúvida, o esoterista que não derrama o Vaso de Hermes (que

não ejacula o sêmen), efetivamente inicia dentro de seu organismo maravilhosas transmutações da libido, cujo resultado é a criação do corpo mental individual.

O *Manas*, a substância mental propriamente dita, encontra-se no interior de qualquer pessoa, porém está desprovida de individualidade; possui diversas formas, acha-se constituída em forma de agregados, que nunca foram desconhecidos pelo buddhismo esotérico.

Rogo, ao amável auditório que me escuta, seguir com paciência o curso de minha dissertação. Todos esses múltiplos eus brigões e gritões, que em seu conjunto formam o mim mesmo, o si mesmo, são constituídos por substância mental mais ou menos condensada. Agora poderão entender os motivos pelos quais as pessoas mudam constantemente de opinião.

Por exemplo, se somos vendedores de casas ou de bens imóveis, e um cliente se acerca e falamos com ele, convencemo-lo da necessidade de comprar uma nova e bela residência; o interessado se entusiasma e assegura enfaticamente que a compra já é um fato consumado, e que ninguém poderá fazê-lo mudar de idéia. Porém, depois de algumas horas, tudo muda. A opinião do cliente já não é mais a mesma. Outro 'eu' de sua mente controla agora seu cérebro, e o entusiasmado eu, que horas antes havia se apaixonado pela nova casa, é substituído por um novo eu que nada tem a ver com o negócio nem com a palavra empenhada; o castelo de cartas cai por terra e o pobre agente imobiliário se sente enganado...

O eu que hoje jura amor eterno a uma mulher, amanhã é substituído por outro eu que nada tem a ver com esse juramento; então o sujeito se retira deixando a mulher decepcionada. O eu que hoje jura lealdade ao Movimento Gnóstico, amanhã é substituído por outro eu que nada tem a ver com o juramento, e o indivíduo se retira da Gnose, deixando todos os irmãos do santuário confundidos e assombrados.

Vejam, senhores, meus queridos amigos e amigas, o que são as infinitas formas da mente, de que maneira os egos controlam os centros capitais do cérebro e como jogam com a máquina humana.

P. – Mestre, neste planeta em que vivemos os eus tornam nossa vida bem sofrida, uma vez que é fácil compreender que quando os dissolvemos e nos apartamos de nossos desejos, nossa vida se torna terrivelmente triste e aborrecida. Não é assim?

V.M. – Distintos senhores e senhoras! A autêntica felicidade estriba-se radicalmente na revalorização do Ser. É inquestionável que cada vez que o Ser passa por uma revalorização íntima, experimenta a autêntica felicidade. Infelizmente, as pessoas de hoje em dia confundem prazer com felicidade, e gozam bestialmente com a fornicação, o adultério, o álcool, as drogas, o dinheiro, o jogo, etc.

O limite do prazer é a dor; toda forma de gozo animal se transforma em amarguras. Obviamente, a eliminação do ego revaloriza o Ser, gerando como resultado a felicidade. Infelizmente, a Consciência, engarrafada no ego, não entende, não compreende a necessidade da revalorização íntima e prefere os gozos bestiais, porque acredita firmemente que essa é a felicidade.

Senhores, dissolvam o eu pluralizado e experimentarão a felicidade da revalorização do Ser...

P. – Mestre, pelo anteriormente exposto, mostra-se evidente e inadiável a necessidade de formarmos um corpo mental, para não termos tantas mentes.

V.M. – Escutei a pergunta de um cavalheiro e me apresso a respondê-la... Certamente, o animal intelectual, equivocadamente chamado homem, não possui mente individual, como já dissemos nesta conferência. Em vez de uma única mente, tem muitas mentes – e isso é diferente. O que estou afirmando pode contrariar muito os pseudo-esoteristas e pseudo-ocultistas plenamente convictos das teorias que leram, as quais asseveram que o homúnculo racional possui corpo mental.

Que nos seja permitida a liberdade de discordar de tais asseverações. Se o animal intelectual tivesse mente individual, se não possuísse realmente os diversos agregados mentais que o caracterizam, teria continuidade de propósitos; todo mundo cumpriria sua palavra e ninguém afirmaria hoje para negar amanhã. Então, o presumido comprador de bens imóveis voltaria no outro dia com o dinheiro na mão, depois de haver empenhado a palavra, e a Terra seria um Paraíso.

Criar o corpo mental e dissolver o eu pluralizado é urgente quando se quer a autêntica revalorização do Ser Íntimo. Só isto, só tais revalorizações sagradas, podem outorgar-nos a verdadeira felicidade.

P. – Venerável Mestre, será possível que uma pessoa que doe dinheiro à igreja, que lê a Bíblia, que se confessa, que faz obras de caridade, que difunde os evangelhos, que somente tem sua esposa e as demais virtudes, também possua egos?

V.M. – Distintos senhores e senhoras! Seja-me permitido lhes informar que o eu se disfarça de santo, de mártir, de bom esposo, de boa esposa, de místico, de penitente, de anacoreta, de caridoso, etc. Entre as cadências do verso também se esconde o delito; entre os perfumes do templo também se esconde o pecado; à sombra da cruz também se adultera e se fornicava; os criminosos mais abjetos assumem poses piedosas, figuras sublimes, semblantes de mártir, etc.

É bom saber que muitas pessoas virtuosas possuem agregados psíquicos muito fortes. Recordem os senhores que há muita virtude nos malvados e muita maldade nos virtuosos. No Abismo, nos nove círculos dantescos, existem muitos místicos, anacoretas, penitentes que crêem que estão indo muito bem. Não estranhem, pois, que também no Averno existam sacerdotes exemplares e devotos que os seguem.

P. – Mestre, onde fica o valor espiritual das boas intenções de um sincero equivocado?

V.M. – Meus queridos amigos, a pergunta do auditório me parece muito interessante e me agrada dar uma resposta. Recordem que o caminho que conduz ao Abismo está cheio de boas intenções: “Muitos são os chamados e poucos os escolhidos”.

Os malvados de todas as épocas sempre tiveram boas intenções: Hitler, cheio de magníficas intenções, atropelou muitos povos, e por sua culpa morreram milhões de pessoas nas câmaras de gás, ou nos campos de concentração, ou ainda nos paredões de fuzilamento, ou em imundas masmorras. Sem dúvida, esse monstro queria o triunfo da grande Alemanha e não poupava esforços de nenhuma espécie nesse sentido.

Nero incendiou Roma em sacrifício à sua arte, com místicas intenções de fazer ressoar a lira universalmente; também lançava os cristãos aos circos romanos para que os leões os devorassem, com o propósito de livrar seu povo do que ele considerava uma epidemia ou uma calamidade: o cristianismo.

O verdugo que executa uma ordem injusta, cheio de magníficas intenções, assassina seu semelhante. Milhões de cabeças rolaram na guilhotina na Revo-

lução Francesa, e os verdugos trabalharam com magníficas intenções, porque queriam o triunfo do povo. Robespierre, cheio de magníficas intenções, levou muitos inocentes ao cadafalso. Também não podemos esquecer o que foi a Santa Inquisição. Então, os inquisidores, com magníficas intenções, condenaram muitos infelizes à fogueira, ao esquartejamento, ao martírio.

Quero, pois, que vocês, senhores e senhoras, compreendam que o importante são as boas obras e não as boas intenções, que podem ser mais ou menos equivocadas. Os Senhores do Karma, nos Tribunais da Justiça Objetiva, julgam as Almas por suas obras, pelos fatos concretos, claros e definitivos, e não pelas boas intenções.

Os resultados sempre falam mais alto. De nada serve ter boas intenções se os fatos são desastrosos.

P. – Mestre, qual é o procedimento a seguir para me libertar dos defeitos psicológicos que tanto martirizam a mente?

V.M. – Honorável público! É urgente, inadiável, impostergável aniquilar o ego e reduzi-lo a cinzas, de forma voluntária e consciente, se de verdade queremos evitar a descida para os mundos infernais. Quero que os senhores saibam que, na relação social, na convivência com nossos familiares ou com os companheiros de trabalho, etc., os defeitos escondidos afloram espontaneamente; se estivermos em estado de alerta percepção, alerta novidade, os veremos tal qual são em si mesmos.

Defeito descoberto deve ser submetido criteriosamente à análise, à meditação profunda, com o propósito de ser compreendido de forma íntegra, unitotal. Não basta compreender um defeito; deve-se ir ainda mais fundo; é indispensável auto-explorar-nos, encontrar as íntimas raízes do defeito que compreendemos, até chegar ao seu profundo significado. Qualquer centelha de Consciência pode nos iluminar de imediato; então, em milésimos de segundo, podemos capturar realmente o profundo significado do defeito compreendido.

Eliminação é diferente. Alguém poderia ter compreendido algum erro psicológico e até haver penetrado em seu profundo significado, mas ainda assim continuar com ele nos diferentes departamentos da mente. Não é possível ficar livre de tal ou qual erro sem a eliminação. Esta última é vital, fundamental e definitiva quando se quer morrer de instante em instante, de momento em momento.

Entretanto, não é com a mente que podemos extirpar nossos erros. Com o entendimento só podemos rotular nossos diversos defeitos psicológicos, dando distintos nomes, passando-os de um nível para o outro no subconsciente, escondendo-os de nós mesmos, julgá-los, desculpá-los, etc., mas não é possível alterá-los fundamentalmente nem extirpá-los. É necessário um poder superior à mente; necessitamos apelar a uma potência transcendental se de verdade queremos eliminar erros e morrer em nós mesmos, aqui e agora.

Felizmente tal poder superior se encontra latente em todas as criaturas humanas. Quero me referir a Kundalini, a Serpente Ígnea de nossos mágicos poderes. Em plena cópula química podemos suplicar à nossa Mãe Divina particular para eliminar aquele erro psicológico que não somente compreendemos, como também capturamos seu profundo significado. Podeis estar seguros que nossa Mãe Cósmica particular, empunhando a Lança de Eros, ferirá de morte o agregado psíquico que personifica o erro que necessitamos eliminar.

Precisamente esta é Santa Hasta – maravilhoso emblema da energia criadora -, a arma com a qual Devi Kundalini eliminará de nós mesmos, aqui e agora, o defeito que queremos aniquilar. Naturalmente, a eliminação destes agregados se realiza de forma progressiva; muitos deles atuam nos 49 níveis do subconsciente. Isto significa que qualquer defeito psicológico é representado por milhares de agregados psíquicos que nascem, crescem e se desenvolvem nos 49 níveis subconscientes da mente.

Alguém poderia não ser fornicário na zona intelectual; não obstante, sê-lo nas zonas mais profundas do subconsciente. Muitos místicos que foram sumamente castos no nível meramente intelectual, e até em 20 ou 30 níveis subconscientes, fracassaram em níveis mais profundos, quando foram submetidos às provas esotéricas. Alguém poderia não ser ladrão no nível meramente racional e até em 48 níveis subconscientes, mas ainda assim sê-lo no nível 49.

Assim, pois, os defeitos são polifacéticos; indivíduos muito santos podem ser espantosamente perversos nos níveis mais profundos da subconsciência. Através de provas esotéricas, os Iniciados se autodescobrem. Os fracassos nas provas assinalam e indicam os diversos estados psicológicos em que nos encontramos.

P. – Venerável Mestre, o senhor poderia nos dizer como os solteiros podem realizar estes trabalhos?

V.M. – Distintos senhores e senhoras! A Lança de Eros, a Hasta Santa sempre pode ser manejada por Devi Kundalini, nossa Divina Mãe Cósmica particular. Entretanto, há diferença entre casados e solteiros. Quando a Hasta é manejada durante o transe sexual, tem um poder elétrico maravilhoso bem superior. Quando a Lança não é utilizada durante o transe erótico, igualmente possui um poder maravilhoso, porém inferior.

O solteiro, a solteira, também pode avançar, ainda que seu trabalho seja um pouco mais lento; contudo, casando-se, o trabalho se fará mais forte e mais poderoso, no completo sentido da palavra. Solteiros e solteiras podem avançar até certo ponto profundamente definido pela natureza. Mais além desse limite, não é possível avançar sem a magia sexual.

CAPÍTULO 16

O DIABO



Caros amigos! Nesta noite, dia 18 de dezembro de 1972, ano 11 de Aquário, entramos na segunda parte de nossas dissertações.

Muito se falou sobre o diabo, e também muito foi escrito sobre o tema; porém, bem poucos explicaram realmente o que [ou quem] é o diabo. A origem deste mito deve ser buscada nas criptas iniciáticas do passado e nas cavernas arcaicas.

Vamos refletir um pouco sobre o que é o Sol. É indiscutível que o astro-rei nos ilumina e nos dá vida; no entanto, contrasta com as trevas. Qualquer meio-dia, por mais resplandecente que seja, tem suas sombras, seja sob as frondosas árvores do caminho solitário, seja dentro das grutas das montanhas ou simplesmente atrás de qualquer corpo móvel ou imóvel.

Cada um de nós projeta sua sombra em todas as partes. Luz e sombra, harmoniosa antítese, marcam um completo dualismo, cuja extraordinária síntese é a sabedoria.

Vamos agora um pouco mais longe... Mergulhem no profundo, no desconhecido de nosso Ser. Sabemos que além do corpo, dos afetos e da mente está o Logos interior, o Divino... É indiscutível que, *Isso* que é o Inefável, *Isso* que é o Real projeta seu próprio reflexo, sua sombra particular, dentro de nós mesmos, aqui e agora.

Sem dúvida, o sol íntimo de cada um de nós também tem sua sombra e esta cumpre uma missão específica no fundo de nossa própria Consciência. Obviamente, essa sombra, esse reflexo *lógico* é o treinador psicológico, Lúcifer, o Tentador...

No ginásio psicológico da existência humana requer-se sempre um treinador, com o propósito de desenvolver poderes, faculdades, virtudes extraordi-

nárias, etc. De que forma poderiam brotar em nós as virtudes se não existisse a tentação?

Só mediante a luta, o contraste, a tentação e a rigorosa disciplina esotérica podem fazer brotar em nós as flores da virtude. Portanto, o diabo *não é* esse personagem tenebroso criado pelo dogmatismo de algumas seitas mortas, contra o qual o marquês de Merville lançou todos os seus anátemas.

O diabo também não é aquela entidade fabulosa que merece perdão, como escreveu Giovanni Papini em seu famoso livro intitulado **O Diabo**, obra esta pela qual foi excomungado da Igreja Católica. Todo mundo sabe que Giovanni Papini era o menino mimado do Vaticano; mesmo assim foi desqualificado nos tempos de Pio XII.

Senhores e senhoras! Satanás, o diabo, Lúcifer, é algo mais que tudo isso; é o reflexo de nosso próprio Ser íntimo em nós mesmos e dentro de nossa Consciência, aqui e agora.

Revisando as velhas mitologias dos antigos tempos, evidenciamos claramente que esse mito satânico foi divulgado em todos os rincões do mundo pelos sacerdotes da religião heliólatra ou heliocêntrica, que antigamente era universal.

Recordemos que houve épocas no passado em que se levantaram por toda parte, em todos os lugares do planeta Terra, templos ao Sol e ao Dragão. Floresceram então os cultos draconianos; os sacerdotes dessa religião universal chamavam a si mesmos de “Filhos do Dragão” ou simplesmente qualificavam-se como ‘Dragões’.

O símbolo desse Dragão foi tomado daqueles gigantescos répteis voadores que existiram na Atlântida e Lemúria. Não deixa de ser interessante notar que esse símbolo tenha sido usado para alegorizar a sombra do Sol, o reflexo do astro-rei, incluindo o Lúcifer íntimo e particular de cada ser humano.

No Egito dos faraós, o Sol do Meio-Dia, o Sagrado Sol Absoluto, era simbolizado por Osíris, enquanto sua sombra, seu reflexo, seu Lúcifer, era alegorizado por Seth [Tifão, Tifon ou Tifeu em grego].

Nos mistérios gregos, o Sol Espiritual, a Estrela de Natal, o Demiurgo Criador, sempre foi representado por Apolo, enquanto sua sombra, seu Lúcifer, seu Satã, seu reflexo divino, era alegorizado por Píton.

No Apocalipse de São João, o Cristo Sol resplandecente é representado por Miguel [Mikael], a divindade guerreira, enquanto sua sombra cósmica é personificada pelo Dragão Vermelho.

Na Idade Média, alegorizava-se o Logos com a personalidade de São Jorge, enquanto sua sombra era simbolizada pelo Dragão.

Observemos ainda o que é Bel [ou Baal] e o Dragão, o Sol e sua sombra, o dia e a noite.

Portanto, o Diabo *não é* esse personagem que algumas seitas mortas puseram num trono de ignomínias para atemorizar os débeis. Com justa razão, Goethe põe na boca de seu Deus aquela frase com que a divindade se dirige a Mefistófeles: “De todos os de tua espécie, Gênios à minha lei rebeldes, o menos daninho e prejudicial és tu”.

Muito foi dito sobre o mito satânico, e alguns supõem que ele chegou ao mundo ocidental a partir do Egito.

De forma alguma negamos a vinda de muitos Deuses solares com seus correspondentes dragões à terra dos faraós, provenientes do Oriente [Índia]. Tampouco negamos que a alegoria de Osíris e Seth [Tifão] tivesse sido representada na velha Europa. No entanto, vamos mais longe: temos o direito de pensar nos hiperbóreos [Segunda Raça Raiz] e em seus cultos solares, junto com seus Dragões e infernos.

A Índia pré-védica não foi a única a enviar ao Egito seus Deuses solares e seus cultos. Fora de toda dúvida, a submersa Atlântida também deixou na terra de Saís e nas margens do Nilo arcaicos cultos ao Sol e aos seus Dragões.

Vencer o Dragão, matar o Dragão, é urgente quando queremos ser tragados pela Serpente, quando desejamos nos transformar em Serpente.

Isto significa sair triunfante em todas as tentações postas pelo Dragão; sair vitoriosos, eliminar o ego, desintegrar todos os agregados psíquicos que o compõem, reduzir a poeira cósmica todas as recordações do desejo, etc.

Sem dúvida, após havermos sido devorados pela Serpente, nos transformamos em Serpentes. Mais tarde, a Águia, o Terceiro Logos, o Arquí-Hierofante e o Arquimago, nosso Real Ser, o Mestre Secreto, devora a Serpente. Então nos convertemos em Serpentes Emplumadas, no Quetzalcoatl mexicano, no *Mahatma*, e a Obra fica realizada.

Ao chegar a estas alturas transcendentais do Ser, a estas revalorizações íntimas, o reflexo do Logos, sua sombra particular dentro de nós mesmos, o Diabo, volta ao Logos, mescla-se com Ele, funde-se com Ele, porque, no fundo, Ele é Ele...

P. – Mestre, se devo esquecer até a lembrança do desejo, que estímulo vou utilizar para meu trabalho na Forja Ardente de Vulcano?

V.M. – Com o maior prazer vou responder a esta pergunta que sai do auditório... As sagradas escrituras afirmam, de forma enfática, que primeiro vem o animal, depois o espiritual.

Sem dúvida, quando se começa o trabalho na Forja dos Ciclopes, há necessidade do desejo porque ainda não se realizaram as profundas revalorizações do Ser. Não há como exigir dos principiantes, *Maithuna*, sexologia transcendental, Sexo-Yoga ou Kundalini-Yoga, com exclusão radical do desejo. Entretanto, mais tarde, com a dissolução do eu psicológico, sem dúvida o ‘desejo’ torna-se desnecessário. Motivo: eliminado todo o agente animal, subconscientemente, o desejo deixa de existir.

Ao chegar a estas alturas transcendentais do Ser, podemos trabalhar na nona esfera exclusivamente com a força de Eros, com o poder do hidrogênio sexual Si-12, com a eletricidade transcendente dos zoospermas. Assim, meus amigos, em última análise, o desejo não é indispensável para o trabalho na Forja Ardente de Vulcano.

P. – Mestre, sendo Satã o reflexo de Deus, portanto, Satã também é amor; não seria incongruente dizer que o ego é satânico?

V.M. – Distinto cavalheiro! Amigos, senhoras! Lembrem-se que existem dois tipos de trevas: a primeira é a ‘obscuridade do silêncio e do augusto segredo dos sábios’; a segunda a denominamos de ‘obscuridade da ignorância e do erro’.

Obviamente, a primeira é a super-obscuridade; a segunda, sem dúvida, é a infra-obscuridade. Isto quer dizer que as trevas se bipolarizam e que o negativo é tão só o desdobramento do positivo. Agora, por simples indução lógica, convido-os a compreender que Prometeu-Lúcifer, encadeado à dura rocha, sacrificando-se por nós, submeteu-se a todas as torturas.

Ainda que seja o fiel da balança, o doador da luz, a medida e o peso, o guardião das sete mansões – que não deixa passar senão aqueles que foram ungidos pela sabedoria e que portam em sua direita a Tocha de Hermes – desdobra-se, inevitavelmente, no aspecto fatal da multiplicidade egóica, nesses agregados psíquicos sinistros que compõem nosso eu e que foram devidamente estudados pelo esoterismo tântrico buddhista.

Com esta explicação, senhores, considero que tenham entendido minhas palavras.

P. – Mestre, se a prática do Maithuna-Yoga existe desde tempo imemorial, por que na Índia vedanta se oferece à vista do público estímulos eróticos complexos, como os baixos-relevos dos próprios templos. Parece-me que estes estímulos fazem a prática do *Maithuna* ainda mais difícil.

V.M. – Com o maior prazer vou dar resposta precisa à pergunta que um distinto cavalheiro esoterista formulou com total clareza... Certamente, no [livro] **Kama Kalpa** hindu aparece uma fotografia tântrica de uma escultura sagrada, existente em um templo antiqüíssimo... Quero me referir, de forma enfática, a essa obra de magia sexual.

Se observarmos cuidadosamente a fotografia do citado livro hindu, veremos uma mulher em *Siddha-Shana*. Sua cabeça se acha para baixo, suas pernas para cima, com a particularidade de que estas não se encontram na figura de lótus, mas abertas à direita e à esquerda, embora os joelhos se dobrem, ficando a parte inferior das pernas na forma horizontal. A cabeça está apoiada nas mãos e antebraços, tal como se conhece esta sagrada *asana* no mundo yogue.

O mais interessante é o seguinte: um mago, praticamente sentado entre suas pernas, com o falo introduzido forçadamente dentro do útero, pratica o *Maithuna*. Sem dúvida, essa mulher tântrica não poderia sustentar-se em tal posição, com a cabeça para baixo, se duas mulheres mais não a ajudassem à direita e à esquerda.

Ali se vê claramente um par de jovens mulheres ajudando a sustentar o corpo da yoguina. Estas auxiliares, semidesnudas, sentem terrível luxúria – isto se adivinha claramente em seus olhos. O mago goza acariciando os peitos de uma e de outra, enquanto mantém seu falo conectado com o *yoni* feminino.

Sem dúvida, esta prática tântrica, complicada e difícil, entre quatro pessoas, é desnecessária e rechaçada totalmente pela Fraternidade Universal Branca. Nunca é demais recordar ao auditório que estas complicadas práticas sexuais, realizadas entre mais de duas pessoas, certamente correspondem ao tantrismo negro – isto pudemos evidenciar quando estudamos os sinistros ensinamentos do clã de Dag-Dugpa, na igreja de sacerdotes de turbante vermelho, região dos Himalaias, Tibete Oriental.

É óbvio que os adeptos da igreja amarela, tântricos brancos, ou verdadeiros *Urdhvaratas-yogues*, só praticam o *Sahaja Maithuna* de acordo com os mandatos da Igreja Gnóstica (união sexual de esposo e esposa em lares legitimamente constituídos).

Assim, pois, os atos sexuais ou *Maithuna* entre mais de duas pessoas, tal como ilustrado no **Kama Kalpa**, é, inquestionavelmente, magia negra.

Obviamente, o tantrismo esquerdo é diferente do tantrismo branco e esta ilustração do **Kama Kalpa** é manifestadamente sinistra e tenebrosa; jamais poderia ser aceito pela Iniciação Tântrica Branca da igreja amarela budhista.

Não há dúvida de que os múltiplos *asanas* de tântricos negros, em vez de despertar Kundalini ou o prana sagrado, para fazê-lo subir pelo canal medular, estimulam e desenvolvem o abominável órgão *Kundartiguador*, convertendo-se então o aspirante em uma personalidade tenebrosa, em um mago negro da pior espécie.

Não desconhecemos o **Kama Sutra** e o **Kama Kalpa**. Infelizmente, o primeiro foi adulterado de forma vergonhosa, para estimular sua circulação no mundo ocidental; quanto ao segundo, está manchado com tantras negros ou *sadhanas* de bonzos e dugpas.

Que sejam corroboradas minhas afirmações, que sejam verificadas claramente, mediante prévio estudo de cânones budhistas e livros secretos ocultos em criptas subterrâneas da Ásia Central.

Como sou um Adepto e estou em contato direto com os Mestres da Loja Branca, tais como K.H., Mória, Hilarion, etc., é claro que posso fazer estes esclarecimentos de forma completamente consciente e precisa.

P. – Mestre, como podemos diferenciar quando atua em nós Lúcifer e quando atua o ego?

V.M. – Com o maior prazer vou dar resposta a esta pergunta. Falamos já claramente sobre a super-obscuridade luciferina e sobre a infra-obscuridade da ignorância e do erro. Lúcifer, o Tentador, o Grande Treinador do ginásio psicológico da existência, trabalha tentando-nos, e estas impressões internas costumam polarizar-se negativa ou fatalmente mediante a atividade egóica.

Sem dúvida, só mediante a auto-reflexão serena e a meditação interior podemos fazer clara distinção entre as impressões íntimas luciferinas diretas e as impressões egoístas bestiais.

Normalmente, as pessoas de Consciência adormecida não estão devidamente preparadas para fazer essa diferenciação de impressões; isto requer muito treinamento psicológico.

P. – Mestre, alegoriza-se o diabo sempre com o tridente na mão. Esse símbolo tem algum significado especial?

V.M. – Esta pergunta do auditório me recorda o tridente da mente que usam os *brahmanes* da Índia e do Paquistão. Entretanto, vamos mais longe: chegamos às três forças primárias do universo, alegorizadas pelo tridente.

É claro que ao vencer o Dragão podemos cristalizar dentro de nós estas três forças; então, de fato, nos transformamos em verdadeiros Deuses Solares.

Acaso o Dragão não é o reflexo do Sol? Compreendi, então, o que significa o tridente.

P. – Mestre, ao trabalhar com Lúcifer na nona esfera para eliminar o ego, fazemo-lo tanto com as forças positivas quanto com as negativas de Lúcifer?

V.M. – Distinto cavalheiro, senhoras! Obviamente “Lúcifer é escada para descer e para subir” e também para trabalhar e dissolver o ego no laboratório da Alquimia sexual.

Indiscutivelmente, só mediante o fogo luciferino podemos reduzir a cinzas as cristalizações negativas de nossa mente, os elementos infra-humanos, os agregados psíquicos, infelizes desvios do poder luciférico.

É assim, amigos, como o *Fohat* transcendente, a eletricidade sexual, o poder maravilhoso do Christus-Lúcifer, redime, trabalha e desintegra o inútil, a fim de liberar a Essência, a Consciência, o *Buddhata*.

O DRAGÃO DAS TREVAS



Caros amigos! Reunidos esta noite, depois do Natal de 1972, vamos conversar um pouco sobre o Dragão das Trevas. Lembrem-se que estes ensinamentos constituirão a **Mensagem de Natal de 1973**.

Sem dúvida, esta questão do diabo inquieta bastante a opinião pública; portanto, é necessário esclarecer, indicar e sinalizar com precisão a crua realidade satânica. Francamente, eu não creio nesse diabo das religiões dogmáticas e penso que os senhores tampouco aceitam esse fetiche do clero profano.

É óbvio que na Atlântida, antes da segunda catástrofe transalpaniana, existiu, na terra de Mu, um réptil voador escamoso, de tipo netuniano.

Os caldeus sempre buscaram simbolizar as trevas noturnas, o reflexo do Logos no universo e dentro de cada um de nós, com o famoso anfíbio atlante. H.P.B. conceitua que tal criatura é Makara, o décimo signo do zodíaco.

NT – Na mitologia hindu, Makara é o veículo (*Vahana*) de Varuna; literalmente, Makara quer dizer ‘monstro marítimo’. Varuna, por sua vez, é o Deus dos Mares, como Netuno o é para os ocidentais.

Não obstante, nós vamos um pouco mais longe neste ponto, porque estou firmemente convencido de que essa misteriosa criatura, especificamente, é de tipo completamente netuniano. Em todo caso, o escamoso réptil voador dos caldeus mais tarde foi apossado pelos judeus e, conseqüentemente, pelos cristãos.

O mais lamentável desta questão é que tal alegoria ou símbolo tenha sido transformado nessa figura espantosa e horripilante: o diabo ortodoxo.

Convém, agora, recordar a comunidade gnóstica dos Naassênios, adoradores da Serpente. Os adeptos dessa Ordem simbolizavam o Dragão ou o reflexo

do Logos com a brilhante constelação das Sete Estrelas. Quero me referir de forma enfática, clara e precisa, à Constelação do Dragão.

Alguns supõem que João – o vidente do Apocalipse – é o autor dessa alegoria. Tal suposição é equivocada porque o Dragão é de Netuno, da magia atlante...

Destacam-se as sete estrelas da constelação do Dragão na mão do Alfa e do Ômega, aquele Verbo do Apocalipse que apareceu a João.

Em seu aspecto superior, o Dragão, Lúcifer, Prometeu, Satã ou Diabo é o próprio Logos, “o nascido por si” [e de si mesmo], o *Ajah* hindu.

Em seu aspecto inferior, o Dragão ou Diabo esotérico autêntico e legítimo, é diferente do que diz a ortodoxia dogmática. Todo hierofante, todo verdadeiro auto-realizado, é um Dragão de Sabedoria.

Portanto, caros amigos, quero que façam clara distinção entre o fetiche dogmático ou diabo ortodoxo fabuloso das igrejas e o que é realmente o reflexo do Logos, a sombra de Deus dentro de cada um de nós, o Diabo real ou Lúcifer, ou ainda o Prometeu sagrado.

Sinto que há certa resistência no fundo de vossa mente, em vossa própria subconsciência, acerca desta idéia que apresento aqui hoje, devido à educação equivocada que receberam sobre o diabo.

De forma alguma fico surpreso com este preconceito que condiciona vossa mente; ensinaram a vocês a crerem num diabo terrível, sentado num trono de ignomínia, com um garfo de aço em sua destra a dominar o mundo inteiro.

Agora, é claro que ao escutarem minhas palavras, ao dizer que o diabo das seitas dogmáticas é mera fantasia, que não existe realmente e que, em verdade, ele é o Diabo da Boa Lei, a Sombra do Sol Espiritual dentro de cada um de nós, a sombra da noite em oposição ao dia, a sombra das árvores à beira do caminho, etc., é óbvio que isso vos sensibiliza e até surpreende, mas, ainda assim, não conseguem deixar esse receio próprio de uma falsa crença, que foi inculcada desde os primeiros anos da infância. Portanto, como poderia ser má a sombra do eterno Deus vivo? Reflitam um pouco sobre tudo isso!

No Museu Britânico há uma representação muito interessante do escamoso. Ali também existe uma pintura arcaica, antiqüíssima, onde aparece a Árvore da Ciência do Bem e do Mal, a Macieira do Éden... É interessante notar que próximo a essa árvore estão Adão e Eva, homem e mulher, tratando de apanhar as maçãs para comê-las. Atrás do tronco está o Dragão-Serpente; no alto, nas

nuvens, aparecem alguns seres amaldiçoando a árvore, viva representação de todo o clero exoterista ou profano, desconhecedor dos Mistérios Sexuais.

Não cabe dúvida que os dois seres humanos, homem e mulher, estão diante da Árvore da Ciência do Bem e do Mal. A Serpente-Dragão é o Iniciador – e precisamos saber entender isto profundamente.

Com toda a franqueza vou lhes dizer e explicar tudo isso, para que compreendam e sigam firmemente pelo caminho estreito e difícil que conduz o Iniciado até a liberação final.

É indiscutível que a Serpente é o Fogo Sexual que deve subir pelo canal medular espinhal, de grau em grau, até o cérebro. Naturalmente, esse elemento ígneo possui poderes extraordinários; ao subir pela espinha dorsal, transforma-nos radicalmente.

Quanto ao Dragão, sem dúvida, é o treinador psicológico mais extraordinário que cada um de nós leva consigo. O Divino *Daimon*, citado tantas vezes por Sócrates, a própria sombra do nosso espírito individual, coloca-nos em tentações, com o propósito de nos treinar, de nos educar. Só assim é possível que brotem em nosso íntimo as gemas preciosas das virtudes.

Agora me pergunto e pergunto aos senhores: onde está a maldade de Lúcifer? Os resultados falam mais alto. Se não há tentação, não há virtudes. Quanto maiores sejam as tentações, maiores serão as virtudes. O importante é não cair em tentação; por isso, devemos rogar ao Pai, dizendo: “Não me deixes cair em tentação”.

Portanto, vistos estes dois aspectos que se escondem atrás da Árvore da Ciência do Bem e do Mal, chegamos à conclusão lógica de que o Dragão e a Serpente, ou a Serpente-Dragão, para falar em síntese, é, sem dúvida alguma, o Grande Iniciador prático.

Muitas vezes temos dado a chave e não nos cansaremos de repeti-la até a saciedade: *conexão do falo e do útero sem ejaculação do sêmen*.

Só assim se põe em marcha o Fogo Sagrado do sexo que, elevando-se pelo canal medular espinhal, de grau em grau, de vértebra em vértebra, ao fim vem nos transformar radicalmente.

Que o Dragão nos tente durante o trabalho é seu dever. Ele deve nos tornar fortes; ele deve nos educar no ginásio sexual; ele deve nos converter em atletas da Magia Sexual.

Mais tarde, a Serpente Ígnea de nossos mágicos poderes deve engolir-nos; então efetivamente nos transformamos em Serpentes. Mas antes que isso ocorra, antes desse banquete do Fogo Serpentino, precisamos vencer o Dragão, quer dizer, devemos sair vitoriosos das tentações.

Por fim, o escamoso Lúcifer, a Sombra do Eterno, o reflexo íntimo de nosso verdadeiro Ser Divino, voltará a Ele, fundar-se-á com Ele, resplandecerá n'Ele. Ao chegar a estas alturas, poderemos exclamar como os antigos iniciados: “Eu sou um Dragão! Eu sou Ele, Ele, Ele!”

P. – Mestre, o Divino *Daimon* só nos tenta no trabalho sexual ou também no trabalho da dissolução do ego?

V.M. – Distinta dama! É urgente que a senhora entenda que a raiz do ego se encontra no abuso sexual, na luxúria, na fornicação, no adultério. Se cortarmos as raízes de uma árvore, é claro que ela morre; algo semelhante acontece ao ego. Infelizmente, Lúcifer deve educar-nos no sexo; ali nos submete a um treinamento rigoroso, mediante as mais severas tentações; é claro que se ali, no sexo, sairmos vitoriosos, a desintegração do ego se precipitará de modo inevitável. Com isso não quero dizer que todos os demais defeitos psicológicos não devam ser trabalhados com o propósito de reduzi-los a cinzas; não, unicamente estou pondo certa ênfase na questão sexual por se tratar do fato de na fornicação estar o pecado original.

P. – Mestre, ouvi dizer que num dos evangelhos, o Grande Kabir Jesus disse: “Filhos de Satã sois, mas não filhos de Deus.” Poderia nos explicar isto?

V.M. – Distinto cavalheiro! Escuto sua pergunta e com o maior prazer me apresso a respondê-la. Obviamente, todos somos filhos do Dragão, de Satã, do Diabo, das trevas.

Se alguém quer se tornar filho de Deus, deve vencer o Dragão, o tentador, o escamoso; então poderemos ser filhos de Deus, Dragões de Sabedoria.

O Grande Kabir Jesus nunca amaldiçoou a sua sombra. Em nenhum dos quatro Evangelhos foi dito que Jesus tivesse estendido sua destra para maldizer sua própria sombra. Quando Jesus, o grande sacerdote gnóstico, foi tentado por Satã, só exclamou: “Satã, Satã, escrito está: ao Senhor teu Deus não tentarás e só a Ele obedecerás”.

Portanto, fica esclarecido que Satã, Lúcifer-Prometeu, deve obedecer a Deus. Seu dever é tentar o Iniciado. Absurdo seria que a sombra do Eterno tentasse o Eterno ou, em outras palavras, que o Diabo tentasse a Deus.

Vê-se claramente, pelas palavras do Grande Kabir Jesus, que Lúcifer é o Ministro do Altíssimo, o Guardião das Sete Mansões, o Servo da Divindade. Aqueles que anatematizam a Sombra do eterno Deus vivo, obviamente, estão anatematizando o próprio Deus, porque Deus e sua Sombra são um, está claro?

P. – Mestre, não seria esse diabo da ortodoxia dogmática com seus cornos, cauda e tridente uma representação dos agregados psíquicos que constituem o ego?

V.M. – Distinto cavalheiro! Já disse em passadas conferências que devemos distinguir claramente entre o que é o Divino *Daimon* e o que é o ego.

Sem dúvida, o ego, em si mesmo, com todos os seus agregados psíquicos, é luz astral pervertida, mente maligna; nada tem a ver com Lúcifer; pelo contrário, é a antítese dele, seu oposto fatal.

P. – Entendo, Mestre, que são totalmente diferentes o Divino *Daimon* e o ego; porém como este é formado pelos diabos vermelhos de Seth, creio que esse diabo do tridente, que todos conhecemos bem, poderia representar o ego... Não crê o senhor assim?

V.M. – Distinto cavalheiro! O sentido profundo de sua pergunta está equivocado; fundamenta-se num erro, num preconceito. Não sei quais foram as razões pelas quais transformaram um réptil voador da antiga Atlântida num fetiche maligno. Não me parece correto que esse erro sirva de base para uma pergunta. Não estou de acordo que um pobre anfíbio inocente tenha que forçosamente representar a perversidade do ego. Que ele simbolize a sombra do Eterno, estou de acordo; porém que alegorize nossos defeitos psicológicos, francamente, parece-me incongruente.

Bem podemos alegorizar o ego sob qualquer outra forma, como as Três Fúrias da mitologia, ou a Medusa, etc. Com essas clássicas alegorias poderíamos simbolizar o ego e seus agregados psíquicos.

P. – Mestre, a religião católica, por exemplo, não coloca o Dragão como diabo, senão que o representa como um homem com cornos, cauda, cascos e tridente. Que me diz o senhor disto?

V.M. – Aqui no auditório vejo uma dama que faz uma pergunta interessante e é claro que a vou respondê-la com toda a clareza...

Senhores, senhoras! Este diabo da religião católica não é mais que um desvio do mesmo dragão pictórico dos caldeus, inspirado num pobre réptil voador do continente atlante. Convido-os a compreender que esse inocente animal foi pintado, mais tarde, em forma de dragão e, por último, na mais recente figura do fetiche com cascos, cornos e asas negras que tanto atemoriza os ignorantes. É necessário deixar a ignorância de lado e passar a inquirir, indagar, estudar...

P. – Venerável Mestre, quando se fala da Árvore da Ciência do Bem e do Mal, o que realmente significa o ‘mal’ e o que significa o ‘bem’?

V.M. – Esta pergunta que sai do auditório me parece muito interessante e sinto agrado em contestá-la. Amigos! Quero que os senhores saibam que no sentido mais objetivo da palavra, ‘bem’ é tudo aquilo que fazemos conscientemente e de acordo com a Grande Lei, e ‘mal’, é tudo aquilo que, depois de feito, nos produz remorso.

P. – Mestre, há muita gente que mesmo fazendo o mal, não sente remorso algum. Poderia nos dizer por que?

V.M. – Distinta dama! Sua pergunta merece ser examinada detidamente. Antes de tudo, o que é o remorso? Se os aspectos transcendentais de nosso Ser Íntimo se enfrentam ante nosso próprio Logos ou ante o Sagrado Sol Absoluto, então podemos verificar por nós mesmos os erros psicológicos das partes inferiores da nossa mente, e isto nos produz remorso.

Normalmente, esse processo se realiza em todos os seres normais, ainda que estes, no mundo físico, ignorem totalmente. De todas as maneiras, sentem remorso depois de uma má ação. Bem diferente é a sorte dos decididamente perversos. Estes, como já se afastaram muito do Sagrado Sol Absoluto, devido às suas maldades, é claro que em seus foros íntimos, já não mais ocorrem tais processos; por conseguinte, o remorso torna-se impossível.

P. – Mestre, o senhor nos explicou que o Dragão das Trevas, em síntese, é o Grande Treinador do Ginásio da Vida, e ao qual temos que vencer para criar as virtudes; mas, como ao vencer o Dragão o que estamos fazendo é decapitar o Ego, e como neste processo tem importância primária o trabalho com a Serpente Ígnea de nossos Mágicos Poderes, que indubitavelmente é nossa Divina Mãe, não posso evitar de relacionar o Dragão das Trevas com nossa Divina Mãe, ou seja, Devi Kundalini. Isso é algo incongruente?

V.M. – Escuto a pergunta e vou respondê-la com o maior prazer. Senhoras e senhores! Volto a trazer à colação, nestes instantes, a pintura caldaica do Museu Britânico. Atrás da Árvore da Ciência do Bem e do Mal aparece o Dragão-Serpente, quer dizer, o grande Iniciador efetivo e prático. Obviamente, o Dragão somente respeita a Serpente; isto é inquestionável. Diz-se que temos que vencer o Dragão ou matar o Dragão, simbólica afirmação da vitória na tentação. Conforme vamos sendo treinados e educados, conforme as preciosas gemas das virtudes vão resplandecendo no fundo de nossa Alma, o ego vai se dissolvendo; isto é irrefutável, irrefutável.

Em todo caso, devemos vencer o Dragão para sermos devorados pela Serpente. Feliz é aquele que se transforma em Serpente!

P. – Mestre, poderia o Dragão interior realizar drasticamente um milagre, por exemplo, fazer algo espetacular com o propósito de corrigir alguém?

V.M. – Caros amigos, vem-me à memória nestes momentos um relato bem interessante de um irmão gnóstico da Costa Rica. Disse-nos o narrador que num povoado de seu país aconteceu um caso insólito e insuspeito com uma prostituta.

Esta se embriagava incessantemente com toda classe de bebidas alcoólicas; em meio à sua bebedeira, exclamava: “Eu me deito com dez ou quinze homens por dia e mais todo mundo que atravessar meu caminho; até o diabo, se cruzar minha frente, também me deito com ele”.

Sucedeu que, em certa ocasião, um marinheiro chegou à sua porta, o qual tinha uma boa aparência. A mulher não teve inconveniente nenhum em revolver-se com ele no leito de Procusto...

Depois da fornicação, a mulher, sentada à porta do lenocínio, dirigiu seu olhar à rua... De repente, o marinheiro que ali estava, chamou-a, dizendo: “Tu não me conheces! Volta-te e olha-me, para que me conheças!”.

A infeliz, obedecendo às indicações do amante, levantou-se para dirigir-se outra vez ao interior da abominável recâmara, e logo, olhando aquele que havia sido seu instrumento de prazer, viu algo horripilante, terrível, tenebroso: o escamoso, disfarçado com essa forma dos ortodoxos do catolicismo romano, a olhava fixamente, ao mesmo tempo em que um forte cheiro de enxofre enchia o lugar...

A mulherzinha não pôde resistir e caiu no piso, desmaiada, ao mesmo tempo em que dava alguns alaridos muito agudos... Os vizinhos, ao escutarem tais gritos, vieram para auxiliá-la; porém, o cheiro de enxofre fez com que fugissem espavoridos.

Mais tarde, a infeliz mulher, depois de haver relatado no hospital o sucedido, morria ao terceiro dia; levou-a o diabo.

Conta o narrador que aquele cheiro de enxofre persistiu por algum tempo no lenocínio e que por esse motivo as pessoas evitavam passar pela rua onde estava localizado.

Analisando criteriosamente esse relato, descobrimos praticamente uma operação de assepsia moral, um método de urgência, tomado pelo próprio Lúcifer interior para essa mulher.

Não há duvida que seu Deus íntimo ordenou à sua sombra, ao seu Lúcifer, ao seu Dragão particular interior, materializar-se dessa forma diante da infeliz, e fazer-se visível e tangível diante dela, e até copular com ela...

Obviamente, seu Divino Sol Íntimo não poderia ter realizado tal cópula, tal aparição; porém, sua sombra particular, como está polarizada negativamente com respeito à luz positiva, resulta claro e evidente que, sim, pôde realizar concretamente tudo isto.

Mais tarde, o resultado será maravilhoso. A infeliz desencarnou cheia de terror; quando voltar a reincorporar-se, quando renascer neste mundo, quando tomar um novo corpo, dificilmente voltará à prostituição. Em sua consciência ficou marcado esse terror, esse choque psíquico. O mais seguro é que em sua futura existência resolva seguir pelo caminho reto, pela senda da castidade.

Assim é como o Dragão pode trabalhar e operar drasticamente num momento dado...

CRIPTAS SUBTERRÂNEAS



Vejo hoje, com alegria, um seletto grupo de visitantes gnósticos que vieram ao México depois de assistir ao Congresso Gnóstico Internacional na República de *El Salvador*. Vamos continuar com nossas conferências e espero que todos tirem delas o maior proveito. Depois deste preâmbulo, entremos no tema desta noite.

Na antiga Caldéia e Egito existiram catacumbas maravilhosas, criptas subterrâneas, onde se cultivaram os Mistérios. Não é demais também recordar as criptas de Tebas e Mênfis [Egito]. Mas, sem dúvida, as primeiras foram mais famosas que as do Egito.

Do lado ocidental do Nilo existiram, naqueles tempos, longos e profundos passadiços que chegavam até o deserto da Líbia. Em tais criptas foram cultivados os segredos relacionados ao *Kuklos Anangkes* ou ciclo da inevitabilidade, ou círculo da necessidade.

Nos instantes em que conversamos sobre isto, vem-me à memória o Templo das Serpentes, em *San Juan* de Teotihuacan.

O investigador esotérico poderá ver ali, em detalhes, esculpida na rocha, a serpente cascavel; o mais assombroso de tudo isto é que, junto à Víbora Sagrada dos Mistérios astecas, destaca-se, também esculpido em pedra viva, o caracol.

Variados caracóis, lado a lado da Serpente Divina, resplandecem harmoniosamente. Não há dúvida que nas criptas subterrâneas da Caldéia, Tebas e Mênfis foram praticados de forma real a Sabedoria da Serpente.

É também bem conhecido o estudo transcendental do ciclo da inevitabilidade ou círculo da necessidade que, em forma espiralada ou de caracol, se processa durante a manifestação cósmica.

Vejam os senhores, queridos irmãos gnósticos, que esta noite me acompanham, a íntima relação que sempre existiu entre a serpente e o caracol. Reflitam por um momento sobre o profundo significado que ambos – serpente e caracol – possuem intrinsecamente.

Obviamente, a Serpente é o poder sexual transcendente, o poder maravilhoso que nos traz à existência, a força que origina toda vida.

Qualquer esoterista autêntico sabe muito bem que o poder serpentino sexual em todo o universo tem poder sobre os *Tattwas*; por conseguinte, sobre os elementais da natureza.

O poder serpentino universal origina infinitas criações. Devi Kundalini cria o corpo mental, o astral, o etérico e o físico.

Pois bem! Maha Kundalini ou, em outras palavras, a Mãe Cósmica, a Mãe Natureza, criou todo o universo ou tomou a forma do mundo. Obviamente realizou também todos os seus processos sobre a base da linha espiralada, tão vivamente alegorizada pelo caracol.

Qualquer progresso interior, todo desenvolvimento íntimo se baseia na espiral da vida. Portanto, falando já de forma pessoal, podemos dizer que cada um de nós é um mau caracol no seio do Pai.

A cada Alma são outorgadas ou assinaladas 108 existências para sua auto-realização, e estas se processam em espirais, ora mais elevadas, ora mais baixas. Eis aí o caracol!

Mas aprofundemos um pouco mais, queridos irmãos! Vamos estudar o *Kuklos Anangkes*, o ciclo da inevitabilidade ou círculo da necessidade.

Muito interessante é o fato concreto de que esse tema tão profundo fosse estudado apenas nessas criptas subterrâneas.

Sem dúvida, esta é a mesma doutrina da transmigração das Almas, que mais tarde ensinou Krishna, na Índia.

No entanto, é notório que o *Kuklos Anangkes* egípcio fosse ainda mais específico... Já dissemos muito, já afirmamos nestas conferências o que é a descida aos mundos infernais; pusemos certa ênfase ao dizer que, cumprido o ciclo das 108 vidas que se assinala a cada Alma, se não nos auto-realizamos, descemos para os mundos infernais.

Obviamente, nessas regiões submersas involuímos espantosamente, até chegar ao nono círculo, situado no coração do mundo. Ali os perdidos são desintegrados e reduzidos a poeira cósmica.

Depois da segunda morte – e isto é algo que já dissemos em todas as nossas passadas conferências – a Alma ou as Almas fracassadas ressurgem, saem outra vez à luz do Sol, para recomeçar a jornada, começando uma nova evolução que se inicia no escalão mais baixo: o reino mineral.

O interessante do *Kuklos Anangkes* egípcio são, precisamente, as especificações, as diversas análises e sínteses. É claro que devemos ter em conta o Raio em que se desenvolve cada Essência que brota do Abismo; por conseguinte, sua linha de desenvolvimento particular. Variadas são as famílias vegetais, variadas as espécies animais, diferentes os elementos minerais, etc.

Os reitores da natureza não podem fazer passar todas as Essências que brotaram do Abismo por um mesmo elemento mineral, seja este ferro, cobre ou prata, etc., ou por uma determinada família vegetal, ou através de determinada espécie animal.

Os Gurus Devas têm que distribuir sabiamente a vida, porque algumas Essências podem viver no ferro, outras no cobre, outras na prata, etc., mas nem todas poderiam passar pelo mesmo elemento mineral.

As famílias elementais vegetais estão muito bem organizadas no mundo etérico e nem todos os elementais poderiam ser pinheiros ou hortelã. Cada família vegetal é diferente; há plantas lunares, mercurianas, venusianas, solares, marcianas, jupiterianas, saturninas, etc.

As Essências, de acordo com seu Raio de Criação, terão que se relacionar com tal ou qual departamento vegetal; solucionar tudo isto, saber distribuí-las, é algo que corresponde aos reitores da natureza.

As espécies animais são inúmeras; seria absurdo reincorporar determinadas Essências em organismos animais que não correspondem ao seu Raio de Criação. Certas Essências podem evoluir no reino das aves, outras nos quadrúpedes, outras entre os peixes do imenso mar.

Os reitores da vida devem saber manejar estas correntes elementais sabiamente, para evitar confusões, anarquias e destruições desnecessárias.

Por último, a entrada das correntes de vida no reino dos humanóides racionais é muito delicada. Necessita-se de muita sabedoria para evitar catástrofes.

Vejam os senhores o que é a doutrina da transmigração das Almas, estudada a fundo pelos egípcios.

Wotan nos fala também de uma cova de serpente, na qual ele teve a dita de haver penetrado. É notória a relação entre esta cova de serpentes, mencionada por Wotan aqui no México, e as criptas do Egito e da Caldéia.

Esta tal cova de serpentes não é mais que uma caverna subterrânea, uma cripta de mistérios, onde este grande Iniciado entrou triunfalmente...

Diz Wotan que ele pôde penetrar nessa cova de serpente, no interior da Terra, e chegar até as raízes do Céu, porque ele mesmo era uma serpente, uma cobra.

Os druidas da região celta britânica, na Europa, também se chamavam de serpentes. Não é demais recordar o Karnak egípcio e o Carnac britânico, símbolos vivos do Monte da Serpente.

Não há dúvida que os senhores, meus caros amigos visitantes, já sabem muito bem o que é a Serpente, já possuem esta informação; por isso não me parece que esta notícia seja nova.

Os hindus falam claramente sobre a Serpente. Trata-se de um poder elétrico sexual maravilhoso, é o Fogo Sagrado que se acha oculto em cada um de nós.

Sem dúvida, este poder ígneo ou poder serpentino, realmente parece uma serpente. Assim a vêem os clarividentes.

Do ponto de vista anatômico oculto poderia afirmar aos senhores, de forma enfática, que parece uma serpente de fogo enroscada três vezes e meia dentro do centro magnético do cóccix, na base da espinha dorsal.

Às vezes temo que não me entendam, mas sei que os senhores leram meus livros; por isso, de forma alguma pode soar estranho este ensinamento que estamos dando aqui esta noite.

Primeiro, é preciso despertar o fogo e fazê-lo subir pelo canal medular até o cérebro; só assim podemos nos transformar radicalmente. Depois, e isto é o mais tremendo, devemos ser engolidos pela Serpente. Só assim poderemos nos converter em serpentes. Este é o ensinamento de Wotan; esta é a doutrina dos maias e dos astecas.

Jamais poderíamos gozar dos poderes da Serpente sem antes haver sido devorados por Ela. Isto é algo que, infelizmente, muitos escritores pseudo-esotéricos e pseudo-ocultistas ignoram.

Entretanto, quero que os senhores entendam que não é possível ser devorado pela Serpente sem antes haver vencido o Dragão.

No meu livro anterior, intitulado **As Três Montanhas**, também menciono o dragão; mas nessa obra quis fazer referência a um monstro abominável que todo ser humano leva dentro de si, junto com os três traidores, e que devemos desintegrar nos infernos lunares. Hoje estou falando de um dragão diferente. Estou me referindo ao reflexo do Logos dentro de nós mesmos, aqui e agora; falo do autêntico Diabo, do Dragão sagrado dos *dracontia* [adeptos do dragomismo iniciático], que nada tem de mau nem de perverso, como supõem as pessoas ignorantes.

Esse Dragão Vermelho, essa sombra do Logos Solar em nós, esse treinador psicológico que cada qual leva em seu interior, leva-nos aos becos da tentação com o propósito de nos treinar no caminho da virtude.

Já dissemos, e não me cansarei de repeti-lo até a saciedade, que sem tentação não há virtude. Quanto mais fortes sejam as tentações, maiores serão as virtudes, sempre que saímos vitoriosos.

A tentação é fogo; o triunfo sobre a tentação é luz. Portanto, não devemos olhar Tifão Bafometo ou o Diabo com desprezo, porque cada qual o carrega dentro de si mesmo e é a sombra do Deus íntimo.

Caros irmãos, lembrem-se que cada diabo é o contraste; o diabo é a sombra do Sol, a sombra de toda árvore à luz do astro rei, a noite, etc.

Visto de outro ângulo, examinada esta questão de outro aspecto, poderíamos dizer que, como o diabo é o anverso de toda medalha, para os tenebrosos, para as pessoas que vivem no Abismo, para os demônios, diabos são os anjos, os Deuses, a luz, a bondade, a beleza, etc.

Se as pessoas que vivem na luz se assustam quando vêem os demônios, é claro que também os demônios se assustam quando vêem as pessoas que vivem na luz, quando vêem os anjos, os arcanjos.

Estou falando de algo que me consta, de algo que pude vivenciar e experimentar por mim mesmo de forma direta.

Muitas vezes, ao entrar nos mundos infernais, vi os tenebrosos horrorizados; escutei-os exclamar: “Entrou um demônio, defendamo-nos!”

Eles certamente sentiram pavor ante minha presença. Eu sou um demônio branco para eles e eles são demônios negros para mim. Assim, pois, o diabo é uma questão de contrastes, de oposições, etc.

Nos Mistérios Draconianos [de Karnak e Carnac, Egito e Inglaterra] se reverenciava o Dragão, quer dizer, a sombra do Logos, a sombra do Sol Espiritual, seu reflexo no universo e dentro de nós mesmos.

Não se esqueçam que atrás deste sol que nos ilumina está o *Elon* fenício ou *Elion* judeu, o sol central deste universo no qual vivemos, nos movemos e temos nosso ser.

Que este Sagrado Sol Absoluto tenha seus contrastes e oposições é normal. Em todo caso, sua sombra em nós e dentro de nós é Lúcifer, o grande treinador psicológico que temos para nosso bem.

Porém, por favor, rogo aqui aos irmãos que me escutam, compreender o que estou dizendo. Não temam! As resistências que existem em alguns dos que estão me ouvindo neste momento são devidas aos preconceitos, ao temor, às informações equivocadas de alguns sacerdotes dogmáticos.

Todos, desde crianças, recebemos certa educação e nos inculcaram idéias negativas e prejudiciais, errôneas e absurdas.

Foi-nos dito que Lúcifer era um diabo terrível que mandava em toda a Terra, que nos levava a um inferno ortodoxo para nos torturar em caçarolas ou caldeirões com fogo, etc.

De uma vez por todas, quero que saibam que esse diabo das religiões ortodoxas não existe; o verdadeiro diabo cada um leva dentro de si.

Na Idade Média existiu a comunidade gnóstica dos satanianos. Também existiu a dos Iscariotes. Os adeptos dessas comunidades foram queimados vivos na fogueira da Inquisição.

É lástima que a comunidade dos satanianos não possa ser restaurada agora, devido ao fato concreto de que a documentação foi destruída.

Também causa certa dor o fato concreto de que Judas Iscariotes, até o presente momento, seja considerado como um discípulo traidor.

Se analisarmos criteriosamente o que é Satã, o Diabo, Lúcifer, se compreendermos que é tão só o reflexo de Deus dentro de nós, a sombra do Sol íntimo dentro de cada um, situado no fundo de nossa Alma para o nosso bem, de fato e por direito próprio faremos justiça a essa comunidade gnóstica.

Senhores e senhoras! O satã ortodoxo e dogmático das seitas clericais não existe; o autêntico Lúcifer está dentro de cada pessoa e só assim deve ser entendido.

Judas Iscariotes é outro caso muito interessante. Realmente, este apóstolo jamais traiu Jesus, o Cristo. Só representou um papel e este lhe ensinou seu Mestre Jesus.

O Drama Cósmico, a vida, paixão e morte do Nosso Senhor o Cristo, era representado desde os antigos tempos por todos os grandes avatares.

O Grande Senhor de Atlântida [Netuno ou Poseidon], antes da segunda catástrofe transapalniana, representou em carne e osso o mesmo drama de Jesus de Nazaré. Em certa ocasião, um missionário católico que chegou à China encontrou o mesmo Drama Cósmico na raça amarela. “Eu acreditava que nós, os cristãos, éramos os únicos conhecedores deste Drama”, exclamou o missionário. Confundido, pendurou os hábitos.

Tal Drama foi trazido à Terra pelos *Elohim*. Qualquer homem que busca a auto-realização íntima do Ser terá que vivê-lo e converter-se no personagem central da cena cósmica.

Assim, pois, cada um dos doze apóstolos de Jesus de Nazaré teve que representar seu papel na cena. Judas não queria executar o que lhe tocou; solicitou o de Pedro; mas Jesus já havia estabelecido firmemente a parte que cada discípulo tinha que simbolizar.

O papel que Judas teve de aprender de memória foi ensinado por seu Mestre. Judas Iscariotes, portanto, nunca traiu o Mestre. O Evangelho de Judas é a dissolução do ego; sem Judas não é possível o Drama Cósmico. Judas é o apóstolo mais exaltado, o mais elevado de todos os apóstolos do Cristo Jesus.

Sem dúvida, cada um dos doze teve seu próprio evangelho. Não há como negar a Pedro, Patar; ele é o hierofante do sexo, aquele que tem as chaves do reino em sua destra, o grande iniciador. O que dizer sobre Marcos, aquele que com grande amor guardou os mistérios da unção gnóstica. Felipe, o grande iluminado, cujo evangelho nos ensina a sair em corpo astral e a viajar com corpo físico em estado de Jinas. João, com a doutrina do Verbo; Paulo, com a filosofia dos gnósticos. Seria muito longo narrar tudo o que se relaciona com os doze e o drama cósmico...

Chegou o momento de eliminar de nossas mentes a ignorância e os velhos preconceitos religiosos; chegou o instante de estudar a fundo o esoterismo crítico.

P. – Mestre, é verdade isso que dizem que os demônios atormentam ou assustam as pessoas pelas estradas?

V.M. – Com grande alegria darei resposta à pergunta que sai do auditório... Quando nós negamos o diabo dos ortodoxos dogmáticos, não refutamos o diabo autêntico que existe dentro de cada pessoa; tampouco negamos os demônios tenebrosos do Averno que atormentam as pessoas.

Não obstante, devemos fazer plena distinção entre o que é a sombra do Logos dentro de nós mesmos (Lúcifer) e o que são os demônios, ou agregados psíquicos, ou anjos caídos, etc.

Existem demônios em todas as partes, dentro e fora de nós. Demônios são nossos agregados psíquicos; demônios são os agregados psíquicos do próximo; demônios são Bael, Moloque, Belial e muitos milhões, bilhões e trilhões mais... Todos eles existem e sempre teremos que lutar contra eles.

P. – Querido Mestre, qual é a maneira mais eficaz para nos defendermos dos diabos que nos atacam?

V.M. – Amigos, existem muitas conjurações antiqüíssimas, mediante as quais é possível nos defendermos dos ataques dos tenebrosos. Por exemplo: Conjuração dos Sete, do Sábio Salomão; a Conjuração dos Quatro; o Pentagrama; etc.

De forma muito especial convém saber que o Pentagrama, com o vértice superior para cima e os dois ângulos inferiores para baixo afugenta os tenebrosos.

P. – Mestre, quero que o senhor me confirme se o Quinto Anjo, que vem em guerra para dar a sabedoria íntima do Ser, pode liberar e dar o grande ensinamento sobre Judas Iscariotes à humanidade?

V.M. – Amigos que esta noite me escutam! Distinta dama gnóstica que faz a pergunta! Na Idade Média, certos elementos reacionários, compreendendo que Samael, meu Real Ser Interior, o Quinto dos Sete, ensina a sabedoria oculta revolucionária, deram à sombra do Logos o nome de Samael; quer dizer, apodaram-me de diabo pelo delito de não me encaixar em seus moldes tremendamente estreitos.

A mim cabe agora revelar, indicar com clareza o caminho, fazer a dissecação de muitas palavras e conceitos, para ver o que é que têm de verdade.

Não sou o único Iniciado que conhece os Mistérios do Drama Cósmico; tampouco sou o único que tem a honra de saber o papel de Judas; já sabemos que existiu a comunidade gnóstica dos Iscariotes, especializada precisamente no evangelho do grande Mestre Judas, fiel discípulo de Nosso Senhor o Cristo.

Os ignorantes ilustrados, os velhacos do intelecto, os seguidores de muitas seitas mortas atacaram-nos pelo simples fato de havermos divulgado estas questões. Entretanto, cumprimos com o nosso dever, e com o maior prazer lançamos luz nas trevas, custe o que custar. Para Judas, repito, não se fez justiça, apesar de ser o mais exaltado dos doze.

O que acontece é que a humanidade não gosta de eliminar o ego; como a doutrina dos Iscariotes é precisamente contra o eu, contra o mim mesmo, então o mais natural é que até os próprios eruditos das diversas escolas pseudo-esotéricas e pseudo-ocultistas odeiem-no mortalmente.

Em todo caso, os quatro Evangelhos não podem ser tomados à letra morta; estão escritos em chave; foram elaborados por Iniciados para Iniciados.

P. – Mestre, se Judas Iscariotes foi o mais exaltado dos discípulos do Grande Kabir Jesus, então quem foi o traidor?

V.M. – Respondo esta pergunta que sai do auditório. Amigos e irmãos gnósticos que me escutam! O verdadeiro traidor do Cristo está dentro de cada um dos senhores. Isto quer dizer que não somente traíram o Cristo, mas que, além disso, o estão traindo diariamente, de instante em instante e de momento em momento.

Bem sabem os irmãos maçons o que são os três traidores de Hiram Abif. Judas é o demônio do desejo, que trai o Cristo Íntimo de segundo em segundo; Pilatos é o demônio da mente, que sempre anda se desculpendo, se justificando, lavando as mãos, se declarando inocente, etc.; Caifás é o demônio da má vontade; todo mundo o leva bem dentro, aquele que não sabe fazer a vontade do Pai, esse que sempre faz o que quer e o que lhe dá gosto, sem se importar com os mandamentos do Bendito.

Os três traidores assassinaram Hiram Abif, o Mestre Secreto. Jesus, o Grande Kabir, antes de cristalizar em si mesmo as três forças primárias do universo, teve que eliminar o Judas íntimo; o mesmo tereis que fazer vós.

Entendido tudo isto, compreendendo que o Iscariotes só cumpriu com um dever, obedecendo ao seu Mestre e representando um papel que havia apren-

dido de memória, devemos agora fazer justiça a esse adepto ante o veredicto solene da consciência pública.

P. – Mestre, desde o início do cristianismo, a Bíblia Sagrada, conhecida como o livro da verdade divina, não menciona os apóstolos como o senhor os denomina nem tampouco ensina que Lúcifer é a sombra de Deus. Por que devemos dar mais crédito às suas palavras que ao que está nos santos Evangelhos?

V.M. – Com o maior prazer vou dar resposta à pergunta que saiu do auditório. Distinto cavalheiro! Os Quatro Evangelhos foram escritos 400 anos depois de Cristo, não pelos apóstolos, mas pelos discípulos dos apóstolos; e, como já disse, estão escritos em chave. Certamente, esses são quatro tratados de Alquimia e Kabala.

Analisando criteriosamente as palavras do Grande Kabir Jesus, vemos nelas as parábolas caldaica e egípcia, a matemática pitagórica e a moral buddhista. É indiscutível que o Grande Kabir viajou pela Índia, Caldéia, Pérsia, Grécia, Egito, etc.

Só aqueles que estudam o gnosticismo, só aqueles que se aprofundam no esoterismo Cainita, Sataniano, Iscariotes, Naassênio, Essênio, Peraticênio, etc., certamente conhecem o que são os Mistérios de Lúcifer e o papel que Judas realizou e o que teve que fazer cada um dos apóstolos do Mestre Jesus no Drama Cósmico. Não é exatamente a Bíblia que explica o papel de cada um dos doze. Comece o senhor, distinto cavalheiro, por conhecer a fundo o esoterismo dos doze signos zodiacais e logo se oriente mediante o estudo das religiões comparadas e das escrituras gnósticas.

Muito poderá o senhor intuir estudando a **Pistis Sophia**. É lástima que só encontremos esse livro em inglês. Entretanto espero que algum dia seja traduzido para o espanhol. Em todo caso, não devemos estudar a Bíblia pela letra morta, pois está escrita de forma simbólica e só os Iniciados podem entendê-la.

Não sou eu o único que conhece todos estes Mistérios, porém sim, sou o primeiro a revelá-los, a fazê-los públicos para o bem da humanidade.

P. – Mestre, por favor, pode nos explicar por que Pedro negou o Cristo por três vezes?

V.M. – Com o maior gosto darei resposta a esta pergunta... É dito que Pedro negou o Cristo por três vezes e convém conhecer seu significado. Obviamente, isto é completamente simbólico. Com isto quer se dar a entender que o Iniciado, uma e outra vez, cai em tentação, seja no mundo físico seja nos mundos internos; então, chora e sofre o indizível; mas se perseverar, se for firme, se ao fim eliminar o ego e o reduzir a poeira cósmica, então se converte em Mestre e chega à auto-realização íntima.

CAPÍTULO 19

GUERRA NOS CÉUS



Caros amigos, senhoras e senhores! Esta noite iremos estudar o tema relacionado à Guerra no Céu. Muito foi dito e escrito sobre a grande rebelião dos anjos contra o Eterno, em que Miguel [Mikael], com suas hostes de luz, lutaram contra o Dragão e seus seguidores.

Tudo isso, amigos meus, é completamente simbólico; devemos saber entender para não cair em erro. Já em passadas conferências demos amplas explicações sobre o Diabo, o Dragão; agora entraremos mais a fundo em toda esta questão.

Entre parênteses, quero contar a todos aqui presentes que eu tenho uma aposta com o Diabo; isto poderá surpreendê-los um pouco... Em certa ocasião, não importa agora a data nem a hora, sentados os dois, frente a frente, ante uma mesa, escutei, da boca do meu próprio Lúcifer íntimo, as seguintes afirmações:

- Eu te vencerei na castidade e vou te demonstrar. Tu comigo não podes...
- Queres fazer uma aposta comigo? perguntei.
- Sim, respondeu Satã; estou disposto a casar a aposta.
- E quanto é a aposta?...
- Por tanto... e está feito.

Afastei-me daquele personagem, mero reflexo de meu próprio Logos íntimo, tratando-o, em verdade, um pouco mal...

Em nome da verdade, quero dizer aos senhores, meus amigos, que até o momento estou ganhando a aposta; o Diabo não pôde me vencer; de nenhuma maneira consegui me fazer cair em tentação, ainda que tenha travado tremendas batalhas com ele.

Portanto, a guerra é terrível. Mas estou vencendo o Dragão e posso dizer que o tenho derrotado.

Isto é o mesmo que fez Miguel contra Lúcifer; é a mesma luta do Iniciado contra seu Dragão íntimo. Assim como Miguel venceu todos os anjos rebeldes, assim também cada um de nós deve vencer e desintegrar todos os eus-diabos ou agregados psíquicos que personificam nossos erros.

Visto de outro ângulo, a Guerra no Céu também representa a luta que houve entre os adeptos primitivos da raça ária e os bruxos da Atlântida, os demônios do oceano, etc. Após o afundamento desse antigo continente, tragado pelas águas, os magos negros da época continuaram atacando incessantemente os adeptos da nova raça [os arianos], à qual todos nós pertencemos.

Portanto, a alegoria da Guerra no Céu tem variados significados. Pode simbolizar acontecimentos religiosos, astronômicos, geológicos e, também, possui um sentido cosmológico muito profundo.

Na terra sagrada dos Vedas muito se fala das batalhas de Indra contra Vritra. O resplandecente Deus Indra também é chamado pelos hindus de *Vitrahan*, por ser o matador do Dragão; da mesma forma, Miguel é o vencedor da batalha contra o dragão cristão.

É claro que todo Iniciado que mata ou vence o Dragão é devorado pela Serpente; por isso, se transforma em Serpente, como Wotan. No entanto, as tentações sexuais costumam ser espantosas; raros são aqueles que não caem em tentação.

Satã, o Dragão, Lúcifer ou como queiramos chamá-lo, faz enormes superesforços para fazer o Iniciado cair em tentação; é claro que quase todos [os estudantes] falham. Por isso que é muito difícil conseguir pessoas auto-realizadas. A debilidade das pessoas se encontra precisamente aí, no sexo, e, por mais fortes que se sintam, com o tempo sucumbem. Portanto, a Guerra no Céu é algo terrível, quase impossível de descrever em palavras. As tentações sexuais não são fáceis. Por acaso, é fácil vencer o Dragão?

O mais grave de tudo é que as pessoas têm o ego bem vivo; os demônios vermelhos de Seth não morreram e a Consciência de cada um, embutida entre seus agregados sinistros, na verdade age de acordo com seu próprio condicionamento, e até se justifica lavando as mãos como Pilatos, ou adiando o erro, alegando consigo mesma: “Hoje não deu, mas depois, com o tempo, triunfarei!”, etc.

Assim, desta forma, bem raros são os Miguéis que vencem o Dragão; temos que buscar [esses heróis] com a lanterna de Diógenes. As pessoas são muito débeis, frágeis, ignorantes e absurdas.

Tem-se falado muito também sobre os anjos caídos nos velhos textos da antiguidade clássica; mas isto os ignorantes ilustrados e os velhacos do intelecto não compreendem. Qualquer Guru-Deva que caia na geração animal efetivamente se transforma em anjo caído e até em demônio.

É inquestionável que quando algum adepto comete o crime de derramar o Vaso de Hermes, os elementos inumanos que antes havia desintegrado resuscitam dentro de si; por isso se torna um demônio a mais. Portanto, chegamos à raiz de um tema muito discutido, muito estudado, mas raras vezes compreendido.

Na prática, o que acontece é que, para poder compreender esta questão, necessita-se vivê-la; de nada servem aqui as suposições ou os racionalismos inúteis. Como eu vivi tudo isto num remotíssimo passado arcaico, quando multidões de *Boddhisatvas* lêmures cometeram o erro de cair na geração animal, posso dar testemunho e explicar cruamente tudo como é, sem suposições nem utopias de nenhuma classe.

A mim não me importa que as pessoas creiam ou não creiam; estou dizendo o que vivi – e isto é tudo. Além do mais, cada qual deve cuidar de sua vida. Afirmo o que me consta, o que pude ver, ouvir, tocar e apalpar.

Na Índia, a questão dos anjos caídos é representada pelas lutas religiosas de irânios contra brâmanes, Deuses contra Demônios, Deuses contra Asuras, tal como figura na guerra do **Mahabharata**, etc.

Também podemos ver essas guerras e batalhas contra o Dragão nos **Eddas** escandinavos, onde aparecem os *Ases* [Aesires] guerreando contra os gigantes gelados; *Asa Thor* contra os *Jotuns*.

NT – *Asa Thor* é o filho mais velho de *Asa Odin*, o primeiro nascido dos mortais; em verdade, é o mesmo Odin renascido ou transformado em Thor, algo como ocorre com Brahman e Narayana. *Jotuns* é o coletivo dos gigantes da rocha e da neve. *Áss*, *Ás* ou *Asa*, em tradução livre, significa “deus”, e refere-se especificamente ao clã dos *Aesires*, o principal grupo divino da mitologia nórdica.

Portanto, quero que todos compreendam a necessidade de lutar contra o Dragão. Quero que entendam que devem vencê-lo em batalhas campais, se de verdade aspiram a se transformar em Serpentes de Sabedoria e em Deuses terrivelmente divinos.

Por favor, rogo-lhes que saiam da ignorância em que se encontram; suplico-lhes que estudem estes livros e que os vivam. Dói-me, em verdade, vê-los todos como sombras débeis e miseráveis.

P. – Mestre, gostaria que o senhor nos explicasse se uma pessoa que trabalha na Forja Ardente de Vulcano, ao cair, ressurgem nela os egos que conseguiu desintegrar?

V.M. – Distinta irmã gnóstica! É inquestionável que com qualquer queda sexual ressuscita, de fato e por direito próprio, algum elemento subjetivo infra-humano. Por isso, Nosso Senhor o Cristo disse: “O discípulo não deve se deixar cair, porque o discípulo que se deixa cair em tentação, depois tem que lutar muitíssimo para recuperar o perdido”.

P. – Mestre, o senhor nos fala da Guerra nos Céus; sabemos pelos ensinamentos que as lutas contra o inimigo secreto devem ser feitas no Averno, quer dizer, descendo aos Infernos. Poderia me esclarecer este ponto?

V.M. – Amigos! É inquestionável o sentido alegórico de todos os escritores religiosos, sejam estes cristãos, budistas, maometanos, etc. Este tema dos céus refere-se a estados de Consciência. Os quais, sem dúvida, são alterados na luta. A batalha contra o inimigo secreto pode nos levar à liberação definitiva ou ao fracasso total.

Certamente, é incongruente supor, mesmo que por um momento, tentações passionais em regiões divinas e inefáveis; por este motivo devemos traduzir aqui a palavra ‘céu’ como estados de Consciência ou como funcionalismos da Essência.

P. – Mestre, quando o senhor falava que casou uma aposta com seu Lúcifer íntimo, podemos entender que o montante desta é sua própria Alma?

V.M. – Amigos, irmãos gnósticos! Existem as valorizações e as desvalorizações do Ser. Existem também capitais cósmicos equivalentes a virtudes. O montante de tal aposta se baseia em determinado capital cósmico; este se valoriza de forma similar a como se valorizam as moedas do mundo; portanto, ficaria desprovido de certa quantidade de virtudes e depreciado ou desvalorizado intimamente. Creio que, com o aqui dito, os irmãos deste auditório me entenderam.

P. – Mestre, foi-nos dito que trabalhando na Forja Ardente de Vulcano pode-se desintegrar o ego. Que pode nos dizer a respeito?

V.M. – Distinta dama! Já em passadas conferências falamos muito amplamente sobre o *modus operandi* para a dissolução do mim mesmo, do si mesmo. Também fizemos amplas explicações sobre o mesmo tema, em nosso livro intitulado **O Mistério do Áureo Florescer**; ali dissemos que havia necessidade de trabalharmos com a Lança de Eros durante o coito químico ou cópula metafísica.

Portanto, acredito que este auditório já não ignora nossos procedimentos gnósticos esotéricos; o mais importante consiste precisamente em saber orar durante o *Sahaja Maithuna*. Durante essa prática, devemos suplicar à Divina Mãe Kundalini particular (porque cada qual tem a sua), para que Ela elimine o erro que necessitamos erradicar ou extirpar de nossa mente.

É indiscutível que a eletricidade sexual transcendente pode reduzir a cinzas qualquer defeito psicológico. Sem dúvida, nossa Mãe Divina Kundalini, manejando com destreza a Lança Santa, poderá pulverizar qualquer agregado psíquico, qualquer defeito íntimo.

Também dissemos em passadas cátedras que se faz necessário primeiro haver compreendido o defeito que queremos extirpar de nossa natureza. É ostensível que só por meio da técnica da meditação podemos compreender, de forma íntegra, qualquer erro.

Compreensão e eliminação são básicas para a dissolução do mim mesmo, do si mesmo.

P. – Mestre, derramando o Vaso de Hermes, desenvolvemos o órgão *Kundartiguador*?

V.M. – Distintas damas e cavalheiros! É urgente compreender que, quando se derrama contínua e seguidamente o Vaso de Hermes também se desenvolve o abominável órgão *Kundartiguador*, a famosa cauda satânica dos tenebrosos, o *Fohat* negativo e sinistro que ao final nos levará pela via descendente, infra-humana, até o Abismo e a segunda morte.

P. – Mestre, poderia nos esclarecer se trabalhando na Forja Ardente de Vulcano sem derramar o Vaso de Hermes, porém sem desintegrar o eu pluralizado, por fim também se desenvolve o órgão *Kundartiguador*?

V.M. – Amigos, distinta dama que faz a pergunta! Faz-se muito necessário compreender a necessidade de uma conduta reta quando se trabalha na Forja dos Ciclopes. Aquele que não morre em si mesmo, aquele que não dissolve o ego, com o tempo desenvolverá o abominável órgão *Kundartiguador*, ainda que esteja trabalhando na Forja Ardente de Vulcano (o sexo-ioga).

Já dissemos em precedentes capítulos que o abominável órgão de todas as fatalidades se desenvolve nos adúlteros, nos que traem o Guru, nos sinceros equivocados acostumados a justificar delitos, nos iracundos, perversos, etc., ainda que estejam trabalhando com o tantrismo branco e ainda que não derramem o Vaso de Hermes.

Só morrendo em si mesmo, e trabalhando de verdade na nona esfera, e sacrificando-se por nossos semelhantes, é como podemos desenvolver, em nossa natureza íntima, a Serpente Ígnea de Nossos Mágicos Poderes.

Muito mais tarde, teremos que vencer radicalmente o Dragão, se de verdade anelamos ser devorados pela Serpente para nos transformarmos em Serpentes.

P. – Mestre, a batalha que travou o Arcanjo Miguel contra o Dragão e os anjos rebeldes, devemos entender que o fez com a Lança de Longinus?

V.M. – Meus amigos! A Lança de Longinus é a mesma lança de todos os pactos mágicos, a mesma com que São Jorge feriu seu Dragão. Não há dúvida que esta Lança Santa, esta Hasta de Aquiles é o emblema maravilhoso da energia sexual, com a qual podemos incinerar, queimar e destruir radicalmente as diversas partes do mim mesmo, do ego, do eu psicológico.

P. – Venerável Mestre, o que alegorizam os anjos rebeldes?

V.M. – Amigos! Está escrito que Miguel lutou contra o Dragão e seus anjos rebeldes; o mesmo devemos fazer contra o Lúcido íntimo e os agregados psíquicos; trata-se de lutas interiores, secretas, terríveis e muito dolorosas. Cada um de nós deve se converter em um Miguel a lutar incessantemente contra o Dragão e suas hostes fatais.

CAPÍTULO 20

A LEI DO ETERNO RETORNO



Caros amigos aqui reunidos nesta tarde, nesta casa! Hoje iremos estudar a Lei do Eterno Retorno de todas as coisas.

Na hora da morte, sempre chega ante o leito o Anjo da Morte. Existem legiões deles, e todos trabalham de acordo com a Grande Lei.

[Após a morte] Três coisas vão ao panteão ou cemitério:

Primeiro: o **cadáver**.

Segundo: o **corpo vital** (este escapa do corpo físico com o último alento). Esse corpo flutua ante o sepulcro e vai se decompondo lentamente à medida que o corpo físico se desintegra.

Terceiro: a **personalidade**. Esta, sem dúvida, às vezes pode sair de dentro da tumba e perambular pelo cemitério ou se dirigir aos lugares que lhe são familiares [em que viveu durante a vida].

Não há dúvida que a personalidade se dissolve lentamente através do tempo. Não existe nenhum amanhã para a personalidade do morto; esta, em si mesma, é perecedoura. Aquilo que continua, aquilo que não vai ao sepulcro é o ego, o mim mesmo, o si mesmo.

A morte em si mesma é uma conta de frações: feita a operação matemática, restam apenas os valores.

Obviamente, as somas desses valores se atraem e se repelem de acordo com a lei de imantação universal, flutuam na atmosfera do mundo.

A eternidade abre suas fauces para tragar o ego e logo o expele, o arroja, o devolve ao tempo.

Foi-nos dito que, no instante preciso da morte, no momento em que o falecido exala seu derradeiro alento, projeta um desenho eletropsíquico de sua personalidade.

Esse desenho continua nas regiões supra-sensíveis da natureza; mais tarde vem a saturar o ovo fecundado. Assim é como, ao retornar, ao regressar a um novo corpo físico, voltamos a possuir características pessoais bem próximas às da vida anterior.

Portanto, isto que continua depois da morte, não é algo muito bonito. Aquilo que não é destruído com o corpo físico não é mais que um amontoado de diabos, de agregados psíquicos, de defeitos. A única realidade decente que existe no fundo de todas estas entidades cavernárias que constituem o ego é a Essência, a psique, isso que temos de Alma.

Ao regressar a um novo corpo físico, entra em ação a Lei do Karma, pois não existe efeito sem causa nem causa sem efeito. Os anjos da vida se encarregam de conectar o cordão de prata com o zoosperma fecundante.

É indiscutível que muitos milhões de zoospermas [espermatozóides] escapam no instante da cópula, mas só um deles tem o poder suficiente para penetrar no óvulo, a fim de realizar a concepção.

Esta força, de tipo muito especial, não é um produto do acaso ou do azar. O que acontece é que ele é impulsionado desde seu interior, em seu energetismo íntimo, pelo Anjo da Vida que em tais instantes realiza a conexão da Essência que retorna a um novo corpo físico.

Os biólogos sabem muito bem que os gametas masculino e feminino levam, cada um, 24 cromossomas*. Somados estes entre si, dão a soma total de 48, que vêm compor a célula germinal. Isto de 48 cromossomas vem a nos recordar 48 leis que governam o corpo físico.

* NT – Em realidade, a ciência afirma peremptoriamente que são apenas 46 cromossomos, 23 masculinos e 23 femininos. Porém, o autor afirma, em todos seus livros, que são 48, como no macaco. Se considerarmos as afirmações de Gurdjieff em seus livros, sabemos que a ciência não conhece, nem tem capacidade de conhecer, todas as propriedades químicas e biológicas de um elemento. Daí, quando comparadas, as Tabelas Periódicas da Química e da Química Oculta não conferem, mas seguem paralelamente, como também, os elementos biológicos.

Portanto, a Essência fica conectada com a célula germinal por meio do cordão de prata; como tal célula se divide em duas, e as duas em quatro, e as quatro em oito, e assim sucessivamente para o processo de gestação fetal, é claro que

a energia sexual se torna de fato no agente básico de tal multiplicação celular. Isto significa que jamais poderia ocorrer o processo da mitose sem a presença da energia criadora.

O desencarnado, aquele que se prepara para tomar um novo corpo físico, não penetra no feto; só vem a se reincorporar no instante em que a criatura nasce, no momento exato da sua primeira inalação.

Bem interessante é vermos que com o último alento do moribundo vem o desencarne e que com a primeira inalação reingressamos num novo organismo.

É completamente absurdo afirmar que se escolhe de forma voluntária o lugar onde se deve renascer. A realidade é muito diferente. São precisamente os Senhores da Lei, os Agentes do Karma que selecionam para nós o lugar exato, lar, família, nação, etc., onde devemos reincorporar ou retornar.

Se o ego pudesse escolher local, lugar ou família para sua nova reincorporação, então os ambiciosos, orgulhosos, avaros, cobiçosos, buscariam os palácios, as casas dos milionários, as ricas mansões, os leitos de rosas e de plumas, e o mundo seria toda riqueza e suntuosidade. Não haveria pobres, não existiria dor nem amargura; ninguém pagaria karma; todos poderíamos cometer os piores delitos sem que a Justiça Celestial nos alcançasse, etc.

A crua realidade dos fatos é que o ego não tem direito a escolher lugar ou família onde deve nascer; cada um de nós tem que pagar o que deve. Está escrito que quem semeia raios colhe tempestades. Lei é lei e lei é cumprida.

Portanto, muito lamentável que tantos escritores famosos da espiritualidade contemporânea afirmem, de forma enfática, que cada qual tem direito a escolher o lugar onde deve renascer.

O que existe além do sepulcro somente podem conhecer os homens despertos, aqueles que já dissolveram o ego, as pessoas verdadeiramente autoconscientes.

Em nosso mundo existem muitas teorias, seja de tipo espiritualista, seja de tipo materialista; a razão dos humanóides intelectuais serve para tudo; esta tanto pode criar teorias espiritualistas quanto materialistas.

Os homúnculos racionais podem elaborar, dentro de seu encéfalo cerebral, mediante processos lógicos mais severos, tanto uma teoria materialista quanto uma espiritualista; ambas, tanto na tese quanto na antítese, a sua lógica de fundo é realmente admirável.

É indiscutível que, a razão, com todos os seus processos lógicos como faculdade de investigação, tem um princípio e um fim; é bem estreita e limitada, pois, como já dissemos, presta-se para tudo, serve para tudo, tanto para a tese quanto para a antítese.

Ostensivelmente, os processos de cerebralização lógica não são, por si mesmos, convincentes, devido ao fato concreto de que com eles é possível elaborar qualquer tese espiritualista ou materialista, demonstrando ambas o mesmo vigor lógico, certamente plausível para todo raciocinador humanóide.

Portanto, não é possível que a razão humana conheça verdadeiramente algo do que está para cima do telhado, disso que está além, que continua depois da morte.

Já Emmanuel Kant, o grande filósofo alemão, demonstrou, com sua grande obra intitulada **A Crítica da Razão Pura**, que a razão, por si mesma, não pode conhecer nada sobre a verdade, sobre o real, sobre Deus, etc. Então, não estamos aqui lançando *a priori* idéias ao vento. O que estou dizendo enfaticamente pode ser evidenciado nesse livro de Kant.

Obviamente, temos que descartar a razão como elemento idôneo de cognição para a pesquisa do real.

Colocando de lado os processos raciocinativos desta questão de metafísica prática, a partir deste momento assentaremos uma base sólida para a verificação disso que está além do tempo, disso que continua e que não pode ser destruído com a morte do corpo físico.

Estou asseverando algo que me consta, algo que experimentei na ausência da razão... Não é demais lembrar a este honorável auditório que eu recordo todas as minhas vidas anteriores. Nos antigos tempos, antes da submersão do continente atlante, as pessoas tinham desenvolvido essa faculdade do Ser, conhecida com o nome de “percepção instintiva das verdades cósmicas”.

Depois da submersão desse antigo continente, essa preciosa faculdade entrou no ciclo involutivo e se perdeu totalmente. É possível regenerar esta faculdade mediante a dissolução do ego. Atingido tal propósito, poderemos verificar, por nós mesmos, de forma autoconsciente, a Lei do Eterno Retorno de todas as coisas.

Não há dúvida de que essa faculdade do Ser nos permite experimentar o Real, *Isso* que continua, que está além da morte e do corpo físico, etc. Como

eu possuo esta faculdade desenvolvida, posso afirmar, com plena autoridade, o que me consta, o que vivi, o que existe além, etc.

Falando sinceramente e com o coração na mão posso dizer-lhes o seguinte: Os desencarnados normalmente vivem no Limbo, na ante-sala do Inferno, na região dos mortos, no astral inferior, região esta plenamente representada por todas essas grutas e cavernas subterrâneas do mundo que, unidas ou entrelaçadas intimamente, formam um todo.

Lamentável é o estado em que se encontram os desencarnados; parecem sonâmbulos, têm a Consciência completamente adormecida, perambulam por todas as partes e crêem firmemente que estão vivos, ignoram sua morte...

Depois do desencarne, os balconistas continuam em suas lojas, os ébrios nas cantinas, as prostitutas nos prostíbulos, etc. É impossível que pessoas assim, sonâmbulos desta classe, inconscientes, possam se dar ao luxo de escolher o lugar onde devem renascer. O normal e natural é que nasçam sem saber hora, dia e local; sem saber como nem onde, e morrem totalmente inconscientes.

As sombras dos falecidos são muitas. Cada desencarnado é um amontoado de sombras inconscientes, um monte de larvas que vivem no passado, que não se dão conta do presente, que estão engarrafadas em todos os seus dogmas, nas coisas rançosas do ontem, nas ocorrências dos tempos idos, nos afetos, nos sentimentalismos de família, nos interesses egoístas, nas paixões animais, nos vícios, etc.

Ao renascer, a Essência se expressa durante os primeiros três ou quatro anos da infância; então, a criatura é sublime, inocente, bela e feliz. Lamentavelmente, o ego começa a se expressar pouco a pouco ao nos acercarmos da idade de sete anos; após, manifesta-se totalmente quando a nova personalidade foi criada.

É indispensável compreender que a nova personalidade é criada precisamente durante os primeiros sete anos da infância e que se robustece com o tempo e com as experiências. A personalidade é energética; não é física, como pretendem muitas pessoas; e depois da morte, decompõe-se lentamente no cemitério, até se desintegrar radicalmente.

Antes que a nova personalidade se forme totalmente, a Essência pode se dar ao luxo de se manifestar com toda a sua beleza, e até faz com que as crianças sejam psíquicas, sensitivas, clarividentes, puras, etc. Quão felizes seríamos se não tivéssemos ego, se só expressássemos a Essência.

Indiscutivelmente, então não haveria dor, a Terra seria um paraíso, um Éden, algo inefável e sublime. O retorno do ego a este mundo é verdadeiramente asqueroso, horripilante, abominável. O ego, em si mesmo, irradia ondas vibratórias sinistras, tenebrosas, nada agradáveis. Eu digo que toda pessoa, enquanto não tiver dissolvido o ego, é mais ou menos negra, ainda que se presume de santa e virtuosa.

O incessante retorno de todas as coisas é uma lei da vida e podemos verificar esse fato de instante a instante e de momento a momento. Retorna a Terra ao seu ponto de partida cada ano, e então celebramos o ano novo. Retornam todos os astros ao seu ponto de partida original; retornam os átomos ao seu ponto inicial dentro da molécula; retornam os dias, retornam as noites, retornam as quatro estações: primavera, verão, outono e inverno; retornam os ciclos, *Kalpas*, *Yugas*, *Mahamvantaras*, etc.

É, pois, a Lei do Eterno Retorno algo indiscutível, irrefutável, irrefutável.

P. – Mestre, o senhor nos disse que não há nenhum amanhã para a personalidade do morto e que o corpo etérico vai se desintegrando pouco a pouco no cemitério. Gostaria de saber se a personalidade dura mais que o corpo físico para se decompor.

V.M. – A pergunta que sai do auditório me parece interessante e com o maior prazer apresso-me a respondê-la. É indiscutível que a personalidade é de maior duração que o fundo vital eliminado. Com isto quero dizer que o corpo vital vai se decompondo conforme o corpo físico vai se desintegrando na sepultura.

A personalidade é diferente... Como ela se fortalece através do tempo, mediante as diferentes experiências da vida, obviamente dura mais. É uma nota energética mais firme; costuma resistir durante muitos anos.

De forma alguma é exagero afirmar que a personalidade descartada pode sobreviver por séculos inteiros. Até se torna bem curioso contemplar várias personalidades descartadas conversando entre si. Estou falando agora de algo que aos senhores pode parecer estranho, mas pude encontrar até dez personalidades descartadas, correspondentes a um mesmo dono. Ou seja: dez retornos de um mesmo ego. Vi-as num intercâmbio de opiniões subjetivas, reunidas entre si por afinidade psíquica.

No entanto, quero esclarecer um pouco mais, para evitar confusões. Eu disse que não nascemos com a personalidade; que devemos formá-la; que isto

é possível durante os sete primeiros anos da infância. Também afirmei que no instante da morte a personalidade vai ao sepulcro, e que, às vezes, perambula pelos arredores ou se esconde na sua sepultura.

Imaginem agora, por um momento, um ego que depois de cada retorno escapa do corpo físico. É claro que ele deixa para trás sua personalidade. Se reunirmos, por exemplo, dez vidas de um mesmo ego, teremos dez personalidades diferentes, e estas podem se reunir nos cemitérios por afinidade, para conversar e fazer intercâmbio de opiniões subjetivas.

Sem dúvida, tais personalidades vão se debilitando pouco a pouco, vão se extinguindo até se desintegrarem radicalmente. Entretanto, a recordação de tais personalidades continua no mundo causal, nos arquivos *akáshicos* da natureza.

Agora, nestes instantes em que converso aqui com os senhores esta noite, vem-me à memória uma antiga existência que tive como militar, durante a época do Renascimento da velha Europa. Em dado momento, quando trabalhava no mundo das causas naturais como homem causal, ocorreu-me de tirar dos arquivos secretos nessa região a recordação dessa minha ex-personalidade.

O resultado certamente foi extraordinário. Então vi aquele militar vestido com o uniforme da época em que viveu. Desembainhando sua espada, atacou-me violentamente. Não me foi difícil conjurá-lo para guardá-lo novamente nos arquivos de onde saíra.

Isto significa que, no mundo das causas naturais, toda recordação é viva, tem realidade, e isto é algo que pode surpreender a muitos estudantes esotéricos e ocultistas.

P. – Mestre, o senhor nos falou que a personalidade não nasce com o ego. Que pode nos dizer sobre o nascimento do corpo vital?

V.M. – Amigos, quero que compreendam que o corpo vital, assento básico da vida orgânica, foi desenhado pelos agentes da vida de acordo com a lei das causas e efeitos.

Aqueles que na sua passada existência acumularam dívidas muito graves poderão nascer com um corpo vital defeituoso, o qual, como é natural, servirá de base para um corpo igualmente defeituoso.

Os mentirosos podem nascer com um corpo vital deformado, dando como resultado um veículo físico monstruoso ou enfermo.

Os viciados poderão nascer com o corpo vital manifestadamente degenerado, os quais darão base para corpos físicos também degenerados. Exemplos: O abusador passionário sexual, com o tempo pode nascer com um corpo vital indevidamente polarizado. Isto motivará um veículo homossexual ou uma forma feminina lesbiana. Sem dúvida, homossexuais e lésbicas são o resultado do abuso sexual em passadas existências. O alcoólatra pode nascer com um cérebro vital anômalo, defeituoso, o qual poderá servir de fundamento a um cérebro também defeituoso.

O assassino, o homicida, aquele que incessantemente repete esse horrendo delito, com o tempo pode nascer inválido, coxo, paralítico, cego de nascimento, deformado, horripilante, asqueroso, maníaco ou definitivamente louco. É bom saber que o assassinato é o pior grau de corrupção humana e que de nenhuma maneira o assassino poderia retornar com um corpo sadio e perfeito.

É bem extenso, neste instante, falar mais sobre este ponto relacionado com a pergunta feita...

P . – Mestre, os que nascem com defeitos físicos, então não são por causa das taras hereditárias?

V.M. – Distinta dama! Sua pergunta é muito importante e merece que a examinemos em detalhe. As taras hereditárias ostensivelmente estão postas a serviço da Lei do Karma; vêm a ser o mecanismo maravilhoso mediante o qual se processa o karma. Evidentemente, a herança está nos gens sexuais. Ali a encontramos, e por meio dos gens a Lei trabalha com todo o mecanismo celular.

É bom compreender que os gens controlam a totalidade do organismo humano; acham-se nos cromossomos, na célula germinal; são o fundamento da forma física. Quando estes gens se encontram em desordem, quando não existe a formação natural e legítima, indiscutivelmente originam um corpo defeituoso, e isso é algo que já está demonstrado.

P . – Mestre, os egos desencarnados que estão profundamente adormecidos na região dos mortos e crêem que ainda vivem, como podem representar as cenas de sua vida se carecem de corpo mental?

V.M. – Sua pergunta, no fundo, é equivocada, quer dizer, foi mal formulada. O ego pluralizado é a mente. Já falamos claramente, já dissemos que o

animal intelectual, equivocadamente chamado homem, não tem mente, mas sim, mentes.

Sem dúvida, os diversos agregados psíquicos que compõem o ego não são mais que diversas formas mentais, pluralização do entendimento, etc. Quando esse conjunto de mentes ou de eus brigões e gritões retorna, é comum ocorrer de nem todos conseguirem reincorporar-se. Alguns ingressam na involução submersa do reino mineral ou se reincorporam em organismos animais ou se aderem a determinados lugares, etc. Depois da morte, cada um destes agregados vive em suas próprias ocorrências e desejos, sempre no passado, nunca no presente.

Não esqueçam os senhores, amigos meus, que o eu é memória, que o eu é tempo, que o ego é um livro de muitos tomos.

P. – Pelo que o senhor acaba de nos dizer, Mestre, sendo nós legião de eus, devo concluir que tampouco temos realidade, por sermos também forma mental. Estou correto?

V.M. – Distinto amigo! Senhores e senhoras! Devem os senhores entender que o animal intelectual, equivocadamente chamado homem, ainda não é um ser realizado. Isto significa que nós somos um ponto matemático no espaço, que permite servir de veículo para determinadas somas de valores.

Cada pessoa é um pobre animal pensante, condenado à pena de viver; é uma máquina controlada por múltiplos agregados psíquicos infra-humanos e bestiais. O único digno que há dentro de cada um de nós é a Essência, o material psíquico, a matéria-prima para fabricar Alma, mas esta, infelizmente, está engarrafada em todos estes agregados psíquicos inumanos.

Ser ‘homem’ é algo muito diferente. Para isto é necessário desintegrar o ego e criar os corpos existenciais superiores do Ser. Creio que agora me entendem...

P. – Mestre, então o senhor quer dizer que de fato somos formas mentais, sem realidade objetiva?

V.M. – Amigos, por favor, entendam-me! Quando falo de agregados psíquicos, refiro-me às formas mentais. É claro que tais agregados são cristalizações da mente, e isto creio que os senhores entendem. Portanto, não me parece necessário seguir explicando... Já foi dito...

**P. – Mestre, o senhor vai me dizer então que todos esses distintos expo-
nentes do poder mágico da mente, que exaltam a grande importância de ter
uma mente positiva, estão errados?**

V.M. – Amigos, por estes tempos do *Kali-Yuga*, da Idade de Ferro, as pesso-
as se dedicaram ao mentalismo. Em todos os lugares do mundo encontramos
nas livrarias milhares de livros falando maravilhas sobre o burrico da mente.

O interessante de tudo isto é que Jesus, o Grande Kabir, montou no burrico
(a mente) para entrar na Jerusalém Celestial, no Domingo de Ramos. Assim
explicam os evangelhos, assim o dizem. Porém, as pessoas crucificam a Jesus,
o Cristo, e adoram o burro.

Assim é a humanidade, meus caros irmãos! Assim é esta época de trevas
em que vivemos! O que os mentalistas querem desenvolver? A força mental?
A força do burro?

Bem melhor seria os compreensivos montarem esse animal com o látego
da vontade. Assim mudariam as coisas e nos faríamos bons cristãos, não é ver-
dade? O que querem desenvolver os mentalistas? A força do ego mental? Me-
lhor é desintegrá-lo, reduzi-lo a poeira cósmica; assim resplandeceria o espírito
em cada um deles.

Mas, infelizmente, as pessoas destes tempos já não querem mais nada com
o espírito. Agora, de joelhos, preferem beijar as patas do burrico ou do asno; e,
em vez de se purificarem, envelhecem miseravelmente.

Se as pessoas soubessem que não têm um corpo mental e que a única coisa
que possuem é uma soma de agregados psíquicos, de asquerosas cristalizações
mentais, e se, em vez de fortificarem e de robustecerem esses eus bestiais, os
desintegrassem, então, sim, trabalhariam para o bem de si mesmas e para sua
própria felicidade.

Entretanto, desenvolvendo a força da besta, o poder sinistro do ego men-
tal, o único que conseguem é tornarem-se cada dia mais tenebrosos, sinistros
e abismais. Eu lhes digo, meus amigos, eu lhes digo, irmãos do Movimento
Gnóstico: reduzam a cinzas o ego mental; lutem incansavelmente para se liber-
tarem da mente. Assim alcançarão a bem-aventurança.

**P. – Mestre, não lhe parece que uma Essência sem ego daria como resul-
tado uma vida extremamente aborrecida neste planeta que é tão belo?**

V.M. – Amigos! Ao ego lhe parece aborrecida a existência quando não tem o que quer. No entanto, quando é que o ego está satisfeito?

O ego é desejo, e o desejo, com o tempo, se converte em frustração, cansaço, fastio, e a vida então se torna aborrecida e sem graça.

Portanto, com que direito se atreve o ego a falar contra o aborrecimento, quando ele mesmo, no fundo, se converte em tédio, em amargura, em desilusão, em desencanto, em frustração, em aborrecimento? Se o ego não sabe o que é plenitude, como pode lançar conceitos sobre ela?

É indiscutível que, morto o ego, reduzido a cinzas, o único que fica em nós é a Essência, a beleza, e desta última advém a felicidade, o amor e a plenitude. O que acontece é que os amantes do desejo, os que querem satisfações passionais, as pessoas superficiais, pensam equivocadamente, supõem que sem o ego a vida seria terrivelmente aborrecida.

Se essas pessoas não tivessem ego, pensariam de forma diferente; seriam felizes e então exclamariam: A vida do ego é espantosamente aborrecida! Acreditam mesmo que é maravilhoso retornar incessantemente a este vale de amarguras para chorar e sofrer continuamente?

É necessário eliminar o ego para nos libertarmos da Roda do Samsara...

CAPÍTULO 21

A REENCARNAÇÃO



Caros amigos, hoje iremos estudar a Lei da Reencarnação. Espero que todos tirem o máximo proveito destas conferências. É muito importante e urgente que tratemos todos de compreender integralmente essa Grande Lei.

A palavra “reencarnação”, em realidade, é muito exigente; basta lembrar as dez reencarnações de Vishnu, o Cristo Cósmico hindu. Krishna, o grande avatar da Índia, nascido uns mil anos antes de Cristo, jamais disse que todos os animais intelectuais que povoam a face da Terra se reencarnavam. Ele afirmou, de forma enfática, que só os Buddhas, os grandes Deuses, os Devas, os Reis Divinos, etc., se reencarnam.

Entrando agora em detalhes, podemos dizer com total clareza que não é possível a reencarnação daqueles que não possuem uma individualidade sagrada. É inquestionável que só os indivíduos sagrados se reencarnam; por isso, no Tibet secreto sempre se celebrou as reencarnações humanas com grandes festas religiosas.

Em nome da verdade, queremos afirmar, claramente e sem rodeios, a crua realidade de que unicamente se faz possível a reencarnação ou reincorporação das Almas quando se possui o Embrião Áureo, a Flor Áurea.

Analisando esta questão com grande detenção, vimos a entender que esse ‘embrião’ deve ser forjado de forma deliberada, à base de trabalhos conscientes e padecimentos voluntários.

Dentro do terreno meramente retrospectivo, descobrimos a origem de todos esses elementos infra-humanos, entre os quais está enfiado o material psíquico ou matéria-prima, mediante a qual é possível elaborar a Flor Áurea, o Embrião Áureo.

Já sabemos – porque assim o explicamos aqui em outras conferências – que, num remoto passado, a humanidade desenvolveu em seu organismo o abominável órgão *Kundartiguador* (a cauda satânica). Quando a humanidade perdeu dito órgão, ficaram, nos cinco cilindros da máquina orgânica (mente, sentimento, movimento, instinto e sexo), as más conseqüências do citado órgão.

Sem dúvida, esses péssimos resultados vieram a constituir uma espécie de segunda natureza subjetiva e inumana, que todos os animais racionais carregam dentro de si. É inquestionável que em meio a essa dupla natureza ficou enfrascada a Essência, a matéria-prima com a qual devemos elaborar o Embrião Áureo. Portanto, dissolver tais agregados subjetivos e infra-humanos é vital quando se trata seriamente de elaborar a Flor Áurea.

Em outros tempos, quando os péssimos resultados do abominável órgão *Kundartiguador* não haviam se desenvolvido especificamente, foi possível apelar ao fator íntimo que origina os impulsos da fé, da esperança e do amor, para motivar a força ou as forças que poderiam desintegrar elementos subjetivos incipientes.

Por infortúnio, aquele básico fator de tais impulsos citados passou por diversos processos degenerativos, devido ao desenvolvimento exorbitante das más conseqüências do abominável órgão *Kundartiguador*.

Certamente é doloroso saber que aquele fator originador dos íntimos impulsos relacionados com a fé, a esperança e o amor houvesse se degenerado radicalmente. É por este motivo que temos que apelar agora ao único fator que ainda não se perdeu. Quero me referir, de forma enfática, à Essência, ao material psíquico, que certamente é o fundamento, a base de toda nossa organização psíquica.

Liberar tal Essência é urgente, inadiável, impostergável, quando queremos elaborar seriamente a Flor Áurea, o Embrião Áureo. Desgraçadamente, esta matéria-prima, este material psíquico não toma parte nas atividades rotineiras do nosso mal chamado estado de vigília. É lástima que este fator, sobre o qual estão estabelecidos todos os processos psíquicos, se encontre enfrascado nas zonas subconscientes.

Conseguir que tal fator saia do estado meramente subjetivo, para manifestar-se de forma autoconsciente e objetiva dentro de nossas atividades da vida diária, é vital, urgente e necessário. Portanto, falamos do ego, com todos os seus agregados psíquicos, essa dupla natureza anti-humana, esse apêndice infra-humano, dentro do qual está engarrafada a Consciência.

Se quisermos possuir uma individualidade sagrada, devemos apelar ao bisturi da autocrítica, para fazer a dissecação de todos esses falsos valores que constituem o mim mesmo. Muito foi falado sobre a compreensão criadora. É indispensável conhecer, de forma íntegra, unitotal, todos os defeitos psíquicos que possuímos. Mas compreender intelectualmente não é tudo.

É indiscutível e irrefutável que qualquer defeito psicológico se processa em 49 níveis subconscientes e infraconscientes, e até inconscientes. A compreensão em tal ou qual nível não é suficiente; necessita-se, com urgência, entender a fundo nossos defeitos; faz-se indispensável perfurá-los, se de fato queremos exterminá-los, aniquilá-los.

No entanto, a compreensão criadora, apesar de ser urgente e inadiável, não é tudo. Nós, os gnósticos, vamos muito mais longe; queremos capturar, apreender o profundo significado daquilo que compreendemos integralmente.

Não é possível originar aqueles impulsos íntimos, que provocarão mudanças radicais em nossa mente, quando não conseguimos capturar o profundo significado de tal ou qual defeito psicológico.

Obviamente, nós estaremos devidamente preparados para tal ou qual mudança íntima quando compreendermos este ou aquele erro de nossa mente. Depois vem a eliminação, quando então apelamos para forças de tipo superior.

Alguém poderia, por exemplo, ter compreendido o defeito da ira e até poderia ter se dado ao luxo de capturar seu profundo significado, mas continuar com ela. Eliminar é diferente, porque a mente pode provocar diversos modos de ação. Pode rotular os defeitos, passá-los de um nível do entendimento para outro, porém não pode alterá-los em seus fundamentos.

Necessitamos apelar a um poder superior à mente, se é que queremos extirpar defeitos. Afortunadamente, tal poder existe, e quero me referir agora ao Fogo Serpentino, a esse Fogo Sagrado que se desenvolve normalmente no corpo do asceta.

Se esse poder ígneo pôde, no passado, dividir o hermafrodita divino em sexos opostos, é ostensível que também pode extirpar de nossa mente os elementos inumanos que, como apêndices, constituem em nós uma dupla natureza: esquerda, sinistra, terrivelmente perversa.

Já dissemos, em nossa obra intitulada **O Mistério do Áureo Florescer**, que, com os primeiros percentuais de Essência liberada, se formava a Pérola Seminal. Nesse livro afirmamos que à medida que os distintos elementos sub-

jetivos do próprio homem forem reduzidos a poeira cósmica, a Pérola Seminal se desenvolveria, convertendo-se no Embrião Áureo, na Flor Áurea. Eis aí o Mistério do Áureo Florescer!

O *modus operandi* de tudo isso já foi bem explicado, tanto nestas conferências como em meus livros anteriores. Dizia então que devemos aprender a dirigir esse Fogo Serpentino, ou Raio do Kundalini, contra tais ou quais agregados inumanos, a fim de pulverizá-los, com o propósito de libertar a Essência. Expliquei que, precisamente na Forja Ardente de Vulcano, tínhamos a oportunidade de trabalhar com a Lança de Aquiles.

Só com a Hasta Santa, emblema maravilhoso da eletricidade sexual transcendente, podemos desintegrar defeitos de tipo psicológico. Quem possui o Embrião Áureo, quem o tenha elaborado mediante trabalhos deliberados e mortificações conscientes, tem direito a se reencarnar.

É evidente que a Flor Áurea nos confere a individualidade sagrada; é indubitável que o Embrião Áureo vem estabelecer, em nós, um completo equilíbrio entre o espiritual e o material.

Aqueles que ainda não possuem esse Embrião, retornam, regressam, reincorporam-se em novos organismos, porém não reencarnam. Portanto, distingue-se claramente entre *reencarnação* e *retorno*. Raros são os que se reencarnam; milhões, os que retornam.

P. – Mestre, poderia nos dizer quando se desenvolveu o órgão *Kundartiguador* na humanidade e com que propósito?

V.M. – Com o maior prazer vou dar resposta à pergunta que nossa irmã secretária formulou... Durante a época do continente Mu ou Lemúria – como já dissemos em passadas conferências – situado no Oceano Pacífico, foi necessário o desenvolvimento de tal órgão, com o propósito de dar estabilidade à crosta geológica da Terra. Como a máquina humana transforma automaticamente as energias cósmicas, para retransmiti-las às camadas interiores do planeta, qualquer mudança que ocorra origina determinados resultados no interior da Terra.

Foi então que, por aquela época, há uns 18 milhões de anos ou algo mais, os cosmocratores deixaram plena liberdade ao Lúçifer interior de cada um, a fim de que se desenvolvesse em cada organismo humano essa cauda simiesca, esse abominável órgão *Kundartiguador*.

Sem dúvida, com esse procedimento dos cosmocratores, alterou-se a transformação energética no interior humano, originando resultados magníficos para a crosta geológica do planeta (pois esta se estabilizou), porém acabaram se tornando sinistros para a humanidade.

Muito mais tarde no tempo, os Deuses eliminaram do organismo humano esse apêndice nefasto; porém, não puderam eliminar suas conseqüências, e estas, como já dissemos, converteram-se em uma segunda natureza, inumana e perversa, dentro de cada um de nós.

P. – Mestre, então os cosmocratores tiveram a culpa das conseqüências inumanas que hoje carrega a humanidade em seus organismos?

V.M. – Esta pergunta me parece interessante... Os Deuses que interviram nisso cometeram alguns erros de cálculo; por tal motivo, tiveram a culpa. Quero que os senhores saibam que os Deuses também se equivocam. É claro que num futuro dia cósmico esses inefáveis seres terão que pagar seu correspondente karma cósmico.

P. – Mestre, o senhor nos dizia que a Essência é o único que constitui nossa organização psíquica, mas que, afortunadamente, não se perdeu. Isso quer dizer que haveria perigo de que se perdesse a Essência?

V.M. – Com o maior prazer vou responder à pergunta do cavalheiro... Com todo respeito, permito-me dizer ao auditório que me escuta que a pergunta está um pouco mal formulada. Eu não disse que a Essência seja nossa organização psíquica; só quis afirmar que ela é o fator básico de toda a nossa organização psíquica – e isto é um pouco diferente.

Ostensivelmente, não é possível que a Essência se perca. Por isso, afirmo que ela é o único fator que, afortunadamente, não se perdeu. Ainda que a Essência, enfrascada no ego, tivesse que envolver no tempo, dentro dos mundos infernais, é evidente que jamais se perderia; dissolvido o ego, ela ficaria livre e disposta, como já o dissemos tantas vezes, para entrar em novos processos evolutivos.

P. – Mestre, o senhor é insistente em dizer que não somente a compreensão é necessária, mas também que é preciso descobrir o profundo significado de nossos defeitos psicológicos. Eu entendo que a compreensão tem por

objetivo identificar esses defeitos, enquanto o profundo significado tem por objetivo descobrir o dano que o defeito pode nos causar como obstáculo para nossa auto-realização. Estou certo?

V.M. – A pergunta que saiu do auditório bem vale a pena ser respondida... Compreensão não é identificação. Alguém poderia identificar um defeito psicológico sem havê-lo compreendido; portanto, devemos distinguir ‘compreensão’ de ‘identificação’.

Esse assunto da compreensão é muito elástico. Os graus de compreensão variam; pode ocorrer de hoje compreendermos tal ou qual coisa de certo modo e de certa maneira, de forma relativa e circunstancial, mas amanhã compreendermos melhor. A apreensão do profundo significado de tal ou qual defeito só é possível mediante a participação de todas as partes de nosso Ser íntegro. Se apenas algumas partes de nosso Ser capturaram o profundo significado, mas outras não o capturaram, então o significado íntegro e profundo tampouco foi apreendido unitotalmente.

Sobre aquilo que é o profundo significado, sobre seu sabor específico, não devemos formar preconceitos. O que é o significado profundo de tal ou qual erro só podemos vivenciá-lo diretamente no momento preciso, no instante adequado. É por isso que de modo algum poderíamos formar idéias preconcebidas sobre aquilo que poderia ser o profundo significado de nossos erros psicológicos.

P. – Obrigado, Mestre, por esta explicação, a qual nos revela que a compreensão realmente é uma função da mente, e o profundo significado, uma função da Consciência, correto?

V.M. – Amigos, a mente, com todos os seus funcionalismos, é feminina, receptiva; absurdo torná-la positiva; néscio seria elaborar idéias, preconceitos, teorias. Portanto, sendo a mente um instrumento meramente passivo por natureza, não poderia por si mesma ocupar o posto da compreensão.

Distingam os senhores entre o que é a compreensão e o que é o instrumento que usamos para nos manifestar no mundo. Obviamente, a compreensão pertence mais à Essência, aos funcionalismos íntimos da Consciência, e isto é tudo.

O profundo significado de tal ou qual erro psicológico difere da compreensão pelo próprio fato de pertencer às diversas percepções ou experiências diretas, vividas pelas diversas partes do Ser unitotal.

P. – Mestre, com a Consciência desperta, o homem que reencarna pode escolher o lugar e a família onde regressa?

V.M. – Com o maior prazer vou dar resposta a esta nova pergunta. Que me seja permitido informar a todos aqui presentes que, aquele que possui o Embrião Áureo, de fato também tem Consciência desperta; neste caso, lhe é dado escolher voluntariamente o signo zodiacal sob o qual deseja reincorporar-se, reencarnar-se, reencarnificar-se. Não obstante, não lhe é possível alterar seu karma. Poderia selecionar diversos tipos de nascimento, família, nação, etc., porém sempre de acordo com suas dívidas kármicas.

Isto significa que poderia resolver pagar tal ou qual dívida de acordo com sua livre escolha, mas de modo algum poderia evitar estas dívidas; só teria direito de escolher entre tal ou qual dívida que pagaria primeiro, e isso é tudo.

P. – Mestre, o *boddhisattva* caído perde seu Embrião Áureo?

V.M. – Esta pergunta é certamente muito original e por tal motivo convém que a respondamos concretamente. Faz-se necessário compreender que o Embrião Áureo é imperecedouro, imortal, eterno. Assim, pois, o *boddhisattva* caído pode aniquilar-se na nona esfera, passar pelo processo da destruição dos corpos existenciais superiores do Ser; entretanto, jamais perderia o embrião áureo. Este, depois da destruição radical ou aniquilação definitiva do ego, ressurgiria, voltaria à superfície da Terra, à luz do sol, para reiniciar ou começar uma nova evolução.

P. – Mestre, o *boddhisattva* caído tem a Consciência adormecida?

V.M. – Distintos amigos, é claro que, ao cair um *boddhisattva*, ressuscitam nele as más conseqüências do abominável órgão *Kundartiguador* e, então, o Embrião Áureo, a Consciência, volta a ficar engarrafada em tais fatores infra-humanos. O resultado é que a Consciência, neste caso, perde uma boa porcentagem de sua lucidez habitual, ainda que não durma radicalmente.

P. – Mestre, o homem que adquiriu a individualidade sagrada carece totalmente de desejos?

V.M. – Amigos, se alguém dissolveu o ego, desegoisticou-se, indiscutivelmente se individualizou; porém, desejo é algo mais profundo. Poderia

qualquer um dos aqui presentes eliminar o ego radicalmente e adquirir, por tal motivo, a individualidade sagrada, e, no entanto, continuar com o desejo.

Isto parece verdadeiramente paradoxal, contraditório e até absurdo, porém devemos analisá-lo um pouco... O tempo reclama muitas coisas. Aniquiladas as más conseqüências do abominável órgão *Kundartiguador*, ficam as fitas *Teleoghinooras** [pronuncia-se **teleoguinuras**].

NT – Esta palavra é proveniente da obra **Relatos de Belzebu a seu neto**, de Gurdjieff.

Estas fitas podem se conservar plenamente nos mundos supra-sensíveis durante todo o Período Terrestre [durante todo este Dia Cósmico], se não nos ocuparmos de desintegrá-las, aniquilá-las, reduzi-las a poeira cósmica.

Obviamente, tais fitas, como filmes vivos, certamente correspondem a todas as cenas do desejo, atos luxuriosos desta e de todas nossas vidas anteriores; se não as desintegrarmos radicalmente, tampouco teremos os cem por cento de Consciência objetiva, porque dentro destas fitas está enfrascada parte da nossa Consciência.

Evidentemente, desintegrar tais fitas é um trabalho de ordem superior que só pode ser realizado com o *machado de duplo fio*, que figurava nos tempos antigos no centro de todo labirinto sagrado, símbolo que bem poucos compreenderam e sobre o qual se escreveu em algumas obras pseudo-esotéricas e pseudo-ocultistas, de forma mais ou menos equivocada.

Em todo caso, a eletricidade sexual transcendente deve também reduzir a pó as fitas *Teleoghinooras*. Já estão vendo os senhores, meus queridos amigos, quão difícil é poder dar à Consciência plena lucidez e objetividade. É lamentável que a Essência esteja tão enfrascada dentro de tão variados elementos subjetivos e infra-humanos.

Desgraçadamente, muitos crêm que despertar Consciência é coisa fácil, e me escrevem constantemente se queixando porque ainda não saem em corpo astral, protestando porque, depois de alguns meses, ainda não têm poderes, exigindo de imediato a capacidade para viver de forma lúcida e plena fora do corpo físico, etc.

Comumente os que iniciam nossos estudos andam em busca de poderes; quando de imediato não se transformam em indivíduos onipotentes, então buscam o caminho subjetivo do espiritismo ou se afiliam a diversas escolas de

psique subjetiva, com o propósito de conseguir instantaneamente as cobiçadas faculdades psíquicas.

Objetividade plena implica em destruição radical de todo o inumano que carregamos dentro de nós, aniquilação de átomos subconscientes, morte absoluta da dupla natureza infra-humana, pulverização radical de todas as recordações do desejo.

Portanto, queridos amigos, qualquer um pode ter conseguido a individualidade sagrada, mas nem por isto está completamente livre do processo do desejo. Destruir as fitas *Teleoghinooras* e alguns outros princípios, que mais tarde mencionarei, significa extirpar de nossa mente até os mais ínfimos desejos.

P. – Mestre, vale a pena exercer o direito de reencarnar, uma vez que este tenha sido adquirido?

V.M. – Distintos cavalheiros e damas que me escutam! Toda ilusão é permitida às Almas reencarnantes. Contudo, é preferível exclamar como Jesus: “Meu Pai, se possível afasta de mim este cálice, mas não se faça a minha vontade, senão a tua”.

Nos instantes em que converso com os senhores, aqui dentro deste estúdio de minha própria casa, que é a de vocês, vem-me à memória algo muito interessante. Sucedeu que, certa noite, fui chamado telepaticamente por um grupo de Mestres da Venerável Grande Loja Branca. Abandonei o corpo físico, e todas as partes de meu Ser Íntimo, integradas e revestidas com os corpos existenciais, concorreram ao chamado.

Flutuando no espaço, pousei suavemente sobre o terraço de um grande edifício. Receberam-me os Adeptos da Fraternidade Oculta com exclamações de júbilo, dizendo: “Chegou o Arcanjo Samael”. Depois de efusivas saudações e cumprimentos, fui interrogado da seguinte forma: “Tu, como avatar da Era de Aquário, deves responder sobre a conveniência ou inconveniência de entregar à humanidade terrestre as naves cósmicas. A tua resposta é de grande responsabilidade”.

Ajoelhado, vi então com meu sentido espacial o uso que os terrícolas poderiam fazer no futuro com tais naves. O Olho de *Dhagma* permitiu-me ver dentro de tais naves, num futuro imediato, comerciantes, prostitutas, ditadores, etc., viajando aos outros planetas do sistema solar, levando a discórdia a outros rincões do universo, etc.

Sentindo nesses momentos a responsabilidade que pesava sobre meus ombros, dirigi-me ao Pai que está em secreto, dizendo: “Meu Pai, se possível afasta de mim este cálice, mas não se faça a minha vontade, senão a tua”.

Aquelas palavras vibraram nos nove céus, de esfera em esfera, de mundo em mundo. Passaram os anos e tudo ficou resolvido. Meu Pai que está em secreto deu a resposta adequada: *Seleção do pessoal humano*. Entregar essas naves a certos grupos bem seletos da humanidade. Não é demais dizer que certos grupos humanos isolados já possuem este tipo de veículos espaciais.

Em uma região inacessível do Himalaia, onde jamais os invasores comunistas poderão chegar, existe uma comunidade de lamas que receberam certa quantidade de tais naves cósmicas, com as quais viajam a outros mundos do espaço. Estes lamas que tiveram a felicidade de receber tão preciosos presentes; são indivíduos sagrados, pessoas com o Embrião Áureo desenvolvido, seres que reencarnam.

Assim, pois, caros amigos, devemos fazer sempre a vontade do Pai, jamais a nossa. Aqueles que se reencarnam, podem escolher de acordo com a Lei do Karma as condições de vida que quiserem, sem sair, é claro, da lei kármica. Mas é preferível que nosso Pai, que está oculto dentro de nós, escolha o mais conveniente.

P. – Mestre, o senhor nos disse que os Deuses também se equivocam. Quem é então aquele que não se equivoca?

V.M. – Amigos, esta pergunta me parece verdadeiramente importante, e vamos lhe dar conveniente resposta. Rogo atenção a todo o auditório. Só o Pai que está oculto não se equivoca. Ele é infalível, onisciente e onipotente.

Por isso é que insisto na necessidade de fazer a vontade do Pai, tanto nos Céus quanto na Terra. Quando nos esquecemos de nosso Pai, cometemos erros. Sempre é melhor consultar e deixar tudo nas mãos do Pai...

P. – Mestre, disse a Mestra H.P.B. que a única maneira de não sofrer neste mundo é deixar de reencarnar. Que pode nos dizer a respeito?

V.M. – Quero que vocês saibam, cavalheiros, que a felicidade absoluta somente é conseguida quando temos a Deus dentro de nós. Poderíamos viver no Nirvana, o mundo da felicidade, mas sem Deus dentro não seríamos felizes.

Poderíamos deixar de reencarnar, mas sem Deus aqui dentro de nós tampouco seríamos felizes. Ainda que vivêssemos numa masmorra imunda, no meio das desgraças mais terríveis, ou estivéssemos nos mundos infernais, mas tendo Deus dentro de nós, seríamos infinitamente felizes.

Não é demais lembrar, caros amigos, que nos mundos infernais vivem alguns Mestres de Compaixão trabalhando pelos decididamente perdidos, ajudando-os e auxiliando-os. Porém, como têm Deus dentro de si são felizes.

A LEI DE RECORRÊNCIA



Prezados amigos, a conferência de hoje versará sobre a Lei de Recorrência.

Quando o ego retorna, quando se reincorpora, tudo volta a ocorrer tal como ocorreu anteriormente, mas acrescido das conseqüências, boas ou más. Sem dúvida, existem variadas formas da grande Lei de Recorrência. Nesta conferência nos proporemos a estudar essas variadas formas.

Diversas cenas de nossas vidas anteriores se repetem, ora em espirais mais elevadas, ora em espirais mais baixas. A espiral é a curva da vida e está simbolizada sempre pelo caracol. Nós somos maus caracóis no seio do Pai.

Obviamente, nos desenvolvemos, evoluímos e involuímos na linha espiralada da existência. Outra forma de recorrência podemos evidenciar na história da Terra e de suas Raças.

A primeira sub-raça de nossa atual raça ariana se desenvolveu na meseta central da Ásia e teve uma poderosa civilização esotérica.

A segunda sub-raça floresceu no sul da Ásia, na época pré-védica, e então se conheceu a sabedoria dos *Rishis* hindus e os esplendores do antigo império chinês.

A terceira sub-raça desenvolveu-se maravilhosamente no Egito, Pérsia, Caldéia, etc.

A quarta sub-raça resplandeceu com as civilizações da Grécia e de Roma.

A quinta foi perfeitamente manifestada na Inglaterra, Alemanha e outros países.

A sexta resultou da mistura dos espanhóis com as raças autóctones das Américas.

A sétima está perfeitamente manifestada no resultado de todas as mesclas de diversas raças, tal como hoje o podemos evidenciar no território dos Estados Unidos.

Ostensivelmente, os sete ramos do tronco ário já existem plenamente e isto está completamente demonstrado.

Os estudos que temos realizado no mundo causal nos permitiram verificar corretamente fatos concretos, assombrosos, para nossa humanidade atual.

Como cada uma das grandes raças que existiram no mundo terminaram sempre com um grande cataclisma; podemos deduzir logicamente que esta nossa raça ária terminará muito brevemente também com um tremendo cataclisma.

Estamos falando da Lei da Recorrência numa forma superior e seguiremos concretizando-a para melhor compreensão. Depois da grande catástrofe que se avizinha, a Terra voltará a ser habitada por pessoas seletas.

Ao chegar a esta parte de nossa conferência, devo dizer-lhes de forma enfática que a futura raça que haverá de povoar a face da Terra está agora sendo criada deliberadamente pelos irmãos da Fraternidade Oculta.

O *modus operandi* desta criação nova é muito especial. Quero que os senhores saibam que viajantes cósmicos, provenientes de outros planetas, visitam-nos constantemente e que já estão levando a semente dos humanóides.

Já há algum tempo, alguns jornais do Brasil deram um informe muito interessante: Certo camponês brasileiro, que febrilmente trabalhava arando a terra, de repente foi surpreendido por alguns extraterrestres que o conduziram ao interior de uma nave cósmica, que estava pousada num lugar próximo, dentro da selva.

Cientistas extraordinários, irmãos do espaço, examinaram-no cuidadosamente e até lhe extraíram um pouquinho de sangue com o propósito de análise. Logo, colocaram o camponês dentro de uma recâmara espacial da nave. O lavrador, perplexo, atônito, confundido, deitado sobre um leito, aguardava por algo inesperado.

O inesperado logo se apresenta: uma estranha mulher de cabelo dourado e pele amarelada, como a dos chineses, desprovida de sobrancelhas, deitou-se junto àquele trabalhador e o seduziu sexualmente. Consumado o ato, o camponês foi tirado da nave e esta se afastou através do espaço infinito.

NT – O autor se refere a Antônio Villas Boas, caso ocorrido em Minas Gerais em 16.10.1957, na pequena cidade de São Francisco de Sales; o agricultor em questão foi abduzido por um disco voador e teve relações sexuais com uma mulher de origem desconhecida.

Muitos outros casos similares ocorreram em diversos lugares do mundo. Além disso, fala-se constantemente de desaparecimentos misteriosos, tripulações aéreas ou marítimas que se perderam para sempre sem nenhuma explicação.

Tudo isto nos convida à reflexão; tudo isto nos faz compreender que os irmãos maiores da humanidade estão levando a semente para cruzá-la com pessoas de outro mundo.

Assim é como os Deuses santos já estão criando a futura grande raça, a sexta raça raiz, que haverá de povoar a Terra depois da grande catástrofe que se avizinha.

Será um tipo de gente nova, mescla de terrícolas com extraterrestres, humanidade resplandecente. Portanto, eis aí, distintos irmãos, o pessoal com o qual haverá de se formar a futura Jerusalém da qual fala o Apocalipse de São João.

É inquestionável que então ressuscitarão as gloriosas civilizações esotéricas da antiguidade. Na primeira sub-raça da futura grande raça raiz, por lei de recorrência, ressurgirão do caos as poderosas culturas da primeira sub-raça ária, porém, em uma espiral mais elevada.

Na futura segunda sub-raça ressuscitará a civilização que floresceu na Índia milenar, anterior aos Vedas, e na antiga China.

Na terceira sub-raça haverá um novo Egito, novas pirâmides, novo Nilo e ressuscitará a civilização egípcia; então se reencarnarão os antigos faraós e regressarão milhares de Almas provenientes daquela gloriosa cultura do Amenti, com o propósito de reviver os mistérios hieráticos do país ensolarado de Kem. Também voltarão a resplandecer, naquela idade, os Mistérios da Caldéia, Assíria, Babilônia, Pérsia, etc., porém, em uma espiral superior, dentro da grande linha espiralada da vida.

Na quarta sub-raça da Terra do amanhã ressuscitarão os Mistérios da Grécia e de Roma, com a vantagem da espiral superior da existência.

Na quinta sub-raça voltará a aparecer certa mecanicidade perigosa; ressuscitará a civilização dos ingleses, alemães, etc., com a vantagem de ser mais espiritual, pelo fato concreto de estar colocada numa espiral superior.

Na penúltima sub-raça daquela grande raça raiz do amanhã, poder-se-á ver algo parecido ao mundo latino atual, porém, com um aspecto mais elevado, mais digno, mais espiritual.

A sub-raça final da futura raça raiz, ainda que muito tecnificada, não terá o grosseiro materialismo desta idade negra do *Kali Yuga*.

É assim como trabalha a lei de recorrência, meus amigos: movendo-se na espiral da existência. Pensemos agora na Lei da Recorrência dos mundos, no espaço estrelado, no inalterável infinito.

Tudo o que sucedeu na velha Lua, nesse satélite que ilumina a face da Terra durante as horas noturnas, está se repetindo agora mesmo, em nosso planeta Terra. Com outras palavras, afirmarei o seguinte: Toda a história da Terra e de suas raças, desde o amanhecer da vida, é uma repetição da história dos selenitas que outrora habitaram esse satélite quando ainda estava vivo e tinha vida em abundância.

Vede, pois, senhores e senhoras, como trabalha a Lei de Recorrência em todos os rincões do espaço infinito.

Passemos agora a estudar o *modus operandi* dessa grande lei no animal intelectual, equivocadamente chamado homem...

Quando nos reincorporamos, ao regressarmos, ao retornarmos, repetimos detalhadamente todos os acontecimentos de nossa passada ou passadas existências. Existem pessoas de rigorosa repetição, casos concretos de egos que retornam desde há muitos séculos no seio de uma mesma família, cidade e nação.

Essas são aquelas pessoas que, devido à incessante repetição de suas vidas, podem predizer com absoluta clareza o que os aguarda no futuro. Essas são as que podem dizer, por exemplo, “casarei aos trinta anos, terei uma mulher de tal cor, de tal estatura, tantos filhos, meu pai morrerá em tal idade, minha mãe em tal outra, meu negócio frutificará ou fracassará, etc.” e é claro que tudo isso virá depois a suceder com exatidão assombrosa. São pessoas que sabem de cor seu papel, à força de tanto repeti-lo, e isso é tudo.

Também entram neste quadro os meninos prodígios que tanto assombra as pessoas da sua época. Comumente se trata de egos que já sabem seu ofício de memória e que, ao retornar, fazem-no maravilhosamente, desde os primeiros anos de sua infância.

É assombrosa a Lei de Recorrência. As pessoas normais, comuns e correntes repetem sempre seus mesmos dramas; os cômicos, uma e outra vez, em cada uma de suas vidas sucessivas, repetem suas mesmas palhaçadas; os perversos se reincorporam continuamente para repetir incessantemente as mesmas tragédias.

Todos esses eventos, próprios das existências repetidas, vêm acompanhados sempre das boas ou más conseqüências, de acordo com a Lei de Causa e Efeito [que é a mesma Lei de Recorrência].

Voltará o assassino a se ver na horripilante ocasião de assassinar, mas será assassinado. Voltará o ladrão a se ver com a mesma oportunidade de roubar, porém será levado ao cárcere. Sentirá o bandido o mesmo desejo de correr, de usar suas pernas para o delito, porém não terá pernas; nascerá inválido ou as perderá em qualquer tragédia.

O cego de nascença vai querer ver as coisas da vida, aquelas que possivelmente o conduziram à crueldade no passado, porém não poderá ver. A mulher amará o mesmo marido de sua vida anterior, aquele que possivelmente o abandonou no leito de enfermidade para ir-se com qualquer outro sujeito, mas agora o drama se repetirá ao contrário: o sujeito de seus amores partirá com outra mulher, deixando-a abandonada. Voltará o assaltante das ruas a sentir desejo de correr, de fugir; clamará possivelmente em estado de delírio mental revestido com um novo corpo de natureza possivelmente feminina; terá delírios estranhos, não poderá fugir de si mesmo, enlouquecerá, será um enfermo mental, etc.

Assim, amigos, é como trabalha incessantemente a Lei de Recorrência...

P. – Mestre, um país afetado pela violência por muito tempo é devido à lei de recorrência?

V.M. – Obviamente, a violência das multidões desse país foi a repetição de violências similares ocorridas num passado caótico. Pensem nas guerras civis ocorridas em épocas anteriores à sucedida violência; guerra de partidos políticos de direita e esquerda repetindo-se no presente, como resultado do passado. Eis aí a Lei de Recorrência.

P. – Mestre, se uma pessoa foi correta, tenha se comportado como bom cidadão, cumprindo seus deveres, como nele agirá a Lei de Recorrência em seu próximo retorno?

V.M. – Amigo, amigos! Não me digam os senhores que esse fulano foi um exemplo de virtudes, um poço de santidade. Por magnífico cidadão que tenha sido, certamente cometeu muitos erros humanos, teve suas cenas, seus dramas, etc.; é claro que em tudo isto haverá repetição em sua nova existência, mais as conseqüências. Assim é como opera a Lei de Recorrência.

P. – Venerável Mestre, há certa confusão entre a Lei do Karma e a Lei de Recorrência; tenho entendido que com o término do karma, termina também a Lei de Recorrência. Poderia esclarecer este ponto?

V.M. – Amigos! De modo algum pode existir confusão entre as leis de recorrência e do karma, posto que ambas são a mesma, mas com diferentes nomes. Sem dúvida, o karma trabalha sobre bases firmes; não é senão um efeito da causa que nós mesmos semeamos. Portanto, tem que se repetir o fato em si mesmo, mais os resultados, bons ou maus.

P. – Mestre, pessoas que aparentemente não fizeram mal a ninguém sofrem de carências econômicas. Tem isto a ver com a Lei de Recorrência?

V.M. – Distintos amigos, senhores e senhoras! O Pai que está oculto pode estar perto ou distante de nós. Quando o filho anda mal, o Pai se afasta e então aquele cai em desgraça: sofre por falta de dinheiro, passa terríveis necessidades, não se explica por si mesmo o motivo de sua miséria. Ostensivelmente, tais pessoas crêem não ter feito mal a ninguém; se recordassem suas vidas anteriores, poderiam evidenciar por si mesmas o fato concreto de que andaram por caminhos perdidos, possivelmente se entregaram ao álcool, à luxúria, ao adultério, etc.

O Pai que está oculto, nosso próprio Espírito Divino, pode nos dar ou nos tirar. Ele sabe muito bem o que merecemos e, se não temos atualmente dinheiro, é porque Ele não nos quer dar; castiga-nos para o nosso bem.

“Bem-aventurado o homem a quem Deus castiga”. O pai que quer bem a seu filho castiga-o sempre para o seu bem.

No caso concreto desta pergunta, a vítima de sofrimentos repetirá as cenas do passado, mais as conseqüências: pobreza, dor, sofrimento, etc.

P. – Mestre, a Lei de Recorrência termina com as 108 vidas?

V.M. – Amigos, concluído o ciclo de humanas existências atribuídas a cada Alma, conclui-se também a Lei de Recorrência nos abismos infernais, repetindo-se cenas humanóides, estados animais, vegetais e mineralóides.

Antes de alcançar o estado humanóide, passamos pelos reinos mineral, vegetal e animal; porém, ao entrar no Abismo, vencido o ciclo de humanas existências, repetem-se novamente os estados animais, vegetais e mineralóides. Assim trabalha a Lei de Recorrência.

P. – Mestre, aquele que consegue se libertar da Roda do Samsara já não repete a Lei de Recorrência?

V.M. – Com o maior gosto vou responder à dama que fez a pergunta. Quero que vocês saibam, senhores e senhoras, que a Lei de Recorrência em sua forma superior corresponde à Lei de Katância ou do Karma Superior. Os Deuses santos precisam repetir cenas cósmicas de antigos *Mahamvantaras* em cada novo grande dia que amanhece, mais as conseqüências.

Recordai que os Deuses também se equivocam. Aqueles indivíduos sagrados que, no presente Período Terrestre, deram o abominável órgão *Kundarti-guador* à humanidade, repetindo dramas semelhantes, pagarão seus equívocos no futuro *Mahamvantara*.

Nossa Terra atual, junto com a humanidade que a povoa, é o resultado do karma cósmico; repete incessantemente os períodos históricos da Lua antiga, junto com os resultados cósmicos.

Qualquer grande iniciado pode verificar por si mesmo o fato concreto, claro e definitivo de que antigos habitantes de Selene foram certamente cruéis e impiedosos. Os resultados estão à vista nas páginas negras da negra história de nosso aflito mundo terráqueo.

P. – Mestre, quais são os que estão livres da Lei de Recorrência?

V.M. – Olhai a Lei de Recorrência em seus aspectos superiores e inferiores da grande vida. Podemos asseverar que só ficam livres da Lei de Recorrência aqueles que cristalizam em sua natureza íntima as três forças primárias do universo [Pai, Filho e Espírito Santo].

O Sagrado Sol Absoluto quer cristalizar em cada um de nós essas três forças primárias. Colaboremos com ele e seus santos desígnios, e ficaremos para sempre livres da Lei de Recorrência.

O CARACOL DA EXISTÊNCIA



Caros amigos, hoje iremos falar amplamente sobre a Linha Espiralada da Vida. Muito tem sido dito sobre a doutrina da transmigração das Almas, exposta pelo Senhor Krishna na sagrada terra dos Vedas, cerca de mil anos antes de Cristo.

Em passadas conferências já expusemos todos os processos da Roda do Samsara. Dissemos com inteira clareza, repetindo exaustivamente que a cada Alma são atribuídas 108 vidas para sua auto-realização íntima.

É inquestionável que aqueles que fracassam durante seu ciclo de manifestação, aqueles que não conseguem a auto-realização dentro do número de existências assinaladas, é óbvio que descem ao reino mineral submerso, ao *Avitchi* hindu, ao Tártaro grego, ao Averno romano.

Torna-se claro e evidente que a involução nas entranhas do planeta em que vivemos é terrivelmente dolorosa. Recapitular processos animais, vegetais e mineralizados, em via francamente degenerativa, com certeza não é nada agradável.

Afirmamos também em nossas passadas conferências que, depois da segunda morte, a Essência, isso que temos de Alma, volta a subir evolutivamente desde o reino mineral até o animal intelectual, equivocadamente chamado homem, passando antes pelas etapas vegetal e animal.

Entretanto, há algo que ainda não comentamos na lei da transmigração das Almas. Citamos a Lei do Eterno Retorno, mencionamos essa outra lei conhecida como Recorrência; mas devemos esclarecer que essas duas leis se desenrolam e se desenvolvem sobre a Linha Espiralada da Vida.

Isto significa que cada ciclo de manifestação se processa em espirais ou curvas cada vez mais altas na grande linha espiralada do universo. Porém, como

isso é um pouco abstrato, vejo-me na necessidade de esclarecer melhor este tema, a fim de que todos possam compreender profundamente o ensinamento.

Quando a Essência após a segunda morte é liberada, ao ressurgir, ao sair novamente à luz do Sol, obviamente transformada em gnomo, haverá de iniciar um novo processo evolutivo, porém dentro de uma oitava superior. Isto significa sem dúvida que essa criatura elemental mineral se achará dentro do reino mineral em um estado de Consciência superior ao que tinha quando iniciou sua evolução no anterior ciclo de manifestação.

Ao prosseguir com estas explicações, não devem esquecer que qualquer ciclo de manifestação inclui passagens ou evoluções nos reinos mineral, vegetal, animal e humano (neste último nos atribuem 108 existências).

Se examinarmos um caracol, veremos curva sobre curva, algo semelhante a uma escada em forma de espiral. É evidente que cada um destes ciclos de manifestação se desenvolve em curvas cada vez mais altas.

Agora poderão compreender o motivo da existência das incontáveis variedades de elementais minerais, vegetais, animais e dos diversos graus de inteligência dos humanóides. É indiscutível que é bem grande a diferença entre os elementais minerais que passam pela primeira vez nesse reino e aqueles que já repetiram o mesmo processo muitas vezes.

O mesmo podemos dizer sobre os elementais vegetais e animais, e também sobre os humanóides. Como os ciclos de manifestação são sempre 3.000, o último destes realmente se encontra numa oitava bem elevada.

Aquelas Essências que dentro das 3.000 voltas do fuso não alcançaram a Maestria são absorvidas por sua Mônada ou Chispa virginal, para então submergirem em definitivo no seio do Espírito Universal da Vida.

É notório, claro e evidente que durante os ciclos de manifestação cósmica temos que passar por todas as experiências práticas da vida. Sem dúvida, qualquer Essência que tenha passado pelos 3.000 ciclos de manifestação, experimentou também 3.000 vezes os horrores do Abismo; por conseguinte, melhorou muito e adquiriu autoconsciência.

Assim, pois, tais Essências de fato têm pleno direito à felicidade divina. Infelizmente, não gozarão da Maestria; não a adquiriram e por isso não a possuem.

Já em conferências anteriores dissemos que nem todas as Mônadas divinas ou Chispas virginais têm interesse pela Maestria.

Ostensivelmente, não são as Chispas virginais ou Mônadas divinas as que sofrem, mas sim, a Essência, a emanção dessas Chispas, aquilo que de Alma temos em cada um de nós.

As dores passadas por toda Essência certamente vêm a ser bem recompensadas porque, em troca de tantos sofrimentos, adquire-se autoconsciência e felicidade sem limites.

Maestria é diferente. Ninguém pode conseguir o Adeptado sem os Três Fatores da Revolução da Consciência, expressados claramente por Nosso Senhor, o Cristo, quando disse: “Quem quiser vir depois de mim, negue-se a si mesmo, tome sua cruz e me siga”.

Negar-se significa dissolução do eu. **Tomar a cruz** e lançá-la sobre os ombros significa trabalhar com o sexo-ioga, com o *Maithuna*, com a magia sexual. **Seguir o Cristo** equivale a se sacrificar pela humanidade, dar a vida para que outros vivam.

As Chispas virginais que não alcançaram a Maestria durante os 3.000 ciclos de manifestação vêem os Mestres, os Deuses, de forma similar ao das formigas quando vêem os humanóides.

Dizem as tradições astecas que no amanhecer da vida reuniram-se os Deuses lá em Teotihuacan, com o propósito de criar o Sol. Asseveram ter acendido um grande fogo e que logo convidaram o Deus Caracol para que se lançasse naquela fogueira. Mas este, depois de três tentativas, teve grande pavor.

Os cantos sagrados asseveram solenemente que o Deus Purulento, cheio de grande coragem, lançou-se ao fogo. Ao ver isto, o Deus Caracol imitou seu exemplo e, então, toda a assembléia de Deuses, silenciosos, aguardaram para ver o que acontecia.

Contam as lendas que do fogo vivo brotou o Purulento convertido no Sol que hoje em dia nos ilumina. Minutos depois, daquela grande fogueira ressurgiu o Deus Caracol, convertido na Lua que de noite nos ilumina.

Isto significa, queridos amigos, que se quisermos nos transformar em Deuses, em Mestres, devemos imitar o Purulento: incinerar o ego, o eu, mediante o fogo sexual.

Só mediante o fogo morre o Purulento, o mim mesmo, o si mesmo. Só mediante o fogo podemos nos converter em Deuses Solares terrivelmente divinos.

Por infortúnio, nem todas as Chispas virginais se interessam pela Maestria; a maior parte, os milhões de criaturas que vivem sobre a face da Terra, preferem a Senda do Caracol, o caminho lunar.

P. – Venerável Mestre, no princípio desta importante dissertação, o senhor nos disse que a Essência, quando desce para os infernos, vai recapitulando estados animalóides, vegetalóides e mineralóides. Teria a amabilidade de nos explicar a palavra ‘recapitular’?

V.M. – Com o maior prazer darei resposta à pergunta do cavalheiro. Quero que os senhores compreendam bem o que é a recapitulação animalesca, vegetalóide e mineralóide no Abismo.

Descer involuindo pelas entranhas do mundo soterrado é radicalmente diferente da subida evolutiva para a superfície da Terra. A recapitulação animalesca no Abismo é de tipo degenerativo, involutivo, descendente, doloroso.

A recapitulação vegetalóide nas entranhas da Terra é espantosa. Quem passa por esses processos mais se parecem a sombras deslizantes, passando por sofrimentos inenarráveis.

A recapitulação involutiva, descendente, mineral, pelas entranhas do mundo em que vivemos é mais amarga que a própria morte. As criaturas se fossilizam, se mineralizam e se desintegram lentamente entre tormentos impossíveis de explicar com palavras.

Depois da segunda morte, a Essência é liberada, ressurge à luz do Sol, para recapitular processos similares de forma evolutiva, ascendente, inocente e feliz.

Eis aí, meus amigos, a diferença entre recapitulações involutivas e evolutivas. Em todo caso, todos estes infinitos processos involutivos e evolutivos são de tipo exclusivamente lunar e se desenvolvem claramente dentro do caracol universal.

P. – Mestre, o senhor nos falou que a cada ciclo de existências, no processo evolutivo, os elementais vão despertando Consciência porque vai se processando em oitavas mais elevadas. Esse despertar de Consciência acaso é o resultado dos sofrimentos pela involução ou é o resultado do processo ascendente?

V.M. – Distinto amigo! É bom que o senhor entenda que a Consciência sofre tanto nos processos evolutivos quanto nos involutivos; portanto, é à base de tantos esforços e sacrifícios que vai despertando progressivamente.

Milhões de humanóides têm a Consciência profundamente adormecida, mas ao entrar no Abismo, depois das 108 existências de qualquer ciclo de manifestação, despertam, inevitavelmente, no mal e para o mal.

O interessante, neste caso, é que de todas as maneiras despertam... Ainda que seja para justificar seus erros nos mundos infernais. Qualquer iluminado clarividente poderá evidenciar por si mesmo o fato de que os elementais inocentes estão despertos no sentido positivo-evolutivo.

Vemos, pois, dois tipos de Consciência desperta:

Primeiro, o das criaturas inocentes da natureza.

Segundo, o dos humanóides involutivos do Abismo.

Existe uma terceira classe de pessoas despertadas. Refiro-me aos Mestres, aos Deuses; porém não é deles que neste preciso instante estamos nos ocupando.

É inquestionável que dentro da Roda do Samsara, girando com ela, existem Consciências despertadas inocentes, e também criaturas involutivas, abismais, despertadas no mal e para o mal.

P. – Mestre, quando o senhor menciona isso de oitavas mais elevadas, em espirais mais altas, desconcerta-me, porque estou acostumado a pensar em oitavas em função das notas musicais, que se relacionam com a transmutação do fogo serpentina. O senhor poderia me esclarecer quanto a esse aspecto?

V.M. – Sem dúvida, as oitavas do caracol se processam musicalmente com as notas dó, ré, mi, fá, sol, lá, si, de forma gradativa.

Se observarmos cuidadosamente uma espiral, veremos uma sucessão de curvas, cada vez mais altas, de forma tal que vem precedidas pelas mais baixas.

Esta formação, esta distribuição das curvas em forma de qualquer espiral, é suficiente como que para compreender as pausas musicais que existem entre oitava e oitava. A cada uma destas pausas corresponde uma descida ao Abismo.

Portanto, as 3.000 voltas da Roda ressoam incessantemente, como um todo único, dentro dos ritmos do *Mahavan* e do *Chotovan*, que mantêm firme o universo em sua marcha.

P. – Mestre, sendo a Essência boa, por que vem para sofrer a este mundo?

V.M. – Caros amigos, a Essência, em si mesma, está além do bem e do mal; é absolutamente inocente, pura e sã. A Essência sofre quando fica engarrafada no ego, mas dissolvido o ego, deixa de sofrer.

Certamente, as Essências do planeta Terra ficaram enfrascadas no ‘mim mesmo’ devido a um equívoco dos Deuses. Já dissemos em passadas conferências que certos indivíduos sagrados, com o propósito de dar estabilidade à crosta geológica da Terra, deram à humanidade o abominável órgão *Kundartiguador*.

Quando esse órgão foi suprimido, ficaram as conseqüências dentro de cada pessoa, e estas se cristalizaram convertendo-se no ego, uma espécie de segunda natureza, dentro da qual a Essência ficou aprisionada. Se essa segunda natureza não existisse, a Essência seria livre e feliz. Desgraçadamente, existe o ego como resultado do abominável órgão *Kundartiguador*.

P. – Mestre, diz-se que somos filhos de Deus e que Deus é perfeito; então, por que envia seus filhos para sofrer?

V.M. – Com o maior prazer respondo esta pergunta feita pelo auditório. Senhores e senhoras, chegou a hora de saber que todos nós somos filhos do Diabo. Por favor, rogo-lhes que não se assustem...

Sabemos que o senhor Satanás ou Lúcifer-Prometeu, é exclusivamente a sombra de nossa própria divindade superior, projetada dentro de nós mesmos, para nosso bem. É evidente que Lúcifer é o grande treinador que levamos dentro. Por isso, o impulso sexual, no fundo, é algo luciférico.

Portanto, o Diabo, como já explicamos em passadas conferências, não é esse personagem fabuloso que apresentam algumas seitas dogmáticas, mas sim o instrutor pessoal de cada um. Portanto, a força luciférica é a que leva os humanóides ao triunfo ou ao fracasso, à geração ou à degeneração.

Deste ponto de vista, podemos assegurar que nós somos filhos do Diabo e isto é dito por Nosso Senhor o Cristo: “Filhos do Diabo sois”, disse o grande Mestre, “porque se fôsseis filhos de Deus, as obras de Deus faríeis”. [1ª Carta de João, 3:9 e 5:18]

É necessário fazermo-nos filhos de Deus e isto somente é possível com os Três Fatores da Revolução da Consciência, tal como os temos citado nesta conferência.

Filho de Deus é todo aquele que chega à ressurreição. Portanto, reflitam nestas palavras e não se presumam de santos nem de virtuosos porque todos sois filhos do Diabo.

Amigos! Deus nunca nos manda a sofrer. Os sofrimentos os criamos por nós mesmos, com nossos próprios erros e através de sucessivos nascimentos.

P. – Mestre, se somos filhos do Diabo, quem tem mais poder sobre nós: o Diabo ou Deus?

V.M. – Com o maior gosto vou dar resposta a esta pergunta. Dissemos que o Dragão é a sombra do Deus íntimo de cada um de nós. Torna-se evidente, no estado em que nos encontramos atualmente que o Dragão nos controla de forma absoluta. Portanto, do ponto de vista relativo e circunstancial em que nos encontramos, o Diabo tem mais poder sobre nós que o próprio Deus; mas isto não significa que o Diabo seja mais poderoso que Deus.

Quando a Chispa imortal ressuscitar em nós, quando nos convertermos em filhos de Deus, tudo será diferente; então, nesse dia, teremos vencido o Dragão.

P. – Mestre, que me diz o senhor dos anjos, *Boddhisatwas* e Mestres caídos? Que têm eles a ver com a espiral da vida?

V.M. – Distintos amigos! Existe um momento supremo para todos os milhões de Essências que povoam a face da Terra. Quero me referir, enfaticamente, ao instante em que, pela primeira vez, resolvemos entrar pelo caminho solar – bem diferente da senda lunar.

Todas as Mônadas ou Chispas virginais chegam a um ponto em que precisam se definir pelo caminho solar ou pelo caracol lunar. Quando alguém, deliberadamente, escolhe a Senda do Fio da Navalha, a sorte está lançada. Depois desse momento, já não há remédio, [já não existe mais volta].

Aqueles que alcançam a Maestria e que depois querem voltar atrás, para retomar a senda lunar, terão que passar por eternidades espantosas nos mundos infernais, até conseguir, depois de muitos bilhões ou trilhões de anos, a aniquilação dos corpos existenciais superiores do Ser e a destruição do ego animal.

Isto significa que a maior grau de Consciência, maior grau de responsabilidade; quem acrescenta sabedoria, acrescenta dor.

É inquestionável que aos *Boddhisatwas* caídos, aos anjos negros, aos arcanjos tenebrosos, quer dizer, às criaturas angelicais ou divinas submersas no Abismo pelo delito de querer retomar a senda lunar depois de terem se definido plenamente pela solar, caber-lhes-á sofrer milhões de vezes mais intensamente que as pessoas comuns e correntes.

Conseguida a desintegração de veículos e ego, recomeçará, de todas as maneiras, a jornada evolutiva desde o mineral; porém, com um Embrião Áureo; por conseguinte, com maior Consciência que os outros elementais da natureza, até alcançar o estado de humanóides.

Alcançado este objetivo, como possuem Embrião Áureo, tais seres haverão de voltar à senda solar, para criar novamente seus corpos existenciais superiores e reconquistar o estado angélico ou arcangélico, etc., que outrora rechaçaram.

Outra é a sorte das Chispas virginais que jamais elegeram o caminho solar. Estas, convertidas em simples elementais da natureza, submergirão com sua Essência no Oceano Universal da Vida livre em seu movimento. Trata-se de seres que preferiram a vida elemental, que não aspiraram à Maestria, que sempre deleitaram-se no seio da grande natureza e que agora, como centelhas da divindade, voltam à mesma, para sempre.

NEGÓCIOS COM O KARMA



Caros amigos aqui reunidos esta noite! Hoje iremos estudar muito seriamente a questão dos negócios... Permitam-me a liberdade de lhes dizer que não estou falando de negócios profanos. Quero me referir, de forma enfática, aos negócios com o Karma.

Antes de tudo, é necessário que as pessoas entendam a palavra sânscrita *karma*. Não é demais asseverar que tal palavra, em si mesma, significa lei de ação e consequência. Obviamente, não existe causa sem efeito, nem efeito sem causa. Qualquer ato de nossa vida, bom ou mau, tem suas consequências.

Hoje estive refletindo sobre a desgraça de nosso mundo. Quão felizes seriam estes humanóides intelectuais se nunca tivessem tido isso que se chama ego, eu, mim mesmo, si mesmo. É indubitável que o ego comete inumeráveis erros, cujo resultado é a dor.

Se estes humanóides racionais estivessem desprovidos de ego, seriam simplesmente elementais naturais belíssimos, inocentes, puros, infinitamente ditosos.

Imaginaí, por um momento, queridos amigos, uma terra assim, povoada por milhões de inocentes humanóides, desprovidos de ego e governados por Reis Divinos, Deuses, Hierofantes, Devas, etc. Obviamente, um mundo assim seria um paraíso, um planeta de bem-aventurados.

Não podemos obrigar ninguém à força a se converter em homem. Todos esses milhões de humanóides, mesmo não sendo homens, no sentido mais completo da palavra, poderiam ter sido infinitamente felizes, se não tivesse surgido em seu interior uma segunda natureza maligna e terrivelmente perversa.

Por infortúnio, como já dissemos tanto nestas conferências, o equívoco de alguns indivíduos sagrados acabou permitindo que dentro de cada sujeito,

surgisse algo anormal, certos elementos inumanos, em meio aos quais veio a ficar engarrafada a Consciência.

É claro que tais elementos inumanos surgiram como resultado das más conseqüências do abominável órgão *Kundartiguador*. Foi assim, queridos amigos, como fracassou esta humanidade planetária, fazendo-se espantosamente maligna. Melhor teria sido que aqueles sagrados indivíduos não tivessem dado a estes pobres bípedes tricerebrados ou tricentrados esse abominável órgão de todas as infâmias.

Pensemos, por um momento, nas multidões de humanóides que povoam a face da Terra. Sofrem o indizível, vítimas de seus próprios erros. Sem o ego, não teriam esses erros nem tampouco sofreriam as conseqüências dos mesmos.

Já disse em nossas passadas conferências que nem todas Chispas virginais, que nem todos humanóides se interessam pela Maestria; entretanto, isto não é obstáculo para a felicidade autêntica. No infinito espaço existem muitas moradas de bem-aventurança para os elementais humanóides que não têm interesse na Maestria.

É inquestionável que os 3.000 ciclos ou períodos de tempo atribuídos a toda Essência, a toda Mônada, para sua manifestação cósmica, se desenvolvem não somente aqui em nosso mundo Terra, senão também em outros mundos do espaço estrelado.

Por tudo isto podereis ver, meus caros amigos, que para as Almas há muitas mansões de felicidade; de modo algum é indispensável a Maestria para ter o direito de desfrutar do autêntico espírito puro. O único requisito que se requer para ter direito à verdadeira felicidade é, antes de tudo, não ter ego.

Certamente, quando não existir mais dentro de nós os agregados psíquicos, os elementos inumanos que nos tornam tão horríveis e malvados, não haverá karma por pagar; o resultado é a felicidade.

Nem todas as criaturas ditosas que vivem em todos os mundos do espaço infinito alcançaram a Maestria. No entanto, encontram-se em consonância com a ordem cósmica, porque não tem egos.

Quando vivemos de acordo com o reto pensar, o reto sentir e o reto agir, as conseqüências costumam ser ditosas. Por infortúnio, o pensamento justo, o sentimento justo, a ação justa, etc., faz-se impossível quando uma segunda natureza inumana atua em nós e dentro de nós e através de nós, aqui e agora.

Disso que estamos dizendo, devemos evitar as confusões. É óbvio que dos muitos, uns poucos aspiram o Adeptado, a auto-realização íntima do Ser. É inquestionável que estas Almas se convertem em verdadeiros reis do universo e em Deuses terrivelmente divinos. Mas, as multidões, depois dos 3.000 ciclos de manifestação, retornam ao Espírito Universal da Vida como simples elementais ditosos.

O desagradável é que estes milhões de elementais humanóides criaram, dentro de si mesmos, uma segunda natureza infra-humana; esta última, em si mesma, os tornou não somente perversos, mas pior ainda, desgraçados. Se não fosse pelo 'mim mesmo', ninguém seria iracundo, ninguém cobiçaria os bens alheios, ninguém seria luxurioso, invejoso, orgulhoso, preguiçoso, glutão, etc.

Lamento muito ter que dizer que ao Arcanjo Sakaki e à sua alta comitiva de indivíduos sagrados, que nos tempos arcaicos deram o abominável órgão *Kundartiguador* à humanidade, lhes aguardam no futuro grande dia cósmico, indizíveis amarguras, karma horrível; sem dúvida, devido ao seu erro, esta humanidade perdeu sua felicidade e se tornou monstruosa.

Que me perdoem os Deuses santos por tal afirmação; porém fatos são fatos e ante os fatos temos que nos render, custe o que custar.

Afortunadamente, meus caros amigos, a Justiça e a Misericórdia são as duas colunas torais da Fraternidade Branca Universal.

Justiça sem Misericórdia é tirania; Misericórdia sem Justiça é tolerância, complacência com o delito.

Neste mundo de desditas em que nos encontramos, faz-se necessário aprender a manejar os nossos próprios negócios, para guiar o barco da existência através das diversas escalas da vida.

O karma é negociável e isso é algo que muito pode surpreender os seguidores das diversas escolas ortodoxas. Certamente, alguns pseudo-esoteristas e pseudo-ocultistas tornaram-se bem pessimistas em relação à lei de ação e conseqüência. Supõem, equivocadamente, que esta lei se desenvolve de forma mecanicista, automática e cruel.

Os eruditos crêm que não é possível alterar a Lei do Karma. Lamento muito sinceramente ter que discordar dessa forma de pensar. Se a lei de ação e conseqüência, se o Nêmesis da existência não fosse negociável, então, onde ficaria a misericórdia divina?

Francamente, não posso aceitar crueldade na divindade. O real, aquilo que é todo perfeição, isso que tem diversos nomes, como Tao, AUM, INRI, Sein, Alá, Brahma, Deus, ou melhor dizendo, Deuses, etc., de modo algum pode ser algo sem misericórdia, cruel, tirânico, etc.

Por tudo isto, repito de forma enfática, que o karma é negociável. Quando uma lei inferior é transcendida por uma lei superior, a lei superior lava a lei inferior.

Faça boas obras para poder pagar suas dívidas.

O leão da lei se combate com a balança.

Quem tem com que pagar, paga e sai bem em seus negócios; quem não tem com que pagar, pagará com dor.

Se num prato da balança cósmica pomos as boas obras e no outro as más, é evidente que o karma dependerá do peso da balança.

Se pesar mais o prato das más ações, o resultado serão as amarguras. Não obstante, é possível aumentar o peso das boas obras no prato da balança; desta forma pagaremos karma sem necessidade de sofrer. Tudo o que necessitamos é fazer boas obras para aumentar o peso do prato das boas ações.

Agora os senhores, meus bons amigos, compreendem o maravilhoso que é fazer o bem; não há dúvida de que o reto pensar, o reto sentir e o reto agir são o melhor negócio do mundo. Nunca devemos protestar contra o karma; o importante é saber negociá-lo.

Desgraçadamente, o único que as pessoas pensam, quando se acham numa grande amargura, é lavar as mãos como Pilatos; dizer que não fizeram nada mau, que não são culpados, que são Almas justas, etc.

Eu digo aos que estão na miséria: revisem sua conduta; julguem a si mesmos; sentem-se, mesmo que por um instante, no banco dos réus, e depois de uma sumária análise de si mesmos, modifiquem a conduta.

Se estes que se acham sem trabalho se tornassem castos, infinitamente caridosos, generosos, serviçais em cem por cento, é óbvio que alterariam radicalmente a causa de sua desgraça, e conseqüentemente, modificariam os efeitos.

Não é possível alterar um efeito sem antes modificar radicalmente a causa que o produziu; pois, como já dissemos, não existe efeito sem causa nem causa sem efeito.

Não há dúvida que a miséria tem suas causas nas bebedeiras, na asquerosa luxúria, na violência, nos adultérios, no esbanjamento e na avareza. Não é possível que alguém se encontre em miséria quando o Pai, que está oculto, se faça presente aqui e agora. Quero ilustrar isto com um relato:

“Em certa ocasião, meu Real Ser Interior, minha Mônada Imortal, me tirou do corpo físico para me dar instruções sobre determinado discípulo. Concluídas estas, não vi inconveniente em me dirigir ao Senhor Íntimo com as seguintes palavras:

- Estou cansado de ter corpo físico; o que eu queria era desencarnar.

Nestes instantes, o Senhor de Perfeições, meu Deus Interior, respondeu com voz solene:

- Por que reclamas? Te dei casa, comida e amparo! E ainda reclamas? Recorda os últimos dias de tua passada existência! Andavas pelas ruas do México descalço, com a roupa rasgada, velho, enfermo e na mais espantosa miséria. E como vieste a morrer? Num casebre imundo. Então eu estava ausente.

Em tais momentos resplandecia a face do Senhor. Em seus olhos azuis se refletia o céu infinito. Sua branca túnica de glória chegava até seus pés. Tudo Nele era perfeição.

- Senhor – disse-lhe -, vim para beijar tua mão e receber tua bênção. Então o Adorável me abençoou e beijei sua destra.”

Depois que voltei ao corpo físico entrei em meditação. Certamente, meus caros irmãos, quando o filho anda mal, o Pai se ausenta e, então, ele cai em desgraça.

Creio que agora podem compreender melhor o que é a miséria, por que chega, como chega. O Pai que está oculto tem poder suficiente para nos dar e para nos tirar também. “Ditoso o homem a quem Deus castiga”.

O karma é o remédio que nos é dado para nosso próprio bem. Desgraçadamente as pessoas, em vez de se inclinar reverentes ante o eterno Deus vivo, protestam, blasfemam, justificam-se, desculpam-se nesciamente e lavam as mãos como Pilatos.

Com esses protestos não se modifica o karma; ao contrário, torna-se mais duro e severo. Reclamamos fidelidade do cônjuge, quando nós mesmos fomos

adúlteros nesta ou em vidas precedentes. Pedimos amor, quando fomos impiedosos e cruéis. Solicitamos compreensão, quando nunca soubemos compreender ninguém, quando jamais aprendemos a ver o ponto de vista alheio. Anelamos ditas imensas, quando fomos sempre a origem de muitas desditas. Queríamos nascer num lar muito belo e com muitos confortos, quando em passadas existências não soubemos brindar nossos filhos com lar e beleza. Protestamos contra os insultadores, quando sempre insultamos a todos os que nos rodeiam. Queremos que nossos filhos nos obedeam, quando jamais soubemos obedecer a nossos pais. Molesta-nos terrivelmente a calúnia, quando nós sempre fomos caluniadores e enchemos o mundo de dor. A fofoca nos fere e não queremos que ninguém murmure de nós; no entanto, sempre andamos em meio a intrigas e murmúrios, falando mal do próximo e mortificando a vida dos demais.

Quer dizer, sempre reclamamos o que não demos. Em todas as nossas vidas anteriores fomos malvados e merecemos o pior; porém supomos que nos devem dar o melhor. Os enfermos, em vez de se preocuparem tanto consigo mesmos, deveriam trabalhar pelos demais, fazer obras de caridade, tratar de sanar os outros, consolar os aflitos, levar o médico aos que não tem com que pagá-lo, distribuir medicamentos, etc.; assim pagariam seu karma e se curariam totalmente.

Aqueles que sofrem em seus lares deveriam multiplicar sua humildade, sua paciência e serenidade. Não contestar com más palavras, não tyrannizar o próximo, não atormentar os que nos rodeiam, saber desculpar os defeitos alheios com uma paciência multiplicada até o infinito. Assim pagariam seu karma e se tornariam melhores.

Desgraçadamente, meus queridos amigos, esse ego que cada qual leva dentro de si, faz exatamente o contrário do que aqui estamos dizendo. Por esse motivo, considero urgente, inadiável, impostergável, reduzir o mim mesmo a poeira cósmica.

P. – Venerável Mestre, conseguindo com que os humanóides intelectuais se convertam em elementos inocentes, considera o senhor cumprida sua missão?

V.M. – Com o maior gosto darei resposta a esta pergunta. Muitos Profetas, grandes Avatares e Mestres lutaram, nos antigos tempos, contra as más conseqüências do abominável órgão *Kundartiguador*. Isto é uma missão de ordem popular, cujo propósito é fazer a humanidade retornar à inocência total.

Tais santos, nos tempos antigos, tiveram também seu círculo esotérico para os da Via Direta, para aqueles que, em todas as idades, aspiraram a Maestria. Portanto, vejam aí os dois círculos: o exotérico ou público e o esotérico ou secreto.

Não é demais lembrar que as grandes religiões confessionais preenchem estas duas necessidades. Qualquer religião confessional serve às multidões e aos Iniciados.

Creio que agora entendem completamente o sentido de minha missão sobre a face deste afligido mundo em que vivemos.

P. – Mestre, todo sofrimento, de qualquer índole, pode ser atribuído à ausência do Pai?

V.M. – Amigos! Existem os sofrimentos voluntários e os involuntários. Os primeiros se processam naqueles que seguem a Senda Direta, o caminho solar; os demais, são o resultado de nosso próprio karma. É óbvio que, quando o filho anda mal, o Pai está ausente, e a consequência é a dor.

P. – Tocante ao Nêmesis ou karma, é possível que qualquer sofrimento possa ser negociável ante os Senhores do Karma?

V.M. – Estimados amigos! Quero que os senhores compreendam que quando este ou aquele karma já se encontra totalmente desenrolado e desenvolvido, tem que chegar até o final, inevitavelmente. Isto significa que só é possível modificar radicalmente o karma quando o arrependimento é total e quando toda possibilidade de repetir o erro que o criou tenha desaparecido radicalmente.

O *Kamma* duro, chegando ao seu final, é sempre catastrófico. Nem todo o karma é negociável. É bom saber também que, quando eliminamos radicalmente o ego, a possibilidade de delinquir fica aniquilada; em consequência, o karma pode ser perdoado.

NT – *Kamma* é o mesmo que karma.

A EXPERIÊNCIA DIRETA



Distintos amigos, hoje, 19 de março de 1973, Ano 12 da Era de Aquário, aqui nos reunimos para finalizar estas conferências que serão publicadas em forma de livro para o bem da Grande Causa.

Ao concluir este ciclo de conferências, quero enfatizar a necessidade de experimentar tudo que aqui foi dito em forma direta. A “experiência do real” é essencial e definitiva para a compreensão criadora. Portanto, é chegada a hora de entender com total claridade que possuímos um fator psicológico definitivo, mediante o qual é possível verificar o que dissemos ao longo destas reuniões.

Quero me referir com grande solenidade à própria base de nossa organização psíquica, a esse elemento que ainda não se perdeu: a Essência. É indubitável que na Essência, na Consciência, encontra-se o Buddha, a Doutrina [Dharma], a Religião e a Sabedoria. Sintetizando, podemos afirmar que na Essência, na Consciência, acham-se depositados os dados indispensáveis para a regeneração, a auto-realização íntima e a vivência completa de tudo o que nestas conferências foi explicado.

Isto quer dizer que nesse elemento primário, base primordial de toda nossa organização psíquica, encontram-se os princípios essenciais da regeneração. Portanto e obviamente, o primeiro que devemos fazer é destruir e aniquilar essa segunda natureza de tipo infernal, dentro da qual se acha aprisionada a Essência. Torna-se claro e evidente que ao desenfrascar a Essência, ao ser liberada, ela desperta radicalmente.

As vantagens que o citado evento pode realmente nos proporcionar, como podem ver, são múltiplas. A primeira dessas vantagens é, de *per se*, magnífica, pois tem a capacidade de nos orientar dirigindo nossos passos sabiamente pela Senda do Fio da Navalha que nos conduz até a liberação final.

A segunda de tais vantagens nos conduz pela senda das variadas experiências diretas, até a verificação total de todas e de cada uma das afirmações que fizemos nestas conferências: iluminação íntegra, vivência luminosa, confirmação prática. Este é o *modus operandi* da Essência desengarrada, desperta, autoconsciente. Portanto, fora de toda dúvida, é inadiável e impostergável aniquilar completamente todos os elementos indesejáveis que constituem o mim mesmo, o si mesmo.

Necessitamos aprender a dirigir voluntariamente todos os funcionalismos de nossa mente. Não é bom que continuemos vivendo como escravos; devemos fazer-nos amos e senhores de nós mesmos. Conforme os elementos indesejáveis vão sendo eliminados, a Consciência vai despertando.

Entretanto, necessitamos nos tornar sérios; até agora não temos sido gente séria. Cada um de nós, no momento, não é mais que um tronco sendo jogado pelas agitadas ondas do mar da existência. Repito: Necessitamos nos tornar sérios. Esta afirmação implica em espantosa autovigilância de instante em instante, de momento em momento.

Lembrem-se do que já dissemos em conferências anteriores: na relação com nossos semelhantes, os defeitos que levamos escondidos, afloram espontaneamente; se estivermos alertas e vigilantes como vigia em época de guerra, então os descobriremos.

Em todo autodescobrimento existe também auto-revelação. Defeito descoberto deve ser rigorosamente analisado, estudado em todos os níveis da mente e compreendido integralmente, através dos diversos processos da meditação interior profunda.

Um pouco mais tarde – e já entendido integralmente o defeito que tenhamos analisado – vêm as súplicas a Devi Kundalini, nossa Divina Mãe Cósmica particular, com o propósito de que Ela elimine e desintegre o defeito em questão.

O trabalho é muito profundo, meus estimados irmãos! Espantosamente sério, demasiadamente profundo. Só assim é possível extirpar e erradicar de nossa mente muitos elementos indesejáveis, infra-humanos, tenebrosos, dentro dos quais a Essência está aprisionada.

Conforme a Consciência for despertando, as possibilidades de experimentação direta se farão cada vez mais lúcidas e contínuas. Mas antes de tudo, meus caros amigos, quero que os senhores aprendam a manejar de

modo prático as diversas centelhas de Consciência desperta. Na vida prática podemos perceber o fato concreto de que todas as pessoas vivem com a Consciência adormecida.

Nestes instantes, vêm-me a memória as lembranças de algo insólito. Há 17 ou 18 anos, achando-me em um mercado da Colônia Federal com minha esposa-sacerdotisa Litelantes, no momento em que fomos buscar um relógio que ela havia mandado consertar numa relojoaria. De repente fomos sacudidos por uma violenta explosão de dinamite; Litelantes, horrorizada, me pediu que regressássemos para casa de imediato. É óbvio que minha resposta foi francamente negativa; de modo algum queria expor nossas vidas a uma segunda explosão que sabia haveria de ocorrer.

Inúteis foram seus rogos... Em tais momentos ressoaram as sirenes e sinos dos “apaga-fogo” ou bombeiros.

Aqueles humildes e mártires servidores da humanidade se precipitaram no lugar das explosões...

– De todos estes bombeiros que acabam de entrar no teatro dos acontecimentos não se salvará nenhum; morrerão todos – foram minhas palavras para Litelantes, que, horrorizada, guardou silêncio.

Instantes depois, uma segunda explosão fez estremecer terrivelmente a cidade do México. O resultado foi a morte de todos esses humildes servidores. Desintegraram-se totalmente; não foram achados nem os cadáveres. Tão somente foi encontrada a bota de um sargento.

Eu francamente fiquei assombrado com o grau de inconsciência em que se encontravam tais bombeiros. Se eles estivessem despertos, de nenhuma maneira teriam perecido. Ainda recordo o choro das mulheres que fugiam daquele mercado e das crianças que, horrorizadas, agarravam-se nas saias de suas mães.

Se eu não estivesse desperto, obviamente também teria perecido, porque no lugar onde devia tomar o ônibus, indispensável para regressar para casa, morreram centenas de pessoas. Até hoje ainda não pude esquecer tantos cadáveres atirados na beira da calçada da rua, onde jaziam tapados com papéis de jornais.

É inquestionável que essas vítimas foram devidas à curiosidade; os mortos eram todos curiosos; pessoas inconscientes, adormecidas; gente que após a primeira explosão, havia concorrido ao lugar dos acontecimentos para contemplar o espetáculo.

Se tais pessoas tivessem estado despertas, jamais teriam concorrido como curiosos ao lugar dos acontecimentos. Desafortunadamente, dormiam profundamente. Assim foi como encontraram a morte.

Quando regressamos para casa, situada no bairro Caracol, nossos vizinhos estavam alarmados; supunham que havíamos morrido. Certamente se assombraram com o fato de apesar de estarmos tão perto do lugar da catástrofe, ainda pudemos regressar vivos. Eis aqui a vantagem de estar desperto...

É preciso despertar, amigos, e aprender a viver alertas de momento em momento, de instante em instante. É impostergável dividir sempre a atenção em três partes: primeiro, sujeito; segundo, objeto; terceiro, lugar.

Sujeito – Não esquecer de nós mesmos; autovigiar-nos em cada segundo, em cada momento. Isto implica em estado de alerta em relação a nossos pensamentos, gestos, ações, emoções, hábitos, palavras, etc.

Objeto – Minuciosa observação de todos os objetos ou representações que, por meio dos sentidos, chegam à mente. Não nos identificar jamais com as coisas, porque assim é como caímos na fascinação e no sonho da Consciência.

Lugar – Observação diária de nossa casa, de nosso quarto, como se fosse algo novo. Perguntar diariamente a nós mesmos: Por que cheguei aqui, a este lugar, a este mercado, a este escritório, a este templo, etc.

Estes três aspectos da divisão da atenção não constituem um capítulo à parte nem algo diferente do processo da dissolução do eu. Indiscutivelmente necessitamos auto-estudar-nos, auto-observar-nos de momento em momento, se de verdade queremos descobrir nossos próprios defeitos psicológicos; como já dissemos, na relação com nossos semelhantes, os defeitos escondidos afloram espontaneamente, naturalmente.

Não se trata de meramente estar auto-observando os passos que damos, nem as formas do corpo, etc. A vigilância sobre nós mesmos implica no estudo silencioso e sereno de todos nossos processos psicológicos íntimos, emoções, paixões, pensamentos, palavras, etc.

A observação das coisas sem identificação nos permite conhecer os processos da cobiça, do apego, da ambição, etc.

É irrefutável que um cobiçoso terá muito trabalho para não se identificar com um anel de diamantes ou com umas quantas notas de dinheiro, etc.

A observação sobre os lugares nos permitirá conhecer até onde chegam nossos apegos e fascinações em relação a lugares diversos.

Este é o triplo jogo da atenção, um exercício completo para auto-descobrir-nos e despertar Consciência.

Era eu ainda muito jovem, um terno adolescente, quando já praticava, de forma instintiva, o maravilhoso exercício aqui citado.

Nos instantes em que converso isso com os senhores, vem-me à memória dois casos especiais que vou relatar.

Primeiro: Uma noite de tantas, entrava pelas portas de uma maravilhosa mansão. Silenciosamente atravessei um belo jardim até chegar a uma faustosa sala.

Movido por um impulso interior, fui um pouco mais além e penetrei ousadamente num escritório de advogado. À mesa encontrei sentada uma dama de regular estatura, cabeça branca, rosto pálido, lábio delgado e nariz romano.

Era um senhora de aparência respeitável e estatura mediana. Seu corpo não era muito delgado, tampouco demasiadamente gordo. Seu olhar mais parecia melancólico e sereno.

Com voz doce e agradável, a dama me convidou para sentar ante a escrivaninha. Em tais instantes, algo insólito acontece: Vejo, sobre a mesa, duas borboletas de vidro que tinham vida própria, moviam suas asas, respiravam, olhavam, etc.

O caso, por certo, parecia-me bem exótico e diferente. Duas borboletas de vidro com vida própria?

Acostumado que estava a dividir a atenção em três partes, primeiro – não me esqueci de mim mesmo; segundo – não me identifiquei com aquelas borboletas de vidro; terceiro – observei cuidadosamente o lugar.

Ao contemplar tais insetos de vidro, disse a mim mesmo: “Isto não pode ser um fenômeno do mundo físico, porque na região tridimensional de Euclides jamais conheci borboletas de vidro com vida própria. É inquestionável que isto só pode ser um fenômeno do mundo astral”.

Olhei logo ao meu redor e me fiz as seguintes perguntas: Por que estou neste lugar? Por que vim aqui? Que estou fazendo aqui?

Dirigindo-me logo à dama, falei-lhe da seguinte forma:

– Senhora, permita-me sair um momento ao jardim, que logo regressarei.

A dama assentiu com um movimento de cabeça e eu abandonei, por um instante, aquele escritório. Já fora, no jardim, dei um pequeno salto alongado com a intenção de flutuar no ambiente circundante. Grande foi meu assombro quando verifiquei, por mim mesmo, que realmente me achava fora do corpo físico. Então compreendi que estava em astral.

Em tais momentos me recordei de que fazia largo tempo, várias horas que havia abandonado meu corpo físico e que este, inquestionavelmente, se achava repousando em seu leito.

Feita a singular comprovação, regressei ao escritório, onde a dama me aguardava. Então quis convencê-la de que estava fora do corpo físico:

– Senhora, disse-lhe: “A senhora e eu estamos fora do corpo físico. Quero que se recorde que faz umas quantas horas se deitou para dormir em sua cama, e agora está aqui conversando comigo, fora do seu corpo físico; é sabido que quando o corpo dorme, a Consciência, a Essência, desafortunadamente enfrascada no ego, anda fora do veículo corpóreo”.

Ditas todas estas palavras, a dama me olhou com olhos de sonâmbula, não me entendeu. Eu compreendi que aquela senhora tinha a Consciência adormecida... Não querendo insistir mais, despedi-me dela e abandonei o lugar.

Depois me dirigi a Califórnia, com o propósito de realizar certas investigações importantes. No caminho encontrei um desencarnado que em vida havia sido carregador de pesados sacos nos mercados públicos. O infeliz, levando sobre suas costas um enorme fardo, parecia sofrer o indizível... Acercando-me do desencarnado, disse-lhe:

– Amigo, que acontece com o senhor? Por que está levando em suas sofridas costas este saco tão pesado?

O desditado, olhando-me com olhos de sonâmbulo, me respondeu:

– Estou trabalhando.

– Mas, senhor! insisti. Você já morreu há muito tempo. Esta carga que leva sobre suas costas não é mais que uma forma mental. Larga isso!

Tudo foi inútil. Aquele pobre morto não me entendeu; tinha sua Consciência muito adormecida.

Querendo auxiliá-lo, flutuei ao seu redor no ambiente circundante, com o propósito de alarmá-lo, de fazê-lo entender que algo diferente estava aconte-

cendo em sua existência, de fazê-lo saber de alguma forma que estava morto, etc., mas tudo foi inútil.

Posteriormente, feitas as investigações de rigor, regressei ao meu veículo físico, que jazia adormecido no leito.

P. – Mestre, o senhor quer dizer que não há possibilidade de experiência direta, tal como expôs em suas conferências, sem a dissolução dos defeitos psicológicos?

V.M. – Vou responder detidamente esta pergunta que sai do auditório. Cavalheiro, amigos, damas que me escutam! A experiência direta se acha associada às percentagens de Consciência desperta. Normalmente, as pessoas têm apenas uns 3% de Consciência desperta e uns 97% de subconsciência ou Consciência adormecida. Inquestionavelmente, quando se chega a possuir uns 4 ou 5% de Consciência desperta, começam os primeiros lampejos de experiência direta.

Distinga-se entre lampejos e plenitude total, que são bem diferentes. Alguém que possua, por exemplo, uns 10% de Consciência desperta, por conseguinte terá uma percentagem maior de lucidez à daqueles que possuem 4 a 5%.

Em todo caso, à medida que a Essência for se liberando, conforme o ego começa a ser dissolvido, a capacidade para a investigação direta irá aumentando também de forma progressiva e ordenada.

O exercício da divisão da atenção em três partes, tal como explicamos nesta conferência, permitirá evidenciar até a saciedade o grau de Consciência adquirido. Ensinei aqui doutrina e procedimentos para despertar Consciência; dei o sistema efetivo para usar de modo inteligente as percentagens de Consciência adquirida.

Quando o ego for radicalmente aniquilado, a Consciência ficará totalmente desperta. Nestas circunstâncias poderemos descer à vontade aos mundos infernais como o propósito de ver, ouvir, tocar e apalpar a crua realidade de tais regiões submersas.

Este tipo de investigações, por ser bem avançado, só é possível realizá-lo a contento com uma Consciência absolutamente desperta.

P. – Mestre, o senhor nos falava de duas vantagens que provêm da Essência, sendo a primeira a que nos orienta para viver adequadamente, e a

segunda, a que nos permite a experiência direta. Na experiência que teve no mercado da colônia Federal, devido a uma tremenda explosão, qual das duas faculdades da Essência foi a que lhe permitiu salvar sua vida?

V.M. – Nobre senhor! Seja-me permitido lhe informar que foi a segunda de tais qualidades da Consciência, a da experiência direta que me permitiu conhecer por antecipação o fato que iria acontecer: a morte dos bombeiros.

P. – Mestre, poderia nos explicar qual é a diferença entre o que são as projeções da mente e as experiências reais?

V.M. – Com o maior prazer vou dar resposta a esta nova pergunta do auditório. Seja-me permitido informar-lhes, senhores e senhoras, que as projeções mentais são de caráter completamente subjetivo, certamente muito diferentes das experiências reais, que são de tipo objetivo.

No primeiro caso, a mente projeta o que elaborou subconscientemente; identificada com essas projeções, cai na fascinação e nos sonhos próprios da inconsciência.

No segundo caso, a mente esgotou o processo de pensar; não projeta; está aberta ao novo; recebe sem identificação e em ausência de qualquer fascinação e qualquer processo de sonho.

Vou ilustrar esta resposta com um relato de tipo supra-sensível... Achando-me fora de meu corpo físico, em instantes em que este dormia profundamente no leito, invoquei certo desencarnado que em vida fora um membro da família, por certo, muito próximo.

O falecido se apresentou vestido com um terno cinza que usava em vida. Vinha rindo sozinho... Parecia verdadeiramente um sonâmbulo; falava bobagens, algo que havia escutado de alguém... Inúteis foram minhas tentativas para que me reconhecesse; o infeliz dormia profundamente. Certamente não me via. No fundo, verdadeiramente, percebia exclusivamente suas próprias formas mentais e ria como um louco varrido, como um idiota.

Eis aí dois aspectos que vêm a esclarecer a pergunta em questão. Aquele morto projetava suas próprias formas mentais; sonhava com elas; achava-se absolutamente fascinado com elas e sequer me percebia.

No segundo caso, eu estava completamente consciente, desperto; sabia que meu corpo havia ficado dormindo no leito; não projetava. Havia esgotado o

processo do pensar; abria-me ao novo; recebia o desencarnado; investigava-o; dava-me conta do estado deplorável em que se encontrava.

Com esse relato fica, portanto, respondida a pergunta do auditório.

P. – Venerável Mestre, com relação ao exercício da divisão da atenção em três partes que se faz aqui no mundo físico, como é que pode repercutir no mundo astral se são dois mundos totalmente diferentes?

V.M. – Meus amigos, se observarmos a vida dos sonhos normais comuns e correntes, poderemos ver o fato concreto de que muitas cenas do sonho correspondem às ocorrências da vida diária, aos fatos que aqui vivemos no mundo físico, aos atos de cada momento.

Como conseqüência direta disto que estamos afirmando, podemos enfatizar a notícia de que o exercício da divisão da atenção em três partes se repete também, como no caso dos sonhos, naquelas horas em que a Essência, engarrafada no ego, se encontra fora do corpo físico.

Creio que os senhores não ignoram que, quando o corpo dorme, a Essência engarrafada no mim mesmo, afasta-se do corpo físico. Logo, se nos acostuarmos a praticar tal exercício aqui no mundo físico de instante em instante e de momento em momento, depois o repetiremos instintivamente durante as horas do sono, e o resultado será o despertar da Consciência. Então poderemos ver, ouvir, tocar e apalpar tudo o que nestas conferências vimos dizendo em relação ao Inferno, ao Diabo e ao Karma.

Conforme o ego for sendo dissolvido, a Consciência irá despertar mais e mais, e isto poderemos evidenciar mediante o exercício da divisão da atenção em três partes. Dissolvido o ego, o exercício aqui ensinado nos permitirá usar a Consciência de forma voluntária para a investigação das grandes realidades.

P. – Mestre, como se pode tornar acessível à compreensão do profano a diferença entre o real e o irreal, o ilusório do verdadeiro, o objetivo do subjetivo?

V.M. – Uma interessantíssima pergunta saiu do auditório e é claro que me apresso a dar resposta. Caros amigos, há algumas noites estivemos vendo na televisão certas notícias científicas. Através de diversas representações da tela,

foi o público informado sobre experimentos que homens de ciência estão realizando atualmente com o cérebro.

Conectando certos nódulos do cérebro, os homens de ciência podem controlar as diversas seções do mesmo. Nestas condições, a máquina humana pode ser manejada por meio de ondas e isto já está absolutamente demonstrado.

Também foram feitos experimentos na praça de touros. Um cientista, mediante esse sistema, pôde deter o touro, fazê-lo desistir do ataque nos instantes em que precisamente jogava a sorte com a capa.

Com isto ficou perfeitamente demonstrado que todo organismo é uma máquina suscetível de ser controlada como qualquer outra. No caso da máquina humanóide, é óbvio que os diversos agregados psíquicos inumanos, sucedendo-se uns aos outros, vão controlando, em diversos tempos, as variadas zonas cerebrais; substituem integralmente os nódulos cerebrais, as ondas e as máquinas automáticas, mediante as quais os cientistas podem controlar cérebros.

Com outras palavras, dizemos que os cientistas, em determinados momentos, mediante seus sistemas elétricos, fazem o mesmo papel dos agregados psíquicos; quer dizer, eles demonstram a realidade de tais agregados, mediante o papel que executam.

Alguém tem que controlar o cérebro para realizar atos. Ou o controlam os agregados psíquicos ou o controlam os cientistas mediante sistemas elétricos especiais.

Em todo caso, as investigações vêm confirmar totalmente o que dizemos: O humanóide intelectual é uma máquina inconsciente, automática, subconsciente. Como poderia uma máquina inconsciente aceitar que está adormecida? Como poderia tal máquina afirmar que o mundo é maya, ilusão?

A máquina humanóide, pelo próprio fato de ser máquina, sonha, porém ignora que sonha; nega que sonha; crê firmemente que está desperta; jamais aceitaria a tese de que está adormecida.

O humanóide automático e mecanizado não é capaz de diferenciar o objetivo do subjetivo, pelo próprio fato de ser mecanizado; toma como objetivo o que é subjetivo e vice-versa.

A máquina adormecida, o autômato humanóide está longe de poder compreender a diferença entre Consciência objetiva e Consciência subjetiva; a máquina tem suas próprias teses, baseadas precisamente no sonho profundo da Consciência.

Não é possível, de modo algum, fazer um profano compreender a diferença entre Consciência e subconsciência, entre objetividade e subjetividade, entre sono e vigília. Só despertando Consciência é possível aceitar tais diferenças.

Por infortúnio, o profano crê estar desperto; até se ofende quando alguém lhe diz que tem a Consciência adormecida. Falando em linguagem socrática, diríamos que o ignorante ilustrado, o profano adormecido, a máquina inconsciente, não somente ignora, mas também ignora que ignora; não somente não sabe, como também – o que é pior – não sabe que não sabe.

Meus amigos! É necessário deixar de ser máquinas. Quando alguém aceita que é máquina, começa a deixar de sê-lo; um pouco mais tarde, o véu das ilusões se torna pedaços.

Necessitamos nos converter em seres humanos e isto somente é possível destruindo, aniquilando os agregados psíquicos que incessantemente se alternam entre si para controlar a máquina orgânica.

É indispensável chegar a ter realidade; deixar de ser mero autômato movido por ondas, ou por agregados, que é a mesma coisa, e convertermo-nos em indivíduos responsáveis, conscientes e verdadeiros.

P. – Mestre, que diferença existe entre o exercício da divisão da atenção em três partes e a dissolução do ego para despertar Consciência?

V.M. – Senhores, senhoras! Através de todas estas conferências nos interessamos especialmente pela dissolução do ego, pela destruição completa de todos esses agregados psíquicos, dentro dos quais está enfrascada, engarrafada, a Consciência.

Parece-me que falamos bem claro, que demos uma didática perfeita para a aniquilação absoluta do mim mesmo, do si mesmo. Explicamos exhaustivamente que só mediante a aniquilação radical dos elementos inumanos que levamos dentro podemos liberar a Essência, despertá-la.

Na conferência de hoje demos um exercício específico, definido. Falamos da divisão da atenção em três partes, com o propósito de usar de forma cada vez mais perfeita as diversas percentagens de Consciência desperta, que vamos conseguindo mediante a morte do mim mesmo.

No primeiro caso, há doutrina completamente relacionada com a aniquilação do si mesmo. No segundo caso, há um exercício maravilhoso, uma prática

que nos permite usar a Consciência que formos conseguindo de forma perfeita, clara, precisa.

Em todo caso, é necessário convertermo-nos verdadeiramente em investigadores competentes do esoterismo e do ocultismo puro. Isto é o que queremos, e, com tais intenções, demos, através destas conferências, a doutrina indispensável.

PAZ INVERENCIAL!

ÍNDICE



Dedicatória.....	5
Mitologia e Religião.....	6
Prefácio da Edição Original.....	10
1 – O Inferno.....	16
2 – Os Três Aspectos do Interior da Terra.....	22
3 – Os Sete Cosmos.....	28
4 – Mônadas e Essências.....	40
5 – Primeiro Círculo Dantesco ou da Lua.....	50
6 – Segundo Círculo Dantesco ou de Mercúrio.....	59
7 – Terceiro Círculo Dantesco ou de Vênus.....	68
8 – Quarto Círculo Dantesco ou do Sol.....	73
9 – Quinto Círculo Dantesco ou de Marte.....	82
10 – Sexto Círculo Dantesco ou de Júpiter.....	88
11 – Sétimo Círculo Dantesco ou de Saturno.....	95
12 – Oitavo Círculo Dantesco ou de Urano.....	111
13 – Nono Círculo Dantesco ou de Netuno.....	120
14 – O Movimento Contínuo.....	130
15 – A Dissolução do Ego.....	143
16 – O Diabo.....	153
17 – O Dragão das Trevas.....	160
18 – Criptas Subterrâneas.....	168
19 – Guerra nos Céus.....	179
20 – A Lei do Eterno Retorno.....	185
21 – A Reencarnação.....	196
22 – A Lei de Recorrência.....	207
23 – O Caracol da Existência.....	214
24 – Os Negócios com o Karma.....	222
25 – A Experiência Direta.....	229



SAMAEL AUN WEOR

O GRANDE MESTRE GNÓSTICO DO SÉCULO XX



Nos dias 27 de outubro de cada ano a comunidade gnóstica mundial celebra o advento de Samael – o Quinto Anjo do Apocalipse – o Senhor do Quinto Raio – o Logos de Marte – o Décimo Avatar de Vishnu.

Mas, afinal, quem é Samael? Quantos de fato o conheceram (ou conhecem)? Qual seu papel na história contemporânea? Quê influências suas idéias exercem e exercerão sobre a cultura, a ciência e a religião do novo milênio? Como pode a humanidade admitir que o Avatar de Aquário já veio e se foi de nosso convívio? Sendo o Avatar um abridor de caminhos e aplainador de terrenos para a vinda do Cristo ou de Vishnu, quando virá o Cristo da Era de Aquário?

Estas são algumas das mais palpitantes questões que os esoteristas modernos estão buscando compreender. Samael, no **Talmud**, **Zohar** e outros livros que comentam a Bíblia, é mencionado como um “Anjo Caído” (efetivamente,

ele estava “caído” até o século passado, mas para cumprir sua missão como Avatar da Era de Aquário teve que se “levantar” – e o fez magistralmente. Por isso, vale a pena conhecer algo de sua vida e sua obra.

O Apocalipse o descreve como o Quinto dos Sete. No esoterismo mais profundo e autêntico, Samael é conhecido como o Logos Regente de Marte ou o Senhor dos Exércitos. Modernamente podemos dizer que Samael é o Senhor do Quinto Raio.

Para aqueles que nunca ouviram falar de Samael torna-se necessário tecer alguns comentários acerca de sua obra e da sua missão terrena no século XX. Mesmo o leigo tem idéia de que é muito difícil a formação ou o nascimento de um Adepto ou Mestre de Sabedoria; a maioria inclusive ignora que eles existem. Portanto, seguem valendo as perguntas: O que é um Mestre de Sabedoria? O que é “levantar-se”?

Bem poucos, pouquíssimos são os que chegam ao nível de “Mestre de Sabedoria”; Samael Aun Weor foi um desses poucos. Por isso, a Ele foi confiada a transcendental missão de ser o Avatar de Aquário, o esperado Kalki Avatar, Décimo Avatar de Vishnu, o abridor de caminhos para a vinda do próprio Vishnu ou do Cristo Cósmico na Era de Aquário.

O “boddhisattva” de Samael nasceu no dia 6 de março de 1917 numa família aristocrática de Bogotá, Colômbia. Foi batizado com o nome de Victor Manuel Gómez Rodríguez. Desde muito cedo demonstrou talentos e capacidades incomuns, como a de se lembrar de suas vidas passadas e a de se desdobrar em astral conscientemente.

Ao fim de sua juventude já havia passado por diferentes escolas espirituais, como espiritismo, yoga, rosacruz, teosofia. Sempre levou uma vida nômade. Bem cedo recebeu a chave secreta do Grande Arcano – que é o segredo dos segredos para quem quer o Caminho Iniciático.

Suas capacidades e sabedoria logo se tornaram marcantes. Ficou conhecido no círculo esotérico de seu país, ao final dos anos 40, como “o jovem Mestre Aun Weor”. Falava com grande autoridade e todos os que o escutavam sentiam a força que emanava de seu Ser. Os que o conheceram pessoalmente naquela época não podiam deixar de notar duas coisas: seu grande amor à humanidade e sua extrema humildade.

Em 1948 lhe foi revelado no mundo espiritual qual seria sua missão, conformada em três aspectos:

1. Formar uma nova cultura.
2. Forjar uma nova civilização.
3. Criar o Movimento Gnóstico.

Em 1950 é editado o primeiro livro do “jovem Mestre Aun Weor”. O trabalho que ele desenvolveu nessa época está bem detalhado no livro **A História da Gnose**, escrito por seu primeiro discípulo, Julio Medina Vizcaino.

Um trabalho tão grande para a época e o país não poderia deixar de provocar reações. E a tempestade apareceu em forma de perseguições, calúnias, traições, etc. Em 1952 Aun Weor é preso sob a acusação de “curandeirismo”. Anos mais tarde, com a família (dois filhos pequenos e a esposa grávida do terceiro), teve que abandonar o país para não ser morto pelos “poderes deste mundo”. Cruzou o Panamá e os países da América Central parte a pé parte pegando carona, até chegar ao México, onde viveu até desencarnar em 1977.

Em 27 de outubro de 1954, no templo subterrâneo de Serra Nevada de Santa Marta, Colômbia, um grande acontecimento espiritual marca a vida de Aun Weor. Na presença de seus poucos discípulos, acontece o advento de Samael. Aun Weor alcançava a Quinta Iniciação Maior e seu verdadeiro e real Ser [Samael] penetrou na Alma Humana devidamente preparada pelas ordálias iniciáticas de Aun Weor. Desde então assumiu sua total identidade íntima como Samael Aun Weor.

Dia 4 de fevereiro de 1962 iniciava-se oficialmente a Era de Aquário. Graças a um excelente trabalho desenvolvido por vários de seus discípulos na época, seus livros já estavam sendo distribuídos e circulavam por diversos países da América do Sul, incluindo o Brasil onde sua gnose chega em São Paulo nesse mesmo ano.

As décadas de 60 e 70 foram muito fecundas para o Mestre Samael Aun Weor. Além de haver escrito suas mais notáveis obras num total de quase setenta livros criou também diversas instituições, abrangendo assim os principais segmentos sociais. Destacamos dentre elas:

1. **POSCLA** – Partido Operário Socialista Cristão Latino-Americano.
2. **ICU** – Instituto de Caridade Universal
3. **IGCU** – Igreja Gnóstica Cristã Universal
4. **AGEACAC** – Associação Gnóstica de Estudos Antropológicos

Em paralelo foram organizados e realizados diversos Congressos Mundiais que chegavam a reunir mais de 3.000 (três mil) participantes.

Toda essa larga trajetória de realizações bem sucedidas foi interrompida pouco antes da noite do Natal de 1977. Na noite de 24 de dezembro de 1977 ocorreu o desencarne do Mestre Samael Aun Weor.

Por havermos acompanhado parte de toda essa história sabemos diretamente que o Mestre Samael não foi um simples escritor esotérico, nem foi simplesmente um estudioso do hermetismo ou tampouco o criador de mais uma simples “seita” como querem os eternos detratores da Divina Gnose.

Samael, além de haver encarnado todos os princípios espirituais que ensinou ao mundo no Século XX, soube também sintetizar a essência do budhismo e do cristianismo; decodificou a ciência alquímica; rasgou os véus dos mistérios sexuais e abriu as portas da antropologia esotérica que nos dá o elo perdido para unificar e conciliar todas as culturas e civilizações do passado e do presente, do Oriente e do Ocidente.

Assim como Deus se esconde em sua própria Criação, também o Kalki Avatar da Era de Aquário se oculta em sua própria obra. Porém para alguns inimigos da divindade, Samael Aun Weor é apenas o criador de uma das mais destrutivas seitas do século XX. Por paradoxal que pareça aos olhos dos não-iniciados, o Movimento Gnóstico iniciado por Samael, é a única escola autenticamente iniciática que restou à humanidade nos tempos atuais aqui no Ocidente. Seus livros abordam de forma escancarada todo o processo de cristificação do ser humano que anela trilhar o autêntico Caminho da Iniciação Branca.

A IGREJA GNÓSTICA DO BRASIL



Igreja (*Ecclesia*) originalmente significava “assembléia”, “reunião” e, por denotação, “comunidade”; tem o mesmo sentido da “*sangha*” hindu. Porém hoje *Igreja* é vista como instituição religiosa. Para o futuro, as antigas *ecclesia* novamente assumirão o caráter de comunidades espirituais.

“Tu és Pedro e sobre essa pedra edificarei minha Igreja e as portas do inferno não prevalecerão contra ela”. Palavras do Cristo Jesus que inspiraram a Igreja de Roma a propagar ao mundo que “a sua” era a verdadeira igreja. Porém, de acordo com um dos maiores doutores dela mesma, Santo Agostinho, até o século V da nossa era, essas palavras “Tu és Pedro ...” não se referiam à pessoa humana do apóstolo, mas sim, à confissão que Pedro fizera da divindade de Jesus: “Tu és o Cristo, filho do Deus Vivo”, declarou Pedro.

“A confissão da divindade do Cristo, diz Agostinho, é a pedra fundamental da Igreja”. O próprio Agostinho diz ainda que a pessoa de Pedro, chamada por Jesus de carne e sangue, não podia ser a pedra fundamental da igreja, até mesmo porque, em outras passagens do evangelho, Jesus chama Pedro de Satanás, por ter pensamentos humanos e não divinos. Nesse caso, essa igreja seria uma igreja de Satanás e não do Cristo.

A pedra fundamental da Igreja é a divindade de Jesus, o Cristo. Esse foi o axioma sempre defendido pelos gnósticos dos primeiros séculos. Sabiam os gnósticos que não existe nem pode haver verdadeira igreja fora do Cristo.

Detalhes como esse sempre foram motivo de terríveis discordâncias nos concílios do passado. Diz Samael Aun Weor:

“A Igreja do Cristo não é deste mundo. Ele mesmo disse que meu reino não é deste mundo”.

“No nome do Deus Vivo (o Cristo) há uma igreja invisível aos olhos da carne, mas visível para os olhos da Alma e do espírito. Esta é a Igreja

Gnóstica primitiva, à qual pertencem o Cristo e os Profetas. Essa igreja tem seus bispos, apóstolos, diáconos e sacerdotes que oficiam no altar do Deus Vivo”.

“O Patriarca dessa igreja invisível é Jesus, o Cristo. (...) Na Igreja Gnóstica vemos o Cristo sentado em seu trono, onde podemos conversar com ele pessoalmente” (Do livro *A Virgem do Carmo*, cap. VIII, pág. 20 e 21).

Samael Aun Weor foi o criador da Igreja Gnóstica Cristã Universal na década de 70, no México, hoje com ramos e derivações em diversos países. Porém, há muitos e importantes antecedentes ligados à criação da Igreja Gnóstica por Samael. As raízes da Igreja Gnóstica na América Latina remontam ao início do século XX (ano de 1910 mais exatamente) quando o médico alemão Dr. Arnold Krumm-Heller chegou ao México procedente da Alemanha.

É por demais sabido nos círculos esotéricos e espirituais latino-americanos que Krumm-Heller era o Patriarca da Igreja Gnóstica da Europa para a América Latina. Ocorre que Samael foi discípulo de Krumm-Heller (Mestre Huiracocha) nos anos 1940, e dele recebeu os ensinamentos básicos que levaram o então Hierofante de Mistérios Menores, Aun Weor, a criar mais tarde o Movimento Gnóstico e a própria Igreja Gnóstica, utilizando inclusive os mesmos ritos que a Igreja Gnóstica de Krumm-Heller usava.

O distanciamento ou separação de Samael com a organização do seu Mestre não aconteceu de forma conflituosa. Deu-se de forma natural pela morte ou desencarne de Krumm-Heller em 1948. Portanto, ainda que não haja uma ligação formal e jurídica entre a Igreja Gnóstica criada por Krumm-Heller (V.M. Huiracocha) e o Movimento Gnóstico de Samael, não há como esconder o fato de que o Movimento Gnóstico de Samael Aun Weor sucedeu o trabalho e a própria Igreja Gnóstica de Huiracocha.

A demonstração mais inequívoca disso são os ritos internos utilizados pelas instituições gnósticas criadas por Samael. Eles foram trazidos da Europa por Krumm-Heller. Além disso, nas primeiras obras de Samael é muito forte a inspiração dos ensinamentos dados pelo Mestre Huiracocha antes de desencarnar. Basta ler os primeiros livros de Samael Aun Weor para se perceber esse traço marcante. Afinal, todo discípulo, antes de se tornar mestre, traz consigo os traços do seu Iniciador.

Qualquer apreciação do Movimento Gnóstico e da Igreja Gnóstica de Samael Aun Weor fora desse contexto levará aos naturais desvios e falsas conclu-

sões. A história e os fatos apontam o surgimento da gnose em terras americanas no início do século XX, tendo inclusive surgido antes na América Latina que na América do Norte, onde um ramo também oriundo da Europa se estabeleceu em 1928, quase 20 anos depois de haver chegado ao nosso continente.

Em 1962 a Gnose de Samael chega ao Brasil, em São Paulo. Em 1972 chega a Curitiba. É nesse ano que começa a nossa história, a história da Igreja Gnóstica do Brasil.

LIVROS PUBLICADOS PELA IGB-EDISAW

Consulte nossa página na internet:

www.edisaw.com.br



O MATRIMÔNIO PERFEITO

A Porta de Entrada
da Iniciação



AS 3 MONTANHAS

Esoterismo Iniciático
Gnóstico



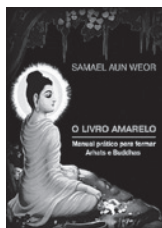
A CONVERSÃO DE BELZEBU

De Príncipe dos
Demônios a Anjo
de Deus



KUNDALINI YOGA

Os Mistérios da
Serpente de Fogo



O LIVRO AMARELO

Manual prático para
formar Buddhas e
Arhats



OS MISTÉRIOS MAIORES

As Iniciações
secretas
de Jesus no
Egito



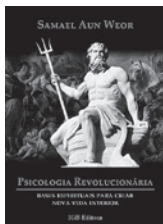
EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL

Educar é bem mais
que programar
pessoas a produzir e
consumir



A GRANDE REBELIÃO

Mudar a forma de
pensar para mudar a
forma de viver



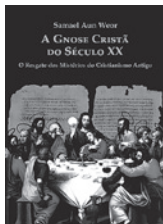
PSICOLOGIA REVOLUCIONÁRIA

Bases espirituais para
criar nova vida interior



O CRISTO CÓSMICO

O mistério de sua
crucificação na
matéria



A GNOSE CRISTÃ DO SÉCULO XX

O resgate dos
Mistérios do
Cristianismo
Antigo



MEDICINA OCULTA

Tratado de Medicina
Oculta e Magia
Prática



SIM! HÁ INFERNO, DIABO E KARMA



SEDE NACIONAL DA IGB

www.gnose.org.br

Curitiba – Paraná – Brasil

Rua José Tomasi, 824 – Bairro Santa Felicidade

CEP: 82015-630

Fone: 41 3372 7038

E-mail: **faleconosco@gnose.org.br**



Este livro digital foi disponibilizado gratuitamente pelo
Projeto Abragnose Digital, mantido pela
ABRAGNOSE - Academia Brasileira de Gnose.

O Projeto Abragnose Digital, por meio de contribuições
de estudantes gnósticos e simpatizantes,
tem por objetivo disponibilizar versões digitais gratuitas
de obras publicadas pela EDISAW - Editora Samael Aun Weor.

Para adquirir cópias impressas de obras do catálogo da EDISAW,
a preço de custo, visite a nossa loja na página www.edisaw.com.br.
Ao adquirir as versões impressas das obras da EDISAW
você contribui para a expansão do seu catálogo e
para a manutenção de sua obra de divulgação
do conhecimento gnóstico contemporâneo.

Para ajudar a manter este e outros trabalhos de cunho cultural,
assistencial e missionário você pode também contribuir diretamente
para com a ABRAGNOSE realizando doações
por meio da seguinte conta bancária:

Banco do Brasil
Agencia: 3390-1
Conta: 27.361-9
CNPJ 14.578.176/0001-30
Academia Brasileira de Gnose

Agradecemos o seu apoio!

Paz Inverencial!



EDISAW

Aviso de copyright:

Todos os direitos reservados para a EDISAW - Editora Samael Aun Weor.
A distribuição deste material é permitida desde que seja mantida a totalidade do material,
e seja expressamente mencionada a fonte (EDISAW / Projeto Abragnose Digital)
e ambos os nossos endereços na internet (www.gnose.org.br e www.edisaw.com.br).



“A diferença entre os infernos simbólicos de uma ou outra religião é a mesma que pode haver entre as bandeiras de cada uma das nações deste mundo. Cada país alegoriza sua existência com um pavilhão nacional; assim também cada religião simboliza os mundos inferiores com alguma alegoria de tipo infernal”.
[SAW, neste livro]

A Bíblia é o livro mitológico mais vendido no mundo desde o começo da história da humanidade. Nem por isso é um livro de fácil compreensão. A grande maioria cristã ocidental, ignorante da realidade bíblica, em pleno século XXI ainda toma os escritos mitológicos bíblicos ao pé da letra.

Não é de estranhar, pois, que a "Sombra do Divino", presente em todas as mitologias de todos os povos e civilizações, ao ser apossada e vilmente manipulada ao longo da História por teólogos, padres, monges e pastores, tenha sido forçada a trabalhar em favor de seus interesses materiais e materialistas.

Este livro é um corajoso e ousado libelo contra as falsas idéias introduzidas na interpretação da mitologia bíblica e contra as deturpações praticadas ao longo da História envolvendo as figuras de Lúcifer, Satã, Diabo, Inferno e Karma.



Gnose é aqui:
www.gnose.org.br

EDISAW

